

OS PORTUGUEZES

EM

AFRICA, ASIA, AMERICA E OCEANIA

OU

HISTORIA CHRONOLOGICA

DOS

Descobrimentos, Navegações, Viagens e Conquistas
dos Portuguezes

NOS

PAIZES ULTRAMARINOS

Desde o principio da Monarchia até ao seculo actual

OBRA CLASSICA E ORNADA DE ESTAMPAS

SEGUNDA EDIÇÃO

TOMO I

LISBOA

LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA

50 — Rua Augusta — 52

1877

1295

THE HISTORY OF THE

AFRICA, ASIA, AMERICA, AND EUROPE

IN THE SEVENTEENTH CENTURY

BY JOHN HARRISON

OF THE UNIVERSITY OF OXFORD

IN TWO VOLUMES

THE FIRST PART

OF THE HISTORY OF AFRICA

IN THE SEVENTEENTH CENTURY

BY JOHN HARRISON

OF THE UNIVERSITY OF OXFORD

IN TWO VOLUMES

THE SECOND PART

OF THE HISTORY OF ASIA

IN THE SEVENTEENTH CENTURY

BY JOHN HARRISON

OF THE UNIVERSITY OF OXFORD

IN TWO VOLUMES

THE THIRD PART

OF THE HISTORY OF AMERICA

IN THE SEVENTEENTH CENTURY

BY JOHN HARRISON

OF THE UNIVERSITY OF OXFORD

Descrever os brilhantes feitos dos Portuguezes, dar testemunho ás virtudes religiosas e civicas, que de fracos mortaes fizeram heroes, é tarefa que só por um coração todo Portuguez pôde ser empreendida e acabada! É preciso que a mão, que houver de traçar a historia d'essas edades homericas e dos homens que as illustraram, seja dirigida por um coração que palpita aos doces nomes de Christo, de Patria, de Liberdade; que seja esta trilogia divina quem inspire a sua penna, e lhe dite a escriptura.

Quem, senão um Portuguez, pôde extasiar-se diante do Infante Santo, que preferiu a morte, em martyrizado captiveiro, á deshonra de Portugal, d'essa Patria tão chara, cuja voz foi a ultima que dos labios lhe escapou de envolta com a de Jezus?

Quem, senão um Portuguez, pôde bem comprehender e avaliar esses prantos que os Indios perseguidos iam chorar diante da estatua de Affonso d'Albuquerque?

Quem, senão um Portuguez, pôde achar louvores con- dignos a esse magistrado popular, tão inaccessible aos ca-

rinhos e promessas como aos ferros e ameaças; que sem faltar ao respeito, que a seu Rei devia, foi fiel ao que o Povo lhe incumbira; a João Mendes Cecioso, emfim!

Entre diversos, e muitos, esses trez typos de patriotismo, de fidelidade religiosa, de amor da liberdade, se offereceram espontaneos á nossa veneração, e como outros tantos defensores de nossa these. A elles pois nos ative-mos.

Portuguezes somos, de Portuguez nos prezamos, n'estes tempos, mesmo, em que alguns que em Portugal nasceram, só para a Gallia, ou para Albion, ou ainda para Castella voltam os olhos, como quem as inclinações alli tem apre-hendidas; e porque de tal ser muito nos honramos, não temos hesitado um só instante em metter hombros á em-preza de narrar as principaes acções de nossos maiores, tornando popular a antiga historia Portugueza, o que será tambem como um solemne protesto a favor da nossa nacionalidade.

A Cruz, a Patria, a Liberdade nos tornaram a admiração, a inveja, a gloria da Europa, — a Religião, e o Patriotismo nos fizeram temidos e respeitados; serão por tanto esses tambem os sentimentos que guiarão a nossa penna, quando transmittirmos ao século XIX a herança dos se-culos que já lá vão.

Bardos das glorias da Patria n'estes tempos de scepticismo e de desconfiança, a nossa voz hade ser escutada, porque já melodiosa, suave e meiga, já grave, austera e forte erguer-se-ha acima do clamor das discussões politicas, do murmurio dos cosmopolitas, e do troar dos invejo-

Y
sos: os tectos dourados dos palacios, o estuque das casas do habitante das cidades, assim como o còlmo da cabana das aldeias, echoarão os nossos cantos, e imporão silencio a tudo o que possa privar seus moradores do gosto de ouvir o que fizeram seus antepassados por esta nobre terra.

Sabemos quanto são grandes os deveres que contrahimos — temos a consciencia da importancia de nossa missão, e isso nos anima a esperar que não nos será difficil elevarmo-nos á altura d'esses deveres, e que não fraquejaremos sob a importancia do mandato, porque o patriotismo nos dá a necessaria dedicação, a liberdade inspirações, e a Religião forças, para bem os desempenharmos.

Á voz da Patria acompanharemos em suas aventurosas e arriscadas viagens os Dias, os Gama, os Corte-Real, os Alvares Cabral e tantos outros nautas arrojados:

Com D. João I, o Conde de Alcoutim e os Duques de Vizeu e de Coimbra, lidaremos em Ceuta estas batalhas tão feridas, apoz as quaes as Quinas eclipsaram o Crescente, e a Cruz foi hasteada no alto das mesquitas:

Demandaremos a China com Fernando de Andrade, com Magalhães a Terra do Fogo, as Ilhas dos Ladrões e as Filipinas; e com Côrte Real a Terra Nova:

Seguindo Affonso de Albuquerque entraremos Gôa e Malaca, levando ao centro das hostes inimigas o terror de nossas armas, e o castigo da perfidia de seus Reis:

Defenderemos com D. João de Mascarenhas a heroica Diu; e prestando homenagem á sua valentia, lançaremos um crepe negro sobre o seu nome para chorarmos a traição que ennodou seus velhos dias:

Onde quer que um exforçado Capitão Portuguez commettesse uma acção heroica, ahi nos acharemos ao seu lado para lhe cantarmos o triumpho.

Á voz da liberdade contaremos essas luctas em que o Rei e o Povo, de mãos dadas, levaram de vencida a theocracia e o feudalismo, que contra elles se alevantavam, conduzindo a escravisação dos communs, o ludibrio da realza, a anarchia e a guerra civil, e a dominação da Thiara :

Contaremos ainda ess'outros certames em que os Reis, illudidos pelos Cortezãos e Palacianos, não duvidaram entrar contra o Povo, de que tão prestante auxilio haviam antes recebido; e como auxiliando-se da gloria e da riqueza conseguiram adormecer, sob ramagens de louros, a passada vigilancia, e pelo fulgor dos brocados e do ouro obscurecer os foros populares :

Á voz da Religião Santa, que professamos, mostraremos os adoradores do Fogo, e os de Brahma e Vichnou, os sectarios de Confucio e os do Grão-Lama — essas Seitas, que nos seus pagodes sacrificam victimas humanas a hediondas e obscenas divindades, virem correndo aos Templos de Jezus, que os Portuguezes por toda a parte erguiam para abjurarem seus êrros, e pedirem a regeneração e a vida eterna ás aguas do Baptismo; ou refugiarem-se tranzidas de medo nos subterraneos mais escuros e profundos para assim occultarem suas ceremonias lascivas ou sanguinolentas, que não podiam supportar o esplendor da Cruz :

Daremos relação das escripturas e costumes dos gentios da India Oriental; de seu *Parabramá*, e da trindade que em si encerra; das incarnações de *Ramá* em peixe,

tarlaruga, porco, homem-leão, anão, e homem; de sua morte e ressurreição; e finalmente de seu Eucupurí (purgatorio), Cumbapacá (inferno) e Amaravoti (Ceo); assim como de outras cousas que dizem respeito á sua lithurgia, e doutrina.

Narraremos tambem as formalidades do culto, a disciplina, e crenças da religião dos Abexis; daremos sufficiente noticia do seu Rei Sacerdote ou Preste-João; e fallaremos sobre outras curiosidades d'este povo tão digno de ser conhecido, quer social, quer politica, quer religiosamente fallando.

Eis manifesto o plano da nossa obra, que procuramos fosse o mais interessante possivel.

Interessante para o homem religioso que n'ella encontrará uteis ensinios, e curiosas novidades, mesmo na descripção d'essas seitas politheistas que ainda sujeitam ao dominio de Satanaz tantos milhões de almas, que poderiam ser conquistadas para o Ceo, se os dominadores actuaes d'aquelles paizes não tivessem substituido o arcabuz ao Evangelho; e se a propaganda Italiana com seus escandalos e intrigas não tivesse conseguido expellir os missionarios portuguezes do meio d'estes infelizes;

Interessante para o patriota, que assim verá compendiadas as acções heroicas pelas quaes não só conquistamos, conservamos e defendemos a nossa independencia, mas egualmente conseguimos dominar sobre os dois hemispherios;

Para o politico, que pela comparação dos Portuguezes de então e dos de agora, mais forte se lhe apresentará a

influencia das Leis sobre os costumes — e assim com maior efficacia procurará os meios de reformar e melhorar estes pela reforma e melhoramentos d'aquellas ;

Para o homem dos salões e da boa sociedade, cujo espirito se lhe deleitará pela contemplação dos brilhantes quadros da nossa historia, que deixam obscurecidas essas peripecias ingenhosamente inventadas para os romances modernos ; que condemnam esses lances de um heroismo satanico com que a litteratura actual confrange o coração, em vez de suavemente o dilatar, com que tortura febrilmente o espirito, em vez de o enriquecer e alegrar ;

Para o homem sabio, que n'esta leitura deparará com o util e o agradável, travados ambos em doce ligação, e ajudando-se mutuamente ;

Para a mocidade, que na leitura d'esta obra encontrará bellos exemplos que seguir, nobres acções que imitar ; pois que a sua alma ainda noviça, isenta ainda das paixões que na idade adulta lhe empannam a louçania, saberá comprehender tão bem os feitos, como tomar para modelo os que os acabaram.

Esta Obra, enriquecida com os retratos dos Herões, que elevaram a Patria Lusitana á maior veneração e que tão respeitavel fizeram o nome Portuguez, constará do seguinte:

PRIMEIRA PARTE

Indice Chronologico de Navegações, Viagens, Descobrimientos, e Conquistas dos Portuguezes nos Paizes Ultramarinos desde o principio do seculo xv até 1811 — en-

riquecido com a exacta descripção das forças navaes de Portugal pela qual se mostra o grande poder maritimo d'este Reino em diversas épocas.

SEGUNDA PARTE

Resumo Historico das Descobertas e Conquistas dos Portuguezes n'Africa, Asia, America, e Oceania, acompanhada de noções sobre os usos, religião, costumes, e legislação dos povos indigenas; e de diversos apontamentos historicos do nosso distincto litterato o Ex.^{mo} Visconde de Santarem, e outros sabios antigos e modernos.

TERCEIRA PARTE

Diccionario Geographico das Cidades, Villas, aldêas, Praças, e Presidios, que Portugal actualmente possui em Africa, Asia, e Oceania; importancia d'estas possessões, sua população, riqueza, e commercio.

Ex.^{mo} e Revd.^{mo} Sr.

Se contemplarmos a nossa Patria desde as suas origens politicas e litterarias, e atravessarmos por essa mansão dos seculos, que lá nos ficam já andados, folgaremos de ver, se tivermos portuguez o coração, que ella dera n'esses tempos, embora lhe chamem rudes, á Europa e ao mundo inteiro lições cheias de saber, de valor, de honra, e de patriotismo. No seu berço creou animos, creou coração; e posto que minguada em forças, não recebeu entrar em porfiosas lides com seus pelejadores, sempre temidos em numero, atrevidos no poder.

O estandarte lusitano arvorado nos peitos diamantinos dos extremados companheiros d'armas do grande Viriato, lá ameaça Roma de o fazer tremular sobre os seus muros, e de vêr as legiões do aurifero Tejo, conduzidas por um segundo Annibal, pisar as margens do vetusto e veneravel Tibre. Cobiçados thesouros, primasias d'um bonissimo solo lá fazem brotar desejos de conquista n'outros povos: á porfia se desenrolam essas massas colossaes, apresentando uma continuada arêna de sanguinolentas lides. Mas todos os seus dominadores bem caro tiveram de comprar usurpados direitos: por certo quando a justiça da causa é

a mesma, o valor não tem differença; recuperar a liberdade usurpada ou morrer por ella, eis a estrella polar, que dirigiu sempre os Portuguezes, e que n'elles fez animar as esperanças da victoria; é por isso que o nosso Homero, immortalisando com apollinea lyra seus dignos feitos, brada em altisono canto:

..... não é das forças lusitanas
 Temer poder maior por mais pequeno.

Quem firmou de Portugal a independencia, dirigindo os bellicos esforços de doze mil Portuguezes na campina Ouriquêa contra os cerrados esquadrões e forças innumeras dos filhos d'Agar, facto espantoso, que, dando logar á fundação da monarchia collocou Portugal na lista das nações? Portugal não adquire egualmente singulares titulos na gloria das armas ganhados nas famosas acções dadas nos campos de Aljubarrota, e de Montes-Claros, escalamentos da soberba Ceuta, d'Arzila, dos muros e baluartes d'Ormuz, de Diu, de Malaca? Todas as gerações no tributo do seu mudo assombro, e da sua admiração silenciosa com justiça pagam aos nossos avoengos bem cabido premio pelas suas façanhas, e gentilezas d'armas.

Na verdade a patria dos Viriatos, e dos Affonsos sobra em filhos, que sempre a ennobreceram por serviços inimitaveis e illustres feitos; esses monumentos de gloria assaz os proclamam, erigidos nos diversos angulos do globo, que illustrados brilham pelas armas portuguezas, não deixando jámais a mão dos seculos vindouros de gravar com delicado cinzel os seus triumphos, que um só momento contemplados, já excedem as forças d'exultador prazer. Ah! Possam tão felizes recordações reanimar na geração presente esse patriotismo o mais ardente, virtude civica, tão solida, e a unica, que sempre trouxe ás nações, onde pre-

domina, a sua grandeza e estabilidade. — Poderiam acaso raiar dias tão brilhantes em nosso horisonte político, e verem-se dos seculos respeitadas esses padrões eternos, que altamente denunciam o nosso Portugal como uma Nação amiga das letras, da independencia, e da victoria, se não alimentasse em seu seio genios verdadeiramente imitadores das virtudes dos Regulos, e dos Aristides, e do merito litterario dos Livios, dos Sallustios, dos Polybios, e dos Virgilios?

Bellos com rasão dizemos serem os monumentos, que apresenta em diversas épocas o estado das letras portuguezas a par da gloria das armas. Um esclarecido Infante D. Henrique já recommendavel por seus militares feitos, toma debaixo de seus auspicios a arte nautica, explanando assim o passo para as victorias das armas portuguezas; genio brilhante e talhado para grandes emprezas, e que fez florescer outros debaixo da sua influencia, talvez superiores nos conhecimentos d'astronomia e geographia aos dos povos contemporaneos; genio raro, que, attrahindo a veneração dos sabios, mereceu na restauração da liberdade o tributo indelevel da nossa gratidão, erigindo-se-lhe em Sagres um padrão perpetuo á sua memoria. — Um Pedro Nunes adquire nome immortal, abrindo com a descoberta de novos instrumentos, e aperfeiçoamento de outros, um vasto campo ás sciencias mathematicas, e á importante arte da navegação: é bem conhecida a elegantissima divisão ou graduação do astrolabio, simplificação assaz obvia, e da qual ainda se usa nas alidades de todos os instrumentos astronomicos, que servem para medir distancias angulares, divisão, que ficou conservando para honra do seu auctor a denominação de *Nonius*, do appellido do nosso geometra. — Um Barros com brilhante pluma illustra a litteratura nacional. — Um Couto lá consagra seus dias á gloria das letras, e tambem á nação vota um braço valoroso,

servindo longo espaço na militar carreira. — Bernardès, o primeiro dos bucolicos portuguezes, que embocou com feliz successo a tuba campezina, se com elegantes poemas se faz mimoso das musas e valido d'Apollo, não se distingue menos na pratica de guerreiras virtudes; regressando á patria do cargo de secretario d'embaixada em Hespanha, levado do seu genio cavalheiresco, deixa o seu decantado Lima pelas costas arenosas d'Africa adusta, e alli sopêsa a lança e com denodo na celebre batalha de Alcacer-Kibir. Certamente não foi só o Lacio, que produziu os Fabios, os Scipiões, os Regulos e outros varões d'intrepida constancia, cujos animos jámais repousaram em buscar honra, nome e gloria á chara patria.

A cadeia heroica dos lusitanos fastos é interminavel; novos seculos trazem triumphos novos, e novos genios. Collocados os Portuguezes no ultimo occidente, e alongando as suas vistas para a immensidade do oceano, que mil idéas concebiam de grandeza e sublimidade! Impellidos pelo desejo de conhecer regiões ignotas, se determinam a encarar os grandes perigos, superar as maiores difficuldades, e vencer os abysmos de procelosas syrtes. Eis surgem os celebres descubridores Zarco, Diogo Cam, Bartholomeu Dias, Pedro d'Alemquer, Pedro Alvares Cabral, Fernando Magalhães, e o heroe dos Lusiadas. Laboriosas e reiteradas expedições, descobertas longiquas são sua partilha, seguidas sempre de maravilhosos resultados. Entregues á inconstancia d'um terribil elemento denodados partem e se entranham pelo vasto oceano, audazes na empreza, e de esforço aparelhados, deixando na amada terra os olhos e coração. — Lá se alongam e crescem pelas costas d'Africa: ávante levam custosas derrotas, demandando á custa de peniveis vigalias e fadigas as regiões remotas e a cabo d'ellas esse tormentoso promontorio, que vencel-o, valia então o mesmo, que passar incolume pelo imperio da

morte, dos naufragios, das tormentas, das perdições. Afoutos assomam além d'esse padrão assustador, e logo os olhos fitam no horisonte d'oriente: é para esse centro de unidade heroica, que os corações gravitam com força irresistivel. Certamente os Gamas, sulcando as vagas de indomitos mares, e fazendo a nação portugueza avassalladora de vastos potentados, abrem a gloriosa arêna para os Albuquerque, os Castros, os Mascarenhas, os Noronhas, e os Pachecos cingirem a fronte de immarcessiveis louros, sopesando a honrosa espada pelo engrandecimento do paiz natal, e fazendo scintillar illustre no universo o nome lusitano. Pelo que o nosso Livio, quando falla de seus compatriotas com sensatez e justiça diz: — «Se Deus tivesse creado outros mundos, lá teriam tambem erigido monumentos á victoria.» — E o nosso Épico, em cujo espirito fermentavam as mais sãs idéas, zelo ardente, e amor pela patria, bem os exalta com digno plectro; não lhe estorvando o peso da ferrea cota, e de bellicas fadigas a dextra, para eternisar em altisona lyra a gloria lusitana.

Tão gloriosas emprezas, tão dignos feitos! resultados portentosos de assignaladas viagens e descobrimentos, que de tão reconhecida utilidade se notam em todos os ramos da civilisação, e progresso do mundo moderno, jámais podiam deixar de occupar profundamente o espirito esclarecido e sobre maneira patriotico de V. Ex.^a Assaz meritorios e reconhecidos são os titulos que já ha muito a patria possui, e que venera na Pessoa de V. Ex.^a; olhando-o, não só como o primeiro e mais digno Ministro na jerarchia prelaticia, mas tambem como firme sustentaculo da Religião dos nossos pais; eximios e relevantes predicados, que tanto se recommendam, e attrahem os suffragios e sympathias publicas. Entre tantos monumentos litterarios, com que V. Ex.^a tem enriquecido a republica das letras, mais se encontra na sua carreira laboriosa e digna este padrão de grande

valor e importancia, que mais vem perpetuar o merecido credito, e fama da Nação Poturgueza — *Indice Chronologico das Navegações, Viagens, Descobrimentos e Conquistas dos Portuguezes nos Paizes Ultramarinos desde o principio do seculo XV.* — Na verdade esta obra sobremodo estimavel, bem mostra a apreciação das vantagens, que alardea; e que a todas as luzes se manifestam reaes e permanentes.

• • • vendo esta obra de V. Ex.^a, este monumento unico na Historia das nações modernas, dedicado á gloria nacional, e ao seculo xv portuguez, rogou a V. Ex.^a se dignasse conceder-lhe a propriedade d'esta preciosa producção, que hoje vem locupletar a Litteratura portugueza, mercê que felizmente foi concedida por V. Ex.^a e pela qual tributa cordealmente seus eternos agradecimentos...

Queira pois V. Ex.^a acolher com a maior benevolencia, que tanto o caracteriza, este testemunho do nosso zêlo, com que muito folgamos corresponder aos desejos do publico illustrado. Só nos cumpre, a par das mais vivas emoções, que germinam em nosso animo grato, testemunharmos a V. Ex.^a os nossos puros desejos pela conservação da preciosissima saude de V. Ex.^a por dilatados annos; profundos desejos, que ardentemente nos animam, como todos os seus mais sinceros admiradores.

Somos com a mais alta consideração e respeito

De V. Ex.^a

Ex.^{mo} e Revd.^{mo} Sr. Patriarcha
Arcebispo Eleito.

Veneradores e subditos fieis

III. mos Srs.

Ainda agora me é possível responder á obsequiosa, e mui lisongeira carta, que de V. S.^{as} ha muitos dias recebi. O estado pouco firme da minha saude, e as incessantes obrigações do cargo, que exercito, devem obter de V. S.^{as} indulgente desculpa.

Seria difficil e ao mesmo tempo desnecessaria empreza minha, se eu pertendesse accrescentar cousa alguma ao brilhante e pomposo elogio, que V. S.^{as} na sua carta tecem á *Nação Portugueza*, já pelas nobres virtudes, estremado valor, constancia heroica, e aventurosas emprezas de seus illustres Filhos, já pelo amor das Sciencias e das Letras, de que sempre se mostraram animados, e de que em todos os tempos tem dado abonadas provas nos diversos ramos dos humanos conhecimentos.

Limitando-me por tanto ao que diz especial respeito á *minha pessoa*, e reconhecendo ingenuamente quão superiores são ao meu merecimento os louvores, com que V. S.^{as} me acreditam e exaltam, devo comtudo confessar, que aceito com grande satisfação, e não sei se diga com alguma vaidade, o testemunho que V. S.^{as} dão na sua carta ao constante e apaixonado empenho, com que desde os meus pri-

meiros annos desejei promover (se me fosse possível) o adiantamento da Litteratura Patria, e fazer conhecidos os merecimentos de todo o genero, com que os nossos compatriotas tanto se tem illustrado.

A este principal fim foi dirigida a publicação do *Indice Chronologico*, a que V. S.^{as} querem agora dar maior publicidade e credito: honra, que eu não podia esperar para tão imperfeita composição, e que me constitue em grande divida de gratidão para com V. S.^{as}

Dignem-se V. S.^{as} de aceitar com benevolencia esta minha confissão, e com ella as expressões da distincta estimação e respeito, com que sou

De V. S.^{as}

Ill.^{mos} Srs. • • •

Muito Attento Venerador e Obsequioso Servo.

F., PATRIARCHA ARCEBISPO ELEITO.

S. Vicente 1 de Setembro
de 1842.

INDICE CHRONOLOGICO

DAS

**Navegações, Viagens, Descobrimentos e Conquistas dos Portuguezes
nos Paizes Ultramarinos desde o principio do seculo XV**

PREFACÃO

Damos á luz pública n'este escripto o *Indice Chronologico* das Navegações, Viagens, Descobrimentos, e Conquistas dos Portuguezes nos Paizes Ultramarinos, desde os principios do seculo xv.

Este titulo não inculca, por certo, obra de grande valor e importancia, nem nós o escrevemos com esse intento: mas pareceu-nos o mais accomodado á natureza e fins do nosso trabalho, e o mais proprio das circumstancias que o motivaram.

Muito tempo havia que nós desejavamos, e procuravamos ter uma idéa geral, mas fiel e exacta, das grandes e gloriosas emprezas ultramarinas dos nossos compatriotas, que n'aquelle tempo deram tanto credito e fama á Nação Portugueza, e foram de tanta e tão reconhecida utilidade para o mundo moderno, em todos os ramos do seu pro-

gresso, e civilisação. Mas ainda que para o conseguir não poupassemos nenhum dos meios, que estavam ao nosso alcance, a cada passo contudo nos viamos ou embaraçados no nosso estudo, ou frustrados nas nossas diligencias.

Os escriptores nacionaes, que podiamos consultar eram poucos, incompletos, ás vezes discrepantes em suas narrações, e sempre diminutos nas particulares noticias do seculo xv, que mais convinha indagar e apurar.

Dos Roteiros, Relações e Memorias, que necessariamente se haviam de escrever logo n'aquelle tempo de nossas primeiras navegações e descobrimentos, mui pouco nos resta hoje, salvo as relações de Cadamosto, e essas mesmas impressas um seculo depois em Italia, e em lingua italiana, e não de todo isentas de imperfeições e erros.¹

É natural que o prudente e cauteloso segredo, em que os nossos Principes, ao principio, reservavam aquellas Memorias, e Relações; a perda de muitas d'ellas nas mãos dos chronistas, ou nos proprios gabinetes dos Principes por occasião da sua morte; o descuido de recolher estes e outros documentos ao Archivo geral do Reino; a difficuldade de multiplicar as copias, por não haver ainda a Arte Typographica, ou por não ter chegado a Portugal, logo nos primeiros annos da sua invenção; é natural, digo, que estas ou outras semelhantes causas produzissem a falta, que depois se experimentou, logo que se quiz escrever em corpo de historia a serie de nossas emprezas ultramarinas.

O certo é que o illustre Barros, quando tomou sobre si esta difficil incumbencia, já se queixava da falta de memorias antigas; e bem mostrou, que as não tinha, pois tão breve e imperfeitamente fallou dos successos, que precederam á expedição do grande Vasco da Gama.

¹ Quando isto escreviamos ainda não tinha apparecido a edição da *Obra de Azurara* ha pouco publicada em Pariz pelo sr. Visconde de Santarem.

Castanheda começou a sua Historia da India por essa mesma expedição, e nada diz dos tempos anteriores.

Nos outros nossos escriptores (pela maior parte mais modernos) acham-se na verdade algumas noticias do objecto de que tratamos; mas são ellas tão dispersas por differentes obras, tão apoucadas em suas circumstancias, e assim mesmo escriptas com tanta falta de coherencia, exacção e alinhamento, que é de mui difficil, e impertinente trabalho reduzi-las a alguma ordem, e tirar d'ellas um resultado, qual se deseja, liquido, seguro, e aceitavel.

Nos escriptores estrangeiros não ha que procurar n'este assumpto nem a conveniente miudeza e exacção, nem (as mais das vezes) a devida imparcialidade. Omitem factos, e circumstancias substanciaes; alteram datas; erram ou desfiguram nomes; e alguns deixam-se dominar de tão desarrazoado ciúme, que parece que ainda hoje lhe fazem sombra os relevantes serviços, que os Portuguezes fizeram ao mundo n'aquelles antigos tempos, e o immenso louvor, que por elles mereceram, e lhes é devido. E não se tenha por apaixonado este nosso juizo; porque muito teriamos com que o justificar se tanto fosse necessario.

Em tal estado de cousas resolvemos começar a escrever para nosso uso particular, o *Indice Chronologico*, que damos agora á luz, apontando n'elle mui summariamente os factos que nos pareceram mais importantes, e collocando-os na sua ordem puramente chronologica, como para nos servirem de guia, quando quizessemos dar maior extensão ao nosso estudo, ou instruir-nos mais amplamente n'este ramo da nossa historia, que reputamos de tanto interesse para o publico litterato, quanto glorioso para os Portuguezes.

Com este intuito lemos as obras, escriptos, memorias, ou documentos, nacionaes, ou estrangeiros que se offereceram á nossa indagação, combinando (quando nos pare-

ceu necessario) uns com outros, comparando os grãos de credito que cada um podia merecer, e tirando de todos, não sem grande trabalho, aquelles resultados, que tivemos por bem assentados, ou que pelo menos se nos apresentaram fundados em maiores, e mais certas rasões. Artigo ha no *Indice*, que contendo-se em poucas linhas, nos levou algumas horas de leitura, e talvez alguns esforços de reflexão: e nem por isso nos gloriamos de haver evitado erros e defeitos, hoje inevitaveis em semelhante materia.

Decorreram os tempos, e a nossa situação pessoal soffreu por vezes graves e penosas mudanças, privando-nos de alguns dos meios, que podiam concorrer para que o nosso trabalho fosse menos imperfeito. Por fim pareceu-nos, ou nos persuadiram, que assim mesmo seria util a sua publicação, já por. não se perder de todo o tempo que n'isto tinhamos consumido, já porque o nosso trabalho poderia aproveitar a quem com o mesmo intento, e zêlo, e com mais meios e capacidade quizesse levantar á gloria nacional, e ao seculo xv portuguez, um monumento unico na historia das nações modernas.

Começámos a escrever o *Indice* em 1832, e fizemos-lhe depois retoques, correcções, e additamentos. A *Memoria* sobre as viagens por terra foi escripta posteriormente. Hoje, ser-nos-hia impossivel rever estes trabalhos, e dar-lhes mais algum aperfeiçoamento. O publico medirá pelo nosso zêlo, e amor da patria, a sua benigna e favoravel indulgencia.

ANNO DE 1412

Os nossos escriptores, que trataram dos descobrimentos, e empresas maritimas, de que foi primeiro auctor o grande e inclito Infante D. Henrique, filho d'El-Rei D. João I, notam commummente este anno de 1412 como principio de seus uteis e gloriosos trabalhos; e dizem que então começou este sabio Principe a mandar alguns navios ao descobrimento da costa africana, desde o Cabo *Nam* para as partes do Sul, e pólo antartico.

João de Barros nas suas *Decadas*, e Faria e Sousa, tanto na *Azia Portuguesa*, aonde faz o extracto d'ellas, como na *Relação das armadas*, que colligiu de listas, e memorias antigas, assignam a referida época. O mesmo seguiram muitos escriptores nossos; e muitos outros o suppõem quando dizem, que depois da conquista de Ceuta (em 1415); e das informações, que o Infante ahi houvera dos Mouros, viera muito mais animado a *proseguir* os seus projectos.

Assim, posto que não tenhamos individual noticia dos navios, que então sahiram ao descobrimento, nem dos capitães, ou pilotos que os governaram, não julgamos dever por isso alterar a época estabelecida; antes, havemos por

mui provavel, que por aquelles annos é que os nossos navegadores passaram o cabo *Nam*, que era até então o termo das navegações europeas, e chegaram ao *Bojador*, aonde por muito tempo encontraram depois obstaculo a seus repetidos esforços.

Se alguém comtudo duvidar de que o Infante, já no referido anno de 1412 começasse a executar os seus particulares projectos, ainda assim se pode, e deve sustentar a mesma época, reflectindo-se que n'esse anno se deu principio aos preparativos para a grande expedição de *Ceuta*, que foi sem duvida um passo importantissimo para os descobrimentos, não só pela ampla informação, que ahi se houve das terras, costas, e gentes de Africa, mas tambem e especialmente, porque sendo a praça de *Ceuta* como chave dos mares adjacentes, e abrigo das armadas barbarescas, mal podiam os nossos navios frequentar com segurança as costas, visitar os portos, e navegar para as partes do sul, em quanto *Ceuta* estivesse em poder dos Mouros.

Notemos ainda mais, que na Bulla de Nicolau v do anno de 1455, de que em outro logar fallaremos, se diz que o Infante começara de mui pequena idade (*ab ejus ineunte aetate*) as suas empresas: e esta phrase mais convem ao anno de 1412, em que elle tinha 18 annos, do que ao de 1417, em que já contava 23.

ANNO DE 1415

N'este anno foi a gloriosa expugnação de *Ceuta*, concluida por El-Rei D. João I, acompanhado dos Infantes seus Filhos, em um só dia, a 21 de Agosto.

Alguns dos nossos escriptores se equivocaram, assignando a esta conquista o dia 14 de Agosto. Outros muitos porém, mais bem informados, a pozeram em 21, e este é o dia, que se collige do epitaphio d'El-Rei, gravado sobre o seu tumulo em tempo d'El-Rei D. Duarte seu filho, e successor, aonde se nota, que El-Rei depois de tomada a praça de *Ceuta*, a presidiara por 18 annos, menos oito dias, e que fallecera a 14 de Agosto de 1433; por onde se vê que os 18 annos seriam completos, se elle vivesse mais oito dias, isto é, até 21 de Agosto.

Em *Ceuta* procurou o Infante D. Henrique, e alcançou dos Mouros, algumas importantes informações para a execução dos seus designios, e teve mais certo e individual conhecimento do deserto, que os arabes chamam *Çahara*, dos povos *Azenegues*, confinantes pelo sul com os *Gelofos*, do commercio que d'aqui se fazia para a costa septentrional, e de muitas circumstancias d'aquellas terras, costas, e gentes, com o que se animou muito mais (como já dissemos) e de todo se resolveu a proseguir a empreza, que o seu grande espirito, auxiliado dos conhecimentos cosmographicos, lhe havia inspirado.

A armada, que El-Rei levou á expedição de *Ceuta*, constava de 220 vasos de guerra e transporte, a saber: 33 náos, 59 galeras, e varios galiões, caravelas, e outros baixeis de diferentes grandezas, em numero de 128.

Logo depois d'esta conquista tomou El-Rei o titulo de REI DE PORTUGAL, E DO ALGARVE, E SENHOR DE CEUTA.

ANNOS DE 1416 E 1417

Por estes annos, logo depois da conquista de *Ceuta*, começaram as tentativas, que o Infante mandava fazer para

dobrar o Cabo *Bojador*, e passar avante para o sul, as quaes foram continuadas, mas sem fructo, por alguns annos.

O grande lançamento que o Cabo fazia ao mar, as correntes impetuosas das aguas, a sua apparente effervescencia, e outras semelhantes circumstancias, foram causa de se mallograrem por muito tempo estas tentativas, temendo os ainda então inexpertos navegantes, que os mares os engolissem, ou que as correntes os não deixassem voltar ao rumo de norte.

ANNO DE 1418

Neste anno foi mandado Bartholomeu Perestrello, Cavalleiro da Casa do Infante D. João, á empreza de dobrar o *Bojador*; mas sendo assaltado da tempestade, perdeu a derrota [que levava, e foi arrojado a uma ilha desconhecida, a que deu o nome de *Porto Santo*, por ter achado n'ella abrigo, e descanso de sua trabalhosa navegação.

Damião de Goes, e Soares da Silva põem este descobrimento no anno seguinte de 1419.

Alguns negam que Perestrello fosse o descobridor d'esta ilha, e sômente dizem que o Infante lhe dera a *Capitania* d'ella: mas a pratica geral d'aquelle tempo nos parece persuadir o contrario.

ANNOS DE 1419 E 1420

No anno seguinte de 1419 voltou Perestrello com os outros dois navegantes João Gonçalves Zarco, e Tristão

Vaz, Cavalleiros da Casa do Infante D. Henrique, cada um em seu navio á Ilha de *Porto Santo*, levando Perestrello ordem, e alguns preparos para começar a sua cultura.

Dizem os escriptores antigos, que lançando-se na Ilha uma coelha, que no mar havia parido, fôra a criação d'estes animaes em tanto augmento, que destruíam as searas, e por algum tempo retardaram ou embaraçaram o projecto da colonisação da Ilha.

O Perestrello voltou a Portugal: mas João Gonçalves, e Tristão Vaz, tendo observado uma especie de nevoeiro, que constantemente se lhes offerecia no mar, e sempre no mesmo sitio, e direcção, suspeitaram o que poderia ser, e dirigindo-se para aquella parte, descobriram a Ilha da *Madeira*, a que deram este nome, pelo alto e basto arvoredado, de que a acharam coberta.

Algumas antigas memorias dizem que Francisco Alcorado, Cavalleiro da Casa do Infante D. Henrique fôra n'este descobrimento, e o descrevera em uma exacta *Relação*.

De João Gonçalves Zarco se diz que foi o primeiro Portuguez, que usou da polvora, e artilheria nos navios. Manoel Thomaz, na *Insulan*. l. 1.^o, est. 83 fallando d'elle diz:

« Bem he verdade, que este o Lusitano
Primeiro foi, no mar com nome eterno,
Que usou da dura fructa de Vulcano,
E o salitrado aljofar do inferno. »

Descobria-se do Porto Santo a uma consideravel distancia um perpetuo negrume cercado de nevoeiros, mais ou menos espessos, que não deixavam enxergar bem o que era; e ainda que a rasão dictava a alguns, que existia alli

uma Ilha, a superstição figurava a outros cousas sobrenhaes e horrorosas. N'esta perplexidade resolveram-se os dois descobridores João Gonçalves e Tristão Vaz Teixeira a irem pessoalmente examinar aquelle phenomeno, e no 4.º de Julho d'este anno 1420, tendo vento favoravel partiram ambos antes de amanhecer em dois barcos dirigindo-se ao nevoeiro, chegados ao qual, e já cercados d'elle, foram descobrindo por entre a nevoa uns picos altos, e logo uma ponta de terra a que deram o nome de *S. Lourenço*, e adiante da qual surgiram.

Ao amanhecer do dia seguinte, separaram-se os dois descobridores, para ir cada um por sua parte em busca de logar proprio para desembarcar, o que Teixeira fez em uma ponta que tomou o nome de Tristão, e João Gonçalves em uma lapa, cujo terreno estava sovado dos pés dos lobos marinhos, e lhe deu o nome de *Camara de Lobos*, que ainda hoje conserva, tomando elle d'aqui o apellido de Camara para a sua familia.

Esta grande ilha estava deserta, e coberta até ao mar de mui basto e frondoso arvoredado que não dava facil passagem a quem intentava penetral-o e por isso se chamou Ilha da Madeira, nem tinha outros habitadores, que immensas aves de varias especies, tão innocentes que se deixavam colher á mão.

(QUINTELLA — *Annaes.*)

ANNO DE 1425

Por estes annos começou o Infante a mandar povoar as Ilhas da *Madeira*, e *Porto Santo*, e tambem a *Deserta*, que sem d'úvida foi descoberta com as primeiras.

Elle mesmo na doação que fez do espirital d'estas Ihas á ordem de Christo em 18 de Setembro de 1460, quasi dois mezes antes do seu fallecimento, diz: — *comecei de povoar a minha Ilha da Madeira, haverá ora trinta e cinco annos, e isso mesmo a do Porto Santo, e deshi, proseguindo, a Deserta, por onde parece fazer-se verosimil, ao menos em parte, o que uniformemente referem os nossos escriptores, que lançando-se fogo aos bosques da Ilha da Madeira, este se ateára de tal modo, que por alguns annos não fôra possível povoal-a. Os annos devem n'este caso contar-se desde 1419, anno do descobrimento, até 1425. E dizemos, ao menos em parte, porque algum tempo era preciso para se prepararem as familias, e os mais objectos necessarios á povoação e cultura d'aquellas Ihas.*

O Infante dividiu a Ilha da *Madeira* entre os seus dois descobridores. Mandou vir da Ilha de *Candia* a preciosa planta da malvasia, que tanto ali prosperou, e tão util tem sido ao commercio, e riqueza da *Madeira*. Mandou tambem vir da *Sicilia* a canna de assucar, e mestres, que a ensinassem a plantar e cultivar, e a fabricar o assucar. E foi esta cultura tão bem recebida do terreno, que em 1501 se participava a El-Rei D. Manoel haverem-se fabricado n'esse anno, na Ilha 63:800 arrobas de assucar. Quando Barros escrevia as suas Decadas, diz elle, que uma porção de terra de tres leguas dava ao quinto mais de 60:000 arrobas. E Bluteau, nos principios do seculo passado, escrevia que na Ilha houvera algum tempo 150 engenhos de assucar os quaes rendiam 400:000 arrobas.

Da Ilha da *Madeira* sahiram depois os mestres, que foram introduzir o fabrico do assucar na Ilha de *S. Thomé*, e de ambas estas Ihas se propagou mais tarde no Brazil, por industria dos Portuguezes, tanto a cultura da canna, como a factura do assucar.

O grande Infante D. Henrique, posto que applicado á

povoação e cultura da *Madeira*, *Porto Santo*, e *Dezerta*, nem por isso se esquecia de continuar, e promover a sua primeira, e principal empreza, da qual porém sabemos, que por espaço de doze annos se não tirou fructo algum, não se conseguindo em todo este tempo dobrar o Cabo *Bojador*.

ANNOS DE 1429 E 1430

Gil Eannes, natural de Lagos, dobrou em fim o formidavel *Bojador*.

Dizem os antigos escriptores portuguezes, que esta passagem do Cabo fôra então reputada como uma façanha igual a algum dos *trabalhos d'Hercules*: expressão, que hoje parece nimiamente exagerada, mas que o não era tanto n'aquelles tempos, vistas as difficuldades, os medos, e os perigos, que ou se tinham experimentado, ou se imaginavam e suppunham na mesma passagem, e que por tanto tempo a haviam retardado.

Parece-nos não se ter ainda determinado com bastante precisão, e certeza a época d'este notavel acontecimento. Muitos dos nossos escriptores a referem ao anno de 1433: alguns ao de 1432: outros ao de 1434, e outros finalmente ao de 1428.

Se n'esta materia pôde haver logar a conjecturas, nós temos por mui verosimil, que a passagem do *Bojador* se executou em 1429, ou quando mais tarde em 1430. As rasões, em que nos fundamos, são as seguintes:

PRIMEIRA: que os nossos antigos uniformemente dizem, que o Infante D. Henrique, *por mais de doze annos*, fizera tentativas para dobrar este Cabo, mandando a elle frequentemente os seus navios. E como estas tentativas co-

meçaram logo depois da expedição de *Ceuta*, isto é, em 1416, ou ao mais tardar em 1417, parece que a passagem do Cabo seria em 1429 ou em 1430.

SEGUNDA: que o Papa Martinho v, permittiu por uma sua bulla, que se podesse contractar e commerciar com os infieis. Esta permissão, cuja verdadeira data ignoramos, não podia ser posterior a 20 de Fevereiro de 1431, em que aquelle santo Padre falleceu. Tinha pois sido perdida, e pôde ser que concedida pelo menos em 1430. Por outra parte é de presumir, que o Infante sómente a pediria depois de se ter vencido a grande difficuldade do *Bojador*; porque até então nem sabemos que os nossos navegadores sahissesem em terra a negociar, ou procurassem ter comunicação e commercio com os habitantes; nem é verosimil que o intentassem a respeito dos Mouros, com quem os Portuguezes estavam em actual, e continua guerra. D'onde se collige, que antes de 1430, ou quando muito n'esse mesmo anno, já se tinha vencido o *Bojador*.

TERCEIRA: que na bulla do Papa Nicoláo v (já citada) dos principios de Janeiro do anno da *Encarnação* de 1454, que é o anno vulgar de 1455, se diz que o Infante, havia vinte e cinco annos, (*a viginti quinque annis citra*, isto é, *ha vinte e cinco annos a esta parte*) não cessava de mandar navios ao descobrimento das *terras, e costas do Bojador para as partes do Sul*. Logo o *Bojador* já tinha sido dobrado, e já se navegava alem d'elle para o Sul *vinte e cinco annos* antes da data da bulla, o que vem a dar em Janeiro de 1430, e mui provavelmente no anno antecedente de 1429.

ADVERTENCIA

Pareceu-nos aqui logar proprio para notar em geral, que algumas das differenças que se encontram nos antigos escriptores a respeito de datas, e que talvez parece que emba-

raçam a chronologia dos descobrimentos, se devem attribuir, segundo o nosso juizo, a que uns tomavam por época de tal, ou tal expedição e descobrimento o anno em que os navegadores sahiam de Portugal: outros o anno em que chegavam á costa d'Africa, e effectivamente tocavam o ponto descoberto, o que muitas vezes succedia no anno seguinte ao da sahida: e outros finalmente o anno em que voltavam ao reino, e se divulgava a noticia. Por onde entendemos, que quando a differença das datas é pequena, e de annos immediatos, se não deve fazer conta com ella para ahí arguir alguma incerteza no acontecimento, ou alguma variação essencial na sua época.

ANNOS DE 1431 E 1432

O Infante D. Henrique mandou no anno de 1431, que o Commendador de Almourol na O. de Chr. Fr. Gonçalo Velho Cabral fosse correr os mares a Oeste, em demanda de novas terras. O navegante encontrou os *baixos das Formigas*, situados entre as Ilhas de *Santa Maria* e *S. Miguel*, mas não deu fé de alguma d'ellas, e voltou a Portugal a informar o Infante do que tinha observado.

Foi outra vez mandado no anno seguinte de 1432 a explorar os mares, em que existiam aquelles baixos, e então com melhor fortuna descobriu a Ilha de *Santa Maria*, primeira descoberta no archipelago dos Açores a 15 de Agosto, e pela circumstancia da festividade do dia lhe deu aquelle nome.

O Infante fez a Gonçalo Velho Capitão-donatario da Ilha, e elle a começou logo a povoar, e cultivar com grande proveito e interesse.

ANNOS DE 1434 E 1435

O mesmo Gil Eannes, que dobrára o Cabo *Bojador*, voltou em 1434 áquellas paragens com Affonso Gonçalves Baldaya, Copeiro do Infante. Passaram obra de 30 leguas adiante do cabo, e descobriram uma angra, ou bahia, a que pozeram o nome de *Angra de ruivos*, por acharem alli muitos dos peixes, a que os Portuguezes chamam *ruivos*.

No anno seguinte ou estavam ainda nas mesmas paragens, ou a ellas voltaram. Adiantaram mais 12 leguas pela costa, e sahindo em terra Heitor Homem, e Diogo Lopes de Almeida, encontraram alguns barbaros, que á vista dos nossos se pozeram em fugida.

Passaram ainda depois um pouco mais adiante, e chegaram á foz de um rio, aonde mataram muitos lobos marinhos (especie de *phocas*, segundo parece) cujas pelles trouxeram a Portugal.

Este logar é o que nas antigas relações se ficou denominando o posto dos lobos marinhos: e o rio tomou logo depois o nome de *Rio do ouro* pelo resgate que ahi se fez d'este metal.

Sobre o *Rio do ouro*, segundo a observação de um antigo piloto Portuguez, *corre a linha do tropico de Cancer*, pelo que se vê que denotava o rio a 23.^o e 30' septemtr., que era a posição que algumas antigas cartas davam á linha do tropico.

N'este mesmo anno de 1435 sahiram de Sagres os dois descobridores Gil Eannes e Affonso Gonçalves Baldaya, e

dobrando o Cabo Bojador, seguiram a costa, que da Angra dos Ruivos para o Sul é muito raza, com algum matto, e quarenta milhas além d'ella acharam uma enseada, onde ancoraram. E como a terra era descoberta, mandou Baldaya desembarcar dois cavallos que levará, e n'elles partiram armados de espada e lança Heitor Homem e Diogo Lopes de Almeida, mancebos de nobre nascimento, educados no palacio do Infante, de idade de 17 annos, levando ordem para examinarem o paiz sem nunca se apearem nem se apartarem um do outro, e que achando algum dos naturaes, e podendo aprisional-o sem risco seu, o fizessem.

Exploraram elles inutilmente a campanha, quasi toda a manhã, e achando-se já mui longe dos navios, encontraram 19 Mouros de medonho aspecto, armados de azagaias, e tão subito foi este encontro, que os moços hoveram por melhor conselho accommettel-os logo, que retirarem-se depois de vistos, para lhes não dar mais ousadia. Os Mouros porém espantados de verem homens estranhos, de que não tinham idéa alguma, refugiaram-se em uma caverna, onde se defenderam bom espaço que durou a briga, á custa de algumas feridas dos seus, e de uma que tambem recebeu um dos moços, sendo este o primeiro sangue portuguez que se derramou n'esta barbara região; e vendo os dois que lhes não era possivel forçar a entrada da caverna, voltaram para os navios onde chegaram na manhã seguinte.

Affonso Gonçalves partiu com gente bem armada em busca dos Mouros, e não os encontrando já, recolheu aos navios, dando a esta bahia o nome de *Angra dos Cavallos*, levantou ferro e seguiu o seu descobrimento para o Sul.

Havendo navegado outras 40 milhas, viu um rio que entrava pela terra na direcção de N. E. e tinha na foz uma ilhota de areia, em que havia tanta multidão de lobos marinhos, que os portuguezes os avaliaram em 5000, e d'el-

les mataram muitos para aproveitar as pelles, que n'aquelles tempos valiam muito no commercio. Affonso Gonçalves que a todo o custo queria levar ao Infante algum natural d'aquelles paizes, seguiu 40 leguas mais ávante, chegando a uma ponta a que deu o nome de *Pedra da Galé*, pela semelhança que se lhe figurava ter com uma Galé, achou umas redes de pescadores, que pareciam ser feitas de fibras de algumas arvores, e na esperança de encontrar algum habitante, desembarcou varias vezes n'aquella costa, mas não achando o que buscava, e tendo já os mantimentos gastos, voltou para Portugal.

(QUINTELLA. — *Annaes.*)

ANNOS DE 1437 E 1438

Em 1437 foi a infeliz expedição de *Tanger*, em que esteve o Infante D. Henrique. E como além do desgosto que ella causou no Reino, se seguisse logo em 1438 o fallecimento do sabio e virtuoso Rei D. Duarte, e após elle sobreviessem as perturbações publicas, occasionadas da tutoria da Rainha D. Leonor; não parece verosimil que se tentasse n'estes annos cousa alguma importante para adiantar os descobrimentos. Comtudo o Infante nunca deixava de mandar os seus navios á costa d'África.

Ao mesmo anno de 1438 attribuem alguns a vinda de *Mestre Jacomo de Maiorca* para Portugal, chamado pelo Infante para dar regularidade e direcção á sua *Escola de Sagres*. D'elle diz um douto Geographo moderno, que era *versadissimo na navegação, e na arte de fabricar instru-*

mentos e de projectar *Cartas nauticas*, e que o immortal Infante o *pozera á frente da Academia, que havia fundado, com o fim de propagar tão uteis conhecimentos.*

ANNOS DE 1439 E 1440

Diniz Fernandes, Escudeiro do Infante D. João, chegou em algum d'estes annos a um grande rio, que os naturaes da costa chamavam *Quedec*,¹ e a que os nossos deram o nome de *Sanagá*, do nome de um senhor da terra, com quem fallaram, arrumando a sua foz a 16.º de latitude septentrional.

Cadamosto que fez a sua primeira viagem em 1445, diz expressamente que o *Senegal* tinha sido descoberto cinco annos antes.

(NAVEGAÇÕES DE CADAMOSTO, RELAÇÃO 1.ª)

ANNOS DE 1440 E 1441

Nuno Tristão, e Antão Gonçalves, creados do Infante D. Henrique, indo ao posto dos lobos marinhos, tomaram alguns barbaros.

¹ Damião de Goes na *Chron. do Principe D. João*, edição de 1724, em lugar de *Quedec* escreve *Sonedech*. — Manuel Corrêa, nos *Commentarios a Camões*, escreve *Quedec*, e diz que é o nome que os Mouros dão ao rio na entrada do mar. E Barros l. 13, diz que o verdadeiro nome do rio, *alli na sua foz, é Quedech*, segundo a lingua dos negros que habitam o paiz; e que subindo por elle acima toma diferentes no mes.

Antão Gonçalves, que ainda era mancebo, foi alli armado Cavalleiro, e por esta circumstancia se deu áquelle logar o nome de *Porto do Cavalleiro*, que parece ser o mesmo, que Ortelio em suas Taboas designa — *P. de Cavalli*, — alterando o nome, como faz outras muitas vezes, ou por ignorancia do idioma portuguez, ou por se ter já perdido de vista o factó, que motivára a denominação.

Gonçalves voltou a Portugal, e Nuno Tristão, proseguindo, chegou a *Cabo branco*, que os nossos arrumavam a 20º septemtr., e lhe deu o nome.

ANNO DE 1442

Antão Gonçalves depois de armado cavalleiro no *posto dos lobos marinhos*, voltando a Portugal, como dissemos, trouxe alguns barbaros que alli captivára, dos quaes o Infante não cessava de tirar novas informações sobre as costas, terras e gentes que por alli habitavam.

Como estes Mouros promettessem dar alguns *negros de Guiné*, em seu resgate, *cousa que o Infante muito desejava, pelo que o vulgo fabulava d'aquellas terras*, voltou Gonçalves com elles á Africa n'este anno de 1442.

Os Mouros cumpriram a promessa, e deram em preço da sua liberdade *algum ouro, e dez negros de diferentes terras*.

Este (dizem os nossos escriptores) foi o *primeiro ouro que veiu d'aquellas partes, assim como os negros foram os primeiros escravos, que da Costa Occidental de Africa vieram a Portugal*.

ANNO DE 1443

Nuno Tristão, a quem ha pouco deixámos no *Cabo branco*, proseguindo as suas explorações, descobriu a Ilha de *Adeger*, e a das *Garças*, (no golfo de *Arguim*) á segunda das quaes deu o nome das muitas aves assim chamadas, que alli achou.

Depois voltou a Portugal, trazendo mais de quarenta *negros captivos*, que cá se estimaram muito (diz um antigo escriptor portuguez) *por sua estranha figura*.

Na Ilha de *Adeger* viu Tristão da Cunha com extraordinaria surpresa mais de 20 *Almadias*¹ cada uma das quaes levava tres ou quatro homens, que escanchados na borda, remavam com as pernas; tão profunda era a ignorancia d'estes povos na arte de navegar! Nuno Tristão mandou logo em seu alcance uma lancha com sete homens que captivaram quatorze individuos, fugindo os outros para a ilha onde não poderam escapar porque a lancha deixando os prisioneiros a bordo do navio foi buscar o resto.

QUINTELLA. — *Annaes*.

ANNO DE 1443 OU 1444

Diniz Fernandes (de quem fallámos no an. 1439) descobriu o *cabo*, que fórma o ponto mais occidental de Africa, denominado pelos antigos geographos gregos *hesperion ke-*

¹ Embarcações construidas de um só páu cavado por dentro, e algumas tão grandes que teem 60 pés de comprimento.

ras, (*occidental cornu*) e arrumado pelos antigos navegadores portuguezes em *pouco mais de 14º septemtr.* (hoje em 14º 48').

A este cabo deram o nome de *Cabo Verde*, pelo aspecto, que mostrava, todo coberto de verdura: e parece que era ornado, na sua maior elevação, da grande arvore *baobab*, a que alguns naturalistas chamam *colosso do reino vegetal*: a qual extendendo ao largo seus grandes ramos, desce com as folhas até á superficie da terra, e a cobre de verdura mui agradável. O seu tronco cavernoso serve talvez de sala de assembléa a uma povoação inteira.

Os nossos escriptores variam sobre a época d'este descobrimento entre os annos de 1440 e 1446. Nós adoptamos os annos de 1443 ou 1444, porque Cadamosto diz que o cabo fôra descoberto por Portuguezes um anno antes da sua primeira viagem, e como esta foi em 1445, vem o descobrimento do *Cabo Verde* a cahir em algum dos ditos dois annos, conforme o maior, ou menor rigor, em que tomarmos as palavras de Cadamosto.

(*Cordeiro*, na Hist. Insulan. assigna. o anno de 1443).

Vej. o liv. 2.º do cap. 8.º, pag. 57 e liv. 6.º cap. I, pag. 241, aonde diz que as Ilhas de Cabo Verde foram descobertas em 1443, e muito mais em 1445.

ANNO DE 1444

No anno de 1444 se organisou, e estabeleceu com auctoridade, e aprazimento do Infante, a Companhia de Lagos, destinada a continuar os descobrimentos, e o commercio de Africa, debaixo da direcção do illustre principe, e com certas condições, que elle lhe prescreveu.

Esta companhia aprestou logo algumas caravellas, em

que sahiram ao mar Lançarote, Gil Eannes, Estevão Affonso, Rodrigo Alvarez, João Dias, Martim Vicente, João Vasquez, etc. os quaes descobriram a Ilha de *Nar*, e de *Tider*, e outras.

(*Barros—Faria e Sousa—Vid. do Inf. D. Henr. etc.*)

AÇORES

Parece que n'este mesmo anno o Commendador Gonçalo Velho Cabral mandado pelo Infante continuar os descobrimentos nos mares de Oeste, descobriu a segunda Ilha do archipelago dos Açores, a que poz o nome de *S. Miguel*, pela ter tocado a 8 de Maio, dia da apparição do Santo Archanjo. E como obtivesse do Infante a capitania d'esta nova Ilha, assim como já tinha a de *Santa Maria*, passou no anno seguinte de 1445 a povoal-a, e cultural-a, como já tinha feito á primeira.

ANNO DE 1445

Em 1445 a 22 de Março sahiu de Portugal ao descobrimento de novas terras em Africa uma caravella do Infante D. Henrique, de que era Patrão Vicente Dias, de Lagos, e n'ella, com licença e apazimento do Infante, se embarcou

o Veneziano Luiz de Cadamosto, que para isso se offerera.

Abordou á Ilha de *Porto Santo*, que diz ter sido descoberta *haveria vinte e sete annos*.

Passou á Ilha da *Madeira*, da qual diz que o Infante a fizera *povoar ha vinte e quatro annos para cá*.

D'ahi foi ás *Canarias*, e d'estas Ilhas passou ao *Cabo branco*, já descoberto pelos Portuguezes.

Entrou no golfo de Arguim, aonde diz elle que eram já conhecidas 4 ilhas, a saber: a 1.^a chamada de *Arguim*, que deu nome ao golfo; a 2.^a que os Portuguezes tinham denominado *Ilha Branca*, por ser toda arenosa; a 3.^a das *Garças*; e a 4.^a que elle diz ter sido denominada dos *Corações*, todas pequenas, arenosas, deshabitadas, e sem agua doce, excepto a 1.^a

Continuando a navegar chegou ao *Senegal*, que, segundo elle diz, tinha sido descoberto *cinco annos antes*, por trez caravellas do Infante, que entraram por elle acima.

D'ahi passou á terra de *Budemel*, tambem já conhecida dos Portuguezes, aonde esteve em terra muitos dias, tratando, e commerciando com os senhores do logar, e com os negros que alli concorriam.

Estando para partir d'aqui, e navegar ávante, teve o encontro de duas caravellas, em que iam *Antonio de Nola*, grande navegador e gentil-homem genovez, e alguns Portuguezes criados do Infante; e accordando-se todos, resolveram ir em conserva adiantar os descobrimentos.

Chegaram ao *Cabo verde*, que Cadamosto diz haver sido descoberto pelos Portuguezes *um anno antes*, que elle fosse áquellas partes.

Correndo pela costa para o Sul, descobriram a bôca de um rio, a que deram o nome de *Rio Barbacim*, a 60 milhas do *Cabo verde*; e este foi o primeiro descobrimento novo, que fizeram as trez caravellas.

Passando ainda adiante avistaram outro rio, que lhes pareceu menor que o *Senegal*; mas não sendo bem recebidos dos negros, navegaram mais ao Sul, e descobriram o paiz de *Gambia*, e o rio do mesmo nome, pelo qual entraram algum espaço. *Este era o paiz, que determinadamente buscavam por expressa ordem do Infante, que d'elle tinha informações pelos negros que já havia em Portugal.*

Os navegantes quizeram entrar mais acima pelo rio; mas como á gente do mar repugnasse este intento, resolveram voltar ao Reino.

(RELAÇÃO 1.^a DE CADAMOSTO.)

Neste mesmo anno um criado do Infante, por nome Gonçalo de Cintra, descobriu adiante do rio do *Ouro* a angra, que do seu nome se ficou chamando *Angra de Gonçalo de Cintra*, notada nas taboas de Ortelio com as palavras *G. de Goncintra* querendo dizer, segundo parece, *golfo de Gonçalo de Cintra*.

Este infeliz navegante, entrando por um esteiro na *Ilha d'Arguim*, e ficando em sêcco á vasante da maré, foi accommettido pelos barbaros, e morto com alguns seus companheiros.

ANNO DE 1446

N'este anno fez Luiz de Cadamosto a sua segunda viagem em uma caravella, acompanhado de outra em que ia Antonio de Nola, e de outra do Infante D. Henrique, tudo com licença, e aprazimento d'este principe. Sairam de Lagos no principio de Maio.

Na altura de *Cabo verde* descobriram quatro das Ilhas, que do mesmo cabo se denominam, e diz Cadamosto, *que outros que depois alli foram, as reconheceram, e acharam ser dez, entre grandes e pequenas, e todas deshabitadas.*

Das quatro que se descobriram agora, deram á primeira o nome da *Boa-vista*, por ter sido a primeira que n'aquelles mares avistaram; a outra, (*que lhe pareceu melhor das quatro*) chamaram de *Santiago*. As outras duas, a que Cadamosto aqui não dá nome, seriam provavelmente a de *S. Filippe*, e de *S. Christovão*, que tambem se chamou do *Sal*. Parece que todas foram descobertas no dia 25 de Julho.

Deixadas estas Ilhas, vieram em demanda do *Cabo verde*. Tocaram o lugar das *duas palmas*, (entre o *Senegal* e o *Cabo*,) assim chamado das que alli collocou ou designou Diniz Fernandes, como marco para denotar o sitio em que os povos *Azenegues* se apartam dos *negros idolatras*. Foram ao *Gambia*, e entraram por elle *mais de 60 milhas*, até o senhorio de *Battimanzá*, aonde estiveram 11 dias, permutando as fazendas, que levavam, por *ouro e escravos*.

Do *Gambia*, navegando ao Sul, descobriram o rio que chamaram de *Caramanza*, do nome do senhor, que alli governava, o qual ficava *25 leguas ou cem milhas, além do Gambia*. O seu nome, segundo Damião de Goes, era *Rha*.

D'aqui correndo sempre a costa no rumo do Sul, descobriram, a cousa de vinte milhas de distancia, um cabo a que deram o nome de *Cabo vermelho*, pela apparencia da côr da terra (ou *Cabo roxo*).

Pouco adiante chegaram a um rio, que denominaram de *Santa Anna*.

D'aqui navegando descobriram outro rio, a que deram o nome de *S. Domingos*, e por estimativa julgaram distar do *Cabo vermelho* obra de 55 a 60 milhas.

Continuando a navegar mais uma *jornada* pela costa,

descobriram outro rio grandissimo, que tinha na bôca mais de 20 milhas de largura. Este se ficou chamando o *Rio Grande*. Defronte d'elle avistaram ao mar algumas Ilhas, que estariam a cousa de 30 milhas de distancia da terra.

D'esta paragem voltando ao reino fizeram caminho por aquellas Ilhas, e observaram que duas d'ellas eram grandes, e habitadas de negros, e as outras duas mais pequenas; mas não se podendo entender com os habitantes, continuaram viagem para Portugal.

Vê-se pois, que nas duas viagens, em que foi Cadamosto, se descobriu a costa desde o *Rio Barbacim*, 60 milhas ao Sul de *Cabo verde*, até o *Rio Grande*, e no mar as quatro Ilhas de *Cabo verde*, e as outras quatro, de que acabamos de fallar, e que são sem duvida as que formam o archipelago dos *Bissangos*.

Os nossos navegadores denotavam a embocadura do *Rio Grande* em 11° de lat. septemtr., e parece que o remontaram por espaço de algumas 90 leguas até chegarem a uma cataracta, que os não deixou ir ávante. Pelo tempo adiante se fundaram nas suas margens alguns estabelecimentos portuguezes.

(2.^a RELACÃO DAS NAVEGAÇÕES DE CADAMOSTO —
CORDEIRO, *Hist. Insulan.* etc.

ANNOS DE 1446 E 1447

No anno de 1446 achamos mencionada a expedição de trez navios, em que foram Antão Gonçalves, Diogo Affonso, e Gomes Perez, encarregados de propôr aos habitan-

tes do *Rio do Ouro* a sua conversão ao christianismo, e alliança de commercio com os Portuguezes.

N'esta occasião veiu um d'aquelles habitantes, por sua propria vontade, a Portugal; e lá quiz ficar, tambem espontaneamente, um Portuguez, por nome *João Fernandes*, que aprendeu a lingua do paiz, observou os costumes dos povos, e veiu depois informar de tudo o Infante D. Henrique, com inexplicavel gosto e satisfação d'este grande Principe.

Em 1447, entrando Nuno Tristão, pelo *Rio Grande*, e sendo accommettido de grande numero de barbaros, foi morto no conflicto.

Alvaro Fernandes, que tinha descoberto o *Cabo dos mastos*, passou a diante do *Rio Grande*, e descobriu o rio de *Tabite*.

Já a navegação dos Portuguezes para aquellas partes era tão frequente, que por estes annos chegaram a achar-se lá reunidos, alguns 27 navios, saidos de Portugal, e da Ilha da Madeira.

No mesmo anno em que Nuno Tristão foi morto no *Rio Grande*, ou no antecedente de 1446, descobriu elle o rio, que se ficou chamando *Rio de Nuno*, a poucas leguas do *Rio Grande* ao Sueste.

ANNO DE 1448

N'este anno foi mandado Fernando Affonso como Em-
baixador a um rei chamado *Farim*, na costa, ao Sul de *Cabo verde*, convidando-o a abraçar a religião christã, e assentar commercio com os Portuguezes.

Notam os antigos escriptores, que d'aqui vieram a Por-

tugal os primeiros *dentes d'elefante*, trazidos d'aquellas regiões.

Notam tambem, que Diogo Gil Homem, encarregado de estabelecer commercio com os Mouros, passando além do Cabo de *Gué*, trouxera a Lisboa o primeiro *leão*, que veio d'Africa.

ANNO DE 1449

Soeiro Mendes foi n'este anno de 1449 lançar os fundamentos ao castello de Arguim, de que ficou sendo capitão, ou governador. Foi o primeiro castello, que levantamos n'aquellas conquistas, para segurança do commercio e da navegação.

AÇORES

A este anno se attribue com grande probabilidade o descobrimento da Ilha *Terceira*, que no anno seguinte de 1450 se dizia *ter sido descoberta pouco tempo antes*. O nome que se lhe deu ao principio foi o de *Ilha de Jesus-Christo*; mas pelo tempo adiante tomou, e hoje conserva, o de *Terceira*, que parece allusivo á ordem do descobrimento.

A capitania d'esta Ilha foi dada pelo Infante em 1450 a Jacomo de Bruges, cavalleiro flamengo, que tendo vindo para Portugal, entrou no serviço do Infante, e casou com uma dama da Infanta D. Brites. Elle a povoou com alguns

casas que levou do reino, e da Madeira, e assim começou a sua cultura.

A este Jacomo de Bruges, e a este mesmo anno de 1449 se attribue tambem o descobrimento da Ilha de *S. Jorge*, que se julga ser a quarta que se descobriu no archipelago dos *Açores*, posto que alguns dão a preferencia do descobrimento á *Graciosa*.

A do Corvo, é fóra de dúvida que estava descoberta em 1453, porque n'esse anno a doou El-Rei D. Affonso v ao duque de Bragança por Carta de 20 de Janeiro, dada em Evora. E parece verosimil, que ao mesmo tempo se descobriu a das *Flores*, situada a tão pequena distancia.

Das duas que restam, e pertencem a este archipelago, chamadas do *Fajal* e do *Pico*, não temos noticia exacta de quando fossem descobertas; mas parece provavel que o seriam dentro do periodo em que foram achadas todas as mais.

NOTA

N'este proprio anno em que estamos, de 1449, succedeu a fatal catastrophe de *Alfarrobeira*, em que perdeu a vida o illustre e infeliz Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, irmão do nosso Infante D. Henrique. É natural que os desgostos, de que foi acompanhado, e seguido, este infausto successo, causassem alguma interrupção no progresso dos descobrimentos, maiormente attendendo-se á idade já adiantada do Infante, aos seus assiduos e incessantes trabalhos, e aos muitos e variados objectos que dividiam, e demandavam a sua attenção; já para os estabelecimentos do commercio, já para a colonisação, povoação e cultura das Ilhas novamente descobertas, já para o seu bom governo e administração, etc.

ANNO DE 1458

Em 1458 conquistou El-Rei D. Affonso v a praça de *Alcacer-ceguer*, na Mauritania Tingitana, levando a esta facção uma armada de mais de 200 baixeis de todos os portos.

Em consequencia d'esta conquista tomou logo o dictado de REI DE PORTUGAL E DO ALGARVE, SENHOR DE CEUTA, E DE ALCACER EM AFRICA. (*Dissert. Chron. e Crit.* tom. II, paginas 207.

ANNO DE 1460

N'este anno, a 13 de Novembro, falleceu o inclito, immortal Infante D. Henrique auctor d'estes descobrimentos, na sua *Villa nova do Infante*, por elle mesmo fundada no promontorio de *Sagres*, aonde fizera sua ordinaria habitação.

Alguns escriptores, e entre elles João de Barros, alargaram a vida d'este grande Principe até ao anno de 1463, mas com manifesta equivocação, como se poderia provar (se necessario fosse) por documentos authenticos. Bastará porém lembrar aqui sómente a doação, que El-Rei D. Affonso v fez a seu irmão o Infante D. Fernando, de varias Ilhas, que tinham sido de D. Henrique, a qual doação o suppõe já fallecido, e é datada de 3 de Dezembro de 1460, como adiante notaremos.

Além dos grandes serviços, que o Infante D. Henrique fez á Corôa de Portugal, principalmente na expugnação de Ceuta, e nas guerras de Africa, trabalhou incessantemente

e com admiravel perseverança, por mais de 40 annos continuos, na grande e gloriosa empreza dos descobrimentos maritimos, deixando descoberta em seu tempo toda a costa occidental de Africa desde o cabo *Bojador* em 26° e 23', quasi até *Serra Leôa* em 8° septemtr., e além d'isso as muitas Ilhas, que deixamos referidas, cuja povoação, cultura, e cominercio fundou, e promoveu com grande intelligencia, e com incriveis despezas da sua fazenda.

Fundou tambem a Escola mathematica, cosmographica e nautica de Sagres, aonde se faziam as *observações* astronomicas uteis e applicaveis á navegação; se projectavam *cartas* hydrograficas; se fabricavam *instrumentos* proprios para observar o sol e os astros; se trabalhava em aperfeiçoar a construcção naval, etc.: e d'onde saíram os habéis navegadores portuguezes, que n'este e no seguinte seculo admiraram a Europa, e levaram o nome portuguez até ás mais remotas extremidades do mundo.

É muito para sentir, que os nossos antigos nos não conservassem escripto algum, d'este grande Principe, nem os commentarios, que necessariamente havia de fazer, ácerca do resultado de seus utilissimos trabalhos, e sabias fadigas.

O elegante chronista dominicano Fr. Luiz de Sousa, diz que vira em Valença de Aragão *um livro dos descobrimentos do Infante D. Henrique, que parecia ser obra sua*, mandado pelo Infante a um Rei de Napoles, d'onde passára ao poder do Duque de Calabria, ultimo descendente da linha masculina d'aquelles Principes, e Vice-Rei de Valença de Aragão. *Na portada* (continua ainda o chronista) *se viam debuxadas umas pyramides, e a conhecida letra do Infante* TALENT DE BIEN FAIRE, letra que este heroico Principe tão completamente desempenhou. Esta preciosa obra perdeu-se como muitas outras, que serviriam para illustrar as épocas de nossos primeiros descobrimentos, firmar, e augmentar

a gloria da Nação, e arguir o affectado e ingrato silencio dos estrangeiros.

Apesar d'isso não se poderá jámais negar, que todas as *vantagens procedidas do descobrimento de uma boa parte de Africa, e das Indias Oriental e Occidental, e todas as que d'ellas se derivarem até ao fim dos seculos*, hem como os progressos da geographia, das sciencias, e das artes, e em fim o estado actual da civilisação europêa se deve em grande parte ao genio d'este principe, e á sua infatigavel diligencia e constancia.

SEGUNDO PERIODO

DESDE O ANNO DE 1460 ATÉ AO DE 1495

Comprehende o resto do reinado d'El-Rei D. Affonso V desde o fallecimento do Infante D. Henrique e todo o reinado d'El-Rei D. João II

REINADO DE EL-REI D. AFFONSO V

ATÉ AO ANNO DE 1481

ANNO DE 1460

No anno de 1460, a 3 de Dezembro, estando El-Rei D. Affonso v em Evora, fez doação a seu irmão o Infante D. Fernando, para elle, e para o seu filho maior barão, de varias ilhas *para as possuir (diz El-Rei) do mesmo modo, como as de nós havia o Infante D. Henrique meu Tio, que Deus haja.*

Fazemos aqui lembrança d'este documento, para noticia das ilhas, que n'elle vem expressamente nomeadas, e são pela ordem do texto, as seguintes:

- | | |
|------------------|-------------------|
| 1 Madeira. | 10 Graciosa. |
| 2 Porto Santo. | 11 S. Miguel. |
| 3 Dezerta. | 12 Santa Maria. |
| 4 S. Luiz. | 13 S. Jacobe. |
| 5 S. Diniz. | 14 S. Filippe. |
| 6 S. Jorge. | 15 De las Mayaes. |
| 7 S. Thomaz. | 16 S. Christovão. |
| 8 Santa Eyrêa. | 17 Ilha Lana. |
| 9 Jesus-Christo. | |

Aqui achamos as tres Ilhas primeiro descobertas, *Madeira, Porto Santo e Dezerta.*

Aqui achamos *cinco* das do archipelago dos Açores, *S. Jorge, Jesus-Christo, Graciosa, S. Miguel e Santa Maria.*

Aqui achamos *quatro* das de Cabo Verde, a saber; *S. Jacobe, S. Filippe, das Mayaes, (de Maio) e S. Christovão (ou do Sal.)*

E achamos finalmente algumas outras, cuja situação não temos podido averiguar, como são: *S. Luiz (que pode ser a do Senegal), S. Diniz, S. Thomaz, Santa Eyrêa, e Ilha Lana.*

(Veja-se o documento que citamos, no tom. I das *Prov. da hist. genealog. da casa real portugueza.*)

ANNO DE 1460 OU 1461

Depois da morte do Infante D. Henrique, despachou El-Rei D. Affonso v a Pedro de Cintra, dando-lhe por regimento correr a *costa dos negros* e descobrir novas terras.

O primeiro descobrimento d'este navegador foi o *Rio de Bessegue*, 40 milhas do *Rio Grande* por costa.

D'ahi a mais 140 milhas descobriu o Cabo, que se chamou da *Verga*.

D'ahi a 80 milhas descobriu outro cabo muito alto, e coberto de arvores viçosas, a que deu o nome de *Cabo de Sagres de Guiné*.

Defronte d'este cabo ao mar descobriu duas Ilhas, deshabitadas, e sem nome.

Do mesmo cabo a 40 milhas descobriu o rio, que se chamou de *S. Vicente*; e mais adiante 5 milhas o rio que se denominou *Rio Verde*.

A 24 milhas do *Rio Verde* achou o cabo a que deu o nome de *Cabo ledo* por ser mui viçoso.

Por esta costa se estende em longura de mais de 50 milhas uma altissima montanha cheia de verde e copado arvoredado, a que se deu o nome de *Serra Leóa*, pelo grande rugido, que continuamente fazem as trovoadas, de que está cercado o seu cume.

Defronte da extremidade meridional d'esta serra estavam tres ilhotas, que os navegantes denominaram *Selvagens*.

A 30 milhas adiante da ponta da montanha descobriram o *Rio Vermelho* (ou roxo), a que deram este nome, porque a sua agua, correndo por terreno avermelhado, mostrava a mesma côr.

Alem d'este rio está um Cabo, que tambem denominaram *vermelho*; e defronte d'elle ao mar uma ilhota deshabitada que egualmente ficou com o nome de *Iha vermelha*.

Passado o Cabo vermelho descobriram um rio grande, que chamaram de *Santa Maria das Neves*, por o avistarem a 5 de Agosto.

Além d'este rio está uma ponta, e defronte d'ella a *Ilha* que chamaram dos *Bancos*, pelos muitos que alli faz a arêa.

Além d'esta Ilha descobriram um cabo grande que chamaram *Cabo de Santa Anna*, por o avistarem a 30 de Julho.

Do Cabo de Santa Anna a 60 milhas, descobriram um rio, a que deram o nome das *Palmas*, por haver alli muitas.

Navegando ainda outras 60 milhas, acharam o rio, a que pozeram o nome dos *Fumos*, por verem muitos na costa quando alli passaram.

Mais adiante 24 milhas descobriram o *Cabo do Monte*, assim denominado porque o cabo entrando muito ao mar mostra um elevado monte.

D'ahi a 60 milhas acharam outro cabo, e outro monte mais pequeno, a que por isso chamaram *Cabo Mesurado*.

Navegando ainda mais 16 milhas notaram um bosque grande com arvores mui verdes que vinham até ao mar, e lhe chamaram o *Bosque de Santa Maria*.

D'aqui voltou Pedro de Cintra ao reino, trazendo da ultima terra um negro, conforme a ordem d'El-Rei, que depois o mandou restituir ao seu paiz.

A Relação d'esta viagem foi escripta por Cadamosto, e d'ella se vê:

1.º Que Pedro de Cintra, passando além dos ultimos descobrimentos, explorou mais de 629 milhas de costa para o Sul.

2.º Que a sua viagem foi executada logo depois da morte do Infante D. Henrique, e provavelmente no anno de 1461, ou quando mais tarde em 1462, porque Cadamosto, concluindo a narração diz: «E d'este ultimo logar (que era o «Bosque, ou Matta de Santa Maria) não tinha passado navio algum até á minha partida de Hespanha, que foi no «primeiro dia do mez de Fevereiro de 1463.»

(Vej. *Navegação do Capitão Pedro de Cintra* escripta por Cadamosto, impressa na collecção de noticias para a *Hist. e geograf. das nações ultramarinas*, da Academia R. das Scienc. de Lisboa, tom. II, n.º 4.

ANNO DE 1469

N'este anno de 1469 mandou El-Rei arrendar o commercio da costa d'Africa a Fernam Gomes por cinco annos, e por 500 cruzados em cada anno, ficando reservado para a Corôa o marfim, e impondo-se ao arrendatario a obrigação de descobrir cada anno *cem leguas de costa*.

Fernam Gomes encarregou o descobrimento a João de Santarem, e Pedro de Escobar, creados d'El-Rei, os quaes partiram em dois navios, levando um d'elles por piloto Martim Fernandes de Lisboa, e outro Alvaro Esteves de Lagos, *um dos homens mais entendidos e acreditados em sua arte por aquelles tempos*.

Estes navegantes descobriram o resgate do ouro, a que chamaram a *Mina*, e dizem alguns escriptores, que chegaram ao Cabo de Santa Catharina, que os nossos antigos punham a 2º da lat. austr. Outros porém dizem que o cabo fôra descoberto por um N. Sequeira, um pouco mais tarde em 1471.

Fernam Gomes, por conta do qual se faziam estes descobrimentos, teve depois o appellido da *Mina*, e por armas *um escudo em campo de prata, com tres meios corpos de Ethiopes, ornados de collares de ouro ao pescoço, e arrecadas nas orelhas e narizes*. Estimavam então os Portuguezes este genero de premios, com que os principes honravam e perpetuavam o seu nome, e a memoria de seus serviços, e por isso eram tão frequentes entre elles as acções generosas, grandes, e uteis.

ANNOS DE 1469 E 1471

Parece que a algum d'estes annos, com pouca differença, se deve referir o descobrimento do *Cabo*, que do nome do seu descobridor se chamou de *Lopo Gonçalves*, o qual fica ao norte do de *Santa Catherina*, a pouco menos de 1.^o austr., á boca do rio *Gabam*.

Tambem alguns põem no anno de 1469, e outros em 1471 o descobrimento da Ilha, que se chamou *Formosa*, no golfo de Guiné, e que depois tomou o nome de *Ilha de Fernando Pó*, que foi o seu descobridor.

Finalmente as outras ilhas do *Corisco*, *Anno bom*, *S. Thomé e Príncipe*, parece natural terem sido descobertas pelos mesmos tempos, visto serem situadas n'aquelles mares, tão frequentados então dos navegantes portuguezes. É certo porém, que todas foram achadas em tempo de D. Affonso v.

N. B. As duas ilhas de *Fernando Pó* e *Anno bom*, foram cedidas a Castella pelo Art.^o 43.^o da Convenção ou Tractado de 11 de Março de 1778, e parece que o Gabinete de Madrid tinha em vista, por este meio, livrar-se da dependencia dos estrangeiros, que, por os castelhanos não terem possessão alguma na Costa d'Africa, eram os que forneciam de negros as colonias hespanholas da America.

ANNO DE 1471

N'este anno conquistou El-Rei D. Affonso v *Arzilla* e *Tanger* na Mauritania, levando a esta expedição mais de 300 vasos de todos os portes, e cousa de 30:000 homens de guerra, e marinagem.

Depois d'estas conquistas alterou El-Rei o seu dictado, e se intitulou: —REI DE PORTUGAL E DOS ALGARVES D'AQUEM E D'ALEM MAR EM AFRICA.¹

Este Principe entretido nas conquistas da Mauritania, e embarçado depois com a mal fadada guerra de Castella, e com os outros pouco felizes successos que d'ella se originaram, não adiantou mais os descobrimentos. Os nossos escriptores dizem uniformemente que no seu tempo se não passou do *Cabo de Santa Catharina*.

El-Rei falleceu em 1481, e em seu lugar subiu ao throno seu filho, D. João II, cujo reinado se pôde reputar como uma das épocas mais gloriosas dos nossos descobrimentos, e sem dúvida a mais gloriosa d'este *periodo*.

¹ V. as *Dissert. Chronol. e Criticas* do sr. João Pedro Ribeiro, aonde trata dos *Titulos ou dictados dos Soberanos de Portugal*, tom. II. pag. 207, e Ruy de Pina, ahi citado, *Chronica de El-Rei D. Affonso V*, cap. 167.

REINADO DE EL-REI D. JOÃO II

DESDE 1481 ATÉ OUTUBRO DE 1495

ANNOS DE 1481 E 1482

El-Rei D. João II (denominado com rasão pelos Portuguezes o PRINCIPE PERFEITO) concebeu toda a extensão, e grandeza das idéas e projectos de seu Tio, o immortal Infante D. Henrique, e conheceu a fundo as grandes vantagens, que Portugal, e o mundo inteiro havia de tirar da sua execução. Assim, foi este um dos principaes cuidados e empenhos do seu saudoso, posto que infelizmente pouco dilatado, governo.

Logo no anno de 1481, em que subiu ao throno, mandou á costa d'Africa Diogo de Azambuja, commendador do Castello de Vide na Ordem de Aviz: o qual sahindo de Portugal em 12 de Dezemhro com 10 caravellas e 2 urcas, aportou em *Guiné* a 19 de Janeiro do anno seguinte de 1482.

Saiu em terra a 20, e começou logo a levantar o Castello, que El-Rei quiz se denominasse de *S. Jorge da Mina*, cujos materiaes iam aparelhados de Portugal.

Em roda d'este castello se ajuntou logo uma povoação notavel, a que El-Rei deu o nome e foro de cidade, por Carta de 15 de Março de 1486.

Azambuja assentou paz e commercio com *Casamanza*, Rei d'aquella costa, e tentou (posto que sem effeito) persuadil-o a abraçar o christianismo.

(GARCIA DE REZENDE. — *Chron. de El-Rei D. João II.*)

Atrahir a Portugal o commercio da Asia era empreza mais difficil, e que exigia vastos preliminares. Antes da tomada de Constantinopla por Mahomet II em 1453, as ricas drogas do Oriente eram conduzidas áquella capital, e os navios de Veneza, de Genova, e de outras republicas italianas as transportavam aos portos do Mediterraneo. Depois d'aquella conquista que produziu uma total revolução nas relações politicas e mercantis da Europa, buscou o commercio da Asia nova direcção, e entrando pelo mar rôxo no Egypto, concentrou em Alexandria o seu principal deposito, de que os Feitores de Veneza se apoderaram, á sombra de um Tratado feito com o Sultão d'aquelle Estado. Este monopolio das riquezas do Oriente, deu aos venezianos um grande trafico e poderio maritimo.

Era visivel que, se os portuguezes descobrissem uma facil communicação por mar com a Asia, e alli fizessem bons estabelecimentos nos pontos mais convenientes, todas aquellas riquezas reverteriam para as suas mãos, e Portugal viria a ser o centro do commercio não só da Europa, mas de todo o mundo, como se verificou no seculo seguinte.

Duas cousas pareciam necessarias para pôr em execução este vasto plano: adquirir noções mais exactas sobre a Hydrographia do Oriente, de que quasi nada se sabia, e aperfeiçoar a construcção naval e a sciencia nautica, de que dependia a segurança de viagens tão remotas por mares desconhecidos.

Para vencer o primeiro obstaculo, mandou El-Rei por terra á India no anno de 1487 a Pedro da Covilhã e Affonso de Paiva, homens intelligentes capazes de observar e d'explicar o que vissem, os quaes visitaram os principaes portos do Oriente que serviam de escalas ao commercio, mas as noticias que por este meio se obtiveram, tarde chegaram, e não abriram aos portuguezes o caminho da India: outros principios produziram esse feliz resultado.

A astronomia e a geographia vieram em socorro da arte nautica e destruíram o segundo e maior obstaculo. Achava-se n'este tempo em Lisboa o artronomo Martim *Bohemus*, digno discipulo do celebre João Muller, com o qual os Mestres Rodrigo, e José, ambos medicos de El-Rei, e o Bispo Diogo Ortiz, e o Licenciado Calçadilha, Bispo de Vizeu, formou El-Rei uma Junta de Mathematicos, cujas sessões se faziam em casa de Pedro de Alcaçova. Parece que aos trabalhos d'estes sabios se deveu a invenção do Astrolabio, o melhoramento da Bussola, e as cartas maritimo-planas (já inventadas na escola de Sagres) e a invenção ou aperfeiçoamento de novas taboas das declinações dos astros.

Estes conhecimentos nauticos, vulgarisados entre os navegantes portuguezes, os habilitaram para emprehenderem quaesquer viagens affastando-se da rotina antiga que era apenas sufficiente para descobrir a costa da Africa Occidental. Agora porém que os navegantes tinham instrumentos e principios scientificos para determinarem cada dia a pssição dos navios no alto mar, e dirigil-os para um ponto

qualquer, podiam rodear toda a Africa até descobrir alguma passagem para a India.

Trabalhou-se igualmente em melhorar a architectura naval: construíram-se navios mais fortes, com mastreação mais bem entendida, e com maior porão para receberem viveres e aguada sufficientes a uma longa viagem.

Nos ultimos annos de sua vida mandou El-Rei construir uma não de mil toneladas, a maior que até allí se tinha visto, tão forte de costado, que as balas a não podiam passar, a qual fez uma só viagem com outros navios ao Mediterraneo.

(QUINTELLA — *Annaes.*)

ANNO DE 1485

N'este anno despachou El-Rei a Diogo Cam aos descobrimentos da costa d' Africa, aonde já tinha ido outra vez de seu mandado, no anno anterior de 1484, ou pouco antes.

O illustre navegador chegou na primeira viagem aos 13° lat. aust., descobriu o grande rio *Zaire*, e o reino de *Congo*, e collocou n'essa paragem um dos padrões que para isso levava preparados.

Na segunda viagem adiantou até os 22° austr. e collocou segundo padrão não longe do *Cabo Negro*.

Os padrões eram delineados por El-Rei. Constava cada um de uma columna de pedra com 14 ou 15 palmos de altura, e em cima d'ella uma cruz: tinha esculpidas as armas de Portugal, e dois letreiros, um em lingua portugueza, e outro em latim, nos quaes se declarava o nome

d'El-Rei, a data do descobrimento, e o Capitão que o fizera, e alli collocara aquelle padrão.

Diogo Cam e os Portuguezes que o acompanhavam, e com elle sahiram em terra no *Congo*, houveram-se de tal modo com o Rei que governava aquellas terras, que elle não só ficou inclinado a favorecer a religião christã, mas tambem quiz que logo viessem a Portugal alguns dos seus para se instruirem, e doutrinarem na lingua, nos costumes, e nas artes dos Portuguezes; e pedia a El-Rei, que lhe mandasse ministros da religião, officiaes de algumas artes mecanicas, lavradores que lá ensinassem a amansar os bois, e a cultivar, e aproveitar as terras, mulheres que ensinassem a arte de amassar, e fabricar o pão, etc.

Os moços Conguezes, que o Rei mandou, chegaram a Portugal, e estiveram a aprender as primeiras letras na casa de Santo Eloy até Dezembro de 1490, em que voltaram ao *Congo*, indo juntamente alguns religiosos, varios officiaes para a construcção de uma igreja, e para os exercicios de algumas artes, muitos ornamentos, e vasos sagrados, livros, etc.

Esta missão chegou ao Congo a 29 de Março de 1491. O Rei, a Rainha, e muitos dos grandes, e povo receberam o baptismo. Lançaram-se os fundamentos á igreja a 6 de Maio de 1491. Um dos negros que tinha vindo a Portugal começou logo a ensinar a lèr, e escrever, etc. Finalmente a armada portugueza voltou ao reino em 1492, ficando lá muitos Portuguezes, uns para o tracto do commercio, e para a defensão da fortaleza, que se levantára no paiz, e outros destinados particularmente por El-Rei para descobrirem o interior das terras; passarem, se possivel fosse, até ao *Preste João* (de que aqui parecia terem-se achado novos indicios); indagarem os caminhos d'aquelle imperio, etc.

Por estes tempos, ou pouco depois, accrescentou El-Rei

ao seu dictado o de *Senhor de Guiné*, intitulado-se — REI DE PORTUGAL E DOS ALGARVES D'AQUEM E D'ALEM MAR EM AFRICA, SENHOR DE GUINÉ.

(Veja-se a respeito d'este *Titulo* ou *Dictado*, o que diz o sr. João Pedro Ribeiro, nas *Dissert. Chronol. e Criticas*, tom. II, pag. 207.)

O embaixador do Congo que Diogo Cam conduziu a Portugal em 1489, recebeu o baptismo e os da sua comitiva, com grande solemnidade em Beja, com o nome de D. João de Sousa. Achando-se todos bem doutrinados nos mysterios da Fé Catholica, determinou El-Rei restituil-os á sua patria, e nomeou Gonçalo de Sousa, fidalgo de sua casa, por seu embaixador, e commandante de uma pequena esquadra de tres navios bem armados, nos quaes se embarcaram alem do embaixador do Congo, muitos Religiosos destinados a instruir aquelles povos, levando todos os ornamentos e mais cousas necessarias para a fundação de uma Igreja Cathedral. Conduzia tambem Gonçalo de Sousa um rico e magnifico presente ao Rei do Congo e aos principes de sua casa.

Os commandantes dos outros dois navios eram Fernando d'Avellar e Affonso de Moura, e pilotos Pedro de Aiemquer e Pedro de Escobar.

A esquadra partiu de Lisboa a 19 de Dezembro de 1490, e proximo ás ilhas de Cabo Verde falleceram de peste Gonçalo de Sousa, o embaixador do Congo D. João de Sousa, o escrivão da esquadra, e outras pessoas, o que causou grande terror e consternação, e assim arribaram á ilha de S. Thiago, onde foi eleito commandante da esquadra Ruy

de Sôusa, primo ou sobrinho de Gonçalo de Sousa, que ia por passageiro.

Continuando a viagem, depois de muitos perigos e trabalhos chegaram a 29 de Março de 1491 a uma bahia que fica por detraz da ponta do Padrão no rio Zaire. Era senhor d'esta provincia um principe chamado Mani-Sono, tio e vassallo do Rei do Congo, o qual acompanhado de tres mil frecheiros veiu logo visitar os portuguezes com grandes festas e contentamento. Ruy de Sousa o recebeu na praia, á frente da melhor gente da sua esquadra, e achou n'elle tal desejo de ser christão, antes que seu sobrinho o fosse, que a 3 de Abril que era dia de Paschoa, foi baptisado e um seu filho, ainda menino, em uma igreja de madeira tosca, que para esse effeito se construiu e adornou do melhor modo possivel, tomando elle o nome de D. Manoel, e seu filho o de D. Antonio.

Concluidas estas cousas marchou Ruy de Sousa por terra, para a Côrte do Congo, distante 50 leguas, escoltado por muitos centos de negros, bem armados, e outros para conduzirem as bagagens, achando por toda a parte abundancia de viveres.

Entrou em Congo a 29 de Abril sendo recebido com a maior pompa e aparato. Começou-se a edificar a primeira igreja (depois cathedral com bispo natural do paiz) no dia 3 de Maio, e concluiu-se no 4.º de Junho. O Rei quiz ser baptisado no mesmo dia 3 de Maio, com o nome de D. João, a rainha com o de D. Leonor, e com elles se baptisaram os seis principaes Grandes da sua côrte.

Depois d'estes baptismos, partiu o rei com numerosa força a subjugar umas ilhas nas nascentes do Zaire, que se lhe haviam rebellado. Os portuguezes o auxiliaram n'esta campanha em que houve combates sanguinolentos e terminou a guerra pela sugeição do chefe dos rebeldes que se rendeu á discricção.

A esquadra voltou para Portugal havendo perdido alguma gente n'aquella trabalhosa expedição.

(QUINTELLA. — *Annaes.*)

ANNO DE 1486

No anno de 1486 descobriu João Affonso de Aveiro o reino, e terras de *Benin*, subindo pelo rio *Formoso*. D'ahi veio a primeira *pimenta de Guiné*, que sendo levada pelos Portuguezes a Flandres, foi muito bem acolhida, e estimada no commercio.

Os governadores e habitantes de *Azamor* na Mauritania, se mandaram submeter á obediencia d'El-Rei de Portugal, obrigando-se a um tributo annual.

ANNO DE 1486

N'este mesmo anno de 1486 sahiu do Tejo a fausta e feliz expedição mandada ao descobrimento do grande cabo que termina a Africa ao Sul, arrumado por alguns dos nossos antigos em 35°, e por outros em 34° e 30' lat. austr. Da qual expedição diz um moderno geographo estrangeiro, que foi *a mais delicada e a mais difficil que se tem tentado nos tempos modernos.*

Encarregou o grande Rei D. João II esta tão importante, como arriscada empreza a Bartholomeu Dias, em cuja companhia foram seu irmão Pedro Dias, e Lopo Infante (que alguns chamam João Infante) cada um em seu navio.

Correram os illustres e ousados navegadores a costa occidental desde o *Cabo Negro*, aonde tinha chegado Diogo Cam, (como ha pouco dissemos) para o Sul.

Aos 24^o assentaram o padrão *Santiago* no lugar chamado *Serra Parda*.

A 29^o descobriram a *Angra das Voltas*, assim denominada das muitas voltas que os navegantes andaram dando n'essa paragem por espaço de cinco dias.

Apartados d'este logar navegaram ao Sul treze dias: e como começassem a sentir grandes frios, e tivessem já corrido por tanto tempo n'aquelle rumo, mandou Bartholomeu Dias demandar a terra pelo rumo de Leste, cuidando que a costa ainda alli correria Norte-Sul.

Passados dias, e não se encontrando terra, mandou velejar ao Norte, e n'esta direcção foi ter á *Angra dos Vaqueiros*, a que deu este nome pelos que ahi viram pastoreando seus gados. Já os navegantes estavam *além do grande cabo*, que iam buscando, e que muito por largo tinham rodeado sem o avistarem.

Correndo ainda ávante pela costa na mesma direcção, chegaram a um ilhéu, que dominaram da *Cruz*, pelo padrão que n'elle collocaram, a 33^o e 45' austr.

Bartholomeu Dias mandou ainda navegar ávante, obra de 25 leguas, e chegaram com effeito ao *Rio do Infante*, a que deram este nome do appellido de um dos navegadores. Os nossos antigos marinheiros arrumavam este rio em 32^o e 20' austr.

N'esta paragem foi Bartholomeu Dias obrigado (com grande magoa sua) a retroceder, por a isso o forçarem os clamores da gente dos navios.

Retrocedeu com effeito, avistou o grande cabo, a que chamou das *Tormentas*, pelas que n'elle experimentára, e ahí collocou o padrão *S. Philippe*.

Entrou finalmente em Portugal em Dezembro de 1487, havendo 16 mezes e 17 dias que tinha sahido.

Dando conta da sua viagem a El-Rei, este grande principe, com admiravel penetração de espirito, quasi presagiando o futuro, quiz que o *Cabo* se chamasse da *Boa Esperança*, nome que conserva até ao dia de hoje; e que será em todas as idades, para o Monarcha Portuguez, e para toda a Nação, um titulo incontestavel de gloria, superior ao despeito, ao baixo ciume, e á inveja dos estrangeiros.

ANNO DE 1487

Quando El-Rei D. João II mandava por mar descobrir o *Cabo da Boa Esperança*, despachava tambem por terra, e por differentes vias, varios descobridores, que tentassem chegar á India, penetrar até os estados do *Preste João*, indagar a possibilidade de navegar para aquellas partes, examinar os caminhos por onde vinham as especiarias, e drogas orientaes, informar-se de alguma passagem pelo interior da Africa para a costa oriental, etc.

Entre estes viajantes descobridores são dignos de especial memoria os dois, João Peres da Covilhã, e Affonso de Paiva.

Pelo mesmo tempo, e annos seguintes entretinha El-Rei correspondencia com alguns principes e senhores de Africa, e mandava estabelecer feitoria portugueza em *Huadem*.

Entre os descobridores, que foram ao interior, e viram *reinos e gentes até então desconhecidas*, ficaram em lembrança da Historia os nomes de Pedro de Evora, e Gonçalo Annes, mandados a *Tucuroi*, e *Tombucutu*; Rodrigo Rebello, Pedro Reynel, e João Collaço a *Mandimanza*, a *Tamala dos Fulos*, ao *Rei de Songo* e *dos Moses*, etc.

Em uma nota particular ajuntaremos as noticias que se conservam nos escriptores, ácerca d'estas viagens.

ANNOS DE 1487 E 1488

No mesmo anno de 1487, estando alguns Portuguezes na foz do *Sanagá* (Senegal) por elles mandou *Bemphi*, Rei negro de Gelofo, embaixada a El-Rei, com um rico presente, de que faziam parte *cem escravos negros*.

No anno seguinte de 1488 veiu o mesmo Principe em pessoa a Portugal, implorar o auxilio de El-Rei D. João II contra alguns seus vassallos rebeldes. Em Lisboa recebeu o baptismo, elle e outros senhores, que o acompanhavam; e quando quiz voltar á Africa, mandou El-Rei uma frota, que o escoltasse, auxiliasse, e restituísse aos seus estados, e n'ella ecclesiasticos, que ensinassem e prégassem o evangelho, e a doutrina christã; obreiros que edificassem um templo, etc. E ordenou ao mesmo tempo, que na foz do *Sanagá* se levantasse uma fortaleza, por ser informado, que este rio passava por *Tambucutum* e *Mombárce*, que eram as maiores feiras do interior, de que toda a Barberia de levante e poente se provia e abastecia.

Como El-Rei tinha em diversas partes do levante pessoas encarregadas de o informarem, e avisarem de tudo

quanto podesse ser conducente á execução das suas vastas idéas, o S. P. Innocencio viii lhe enviou por estes annos um Sacerdote Ethiope, recém-chegado da Ethiopia, e residente no Collegio de Santo Estevão dos Indianos em Roma, para dar informação a El-Rei das cousas do Preste João, de que tanto desejava noticias. Este Sacerdote se chamava Lucas Marcos, e tinha vindo a Roma de mandado do Imperador da Ethiopia sobre o Egypto, isto é, do proprio principe a quem se applicava o nome de *Preste João*. El-Rei o recebeu e acolheu com grande prazer, e depois de haver d'elle muito importantes noticias, o despediu contente, e lhe deu cartas suas para o Imperador.

ANNO DE 1490

Em 1490 chegou João Peres da Covilhã (v. anno de 1437) á côrte da Abyssinia, sendo imperador *Escander* (Alexandre) a quem entregou as cartas de El-Rei de Portugal.

El-Rei, logo que teve noticias certas d'aquellas partes, começou a preparar uma armada para ir ao descobrimento da India; ordenou o Regimento por que ella havia de governar-se, e designou para Capitão-mór da expedição o grande Vasco da Gama, como refere o seu chronista Garcia de Resende. A morte prevenio este principe no meio de seus gloriosos trabalhos, e o descobrimento ficou reservado para o seu successor.

No mesmo anno foram expugnadas na Mauritania as villas de *Targa* e *Camice*.

ANNO DE 1491

A este anno, e aos nove seguintes, até o de 1500, se devem referir as grandes viagens do Dr. Martim Lopes, jurisconsulto, philosopho e medico, pelas terras do Norte da Europa, até aos confins d'esta parte do mundo, aonde confronta com a Asia. D'estas viagens dá elle mesmo succinta noticia a El-Rei D. Manuel em carta que lhe escreveu de Roma no 1.º de Fevereiro de 1500, e de que existe original no Archivo da Torre do Tombo, Corp. Chronologico, Part. 1.ª, maço n.º 3, Docum. 5.º

ANNO DE 1490

ANNO DE 1493

N'este anno aportou a Lisboa Christovão Colombo, já de volta do seu primeiro descobrimento, a que fôra debaixo dos auspicios dos Reis Catholicos.

Foi opinião mui corrente entre os nossos antigos, e referida por muitos escriptores nacionaes e estrangeiros, que o primeiro descobrimento do *Novo Mundo* fôra feito por um piloto portuguez, arrojado pelo temporal até ás terras occidentaes, o qual communicára a Colombo as suas cartas, notas e derrota.

Pareceu-nos pois que esta memoria se devia aqui conservar tal como a recebemos dos antigos, sem comtudo ser nosso animo roubar ao navegador Genovez a sua glo-

ria, ou diminuir um só ponto da honrosa fama, e nome illustre, que tão justamente adquiriu, e a historia lhe conserva.

No mesmo anno de 1493 mandou El-Rei povoar a Ilha de *S. Thomé*, dando a capitania d'ella de juro e herdade a Alvaro de Caminha, cavalleiro da sua casa.

ANNO DE 1494

A 7 de Junho d'este anno se assignou o celebre *Tratado de Tordesilhas* entre El-Rei de Portugal, e os Reis Catholicos, pelo qual se ajustou, que contando 370 leguas desde as Ilhas de *Cabo verde* para occidente, e tirando por esse ponto uma linha imaginaria, que passasse pelos pólos da terra, e dividisse o globo em dois hemispherios, ficasse o occidental pertencendo aos Reis Catholicos, e o oriental aos Portuguezes, para n'elles continuarem livremente os seus descobrimentos.

ANNO DE 1495

A 25 de Outubro d'este anno de 1495 falleceu El-Rei D. João II com o que terminamos o segundo periodo do Indice dos nossos descobrimentos.

Não é aqui logar proprio para fazer o elogio d'este so-

berano, a quem os portuguezes, mui avisadamente, denominaram o *Grande*, e deram a qualificação de PRINCEPE PERFEITO. Lembraremos tão sómente pelo que toca ao nosso assumpto :

Que em seu tempo se descobriu toda a costa occidental de Africa desde o *Cabo de Santa Catharina* para o Sul ; se dobrou o grande *Cabo da Boa Esperança*, e se passou ainda além d'elle até ao rio do Infante.

Que no seu reinado se fundou o castello e cidade de *S. Jorge da Mina*, e se lançaram os primeiros fundamentos aos estabelecimentos do *Congo*, plantando-se alli a Religião Catholica, que depois foi em tanto crescimento, e introduzindo-se n'aquelles barbaros paizes as artes, os officios, e uma parte da civilisação europea.

Que este grande Rei não poupou diligencias algumas, nem despezas, para obter por meio de viagens terrestres o conhecimento dos paizes orientaes, e das terras do interior da Africa, deixando por este modo ao seu successor as informações, e planos que tão uteis lhe foram para o progresso de nossas empresas.

Que no tempo d'este principe, por sua ordem, e com auxilio de suas proprias luzes e instrucção, os dois Astronomos Portuguezes Mestre Rodrigo, e Mestre José Hebreu, e o outro tambem habil Astronomo Martim Behaim conseguiram melhorar o instrumento nautico, de que usam os navegantes para tomar a altura do sol, com o que se facilitou muito a navegação pelo alto mar, e puderam os navios desviar-se das costas, que até então seguiam com grandes delongas e inconvenientes.

Que elle mesmo, com a grande intelligencia que tinha em todos os officios, e em particular nas artilherias, (como se explica Rezende) achou e inventou o modo de trazer mui grossas bombardas em pequenas caravellas, cousa até então desconhecida, conseguindo com isto defender as cos-

tas, e a navegação dos seus navios com menos despeza, e mais segurança.

Que foi elle o primeiro que poz no mar uma não de mil toneladas, a maior, mais forte, e bem acabada, que até áquelle tempo se havia construido, armada de grossas bombardas, e outras artilherias, «e de tão forte, e basta liança e tão grosso taboado, que a artilheria a não podia passar.» (Rezende).

Tambem não parecerá'improprio d'este logar, referir, como este illustre principe, já pelos annos de 1483, ordenára que seu primo D. Manoel, ainda então muito moço, e apenas com direito muito eventual ao throno portuguez, a que depois subiu, tomasse por divisa a *Esphera do mundo*, que com effeito começou logo a usar, e conservou ainda depois de Rei. O que nos parece ser grande prova da perspicacia e penetração de El-Rei, das suas vastas idéas, e esperanças, e do presentimento que tinha dos futuros gloriosos feitos dos Portuguezes.

Este principe, diz um geographo estrangeiro moderno, fixou a soberania de Portugal em *Guiné*, região profunda em ouro, marfim, e outras ricas producções; e legou á sua Nação uma grande herança de gloria, abrindo caminho ás accões heroicas que depois d'elle se praticaram na conquista maritima das Indias Orientaes.

Finalmente ao tempo do seu fallecimento deixou quasi prompta a armada que havia de ir ao descobrimento da India (como já dissemos) e muito importantes memorias para ulterior execução de seus vastos projectos.

TERCEIRO PERIODO

DESDE O ANNO DE 1495 ATÉ AO DE 1578

Comprehende os reinados d'El-Rei D. Manoel, d'El-Rei D. João III
e d'El-Rei D. Sebastião

REINADO DE EL-REI D. MANOEL

1495 — 1521

ANNO DE 1497

El-Rei D. Manoel, achando quasi prompta a armada que seu antecessor apparelhára para o descobrimento da India, cuidou logo em expedil-a, tendo em pouco os obstaculos, que a ignorancia, e o timido receio lhe quizeram ainda oppôr.

Constava a armada de tres náos, a saber :

1.^a A náo *S. Gabriel*, capitania, em que foi Vasco da Gamá, Capitão mór da expedição. Piloto, Pedro de Alem-

quer, o mesmo que tinha ido com Bartholomeu Dias ao descobrimento do Cabo da Boa Esperança.

2.^a A náó *S. Rafael*, Capitão, Paulo da Gama, irmão de Vaseo da Gama. Piloto, João de Coimbra.

3.^a A náó *Berrio*, Capitão, Nicolau Coelho, Piloto, Pedro Escobar.

· Ia mais uma barca com mantimentos, Capitão, Gonçalo Nunes.

Todos estes vasos levavam não mais que 160, ou 170 homens, tanto de armas, como de marinhagem, entre os quaes se nomeiam Fernão Martins e Martim Affonso, linguas, e tambem pilotos.

Esta pouco numerosa, mas ousada e feliz companhia saiu do Tejo em um sabbado 8 de Julho de 1497.

Ao quinto mez de sua navegação, a 4 de Novembro, tambem dia de sabbado, descobriram uma bahia, que denominaram *Angra de Santa Helena*, situada ainda na costa occidental, pouco antes de se chegar ao resto do cabo. Aqui se demoraram doze dias, e na quinta feira 16 de Novembro continuaram viagem.

A 22 de Novembro dobraram o *Cabo da Boa Esperança*.

A 25, dia de Santa Catharina, chegaram ao logar, a que se deu o nome de *Aguada de S. Braz*, d'onde partiram a 8 de Dezembro.

A 25 de Dezembro avistaram a terra, a que se deu o nome de *Terra de Natal*, com respeito á festividade do nascimento de Jesus-Christo. As antigas cartas portuguezas punham o principio d'esta *Terra de Natal* em 32.^o e meio austr.

A 10 de Janeiro de 1498 descobriram o *Rio dos Reis*, a que deram este nome, por ser então o oitavario da festa da Epiphania. Este rio se chamou tambem *Rio do Cobre*, e á terra se deu o nome de *Terra da boa gente*. Os anti-

gos a denotavam a 23°. O Gama deixou n'este lugar dois degredados dos que levava para exploradores das terras barbaras, e continuou viagem a 15 de Janeiro.

A pouca distancia do *Rio dos Reis* denotaram a *Aguada da boa paz* em 24° e meio austr.

A 25 de Janeiro descobriram um rio grande, que denominaram *dos bons signaes*, pelos bons auspicios que o Gama tirou de algumas circumstancias favoraveis á sua empreza. Aqui se deu pendôr aos navios, e se collocou o padrão *S. Rafael*, e teve o Gama o desgosto de lhe morrer alguma gente por effeito de uma terrivel, e ascorosa doença. Passados 32 dias, e deixando em terra outros dois degredados, continuaram a navegar a 24 de Fevereiro.

No 1.º de Março descobriram 4 ilhas, e tomaram terra na de Moçambique, aonde collocaram o padrão *S. Jorge*. Levantaram ferro a 13 de Março, terça feira.

No 1.º de Abril, indo em demanda de *Quilôa*, a não poderam tomar, pelo que navegando ávante, chegaram a *Mombaça* a 7 de Abril, vespera de Ramos, lançaram ferro á sua entrada. D'aqui saíram a 13.

No dia 15 de Abril, que foi n'esse anno dia de Paschoa, fundearam em *Melinde*, aonde assentaram o padrão *Santo Espirito*. Está esta cidade em 3º austr.

De *Melinde*, tomando piloto da terra, navegaram a 24 de Abril no rumo de Nordeste, atravessando aquelle grande golfo.

A 20 de Maio de 1498 surgiram a duas leguas da cidade de *Calecut*, termo da sua navegação, e logo depois passaram ao proprio surgidouro da cidade, aonde collocaram o padrão *S. Gabriel*.

A 29 de Maio se avistou o grande Gama com o *Çamori*, entregou as cartas de El-Rei, e deu a sua embaixada.

Á volta de *Calecut* descobriram ainda a ilha de *Anche-*

diva, e os ilhéos de *Santa Maria*, assim denominados do padrão que ali se collocou.

A 5 de Outubro de 1498 saíram de Anchediva para Melinde; mas experimentando grandes calmarias, sómente chegaram a *Magadaxo* a 2 de Fevereiro, e a 7 surgiram em Melinde, anno de 1499.

A 20 de Março de 1499 dobraram o *Cabo da Boa Esperança*.

A 29 de Julho (alguns dizem de *Agosto*) entrou Vasco da Gama no Tejo, aonde já o esperava Nicolau Coelho, que tinha chegado a 10 de Julho. Paulo da Gama ficou sepultado na Ilha *Terceira*.

Foi o tempo da viagem e ausencia d'esta companhia de heroes dois annos e vinte e um dias; e sómentê chegaram vivos 55 homens.

O grandioso templo e mosteiro de Belem, erigido por El-Rei D. Manoel em acção de graças ao ceu pela felicidade do descobrimento da India, é um monumento immortal da piedade do monarcha, e da gloria da Nação Portuguesa. Foi levantado no proprio logar, em que o inclito Infante D. Henrique havia fundado uma ermida para d'ahi se administrarem os sacramentos aos mareantes, e um hospital para o tratamento dos enfermos. Ainda hoje se vê a estatua do illustre Infante sobre a porta principal, e as de El-Rei D. Manoel e da Rainha D. Maria em logares mais secundarios.

El-Rei, logo que o Gama entrou em Lisboa, accrescentou o seu dictado, e denominou-se: REI DE PORTUGAL E DOS ALGARVES, D'AQUEM E D'ALEM MAR EM AFRICA, SENHOR DE GUINÉ, E DA CONQUISTA, NAVEGAÇÃO, E COMMERCIO DA ETHIOPIA, ARABIA, PERSIA, E INDIA, etc. *Titulo tão honroso* (diz Dam. Goes) *quanto o é a mesma conquista!* Com elle se acham lavrados documentos posteriores a Agosto de 1499.

E n'esse mesmo anno mandou El-Rei lavar os portuguezes de ouro com a legenda:

EMMANUEL REX PORTUGALLIE, ALGARBIORUM CITRA ET ULTRA
IN AFRICA, ET DOMINUS GUINÆ

E ao redor das armas:

*Conquista, Navegaçam, Commercio, Aethiopiæ,
Arabia, Persia, India*

Os quatro navios da expedição eram: o *S. Gabriel*, de 120 toneladas; o *S. Raphael*, de 100; a caravella *Bérrio*, de 50; e a náu dos mantimentos, de 200. Os primeiros dois foram construidos sob a direcção de Bartholomeu Dias (que já tinha experiencia dos mares austraes), e da madeira que para a prosecução dos descobrimentos tinha El-Rei D. João II mandado cortar por João de Bragança, seu *moço do monte*, e conduzir para a Casa da Mina em 1494; sendo o agente d'esta construcção e do despacho de toda a armada Fernão Lourenço, thesoureiro da referida casa, e um dos magnificos homens d'aquelle tempo. A caravella foi comprada por El-Rei D. Manoel a um piloto da villa de Lagos, chamado Bérrio, de quem a embarcação tomou o nome. A náu de 200 toneladas foi comprada tambem por El-Rei D. Manoel a um Ayres Correia, e era destinada a conduzir os mantimentos que, para tão dilatada viagem como se calculava, eram necessarios; e para os quaes o diminuto lote dos navios não offerencia o commodo da arrumação; sendo uma das instrucções que levava o capitão-mór o mandar despejar e queimar a dita náu na angra de S. Braz.

— Ia mais em conserva d'estes navios até as alturas da Mina, Bartholomeu Dias, em uma caravella de carreira ordinaria do trafico que para essas partes se fazia, e da qual, pelo lucro que d'ahi lhe resultaria, lhe foi conferido o commando, tanto em consideração de seus passados serviços, na empreza dos descobrimentos, como em remuneração do seu trabalho no apercebimento da armada em cuja conserva ia.

Na capitania, o *S. Gabriel*. ia o capitão-mór Vasco da Gama, levando por piloto Pero de Alemquer, que com Bartholomeu Dias tinha chegado até ao rio do Infante no anno de 1487; e por escrivão Diogo Dias, irmão do referido Bartholomeu.

No *S. Raphael* ia por capitão Paulo da Gama, irmão do capitão-mór, por piloto João de Coimbra, e por escrivão João de Sá.

No *Bérrio* ia por capitão Nicolau Coelho, por piloto Pero Escobar, e por escrivão Alvaro de Braga.

Na náu dos mantimentos ia por commandante um creado do capitão-mór chamado Gonçalo Nunes.

Iam por interpretes, do arabico Fernão Martins, e da lingua dos negros Martim Affonso, que muito tempo andára em Manicongo.

Tem-nos demais a historia conservado os nomes de Alvaro Velho, Fernão Velloso, Gonçalo Pirez, Gonçalo Alvarez, mestre do navio *S. Gabriel*, Sancho Mexia, Pedro de Faria e Figueiredo e seu irmão Francisco, que ambos morreram no cabo das Correntes, Leonardo Ribeiro, e Pero de Cobillones, religioso da Ordem da Trindade, como capellão da armada.

Na enumeração dos individuos que embarcaram para esta viagem ha discrepancia nos historiadores, contando uns 148 homens, outros 160, e outros 170.

Nós inclinamo-nos ao maior numero, e conjecturamos que

a differença entre 148 e 160, provém de se não terem incluído no menor algarismo os 40 ou 12 degredados que Vasco da Gama levava para deixar em terra nos pontos em que lhe parecesse poderiam tomar informação da mesma, os quaes deviam ser recolhidos aos navios na volta da armada para Portugal. Talvez os auctores que apontam 148 homens não quizessem, ou não se lembrassem de advertir esta circumstancia, referindo-se apenas ás duas classes — mareantes e homens d'armas.

(ROTEIRO DE VASCO DA GAMA — nota 1.^a)

ANNO DE 1500

Pedro Alvares Cabral, mandado á India com uma grande armada de 13 náos, saiu de Lisboa a 9 de Março d'este anno, e engolfando-se muito com o fim (ao que parece) de se desviar da costa de Africa, e evitar as calmarias de Guiné, foi arrojado a uma costa desconhecida ao Sudoeste, a qual avistou a 22 de Abril, quarta feira da oitava da Paschoa, e n'esse dia surgiu a cousa de 6 leguas da terra. Ahi deu o nome de *Monte paschoal* a um alto monte que se avistava, e á terra chamou a terra da *Vera-Cruz*.

A 23 navegou para a terra, e lançou ancora em frente de um pequeno rio, que Nicolau Coelho foi examinar, achando gente mansa e tratavel.

A 24 correram a costa para o Norte em busca de alguma boa abrigada, e achando lugar seguro para as náos, ahi lançaram ancora. Este é o que depois se chamou *Porto Seguro*, arrumado pelos nossos navegadores em 16° e 30' austr., ou em 16° e 40'.

A 26 de Abril, domingo, oitava da Paschoa, fez Cabral que houvesse missa, e prégação em terra, a que elle assistiu com a gente da armada, e muitos dos naturaes, que fizeram grandes festas, e folias ao seu modo; e para esta solemnidade mandou levantar na praia uma grande Cruz de madeira.

Estando aqui alguns dias, em que a armada se proveu de agua e lenha, despachou Cabral um dos seus navios, Capitão Gaspar de Lemos, para vir trazer a El-Rei a noticia d'aquelle novo descobrimento, e pondo em terra dois homens, que no Reino tinham sido condemnados á morte, e que levava para exploradores, seguiu viagem para a India a 2 de Maio.

No Cabo da Boa Esperança soffreu a armada subita e horrivel tempestade, perdendo-se logo quatro náos, uma das quaes era commandada pelo illustre Bartholomeu Dias que descobrira, e dobrára o mesmo Cabo, e n'aquelles mares ficou sepultado, verificando-se á risca a profetica ameaça do fero Adamastor, quando disse:

*Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobriu summa vingança.*

Na costa oriental de Africa, esteve a armada em *Mocambique, Quilóa e Melinde*; e na costa da Arabia e Persia observou *Magadaxo, Socotorá, Julfar, Ormuz*, etc. Chegado á India saiu em Anchediva, passou a *Calecut*, entrou em *Cochim e Cananor*, e voltando a Portugal em 1501 trouxe embaixadores d'estes dois ultimos reinos.

Á volta lançou em Melinde dois portuguezes, que trabalhassẽ por penetrar até á Abyssinia, e encarregou a Sancho de Toar de reconhecer *Çofala*, e informar-se do resgate do ouro, que alli se fazia.

Em *Besenegue*, junto a *Cabo verde* encontrou a expedi-

ção de tres navios, em que Americo Vespuccio fazia a sua primeira viagem á *terra de Santa Cruz* por ordem de El-Rei D. Manuel.

A Relação d'esta viagem de Cabral, escripta por um piloto portuguez, que n'ella ia, foi traduzida em latim por Archangelo Madrignano, e inserida no *Novus orbis regionum ac insularum, de Grinco*, tendo já sido vertida em italiano, e mettida na collecção de *Ramusio*, com o título *Navegação do Capitão Pedro Alvares Cabral, escripta por um piloto portuguez*.

Veja-se esta Relação na *Collecção de noticias para a hist. e geograph. das nações ultramar. da Academ. R. das Scien. de Lisboa*, tom. II, n.º 3, e a *Carta de Pedro Vaz Caminha a El-Rei D. Manuel* na mesma Collecção tom. IV, n.º 3.

ANNO DE 1500

N'este mesmo anno de 1500, Gaspar Côrte Real, nobre portuguez, tentou investigar o ultimo termo da America septentrional, e descobrir caminho para a India pelo pólo arctico.

Saiu do Tejo, na primavera, com dois navios, e chegou em sua navegação ainda além dos 60º de latitude Norte. Descobriu e correu toda a terra de *Labrador*, que tambem se ficou chamando *Terra de Côrte Real*, e acima d'ella a costa, que corre até ao *Rio das Malvas*: descobriu tambem a que chamou *terra*, ou *Ilha dos Bacalhãos*, e algumas outras a ella proximas, que os antigos denominaram *Córtes Reaes*, e mui provavelmente a pequena Ilha á entrada do

estreito de *Hudson*, que se chamou de *Caramilo*, corrompido este nome do portuguez *caramello* (neve congelada).

O illustre navegante, voltando ao Reino, repetiu a mesma viagem a 15 de Maio de 1501, e como não houvesse noticia d'elle, foi no anno seguinte de 1502 seu irmão Miguel de Côrte Real em busca d'elle, mas aconteceu-lhe a mesma má fortuna.

Em 1503 despachou El-Rei D. Manoel duas náus em busca de ambos, as quaes voltaram sem resultado algum.

Preparava-se ainda para repetir a mesma diligencia outro irmão mais velho, que os dois, por nome Vasco Eannes Côrte Real, do Conselho de El-Rei, Alcaide-mór de Tavira, e governador das ilhas de S. Jorge e Terceira; mas El-Rei não consentiu que elle cumprisse o seu pio e fraternal proposito.

Vasco Eannes, comtudo, teve o senhorio da *Terra Nova* ou o titulo de *Capitão Donatario da Terra Nova de Côrtes Reaes*, o qual passou a D. Margarida Côrte Real, herdeira da casa, e por ella a seu marido D. Christovão de Moura, Conde, e depois Marquez de Castello Rodrigo, que tambem se chamou, e seus descendentes, senhor da *Terra Nova*.

As cartas geographicas modernas, não tem querido conservar a memoria do illustre portuguez no nome de *Côrte Real*, dado ás terras por elle descobertas: mas Pinkerton, no seu *Compendio de geographia moderna*, edição de 1811, não só diz «que no anno de 1500, Côrte Real, Capitão portuguez, buscou uma passagem ao Norte, e descobriu o «Labrador», mas acrescenta em outro logar, que «a vasta «extensão das costas, comprehendidas entre os 57° e 77° de «longitude Oeste de Pariz, e entre os 52° e 62° de latitude septentrional, foi chamada *terra do Labrador por Côrte Real*, «navegador portuguez, que a descobriu em 1500.» E Malte Brun, *Histoire de la Geographie*, liv. 32, não duvida dizer

«que a idéa de um estreito ao Norte da America, parece ter tido origem nas Relações, ainda mal conhecidas, de Gaspar Côrte Real, navegador portuguez.»

ANNO DE 1501

N'este anno, João da Nova, mandado á India por Capitão de quatro náos, e partindo de Lisboa a 5 de Março, descobriu a Ilha da Ascensão a 20° e meio austr., e a cousa de 120 leguas da costa do Brazil, e a outra que se ficou chamando *Ilha de João da Nova* ao oriente de Africa. — Barros l. 5, 10, edição de 1628, diz que João da Nova, passados 8° além da linha para o Sul, achára uma Ilha a que pozeram o nome de *Concepção*.

Voltando a Portugal, já no anno seguinte de 1502, descobriu a Ilha de *Santa Helena* (tão famosa nos nossos dias) a 16°, ou 16° e dois terços de lat. austr., a 450 leguas do Cabo Negro em Africa, e a 750 do Cabo de Santo Agostinho, ponto mais oriental do Brazil, segundo Malte Brun.

Os portuguezes nunca povoaram esta ilha; mas um portuguez, por nome Fernão Lopes, que por especial graça obteve viver allí em desterro, a povoou de varios animaes domesticos, como porcos, cabras, coelhos, perdizes, etc., e fez algumas plantações. Ácerca d'este Fernão Lopes, e suas circumstancias, pôde vêr-se Castanheda, na *Historia da India*, liv. 3, caps. 69 e 94.

ANNO DE 1501

N'este mesmo anno de 1501 foi a primeira viagem, que Americo Vespucio, florentino, fez por mandado de El-Rei de Portugal.

Saiu de Lisboa a 10 de Maio; correu a costa de Africa até Cabo Verde, e passando d'ahi a reconhecer as costas da *Terra de Santa Cruz*, que era o seu particular destino, navegou por ellas até ao *Rio da Prata*, chegando ainda á terra, que depois se chamou dos *Patagões*, d'onde voltou a Lisboa em Setembro de 1502.

(Veja-se a 1.^a Carta de Americo Vespucio, na *Collecção de Noticias para a hist. e geograph. das nações ultramar.* da Academ. R. das Scienc. de Lisboa, tom. II, n.º 4.)

Movido El-Rei D. Manoel pela reputação de habil navegante que tinha adquirido Americo Vespucio, natural de Florença, e que acabava de fazer duas viagens ás Indias occidentaes, lhe escreveu a Sevilha, convidando-o para vir a Portugal, a fim de ser empregado no seu real serviço, o que elle acceitou, e chegando apressadamente a Lisboa, achou já tres navios promptos em que se embarcou e saiu de Lisboa a 10 de Maio de 1501.

Ignora-se o nome do chefe d'esta pequena esquadra, cuja commissão era examinar e reconhecer as costas do Brazil.

Seguiu elle o rumo para as Canarias, avistou-as, e atravessando para a Africa, que foi costeando, demorando-se por alli dois ou tres dias em fazer pescaria de pargos, até chegar á bahia de Bezenegue, e n'ella se encontrou com Pedro Alvares Cabral que voltava da India. Gastaram onze dias em fazer agua e lenha, e partiram em demanda do do Brazil navegando ao S. O. 4 S.

Ao cabo de 67 dias de navegação, sempre com grande trabalho e ventos contrarios, soffrendo por espaço de 46 dias, trovoadas, chuvas e cerrações, viram terra no 1.º de Agosto pela latitude S. de 5º e julgaram que distaria setecentas leguas do ultimo ponto de sua partida.

Surgiram a meia legua da costa, e desembarcando, acharam o paiz alegre e viçoso onde só viram vestigios de gente, e tomaram posse d'elle por El-Rei de Portugal. No dia seguinte tornaram para fazer aguada e lenha, e então viram no cume de um monte, alguns naturaes todos nus. que não quizeram descer á praia por mais diligencias que se fizeram. Estes homens eram da mesma côr e feições dos que Vespuccio tinha visto nas Indias Occidentaes; e sendo já no fim da tarde se recolheram a bordo, deixando-lhes na praia alguns cascaveis, espelhos, e outras quinilherias, o que tudo elles vieram buscar, logo que as lanchas se alargaram da terra, mostrando-se maravilhados á vista d'aquelles objectos tão novos para elles.

Na manhã seguinte, observando-se dos navios que os naturaes faziam muitos fumos, julgou-se que era para os chamar, e desembarcando, viram muitos reunidos a certa distancia, que lhes acenavam para que penetrassem por terra dentro, o que ousaram fazer dois portuguezes, obtida primeiro uma repugnante licença do chefe da esquadra; e assim partiram com intento de examinarem, se aquella gente possuia alguma riqueza, droga ou especiaria, e levaram logo comsigo alguns generos de trafico, tendo porém

ordem de se não dilatarem mais de cinco dias, findos os quaes se não esperaria por elles.

Partidos estes dois homens, recolheu-se a gente a bordo, e d'alli viam todos os dias virem os naturaes á praia, mas sem quererem deixar-se communicar. Ao setimo dia desembarcaram os portuguezes, e observaram que os selvagens tinham trazido comsigo as mulheres, e as mandaram para elles apenas os escaleres se aproximaram da terra; e vendo-os tão desconfiados enviaram-lhes um mancebo gentil e galhardo, ficando elles nos escaleres para lhes mostrar maior confiança. O moço foi sem suspeita alguma ter com as mulheres que formaram um circulo á roda d'elle, e apalpando-o e examinando-o attentamente, se espantavam sobremaneira. Entretanto, desceu do monte uma mulher com um grande pau na mão, e chegando-se por detraz d'elle, lhe deu tão forte pancada na cabeça, que o estendeu morto; as outras o tomaram logo pelos pés, e o arrastaram para o monte, e os homens correram á praia, e começaram a atirar com as suas settas, o que poz a gente dos escaleres em tal confusão, que estando surtos sobre os bancos de areia junto a terra, nenhum atinou a tomar as armas, por causa das muitas frechadas que sobre elles choviam.

Dispararam-se quatro tiros de canhão contra os selvagens, que não acertaram; mas ao ruido d'elles, fugiram para o monte, onde as mulheres estavam fazendo o cadaver em pedaços, e assando-os em uma grande fogueira, os mostravam aos portuguezes e os comiam, e os homens diziam por acenos que o mesmo haviam feito aos outros seus dois companheiros. Mais de quarenta homens quizeram desembarcar para vingarem semelhante barbaridade, porém o chefe não o quiz consentir, e se fez á vella.

Seguindo a sua derrota entre o leste e o sueste, que é como corre a costa, fizeram varias escalas sem acharem

gente com quem pudessem tratar; e assim navegaram até verem que a terra voltava para o S. O., e dobrando um cabo a que puzeram o nome de Santo Agostinho, principiaram a seguir a direcção da terra, e viram um dia muita gente que corria pela praia a vêr os navios, os quaes por isso se aproximaram, e mandaram alguns escaleres a reconhecer-a. Achando bom ancoradouro e gente de melhor condição deram fundo e se detiveram commerciando com os naturaes, que tinham muita canafistula, e tres d'elles se embarcaram voluntariamente para Portugal.

Saindo d'este porto tomaram o rumo de S. O. fazendo muitas escalas e fallando com muitas gentes que os receberam benignamente, por cuja causa se demoraram alguns dias por aquelles portos. Assim foram navegando até á altura de 32" S. Todo o paiz era muito povoado, e os naturaes mui domesticos; tinham a côr avermelhada, os cabellos negros e corredios, andavam todos nus, eram bem feitos de corpo, e o aspecto seria gentil, mas tornavam-se feios, porque tinham as faces, o nariz, as orelhas e os beiços, cheios de furos em que mettiam pedaços de varias pedras, e de cristal, e ossos lavrados com primor. Não viram entre elles ouro, ainda que tiveram noticia de que o havia no paiz, bem como perolas e pedras preciosas.

Dez mezes tinha consumido a esquadra n'este reconhecimento, quando o chefe encarregou Vespucio de dirigir a derrota; em consequencia mandou este fazer agua e lenha para seis mezes, A 15 de Fevereiro de 1502 tomou a esquadra o rumo de S. O. e por elle navegou até se'achar na latitude Sul de 52". N'este dia soffreu uma tormenta de S. S. O. com muito mar e cerração e correu com ella em arvore secca, por quatro dias em que viu uma terra desconhecida, a qual costeou por umas 20 leguas e achou tudo costa brava sem porto nem povoação; o frio era insupportavel e o mar muito grosso, e grande cerração.

N'estes termos, sendo impossivel aguentar-se mais, conveio Vespucio com o chefe em regressar a Portugal, e feito signal de reunião á esquadra, deitaram a popa, e a noite e dia seguinte cresceu tanto a tempestade, que estiveram em risco de irem a pique.

Assim correram cinco dias, só com traquetes arriados a menos de meio mastro, navegando sempre ao N. N. E. porque queriam reconhecer a costa da Ethiopia; a 10 de Maio viram Serra Leôa, onde estiveram 15 dias a refrescar-se, d'alli navegaram aos Açores onde chegaram no fim de Julho, partindo d'aquí para Lisboa onde entraram a 7 de Setembro de 1502, contando 18 mezes e 28 dias de viagem.

(QUINTELLA — *Annaes.*)

ANNO DE 1502

O grande D. Vasco da Gama voltou segunda vez á India com uma armada constante de 20 náus em tres divisões, parte das quaes haviam de lá ficar em guarda dos mares.

Na sua passagem pela costa oriental de Africa fez tributario o Rei de Quilôa, primeiro principe d'aquellas regiões, que pagou páreas a El-Rei de Portugal.

Na India assentou tractos de commercio com os Reis de Cochim e Cananor, aonde já havia feitorias portuguezas: e em Cochim recebeu embaixada dos christãos de Manga-

lor, e de muitos outros logares, que espontaneamente quizeram render vassallagem a El-Rei de Portugal, e se pozeram debaixo da sua protecção, dizendo que haveria em todos os ditos logares 30:000 christãos, regidos por um senhor.

Castigou severamente a perfidia, e tracto doble do Imperador de Calecut, e voltando ao Reino em 1503, apresentou a El-Rei em acto solemne, o ouro do tributo de Quilôa, que o pio monarcha dedicou a Nossa Senhora de Belem n'uma rica custodia.

Um portuguez. por nome Thomé Lopes, que Barbosa diz ser natural da cidade do Porto, escreveu esta viagem com o titulo de *Navegação ás Indias Orientaes*, de que foi parte e testemunha ocular.

(Veja-se *Noticias ppra a hist. geograph. das nações ultramar.* da Academ. R. das Scienc. de Lisboa, tom. II, n.º 5).

ANNO DE 1503

Antonio de Saldanha, indo n'este anno para a India, deixou o seu nome á *Aguada do Saldanha*, proxima ao Cabo de Boa Esperança, tendo ali pelejado com os barbaros. N'este mesmo logar foi depois morto por elles o illustre Almeida, primeiro Vice-Rei da India, como em seu logar notaremos (anno 1510).

No mesmo anno navegaram para a India duas armadas, commandadas pelos dois Albuquerque Francisco, e Affonso.

Na primeira ia Antão Lopes, mandado por El-Rei com embaixada ao Rei, ou Imperador dos Abexins; mas perdendo-se a náu, em que ia, ficou a embaixada sem effeito.

Francisco de Albuquerque restituiu El-Rei de Cochim aos seus estados, de que havia sido expulso pelas armas de Calecut: fundou fortaleza em Cochim, e foi a primeira que levantámos na India; e quando d'alli se retirou, deixou em defeza d'aquelle reino o invicto heroe Duarte Pacheco Pereira, cujas espantosas façanhas são bem conhecidas na historia.

A segunda armada, commandada por Affonso de Albuquerque, teve um successo semelhante ao de Pedro Alvares Cabral: porque de Cabo Verde, engolfando-se ao mar avistou a Ilha da Ascenção, e tocou a costa da *Terra de Santa Cruz*.

Chegado á India, entrou em *Coulam*, cidade ainda não conhecida dos Portuguezes, assentou paz, e amisade com o Rei, estabeleceu feitoria, e tracto de commercio, e fez alguns ajustes em beneficio, e para protecção dos numerosos christãos que alli habitavam.

N'este mesmo anno despachou ainda El-Rei D. Manoel outra armada de seis náos, e n'ella fez sua segunda viagem Americo Vespucio.

As náos navegaram a Cabo Verde, e logo depois fazendo-se ao largo, pelo rumo de Sudoeste, aos 3º da equinoccial para o Sul, avistaram uma Ilha á qual foi mandada a náu, em que ia Americo, com o fim de examinar, se n'ella haveria porto, em que a armada ancorasse, e n'este meio tempo soçobrou a náu capitania, salvando-se a gente.

A armada dividiu-se n'esta paragem, e Americo, que se mostra na sua Relação mui descontente do capitão portu-

guez, acaso porque este se não sujeitava á sua orgulhosa presumpção, nada mais diz do resto das náos. Elle porém na sua, com outra de conserva, navegou em demanda da Terra de Santa Cruz.

No fim de 47 dias descobriu um porto a que poz o nome de *Bahia de todos os Santos*, aonde saiu em terra, e esteve 64 dias.

D'aqui resolveram estas duas náos correr a costa, e chegaram a um porto em 48° austr.

N'este logar estiveram cinco mezes, fundaram uma fortaleza, e a deixaram guarnecida com 24 homens, armas, 12 bombardas, e mantimentos para seis mezes. E diz Americo que n'este logar, e acompanhado de 30 homens, entrára pelo sertão a distancia de 40 leguas da costa.

D'aqui voltou a Lisboa, e entrou no Tejo em Junho de 1504.¹

ANNO DE 1504

Ruy Lourenço Ravasco, que fôra na armada de Saldanha, fez tributarios a Portugal os Reis de Zanzibar e de Mombaça.

Diogo Fernandes Peteira (ou *Pereira*) que da mesma armada se desgarrou, foi invernar a Çocotorá aonde ainda não tinham ido os Portuguezes.

El-Rei D. Manoel mandou ao Congo homens letrados, mestres de lêr e escrever, musicos, livros de doutrina

¹ Sobre esta e a precedente viagem de Americo Vespucio, que notamos ao anno de 1501, devem vêr-se as *Recherches historiques, critiques et bibliographiques sur Americo Vespucio*, pelo sr. Visconde de Santarem, Pariz, 1842.

christã, paramentos sagrados, e outras cousas necessarias para se continuar a instrucção religiosa, e a civilisação d'aquelles povos. De lá vieram tambem muitos moços nobres a Lisboa para estudarem a religião, as letras, e os costumes portuguezes. (*Osorio, Maffei, etc.*)

Por estes tempos o Soldão do Egypto começou a publicar que havia de destruir a casa santa de Jerusalem, o sepulchro de Jesus Christo, e o mosteiro do monte *Sinay*, e obrigar os christãos dos seus estados a se fazerem Mahometanos, se os Portuguezes não desistissem de suas emprezas na India. Estas ameaças vieram a ter o resultado, que se verá no anno de 1513.

ANNO DE 1505

El-Rei D. Manoel informado das maquinações occultas, e pouco leaes da Republica de Veneza, e da manifesta opposição do Soldão do Egypto, ligado com os Reis de Calecut e de Cambaya, resolveu mandar á India um grande capitão, que com o titulo de Vice-Rei dirigisse, promovesse, e defendesse os negocios da navegação e commercio d'aquellas partes. E escolheu para este importante cargo o illustre D. Francisco de Almeida, o qual, acompanhado d'uma poderosa armada de 22 vellas, saiu do Tejo em Março d'este anno.

Na sua passagem pela costa oriental de Africa expugnou *Quilôa*; desthronisou o Rei que recusava pagar as páreas estipuladas, e se mostrava inimigo dos Portuguezes; deu á cidade um novo Rei, que elle mesmo coroou com grande solemnidade; e fundou a fortaleza a que deu o nome de *Santiago*. El-Rei D. Manoel mandou depois debuxar o acto da coroação em ricas tapeçarias, que por muito tempo se conservaram.

Chegado á India fundou as fortalezas de *Anchediva* e *Cananor*. Coroou solemnemente o Rei de Cochim a quem El-Rei D. Manoel mandava uma rica corôa de ouro. Recebeu Embaixadores do Rei de Narsinga, e de outros principes, e assentou com elles paz, amisade e alliança.

Seu valoroso filho D. Lourenço de Almeida descobriu *Ceilão* (que Goes escreve *Zeiland*) de que os Portuguezes já tinham noticia. Entrou no porto de *Gale*, e prometeu ao Rei defensão e protecção, com elle se obrigar ao tributo annual de 400 bahares de canella para El-Rei de Portugal.

ANNO DE 1505

Pedro de Anhaya fez vassallo e tributario de Portugal o Rei de Çofala, e lançou ahi os fundamentos de uma fortaleza aos 21 de Setembro d'este anno. (*Castanheda*, livro II, capitulo 11.)

No mesmo anno se lançaram os fundamentos ao castello de Santa Cruz, no Cabo de Aguer, na Mauritania, aonde

logo se formou uma notavel villa, que se denominou *Villa de Santa Cruz no Cabo de Aguer*.

Mandou El-Rei dois navios de que foram por commandantes Cide Barbudo e Pedro Quaresma, para examinarem a costa d'Africa oriental, desde Cabo da Boa Esperança até Sofala, e algumas d'aquellas ilhas, a fim de obterem noticias de Francisco de Albuquerque, e Pedro de Mendonça, que se sabia terem desaparecido n'aquellas paragens.

Partiram de Lisboa os dois navios no mez de Setembro e seguindo sua viagem, quando cuidavam ter dobrado o Cabo da Boa Esperança, acharam-se na Angra das Aréas, situada na costa d'Africa occidental, áquem do cabo 150 leguas, e bordejando trabalhosamente, chegaram á Aguada de Saldanha onde compraram alguns mantimentos aos cafres, e aqui passou Cide Barbudo para o navio de Pedro Quaresma, por ser elle quem ia encarregado da commissão e Pedro Quaresma para o seu.

Dobrado o cabo, porque o mau tempo o não deixou reconhecer a costa á sua vontade, principalmente no lugar da suspeita que era na Aguada de S. Braz, estando a este tempo já separado de Pedro Quaresma, tornaram-se a juntar na paragem em que o piloto affirmava ter visto encalhada a não de Pedro de Mendonça, vindo elle por piloto da não de Pedro de Abreu. E por ser este o lugar da suspeita, deitou Cide Barbudo dois degredados em terra para irem ao longo da costa e saberem dos cafres se havia alguma gente branca no sertão. Os degredados voltarem d'ahi a sete dias áquelle lugar onde os navios não podiam chegar com os ventos contrarios, e deram noticia de acharem parte do casco da não queimada, como que viera á costa,

sem os cafres lhes saberem dar noticia da gente. Por estes signaes julgaram que a não era perdida e que o fogo fôra posto pelos cafres para se aproveitarem da sua pregadura. O unico mal que elles fizeram a estes degredados foi despojal-os dos vestidos.

(QUINTELLA. — *Annaes.*)

ANNO DE 1506

João Homem, capitão de uma caravella, pertencente á armada do Vice-Rei D. Francisco de Almeida, descobriu, *antes de chegar ao Cabo da Boa Esperança tres ilhas, a dez leguas umas das outras*, a que poz os nomes de *Santa Maria da Graça, S. Jorge e S. João*. (Dam. de Goes, — *Chron. de El-Rei D. Manoel*, part. II, cap. 3.)

Tristão da Cunha, indo para a India, e tomando muito ao Sul para dobrar o Cabo da Boa Esperança, descobriu umas Ilhas despovoadas, que do seu nome se ficaram chamando as *Ilhas de Tristão da Cunha*.

Ruy Pereira Continho descobriu pela parte de dentro (occidental) a grande Ilha de *Madagascar*, e poz o nome de *Bahia formosa*, á bahia em que primeiro entrou. Dando parte do descobrimento a Tristão da Cunha, partiu este a reconhecer a terra. Tocou varios pontos da costa occidental, e chegando ao cabo da Ilha em dia de Natal, lhe deu esse nomê. A náu de João Gomes de Abreu dobrou este cabo, e correndo pela costa oriental foi dar na boca d'um rio, na provincia de Matatana, aonde descendo em terra, e sendo necessario apartar-se a náu, ficaram alguns Portuguezes em terra. (*Castanh.* liv. II, caps. 30 e 31.)

Ao mesmo tempo que as náos do commando de Tristão

da Cunha descobriam Madagascar pela banda occidental, outras náus que vinham em frota para o reino, capitão Fernão Soares, a descobriam pela parte oriental, avistando-a no 1.º de Fevereiro. Correram á vista d'ella 17 dias, e tendo feito aguada e lenha, a passaram a 18 do mesmo mez. A esta ilha deram o nome de *S. Lourenço*, por ser achada a 10 de Agosto pelos descobridores da parte occidental.

A 6 de Fevereiro de 1507 escrevia Affonso de Albuquerque a El-Rei D. Manoel com data de Moçambique, e já lhe fallava do descobrimento da Ilha de *S. Lourenço*. (R. Archiv. Corp. Chronolog. Part. 1.^a, maço 6.º, n.º 8).

Determinou El-Rei mandar á India Tristão da Cunha por commandante das náos da carreira, e Affonso de Albuquerque por chefe de outra esquadra, para andar cruzando na costa da Arabia, mas com as noticias que lhe deu Diogo Fernandes Pereira, da ilha de Socotorá, que descobriu, e Antonio de Saldanha que por alli andára cruzando, e dizia que os moradores eram christãos, vassallos do rei mahometano de Fartaque, que possuia uma fortaleza na ilha, resolveu que estas duas esquadras reunidas sob a bandeira de Tristão da Cunha, fossem tomar aquella fortaleza, e a deixassem guarnecida, no caso de ser capaz d'isso, e não o sendo, construissem outra de novo. E para que os portuguezes em qualquer incidente podessem fortificar-se logo n'aquelle logar ou em outro mais vantajoso, fez embarcar uma fortaleza de madeira que se guardava no Arsenal, porque El-Rei dava grande importancia a possuir em Socotorá

um porto em que podessem invernar, e prover-se os seus navios de guerra, para sairem d'alli a cruzar nos Estreitos da Arabia e da Persia, e embaraçarem assim a navegação dos mouros, para a costa do Malabar.

A peste que então grassava em Lisboa, onde morriam 120 pessoas por dia, obstou ao recrutamento necessario, e foi forçoso mandar embarcar muitos degredados. Em fim a 6 de Abril saíram de Lisboa as duas esquadras, a de Tristão da Cunha composta de oito nãos e tres navios menores, e a de Affonso de Albuquerque constando de quatro nãos e uma tafórea, ou setia.

As instrucções geraes de El-Rei determinavam que Tristão da Cunha se dirigisse com ambas as esquadras á ilha de Socotorá conservando-se Affonso de Albuquerque debaixo de suas ordens até se conquistar a fortaleza da ilha ou se fazer outra de novo, que servisse para defeza de qualquer irrupção dos inimigos, e concluido este negocio devia passar á India com a sua particular esquadra, para voltar d'alli com carga para Portugal.

As instrucções de Affonso de Albuquerque (em quem El-Rei tinha a maior confiança) eram que ficasse encarregado de fazer guerra aos mouros que ousassem continuar a navegação da India, saindo pelo mar vermelho ou estreito persico. Deu-lhe tambem dois alvarás, um de successão do governo da India, para quando D. Francisco de Almeida acabasse os tres annos de vice-reinado, e outro para que podesse mandar assentar no Livro das Moradias as pessoas que bem lhe parecesse.

Estas esquadras iam infeccionadas de peste, morrendo alguns homens na propria não de Tristão da Cunha, que seguindo sua derrota foi fazer aguada a uma ilha que fica no rosto de Cabo Verde então chamada Ilha da Palma, e para sepultar as muitas pessoas que falleceram se construiu uma ermida de pedra e barro, na qual se disse missa,

e enterraram os mortos; porém apenas Tristão da Cunha chegou á Linha, todos os doentes se restabeleceram. De Cabo Verde foram as esquadras avistar a terra do Cabo de Santo Agostinho, e atravessando para o Cabo da Boa Esperança metteram-se em tanta altura, que os homens mal enroupados soffreram muito com o frio, e alguns d'elles morreram.

N'esta travessia descobriu Tristão da Cunha as ilhas que se chamam do seu nome, e com um temporal se espalharam os navios indo elle ancorar a Moçambique no mez de Dezembro, onde se reuniram quasi todos.

(QUINTELLA. — *Annaes.*)

ANNO DE 1506

Affonso de Albuquerque voltou n'este anno á India encarregado de tomar o cargo de Governador, logo que D. Francisco de Almeida acabasse o tempo do seu vice-reinado. Na passagem para a India embocou o Estreito do golfo arabico.

No mesmo anno saiu da India para Portugal o primeiro elefante que de lá veio, mandado a El-Rei pelo illustre Almeida.

No mesmo anno finalmente fundou Diogo de Azambuja, por ordem de El-Rei, o *Castello Real* (Mazagão) na Mauritania.

ANNO DE 1507

N'este anno descobriu D. Lourenço de Almeida as ilhas *Maldivas*.

Tristão da Cunha poz em Melinde um portuguez, por nome Fernão Gomes o Sardo, (*Castanh. diz João Gomes ho jardo*) um mourisco christão, chamado João Sanches, e um mouro de Tunes, por nome Cide Mahamede, mandados por El-Rei D. Mancel com cartas suas ao Imperador *Abexi*. O bom Rei de Melinde encarregou-se de lhes dar aviamento para a viagem; mas como o não podesse fazer com a segurança que desejava, ficou a viagem sem effeito por aquelle caminho.

Tristão da Cunha, correndo a costa de *Ajan*, expugnou e destruiu *Oja* e *Brava*, e fez tributaria *Lamo*. Em *Brava* foi armado cavalleiro pelo grande Albuquerque, que o acompanhava n'estas expedições. D'ahi passou a *Çocotorá*, cuja fortaleza tomou, e reformou, dando-lhe o nome de *S. Miguel*, e deixando-a guarnecida de Portuguezes, e tendo ordenado o governo da Ilha, partiu para a India (*Castanh. liv. II, cap. 36 e 38.* — *Goes, Chron. de El-Rei D. Manoel*).

Duarte de Mello fundou a fortaleza de Moçambique, e n'ella uma egreja e um hospital.

AVZON DE 1508 E 1509

Affonso de Albuquerque correu a costa da Arabia e Persia: assentou paz com *Calaiate*: expugnou *Curiate* e *Mas-cate*: fez tributaria *Soar*: mandou saquear *Orfaçam*, que achou despejada de habitantes: e entrando em *Ormuz* fez o seu Rei vassallo, e tributario de Portugal, e começou a 24 de Outubro a levantar alli a fortaleza, a que poz o nome de *Nossa Senhora da Victoria*. (*Castanh.* liv. II, cap. 53 e seguintes. — Goes, *Chron. de El-Rei D. Manoel*).

No mesmo anno de 1507 os Portuguezes, commandados por Diogo de Azambuja, entraram na cidade de *Azaafi* (que nós chamamos *Çafim*) na Mauritania Tingitana, da qual se assenhoriaram completamente no anno seguinte de 1508.

Guerra que o Rei de Cananor faz aos nossos. Cerco da nossa fortaleza, defendida valorosamente pelos Portuguezes, capitão Lourenço de Brito. (*Castanh.* liv. II, cap. 43 e 52.)

ANNOS DE 1508 E 1509

No anno de 1508 foi Diogo Lopes de Sequeira mandado por El-Rei a reconhecer a Ilha de *Madagascar*, e a descobrir *Malaca*.

Chegou à Ilha a 4 de Agosto. A 10 avistou na parte oriental, um cabo, a que poz o nome de *S. Lourenço*. Tocou algumas Ilhas, aonde achou Portuguezes, que alli tinham naufragado. Entrou no porto de *Turumbaia*, aonde se viu com o senhor da terra, e achou outro Portuguez. D'aqui navegou a outras ilhas, que denominou de *Santa Clara*, e n'ellas fez provisões. Passou ao reino de *Matatana*; aonde saiu em terra, e chegando ao rio que tem o mesmo nome, tambemahi achou Portuguezes. Correu ainda ao longo da costa, por onde viu muitas povoações, até chegar a uma grande bahia, que denominou *S. Sebastião*, pela ter descoberto a 20 de Janeiro de 1509. D'aqui partiu para a India, e chegou a *Cochim* a 21 de Abril de 1509.

Em Agosto do mesmo anno de 1509 navegou ao descobrimento de *Malaca*, conforme as ordens que tinha de El-Rei D. Manoel. Passadas as Ilhas de *Niçoar*, foi ter a *Pedir* e a *Pacém*, na Ilha de *Çamatra*, e em ambas as cidades levantou padrões, depois de ter assentado capitulações de paz com os seus Reis. D'ahi navegando foi surgir a 11 de Setembro em *Malaca*, cidade principal da península do mesmo nome, e grande emporio de todo o oriente, arrumado pelos escriptores portuguezes em 2º e meio de lati. septentr. Em *Malaca* assentou artigos de paz, e commer-

cio com o Rei, e estabeleceu feitoria. Nesta expedição ia Fernão de Magalhães.

ANNOS DE 1508 E 1509

Os tres mensageiros de El-Rei, que Tristão da Cunha poz em Melinde para passarem á Abyssinia, e que por alli não poderam penetrar (v. an. de 1507) foram em 1508 ter com Albuquerque, que andava no cabo de *Guardafui*. Elle os poz em um lugar a 3 leguas do cabo, d'onde, levando tambem cartas de Albuquerque, penetraram com effeito até á côrte do *Abexi*, aonde reinava David, e por sua menoridade governava sua avó Helena. Desde então resolveram estes principes mandar um embaixador a Portugal, e deram este cargo ao Armenio Matheus, de que a seu tempo se dirá, (anno 1514.) *Castanh.* liv. II, cap. 85.

Em dia de S. Braz 3 de Fevereiro de 1509 foi a grande batalha naval, em que o insigne Vice-Rei D. Francisco de Almeida venceu a armada do Soldão do Egypto, combinada com a de Calcut e de Cambaya, e afugentou da India os Rumes destrôçados. Assentou então pazes com Melique-As senhor de Diu: confirmou as que tinhamos com o Rei de Chaul, de quem recebeu as páreas, dando-lhe carta de vassallagem: avistou-se com o Rei de *Onór*, e augmentou o tributo, que já pagava a Portugal: fez vassallo de Portugal o Rei de *Baticala*, e lhe impoz tambem tributo. Fi

nalmente recolheu-se a Cochim, e pouco depois entregou o governo da India a Affonso de Albuquerque, que para elle fôra nomeado, como já indicamos no anno de 1506.

De volta para Portugal, já no anno de 1540, e no 1.º de Março, foi este insigne capitão morto cruelmente pelos barbaros na Aguada do Saldanha, aonde saíra em terra: verificando-se tambem n'ella aquella terrivel ameaça do Implacavel Adamastor:

*E do primeiro illustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os Céos
Serei eterna, e nova sepultura.*

ADDITAMENTO

Em 1508 partiu Tristão da Cunha de Moçambique, de volta para Portugal, a 17 de Janeiro, e de caminho descobriu a Ilha da Ascensão, diz Castanheda liv. II, cap. 84.

N. B. Duas ilhas tem o mesmo nome de *Ascensão*, uma em 20º e 1/2 Sul, a 120 leguas da costa do Brazil, descoberta por João da Nova em 1501, de que fallámos n'esse anno; outra no mar da Ethiopia a 8º Sul e a 6º 48' long. da Ilha do Ferro, que deve ser esta de que falla Castanheda. — *Pimentel, Art. de Naveg.*

ANNO DE 1510

Mandou El-Rei tres armadas ao Oriente, constantes todas tres de 14 náos.

Uma d'estas armadas, de que era capitão João Serrão, ia encarregada de assentar paz e amisade com os Reis de Matatana e Torumbaia na Ilha de *S. Lourenço* (Madagascar) e fazer ajustes de commercio.

João Serrão entrou no porto de Antepara, no reino de Torumbaia; foi aos Ilhéos de *Santa Clara*, entrou no rio de *Monaibo*, e tomou outros portos da Ilha: mas «não «achando as especiarias que buscava (diz Goes) partiu para «a India.»

ANNO DE 1510

Neste anno, a 25 de Novembro, dia de Santa Catharina, expugnou e conquistou Affonso de Albuquerque a cidade de Gôa, na costa occidental da India áquem do Ganges, reino do *Dekham*. (*Castanh.*, *Barros*, *Goes*, etc.)

Ahi levantou logo fortaleza: bateu moeda de ouro, prata e cobre: casou muitos portuguezes com moças naturaes da terra, fazendo a todos mercês e distribuindo-lhes terras e palmares: organison o governo municipal; e deu sabias providencias para a conservação, augmento, povoação e policia de uma cidade, que no seu pensamento era já destinada para assento do governo portuguez, e capital do imperio lusitano oriental.

Os Reis de Baticala, de Chaul, de Narsinga, o Çamori de Calecut, o Rei de Cambaya, e outros principes lhe mandaram por seus embaixadores os emboras da victoria.

No muro da nova fortaleza mandava o inclito capitão metter uma lapida, em que fizera gravar os nomes dos capitães, que foram com elle na empreza d'aquella conquista. Como porém os proprios capitães entrassem em discordias, e ciumes sobre preferencias de nomes, Albuquerque mandou voltar a face da pedra para o interior da muralha, e ordenou que na face exterior se gravassem aquellas palavras :

LAPIDEM, QUEM REPRÓBAVERUNT OEDIFICANTES.

Pedra reprotada pelos edificadores.

ANNO DE 1511

Ne mez de Agosto d'este anno expugnou, e conquistou Affonso de Albuquerque a grande cidade de Malaca, cujo Rei havia intentado perfidamente dar a morte a Diogo Lopes de Sequeira, depois de ter assentado com elle paz, e commercio, como dissemos no anno de 1509.

Levantou logo fortaleza ; bateu moeda de ouro, prata e estanho ; ordenou as cousas do governo e administração publica com singular prudencia e discrição.

Immediatamente despachou embaixadores, e descobridores para differentes partes d'aquelle remoto oriente, para *Sião, Maluco, Pegú, Jahua e China.*

1.º Para assentar o trato de Maluco mandou tres náos.

e um junco. Nas náos iam Antonio de Abreu, capitão-mór da armada, Francisco Serrão e Simão Affonso: no junco ia por capitão um mouro, que costumava navegar para Maluco, e era vassallo de Portugal. Uma das náos se perdeu atravez de *Jao*. As mais foram ter á ilha de *Banda*, onde estiveram quatro mezes, voltando a Malaca, sem irem ao seu destino, tanto pela demora da monção, como porque alli mesmo receberam de Maluco, cravo, com que se carregaram as náos, e alli mesmo tomaram maça e noz. Abreu porém enviou ao Rei de Maluco as cartas de Albuquerque.

N'esta viagem, e já no anno de 1512 descobriu Antonio de Abreu a Ilha de *Amboino*, e Francisco Serrão passou a Ternate, uma das Malucas.

2.º Ao Rei de *Siam* mandou Albuquerque cartas, e recados seus por Duarte Fernandes; e como o Rei recebesse bem o cumprimento, e mandasse embaixada a Albuquerque com ricos presentes, e com cartas para El-Rei de Portugal, Albuquerque lhe correspondeu enviando a *Hodiá*, côrte de Siam, por embaixadores Antonio de Miranda de Azevedo, e Duarte Coelho.

3.º Ao *Pegú* foi mandado Ruy da Cunha (que outros chamam Gomes da Cunha) o qual assentou ajuste de paz côm o Rei, etc.

Pelo mesmo tempo recebia Albuquerque em Malaca embaixadores de um Rei de *Jahua*, do Rei de *Campar*, de um dos Reis da Ilha de *Çamatra*, e de outros Reis, e senhores do sertão, e das ilhas visinhas, parte dos quaes se fizeram vassallos, e parte amigos e confederados de El-Rei de Portugal. (Castanh. liv. III, da *Hist. da India*, e Goes na *Chron. de El-Rei D. Manoel*).

Ao tempo que Albuquerque saiu de Malaca para a India, encommendou muito ao capitão que alli deixou, e depois ao seu sucessor, «que não partisse navio de mercadores d'aquella «cidade, onde não fosse um portuguez homem de bom es-

«pírito e discrição para trazer informação do que visse e «ouvisse d'aquellas regiões, e tantas mil Ilhas como aquelle mar oriental tem.» (*Barros*, 3, 2, 6, etc.)

ANNOS DE 1512 E 1513

Albuquerque voltando á India, recebeu embaixadores do Rei de *Visapor* (ou *Vigapor*), do *Çabaimdalkam*, do Rei de *Cambaya*, etc.

Recebeu tambem o Armenio *Matheus*, embaixador do *Abexis*, que vinha para passar a Portugal com carta, e recados d'aquelle principe: e outro embaixador do Rei de *Ormuz* que vinha com o mesmo destino.

Nos fins de 1512, e principios de 1513 ajustou capitulações de paz com o *Çamori* de *Calecut*, o qual consentiu que alli fundassemos logo fortaleza, e despachou dois embaixadores seus a Lisboa.

Restituiu o Rei das *Maldivas* á posse de algumas Ilhas, que lhe andavam usurpadas, e o Rei se fez vassallo e tributario de Portugal.

Navegou depois para o golfo arabico, e entrou as suas portas pela parte da Arabia: tomou a Ilha de *Cammaram*, collocou um padrão na Ilha de *Mehum* ás portas do Estreito, com a denominação de *Vera-Cruz*; e mandou *Ruy Galvão*, e *João Gomes* a descobrir *Zeila*.

No mesmo anno de 1513 foi enviado a Albuquerque um Judeu portuguez do Cairo, morador em *Jerusalem*, mandado pelo guardião do convento de *S. Francisco da Santa Cidade*, para o avisar das ameaças que fazia o Soldão do *Egypto*, das quaes já fallámos no anno de 1504. *Albuquer-*

que dirigiu este mensageiro a Portugal, aonde El-Rei recebeu ou tinha recebido outros semelhantes avisos por via de Roma, e por cartas do Santo Padre, que parecia mui assustado d'aquellas ameaças. El-Rei D. Manoel respondeu com a dignidade que devia, despresando os ferros, e ameaças do Soldão. Dizia ao Papa que sentia muito não ter dado ao Soldão mais, e maiores motivos de seu desgosto, e queixumes, etc. E foi continuando em seu plano. (Goes, *Chron. de El-Rei D. Manoel*, part. 1, cap. 93, etc.)

A este anno de 1513 reduzimos o descobrimento da Ilha de Mascarenhas, a Leste de Madagascar: porque constando que ella fora descoberta por Pedro de Mascarenhas, de cujo appellido tomou o nome, não sabemos que este fidalgo passasse á India senão em 1511; chegando a Moçambique em 1512, pelo que, ou n'esse mesmo anno, ou no de 1513 a descobriria, segundo nossa conjectura. Comtudo alguns geographos estrangeiros a suppõem descoberta em 1505, e Malte Brum assigna ao descobrimento o anno de 1545, no que parece haver manifesto engano.

Esta Ilha é a mesma que os francezes chamaram de *Bourbon*, quando d'ella se apossaram: mudança de nome, que sómente póde servir para escurecer a memoria do descobridor: mas não nos admiremos. Esta mesma Ilha a que os francezes tiraram o nome de *Mascarenhas*, e deram o de *Bourbon*, foi por elles mesmos, e no espaço de poucos annos, chamada *Ilha da Reunião*; logo depois *Ilha Bonaparte*; mais depois outra vez *Ilha de Bourbon*; e ao presente deverá admirar, que se lhe não tenha dado o nomê

de *Ilha de Orleans!* Os Portuguezes a povoaram de animaes domesticos, e muitas vezes iam alli as náos prover-se de refrescos.

ANNO DE 1513

Os Portuguezes commandados pelo duque de Bragança D. Jayme, conquistaram n'este anno *Azamor*, *Tite* e *Almeidina*, na Mauritania Tingitana, sobre a costa do Atlantico.

Diz Damião de Goes, que a armada constava de mais de 400 vellas de todos os portes, e que iam n'ella 18:000 infantes, e 2:500 cavallos, além da gente da manobra e serviço do mar. Esta grande armada apromptou-se em quatro mezes e meio.

ANNO DE 1514

Mandou El-Rei ao oriente duas náos, capitães Luiz Figueira, e Pedro Yannes Francez, com o determinado intento de concertarem ajustes de commercio com os habitantes da Ilha de S. Lourenço, e levantarem fortaleza em Matabana. Os dois capitães estiveram cousa de 6 mezes n'este porto; mas retiraram-se sem outro effeito.

Em Fevereiro d'este anno recebeu El-Rei em Lisboa a Armenio Matheus, embaixador de David Rei da Ethiopia

sobre o Egypto, com cartas d'este principe, e de sua avó Helena. Matheus tinha precedentemente chegado a Gôa para d'alli vir a Portugal, e dava noticia de tres Portuguezes que estavam na Ethiopia, um por nome *João*, que havia muito tempo tinha sido mandado por um Rei de Portugal, e os outros dois, que de pouco tempo tinham lá chegado.

Recebeu tambem El-Rei o embaixador do Rei de Ormuz.

Veiu a Lisboa um *Naire* mandado a El-Rei pelo Çamori de Calecut para aprender a lingua portugueza, andar na côrte, e vêr os costumes portuguezes. Este Naire recebeu o baptismo, e tomou o nome de D. João.

N'este mesmo anno, em um domingo, 12 de Março foi apresentado ao Papa Leão x, em nome de El-Rei de Portugal, um riquissimo presente (*insolita ac prorsus magnifica munera*) em que iam muitas cousas ricas e preciosas da Asia, e algumas curiosidades d'aquellas terras, como era, por exemplo, um elefante governado por um Indio, e um cavallo persio com sua onça de caça, dadiva do Rei de Ormuz, etc. Foi embaixador de El-Rei a Roma Tristão da Cunha, assistido dos Doutores Diogo Pacheco, e João de Faria, e levando por secretario da embaixada Garcia de Rezende.

ANNO DE 1515

N'este anno o grande Albuquerque poz definitivamente á obediencia de El-Rei de Portugal a importante cidade de Ormuz: recebeu n'ella com grande solemnidade o embaixador do Schach Ismael, Rei da Persia: e mandou com o

mesmo character á côrte de *Ispahan* Fernão Gomes de Lemos, senhor da Trofa.

Fernão Gomes já estava de volta na Índia em 1517 e de Cochim mandou a El-Rei *um livro em que dava conta da sua embaixada, e do caminho que fizera.*

N'este mesmo anno, o grande Affonso de Albuquerque, este não menos homem do estado, que insigne capitão, vindo de Ormuz para Gôa, falleceu no mar á vista de Gôa, em domingo 16 de Dezembro, aos 63 annos de idade.

Nos seis annos do seu governo fundou, e firmou o imperio portuguez do oriente pela conquista dos tres importantes pontos de Gôa, Malaca e Ormuz, que na sua vasta idéa abrangiam todo o commercio do Oriente, e faziam os Portuguezes senhores de seus mares, e de suas ricas e variadas producções.

Malaca era o emporio geral a que concorria o cravo das Molucas, a noz de Banda, o sandalo de Timor, a canfora de Borneo, o ouro de Çamatra, e do Lequio, e as gommás, aromas, e mais mercadorias preciosas da China, do Japão, de Siam, de Pegú, etc.

Gôa reunia ao que lhe vinha de Malaca os estofos de Bengala, as perolas de *Kalkar*, os diamantes de Narsinga, a canella e rubins de Ceilão, a pimenta, gengibre, e outras especiarias de Malabar, que até então enriqueciam Calcut, Cambaya e Ormuz.

Ormuz finalmente era como entreposto, aonde se depositavam todas as producções da Índia, e mais paizes orientaes, para d'ahi passarem pelo golfo persico a Bassora, e logo em caravanas á Armenia, Trebisonda, Alepo, Damasco, etc.

Já dissemos muito em summa, como este grande ho-

mem estendeu, e ampliou em todo o oriente o nome portuguez, mandando embaixadores, e descobridores aos paizes mais remotos, ajustando pazes, e commercio com muitos principes, e recebendo de todos elles testemunhos de respeito. Muitos d'elles deram mostras de grande sentimento pela sua morte, e alguns tomaram lucto por ella... Nunca a inveja e a ingratidão sacrificaram mais illustre victima!

Albuquerque era mui douto nos estudos astronomicos, cosmographicos e nauticos, como educado que fôra na escola portugueza d'aquelles felizes e saudosos tempos; e frequentes vezes propunha difficeis problemas n'estas sciencias ao grande geometra portuguez Pedro Nunes.

Alguns escriptores estrangeiros lhe attribuem o pensamento e projecto de derivar o *Nilo* para o golfo arabico, com o fim de dar um grande golpe no poder do Soldão do Egypto.

Um filho d'este illustre capitão, por nome *Braz de Albuquerque*, a quem El-Rei D. Manoel mandou tomar o nome de *Affonso*, em memoria de seu pae, escreveu *Commentarios de Affonso de Albuquerque* que se imprimiram em Lisboa em 1576, em fol.

ANNO DE 1516

O primeiro portuguez (diz um escriptor antigo) que descobriu o reino da *Cauchinchina* foi Duarte Coelho, aos 18 annos da nossa entrada na India, deixando em memoria d'isso um padrão com o seu nome, e tempo de descobrimento. Este fidalgo teve depois em remuneração dos seus

serviços da India as terras da capitania de Pernambuco no Brazil, que começou a povoar, quando se resolveu a colonisação d'aquelle grande continente, como em seu lugar tocaremos.

Neste anno do 1516 acabou de escrever o seu *Livro* Duarte Barbosa, descrevendo n'elle a maior parte de nossos descobrimentos, e os logares e portos desde o cabo de S. Sebastião até aos Lequios, etc. (Vej. a edição da Academia Real das Sciencias que o imprimiu em 1813.)

Não se nos estranhará, que façamos aqui menção de tres nobres *Sarmatas*, que movidos da grande fama que corria do nome de El-Rei D. Manoel entre aquelles povos, vieram a Lisboa com o unico intento de verem um tão grande principe, e receberem d'elle a Ordem da Cavallaria. El-Rei os armon cavalleiros n'este anno de 1516, e com generosas dadas os despediu contentes. Isto prova, (a nosso parecer) o brado que davam pela Europa os nossos descobrimentos e navegações, que os escriptores estrangeiros tratam hoje com tanto desdem, e quasi desprezo. (Goes, *Chron. de El-Rei D. Manoel.*)

ANNO DE 1517

Fernão Peres de Andrade, mandado á China, tocou Pacem na Ilha de Çamatra, onde os Portuguezes já tinham

commercio; assentou pazes com o Rei de *Patane*, e n'este anno de 1517 passou á China, aportando primeiro á Ilha de *Tamou*, a pouca distancia do continente d'aquelle grande imperio. Chegando ao continente, fez ajustes de paz e commercio com os governadores de Cantam, e lançou em terra o embaixador que levava com esse destino, por nome *Thomé Pires*, o qual depois de quatro mezes de caminho entrou na côrte de Nanquim. Fernão Mendes Pinto ainda encontrou na China uma filha d'este embaixador, e um Vasco Calvo, que o tinha acompanhado na sua infeliz missão. (Vej. as *Peregrinações de Fernão Mendes Pinto*, cap. 91 e 116). Fernão Peres de Andrade voltou da China com Simão de Alcaçova, e Jorge Mascarenhas, e chegou a India em 1519. (Vej. *Castanh.* liv. 4, cap. 27 e seguintes, e livro 5, cap. 80, etc.)

ANNO DE 1518

N'este mesmo anno foi expugnada e destruida a cidade de *Zeila* ás portas do estreito do *golfo arábico*, da parte de Africa. (*Livro de Duarte Barbosa.* art. *Zeila.*)

O Schá da Persia mandou embaixador a Portugal pedindo a El-Rei a sua amizade, e annunciando as disposições em que estava, de ligar-se com Sua Alteza contra os Turcos, inimigos de ambos. Pelo mesmo tempo chegavam avisos dos cavalleiros de Rhodes, prevenindo a El-Rei da armada, que se aprestava no Egypto contra os Portuguezes da India.

No mesmo anno falleceu na Ilha de Camaram, dentro do golfo arabico, Duarte Galvão, mandado por El-Rei D. Manoel como seu embaixador á Abyssinia, onde não chegou a entrar.

Depois de Fernão Peres estar em Cantam, foi Jorge Mascarenhas, de seu mandado, descobrir *uma terra mui grande* ao sueste, que se chamava *Lequia*. (*Castanh., Hist. da India*, liv. 4, cap. 40.) (Vej. adiante anno de 1544.)

ANNO DE 1518

Duarte Coelho de Albuquerque (de quem já fallámos aos annos 1511 e 1516) assentou paz e commercio com o Rei de *Siam*, e levantou na côrte de *Hodiá* um padrão com as quinas portuguezas. (*Barros*, 3, 2, 1.)

Passou depois ao reino de *Pam*, cujo Rei se fez tributario a Portugal, como d'antes o era ao Rei de Malaca. (*Ibid.*)

Fundou-se em *Columbo* fortaleza. (*Castanh.* livro. 4, capit. 42 e 43.)

O Papa Leão x concedeu por um seu Breve, que se podessem ordenar de Sacerdotes os Ethiopes, e Indios, que concorriam em Lisboa, a fim de serem uteis á religião, quando voltassem a suas patrias.

Em Dezembro d'este anno de 1518 foi despachado D. Tristão de Menezes a *Maluco* com cartas e presentes de El-Rei de Portugal para os Reis d'aquellas Ilhas, e para

assentar com elles o tracto do cravo. (*Castanh.* livro 4, cap. 47.)

ANNO DE 1519

Antonio Corrêa ajustou paz, e amisade com o Rei de Pegû (*Breve Discurso em que se conta a Conquista de Pegû pelos Portuguezes*, edição de 1829, 12.)

A 10 de Agosto d'este anno começou a sua famosa viagem o illustre cavalleiro portuguez Fernão de Magalhães, que por desgosto se desnaturalisou de Portugal, e foi offerrecer seus serviços a Castella.

A derrota e varios successos da armada podem vêr-se no *Roteiro*, ha pouco impresso na *Collecção de Noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*, da Academ. R. das Scienc. de Lisboa, vol. iv, n.º 2, que nos dispensa de aqui repetirmos a sua descripção.

Das cinco náos, de que constava a armada, uma só voltou á Europa, e a Sevilha, a não *Victoria*; a primeira que fez um giro inteiro á roda do globo da terra. O insigne, e intrepido capitão foi morto em uma das Filippinas, sem ter o gosto de vêr o fim á sua arrojada empreza.

Duarte Rezende, que então servia de feitor de Portugal em *Ternate*, e que teve em sua mão os papeis, e roteiros da viagem, escreveu um *Tractado da navegação de Fernão de Magalhães* que offerrecen a João de Barros.

ANNO DE 1520

O governador da India, indo ao *golfo arabico*, sondou e mediu o porto e Ilha de *Maçuá*, aonde El-Rei mandava levantar fortaleza. Ajustou paz e amizade com o *Barnagaes*, que pelo Abexi governava aquella provincia, e entregou o embaixador de Ethiopia Matheus, que em 1515 tinba saído de Lisboa em companhia de Duarte Galvão, e que só agora pôde ser restituído á Abyssinia no porto de *Arquico*.

Ahi mesmo saiu em terra D. Rodrigo de Lima, mandado embaixador de El-Rei á Abyssinia, por ter fallecido Duarte Galvão, como notámos ao anno de 1517.

Com D. Rodrigo foi, entre outros Portuguezes, o padre Francisco Alves, que havia saído de Portugal com Galvão, como capellão da embaixada, e depois escreveu *Verdadeira informação das terras do Preste João das Indias*, obra que se imprimiu em Lisboa em 1540, e se traduziu em varias linguas.

ANNO DE 1521

N'este anno despachou El-Rei tres náos, capitão-mór Sebastião de Sousa de Elvas com ordem de ir á Ilha de S. Lourenço, e levantar fortaleza no porto de *Matatana*. Este projecto não teve execução, por se haver desgarrado o navio, que levava os materiaes da obra.

O Rei de *Pacem*, restituído pelas armas portuguezas aos seus estados, que lhe andavam usurpados, fez-se tributa-

rio a Portugal, e consentiu que os portuguezes levantassem fortaleza no seu porto. Foi Capitão d'esta expedição Jorge de Albuquerque.

Antonio Corrêa, com alguns portuguezes, restituiu a Ilha de Baharem, no golfo persico, á vassallagem do Rei de Ormuz, matando em guerra o Rei usurpador. Por esta expedição teve Antonio Corrêa o appellido de *Baharem*, e no seu escudo de armas *uma cabeça de Mouro coroada, cortada em vermelho, e com corôa de ouro.* (Castan. liv. 5, cap. 59, Goes, etc.

Fundou-se a fortaleza de Chaul.

Neste mesmo anno de 1521, querendo El-Rei D. Manoel executar um projecto, que muito antes tinha meditado, mandou ao Congo Gregorio de Quadra com ordem de investigar o caminho de Congo para Abyssinia, atravessando a Africa. O Quadra achou no Congo embarços ordidos pela inveja e malevolencia, e como voltasse a Portugal para os remover, soube que El-Rei tinha fallecido, e o projecto desvaneceu-se. (Goes, *Chron. de El-Rei D. Manoel*, part. 4, cap. 54.)

ANNO DE 1521

Neste anno de 1521 a 13 de Dezembro falleceu El-Rei D. Manoel, appellidado entre nós o *Venturoso*. D'elle dizem alguns escriptores que deixára de sua propria compo-

sição *Commentarios dos successos da India*. Succedeu-lhe no throno El-Rei D. João III, seu filho.

Ao tempo do fallecimento d'este feliz monarcha, eram tributarios á Corôa de Portugal muitos Reis, e principes do Oriente, e tinhamos fundado na India muitas fortalezas em differentes portos.

Em Africa na Mauritania, ás cidades e fortalezas ganhadas por seus antecessores, accrescentou Çafim Azamor, e outras, e fez tributarias algumas provincias até além de Marrocos.

No seu feliz reinado as náos da carreira da India não excediam de 400 toneladas. Um escriptor nosso calcula em duzentos e noventa e quatro os navios que D. Manoel mandou ao Oriente dos quaes se perderam vinte e seis.

N. B. Nas primeiras ordens de El-Rei D. João III, que chegaram á India, mandava elle, «que nenhuma fortaleza, «das que El-Rei seu pae mandava fazer de novo, se fizesse; «porém que as que estivessem começadas se acabassem. (Castanh. *Hist. da India*, liv. 5, cap. 79.)

1750 DE 1751

REINADO DE EL-REI D. JOÃO III

1521 — 1557

ANNO DE 1522

N'este anno lançaram os Portuguezes os primeiros fundamentos á cidade de S. Thomé, a pouca distancia da antiga *Meliapôr*, na costa de Coromandel, aonde já tinham algum commercio desde o anno de 1514.

Antonio de Brito fundou a fortaleza de *Ternate*, nas Molucas, e ajustou artigos de paz, e commercio com a Rainha, que por seu filho menor governava a Ilha. Começou-se a fortaleza a 24 de Junho de 1522. (*Castanh.* liv. 6, cap. 12.)

N. B. Antes d'este anno, e depois d'elle, já os Portuguezes tinham descoberto e continuaram a descobrir muitas das Ilhas d'aquelle vastissimo archipelago, posto que ignoramos as datas precisas de muitos dos descobrimentos. Estes porém foram em tanto numero, que já um an-

tigo escriptor portuguez queria que se lhes dêsse o nome de *Asia Insular*, e que se distribuissem em cinco provincias, a saber: «Provincia de Maluco, de Amboino, do Moro, «dos Papuás, e das Celebes, ou Macassar.» Pelo que não parece de todo original a lembrança dos modernos geographos, que tem feito de todas aquellas terras, e mares uma *quinta parte do mundo*, a que dão o nome de *Oceania*, dividindo-a em *Australasia*, *Polinesia*, e *Asia insular*.

1561 — 1564

A este mesmo anno se deve referir o principio das *Via-gens* de Antonio Tenreiro. Saiu este portuguez de Ormuz em companhia de Balthazar Pessoa, que de mandado do governador da India D. Duarte de Menezes ia por embaixador á Persia. Esteve na Persia, passou á Armenia, veiu á Syria, ao Cairo, a Alexandria, e á Ilha de Chipre. De Chipre voltou ao continente, e logo a Ormuz, por terra, e ficando ahi cinco, ou seis annos (como elle mesmo diz) tornou a sair para vir por terra a Portugal, com recados a El-Rei, sobre a armada do Turco, sendo governador da India Lopo Vaz de Sampaio, e capitão de Ormuz Christovão de Mendonça. Saiu de Ormuz nos fins de Setembro de 1528, e chegou a Portugal no anno seguinte, com alguns mezes de viagem. Elle mesmo escreveu o seu *Itinerario*, que se imprimiu em Coimbra em 1560, e depois de outras reimpressões, saiu novamente á luz em Lisboa, em 1829.

ANNO DE 1523

Fez El-Rei D. João III doação do reino de Ormuz a Mahumed de Xaa, filho mais velho de El-Rei Cafadim Abanader, em 19 de Agosto d'este anno de 1523, e na carta de doação usa do dictado REI DE PORTUGAL E DOS ALGARVES, D'AQUEM E D'ALEM MAR EM AFRICA, SENHOR DE GUINÉ E DA CONQUISTA, NAVEGAÇÃO E COMMERCIO DA ETHIOPIA, ARABIA, PERSIA, INDIA, E SENHOR DO REINO E SENHORIA DE MALACA, DO REINO E SENHORIA DE GÔA, E DO REINO E SENHORIA DE ORMUZ, ETC. (*Dissert. Chronol. e Crit.*, tomo 3, part. 2.^a, pag. 203.)

Expugnaram os Portuguezes a cidade de *Xael*.

ANNO DE 1524

Foi terceira vez á India com o titulo de Vice-Rei o Almirante D. Vasco da Gama, já então conde da Vidigueira; porém aos tres mezes e vinte dias da sua estada na India, fallèceu em Cochim a 25 de Dezembro d'este anno. Os seus ossos vieram para Portugal, e foram sepultados no convento carmelitano da Vidigueira, na igreja, ao lado do Evangelho.

Heitor da Silveira ajustou pazes com o Rei de *Adem*, que se fez tributario a Portugal. Estas pazes não duraram muito.

ANNO DE 1525

Antonio de Brito, capitão de Ternate, armou uma fusta com 25 Portuguezes, piloto Gomes de Sequeira, e a mandou com fazendas ás Ilhas Celebes, aonde se dizia que havia muito ouro. Os portuguezes foram ao principio bem recebidos dos insulares; mas sendo depois obrigados a sair d'alli, e navegando com grandes tormentas, foi a fusta arrojada a um *mar largo e desconhecido*, e havendo corrido obra de 300 leguas a Leste, achou-se em frente de uma grande, e formosa Ilha, que do nome do piloto (diz a Relação que seguimos) se ficou chamando *Ilha Gomes de Sequeira*, e aonde os Portuguezes acharam bom acolhimento.

«Aqui (diz a mesma Relação) acharam homens mais alvos que morenos, cabellos corredios, barbas estendidas, presença agradavel, corpos enxutos, e grande candura, e simplicidade no trato, de maneira, que a Ilha se poderia chamar *Ilha da simplicidade* pela mansidão e bondade de seus habitantes. Vestiam umas tunicas interiores de esteira mui fina, e outras sobre-vestes tecidas em tranças mais grossas, sem talho algum, e cobrindo tão somente da cintura até aos pés. Sustentavam-se de inhames, legumes, cocos, bananas, etc.»

Os portuguezes demoraram-se quatro mezes n'esta bella Ilha, e o piloto a demarcou na sua carta; mas logo que tiveram monção, saíram d'ella (a 20 de Janeiro de 1526) e voltaram a Ternate.

«Parece-nos haver alguma analogia entre o character, costumes, e usos d'estes insulares, e os da Ilha, que os castelhanos depois denominaram *Ilha da bella nação*, situada a 13º austr., e descripta na Relação de Fernando Queiroz, citada por Buffon, na *Hist. natur. de l'homme*. (Veja Andrade, *Chron. de El-Rei D. João III*, part. 1.ª, cap. 92, e o *Oriente Conquist.* do P. Sousa: e veja-se tambem Castanheda, liv. 6, cap. 127.)

Alguns escriptores estrangeiros dizem, que «n'este anno, «ou ainda antes, fora descoberta pelos portuguezes» a grande terra, que depois se chamou *Nova Hollanda*: a qual ficando por então em esquecimento, fôra depois reconhecida pelos hollandezes desde 1616 em diante por varias vezes. Pôde ver-se o que diz a este respeito o illustre geographo Malte Brun no liv. 23 da *Historia da Geographia*, pag. 630, aonde não duvida affirmar que os «portuguezes á honra d'este descobrimento vem de receber nova luz pór duas antigas cartas, que se acham no «Museu Britannico, etc.»

N'este anno succedeu o caso lastimoso de D. Luiz de Menezes. Saiu este fidalgo de Gôa na não *Santa Catharina*, e seu irmão D. Duarte de Menezes na não *S. Jorge*, com destino para Portugal.

Entraram ambos em Moçambique e depois de repararem seus navios de algumas cousas que necessitavam, saíram e navegaram separados. D. Luiz nunca mais appareceu.

Passados annos morreu em França um piloto portuguez que lá residia, deixando ordenado em seu testamento, que se entregassem a El-Rei de Portugal seis mil cruzados que elle lhe devia das fazendas que lhe tocaram da não de D. Luiz de Menezes, a qual fôra tomada vindo da India.

Nô anno de 1536 andando Diogo da Silveira com uma esquadra de guarda costas, aprisionou um corsario francez, e uns homens da sua equipagem lhe descobriram em segredo, que o seu capitão era irmão do pirata que havia tomado a não de D. Luiz de Menezes na costa de Portugal e assassinado toda a gente.

Diogo da Silveira poz a ferros o capitão do corsario, o qual confessou ser verdade achar-se elle com seu irmão na tomada da não, dizendo que ella mesmo se havia rendido por fazer tanta agua que se estava indo a pique, e que do melhor que acharam n'ella se apossaram e carregaram o seu navio que era pequeno, e depois deitaram fogo á não com toda a gente dentro.

Diogo da Silveira ficou tão indignado com esta narração, que sem querer conduzir a Lisboa os prisioneiros, como devia fazer, os puniu de morte.

(QUINTELLA — *Annaes.*)

ANNO DE 1526

N'este anno indo D. Jorge de Menezes para Maluco foi mandado tomar o caminho de *Borneo*, e descobrir esta navegação, como mais commoda, do que aquella, que se costumava fazer por Banda.

Com este designio foi dar atravez das Ilhas do Moro, e em uma noite, que o vento foi calmo, correu tanto com as grandes correntes que ha por entre aquellas ilhas, que foi parar ao *grande golfo do estreito de Magalhães*, aonde com riço temporal foi arrojado á *terra dos Papuás*. Aqui, forçado dos ventos de Oeste, invernou, e demorou-se tanto tempo que só pôde chegar a Maluco em Maio de 1527. (Andrade, *Chron. de D. João III*, part. 2.^a, cap. 49. Veja-se Barros, Dec. 4, liv. 1, cap. 46.)

N'este mesmo anno entrou effectivamente em Borneo Vasco Lourenço, achando já n'esta ilha outro capitão portuguez.

No golfo arabico se fizeram tributarias a Portugal as ilhas de *Maçuí* e de *Dalaca*.

Saiu da Ethiopia D. Rodrigo de Lima (v. anno de 1520 : o imperador David enviou a El-Rei por seu embaixador *Zagata-Ab*, sacerdote e bispo (que os nossos escriptores communmente chamam *Zagazabo*) com cartas para El-Rei D. João III, e para o Papa Clemente VII, datadas do anno de 1524. Com este embaixador voltou ao reino o padre Francisco Alvarez, de quem fizemos menção ao referido anno de 1520.

ANNO DE 1527

N'este anno Diogo Garcia, portuguez, que andava no serviço de Castella, navegando para Sul, aportou um pouco afastado da boca do *Uruguay*; e achando alli os navios de Sebastião Caboto, e sabendo que este tinha subido pelo *Paraguay*, subiu tambem com as suas lanchas até muito acima da confluencia do *Paraná*, aonde o encontrou acabando de construir o Fortim de Santa Anna, e ahi deram ambos ao Paraguay o nome de *Rio da prata*, por verem alguns pedaços d'este metal nas mãos dos indigenas. (*Gaeth, Herrera, etc.*)

Henrique Gomes Leme entrou na Ilha da *Sunda*, cujo Rei offereceu lugar para uma fortaleza, e dar de tributo 350 quintaes de pimenta em cada anno. Este ajuste porém não teve effeito.

O Rei de Bintão restituído pelas armas portuguezas aos seus estados, fez-se tributario a Portugal.

Nuno da Cunha fez tributario o Rei de Mombaça. (*Barros 4, 3, 5.*)

Belchior de Sousa Tavares, foi em auxilio do Rei de *Bacorá* contra o de *Gizaira*, e foi o primeiro portuguez, que entrou pelos rios Tigre e Eufrates.

ANNO DE 1529

N'este anno a 22 de Abril foi celebrada a Capitulação de Saragoça entre Portugal e Hespanha, pela qual o Imperador Carlos v, Rei de Castella vendeu a El-Rei de Portugal o dominio, propriedade, posse, ou quasi posse das Molucas por 350:000 ducados de ouro, com condição que pagando El-Rei de Castella integralmente esta quantia, ficariam as parte contractantes cada uma com o direito e acção que ao tempo do contracto tinha, ou pretendia ter n'aquellas ilhas. Vem este notavel Contracto por integra na *Collecção das Viagens e descobrimentos dos Hespanhoes*, por D. M. F. de Navarrete, tom. iv, pag. 389.

ANNO DE 1530

A 20 de Novembro d'este anno são datadas as cartas Regias, pelas quaes El-Rei mandou, que Martim Affonso de Sousa saísse com uma armada a investigar as costas e terras do Brazil, auctorisando-o para repartir terrenos áquelles que n'ellas quizessem habitar. (Veja-se o *Diario* d'esta navegação, ha pouco publicado pelo sr. Francisco Adolpho Varnhagen com mui eruditas e interessantes notas.)

Aqui se deve fixar (a nosso parecer) a época da colonisação do Brazil, que logo depois se continuou com regularidade.

Martim Affonso reconheceu n'esta viagem o *Rio de Ja-*

neiro, chegou ao *Rio da Prata*, descobriu a 30º austr. o rio que do seu nome se ficou chamando *Rio de Martim Affonso*; e a 22 de Janeiro de 1532, dia de S. Vicente, surgiu no porto de S. *Vicente*, aonde lançou os fundamentos á primeira colonia portugueza do Brazil.

D. João III deve ser considerado como o povoador do Brazil, que até á época em que subiu ao throno, estava só em partes reconhecido, e em nenhuma povoado, porque as guerras da India e as altas esperanças que dava o seu commercio, attrahiam toda a attenção dos portuguezes para o oriente.

As especulações mercantis formavam então o espirito dominante do seculo, e cada seculo tem o seu espirito particular que o distingue dos outros.

El-Rei pensou sabiamente, que um paiz tão fértil, tão extenso, cheio de bons portos, como o Brazil, cuja navegação era muito menos longa e difficil que a da India, merecia toda a sua consideração, e o emprego das providencias mais convenientes para estabelecer n'elle colonias, que pouco e pouco domesticassem os seus selvagens habitantes, e praticando a agricultura, se utilisassem dos productos de uma terra virgem, e das preciosas madeiras de toda a especie, que offereciam os seus antiquissimos bosques, em muitas partes á beira d'agua.

Como o erario não podesse fazer face a um projecto tão gigantesco, que exigia enormes despezas, formou-se em 1534, pouco mais ou menos, um plano geral de colonisação, que abrangia desde Pernambuco até ao Rio da Prata, demarcando e dividindo toda aquella immensa costa em capitánias de cinquenta leguas de frente cada uma, com

um fundo illimitado por não ser ainda conhecido o continente. Estas capitánias deu El-Rei em diferentes épocas, desde 1532 em diante debaixo de certas condições, e de juro e herdade, ás pessoas que tinham meios para estabelecerem alli colonias á sua propria custa.

Para dar principio a este systema, mandou El-Rei no anno de 1530 a Martim Affonso de Sousa, do seu Conselho, de cuja capacidade fazia grande estimação, por commandante de uma esquadra, com a qual parece que elle incorporou alguns navios afretados á sua custa, em que se embarcaram algumas pessoas que se offereceram para povoarem o primeiro estabelecimento colonial que se ia crear no Brazil, attendendo a que Martim Affonso de Sousa levava instrucções para examinar a costa, que correu desde Cabo Frio ao Rio da Prata, e erigir uma colonia onde melhor lhe parecesse, com auctoridade de conceder terras de sesmaria aos que as quizessem cultivar.

A esquadra saiu de Lisboa depois de 20 de Novembro, e na sua viagem encontrou alguns navios de corsarios francezes que aprisionou um. No 1.º de Janeiro de 1534, chegou á boca de uma vasta bahia a que deu o nome de *Rio de Janeiro*, e Martim Affonso de Sousa não ousando aventurar a esquadra em um porto desconhecido, surgiu fóra, e desembarcando em uma praia adjacente a um notavel penhasco (o Pão de Assucar) explorou o paiz, e fez por mar outro reconhecimento com lanchas armadas, em que veiu a conhecer que lhe não convinha arriscar uma pequena colonia em terra tão povoada de indios feroces e guerreiros.

Deixando pois o ancoradouro proseguiu costeando para Oeste, viu as barras da Tijuca e Guaratiba, descobriu a ilha da Marambaia, e logo outra a que chamou *Ilha Grande* e avante d'esta entrou em uma grande enseada a que deu o nome de *Angra dos Reis* por ser a 6 de Janeiro.

Saindo d'esta enseada continuou a examinar a costa até chegar no dia 20 a uma ilha, a que por essa causa chamou de *S. Sebastião*, e a 22 descobriu um porto em que entrou, e o apelidou *Rio de S. Vicente* por cuidar que o era, e desembarcando em uma ilha, construiu um forte, para sua defesa. Este porto é o que se chama hoje *Porto de Santos*, e a capitania que por muitos annos conservou a denominação de *S. Vicente*, tomou em 1740 o nome de *S. Paulo*.

Martim Affonso de Sousa teve a fortuna de achar estabelecido n'este paiz, um portuguez chamado João Ramalho, que havia muitos annos habitava entre os Indios Guaiannazes, e se achava casado com a filha de Tebyreça, poderoso Cacique, dos campos de Paratininga, com o favor do qual, fez paz e alliança com este Cacique, a qual foi extensiva aos indios das outras aldeias.

Ficando por este Tratado em segurança a colonia (que se mudou depois para melhor local) expediu Martim Affonso de Sousa para Portugal o navio francez que aprezára, com todos os prisioneiros, escrevendo a El-Rei o que lhe havia acontecido, e saiu com a esquadra a reconhecer a costa do Sul, segundo lhe ordenavam as suas instrucções, em cuja derrota descobriu todas as ilhas, cabos e bahias, pondo padrões onde melhor lhe pareceu, como signal da posse que tomou d'aquelles paizes para a corôa de Portugal.

O primeiro padrão foi collocado na pequena ilha *do Cardoso*, de frente da Cananéa; e havendo-se perdido a lembrança d'elle, se descobriu em Janeiro de 1767. Em 30" de latitude Sul achou um rio que se ficou chamando do seu nome, e na ilha do Maldonado situada na boca do Rio da Prata, assentou o ultimo padrão, e entrando por este rio perdeu um navio, que varou em um baixo.

Concluido este reconhecimento que se não sabe com cer-

teza até onde se estendeu, voltou para S. Vicente, e por duas carayellas chegadas de Lisboa, soube que El-Rei lhe havia dado uma capitania de cem leguas de costa, e outra de cincoenta a seu irmão Pedro Lopes de Sousa. Partiu elle logo em pessoa a reconhecer o paiz onde estava, e subiu a grande serra da Paranapiacaba, em cujos campos se construiu mais de vinte annos depois, a cidade de S. Paulo, e por ultimo deixando a colonia bem guarnecida, regressou a Portugal em 1533.

(QUINTELLA. — *Annaes.*)

ANNO DE 1533

Nos principios d'este anno foi Nuno da Cunha com uma armada de cousa de 80 vellas sobre *Baçaim*, e alcançando gloriosa victoria, tomou e destruiu a fortaleza que alli tinha levantado o Rei de Cambaya. (*Castanh.* liv. 8, capitulos 59 e 62.)

ANNOS DE 1534 E 1535

O Rei de Cambaya implorando o auxilio das armas portuguezas contra os Magores, cedeu a Portugal *Baçaim* com todas as suas terras, e portos maritimos.

Permittiu tambem que os portuguezes fundassem em Diu a fortaleza, que tanto desejavam, e que depois lhes foi tão pertinazmente disputada. Fundou-a o governador da India Nuno da Cunha. E como todos sabiam quanto El-Rei

de Portugal era empenhado em ter alli fortaleza, um Diogo Botelho, querendo adiantar-se a lhe trazer tão grata noticia, veiu, quasi furtivamente, da India a Lisboa em uma fusta de 18 pés de comprido, 6 de largo e 4 de alto, trazendo a El-Rei a planta de Diu e os artigos da capitulação: viagem que maravilhou a todos, e que certamente merece esta memoria. (*Annaes da Marinha portugueza*, ao anno de 1535.)

Em 1534 navegou para a India Garcia de Horta, portuguez, que lá escreveu, e imprimiu em Gôa em 1563 os *Colloquios sobre as drogas e simples do Oriente*, obra que deve ser conhecida dos naturalistas.

No mesmo anno de 1534 chegou á India Martim Affonso de Sousa com o cargo de *Capitão-mór do mar da India*, levando armada em que tambem ia Diogo Lopes de Sousa seu irmão. (*Barros* 4, 4, 27.) Mandou arrazar a fortaleza de *Daman*, e correu a costa até Diu, fazendo grande guerra a Cambaya.

ANNO DE 1536

Francisco de Castro, mandado pelo illustre capitão das Molucas Antonio Galvão a *Macassar*, foi levado pelos ventos 100 leguas ao Norte das Molucas, e aportou á Ilha *Santigano*, d'onde passou ás outras Ilhas *Soligano*, *Mindanáo*, *Buticano*, *Pimilارانo* e *Camizino*.

D'esta viagem resultou fazerem-se muitos christãos por aquellas Ilhas : e como concorressem a Ternate em grande numero, pedindo o baptismo, fundou o insigne e virtuoso Galvão ali um seminario, em que se recolhessem e instruissem os meninos, que d'aquellas diversas gentes viessem a doutrinar-se na Religião Christã. Fundação memoravel, que foi a primeira de nossas conquistas, e honrará em todo o tempo a memoria do fundador.

ANNO DE 1537

Começou o celebre Fernão Mendes Pinto as suas extensas peregrinações, em que gastou desde a saída até á volta de Portugal 24 annos, recolhendo-se ao Reino em 1559. Imprimiram-se estas *Peregrinações* em Lisboa em 1614, e depois de varias reimpressões, saíram novamente á luz em Lisboa, 1839, 4 vol. 12.

Fernão Mendes, sendo mandado a Çamatra, pelos annos de 1540 ou 1541, e voltando a Malaca, informou o capitão portuguez de tudo que lhe succedera na viagem, tratando miudamente do descobrimento dos rios, portos, e angras, que novamente achára na Ilha de Çamatra, assim da parte do mar mediterraneo, como do Oceano, e do trato da gente que habitava aquellas terras. E arrumou por suas alturas toda aquella costa, com seus portos e rios, etc. (Vej. *Peregrinações*, cap. 20.)

ANNO DE 1538

Por este tempo vieram a Lisboa quatro principaes *Malabares*, ou *Paravás da costa da Pescaria*, com o fim de aprenderem a lingua portugueza, e poderem ser melhor instruidos na doutrina da religião. El-Rei os mandou recolher na casa de Santo Eloy, com os Ethiopes nobres do Congo, que n'ella tambem estudavam. Para elles compoz João de Barros a sua *Grammatica da lingua portugueza*, que se imprimiu em 1539.

ANNO DE 1538

No mesmo anno de 1538 foi o primeiro cêrco da fortaleza de Diu, defendida heroicamente por Antonio da Silveira contra as forças reunidas dos Guzarates e Turcos. Quando o illustre capitão chegou a Lisboa recebeu o parabem de alguns soberanos da Europa por seus embaixadores, e refere a historia, que El-Rei de França Francisco I, mandou tirar o retrato do heroe, e o fez collocar em uma sala do seu palacio entre outros de famosos varões, que tinham merecido a mesma honra. Lopo de Sousa Coutinho escreveu a historia d'este cêrco, que se imprimiu em Coimbra, em 1556, e é obra rara.

ANNO DE 1540

A este anno referem Diogo de Couto, e Lucena o descobrimento das Ilhas *Celebes* pelos Portuguezes: o que se

deve entender de um mais largo conhecimento ou tracto d'aquellas Ilhas, porque os Portuguezes já as tinham achado, e tocado em 1525, como dissemos a esse anno.

O Rei de *Cota* em Ceilão, não tendo filho que lhe succedesse, mandou embaixadores a El-Rei D. João III rogado-lhe houvesse por bem que a successão passasse ao neto. Os embaixadores traziam a estatua d'este futuro successor, de ouro; e El-Rei o coroou solemnemente em Lisboa, impondo uma preciosa corôa sobre a cabeça da estatua.

Fundou Fr. Vicente de Lagos, frade menor de S. Francisco, o collegio de Santiago de *Cranganor*, para n'elle serem educados 80 mancebos, filhos de gentios convertidos. Este collegio foi depois dotado por El-Rei de Portugal.

ANNO DE 1541

Foi n'este anno a expedição, em que o governador da India D. Estevão da Gama navegou com uma grande armada todo o *golfo arabico até Sués*, com o intento de destruir a armada dos Turcos que alli estava ancorada.

Em frente do monte *Sinai* saiu em terra, e armou alguns cavalleiros, entre elles D. Alvaro de Castro, filho de

D. João de Castro, e D. Luiz de Atayde, que depois foi Vice-Rei da India. A isto alludia o letreiro, que se escreveu sobre a sepultura de D. Estevão da Gama:

*O que armou cavalleiros no monte
Sinai veiu acabar aqui.*

O grande D. João de Castro, que ia na expedição por capitão de um dos navios da armada, sondou, examinou, e arrumou os portos, enseadas, rios, costas, e logares d'aquelle mar, e escreveu o *Roteiro do mar vermelho*, com uma exacção, miudeza, e verdade, que não tem sido excedida dos modernos. Este *Roteiro* imprimiu-se em Pariz no anno de 1833, 8.º

No mesmo anno foi a outra expedição de D. Christovão da Gama com 500 portuguezes em auxilio do Abexi, os quaes D. Estevão da Gama lançou em terra no porto de Maçuá. Miguel de Castanhoso que ia n'esta expedição, escreveu os successos d'ella, dos quaes tambem tratou D. João Bermudes patriarcha da Elhiopia na sua *Relação* offerecida a El-Rei de Portugal D. Sebastião.

Fundou-se n'este mesmo anno o Seminario de Santa Fè de Gôa, para n'elle serem educados e instruidos os neóphitos gentios, e os meninos christãos filhos de gentios convertidos dos varios reinos d'aquelle Oriente. Nos papeis primitivos da fundação se nomeavam os meninos dos Canarins, Decanis do Norte, Malabares, Chingalas, Bengalas, Pegús, Malaioes, Jáos, Chinas, e Abexis, por onde se vê quantas, e quão vastas regiões e povos, tinham já então trato com os portuguezes.

ANNO DE 1542

Antonio da Motta, Francisco Zeimote, e Antonio Peixoto, navegando para a China, foram arrojados pelo temporal ás costas do Japão, onde tomaram porto. Pelo mesmo tempo aportaram tambem ao Japão Fernão Mendes Pinto, Christovão Borralho e Diogo Zeimoto.

N'este mesmo anno entrou na India o Santo *Xavier* appellidado o *novo apostolo do Oriente*.

El-Rei D. João III mandava ao descobrimento da *Ilha do Ouro*, que se dizia estar no oceano oriental a 5º lat. austr. e a 450 leguas de Çamatra. Esta expedição não chegou a effectuar-se.

Por este tempo tinham já os portuguezes um consideravel estabelecimento, a que davam o nome de cidade, em *Liampó* (ou *Limpó*, ou antes *Nim-pó*) na costa oriental da China 30º septemtr. D'aqui passaram a fazer outro estabelecimento em *Chinchéo* pelos annos 1549, e ultimamente vieram fundar o de *Macáo*, na ponta do Sul da Ilha de *Gaoxam* (ou *Yanxam*) em 1557, de que adiante se fallará.

ANNO DE 1544

Antonio de Paiva entrou na Ilha de *Macassá*, e passou á de *Sian* (ou *Siang*) aonde se fizeram muitas conversões ao christianismo.

Fernão Mendes Pinto, e outros portuguezes aportaram ás Ilhas Léquiás (de Lieukien) ao nordeste da Ilha Formosa, e ao Oriente da costa da China. D'ellas falla o mesmo Fernão Mendes em suas *Peregrinações*, cap. 138 e 143.

O Rei de Ternate Tabarija (que depois do baptismo se chamou D. Manoel) fallecendo em Malaca, deixou os seus estados a El-Rei de Portugal.

Martim Affonso de Sousa fez tributarios a Portugal os Reis de *Jafanapatam* e de *Travancor*.

ANNÓ DE 1545

Passando n'este anno o illustre D. João de Castro a governar a India, escreveu de Moçambique a El-Rei, e lhe annunciava o recente descobrimento da bahia e rios, que do seu descobridor se ficaram chamando de *Lourenço Marques*. O principal rio tinha a sua entrada no mar, segundo as cartas portuguezas, a 25° e 15' lat. Sul. As cartas modernas demarcam a bahia a 26° na costa oriental de Africa.

El-Rei respondendo a D. João de Castro no anno seguinte de 1546, recommendava a continuação do mesmo descobrimento. (*Collecção de cartas originaes.*)

ANNO DE 1546

A 13 e 15 de Março d'este anno são datadas duas cartas de El-Rei D. João III, uma para o Rei dos Abexis e outra para os Portuguezes, que ainda lá estavam, e tinham ficado da expedição de D. Christovão da Gama. N'ellas recommendava El-Rei com muito encarecimento, que por pessoas para isso idoneas se mandasse indagar, e descobrir um «caminho, que da Abyssinia viesse ter á costa de Melinde, «ou a alguma outra parte d'aquella banda: E porque pôde «ser (diz El-Rei) que a terra do Abexi venha tanto para «Oeste, e a do Manicongo vá tanto para o Leste, que não «seja grande distancia de uma terra a outra:» queria que tambem se tentasse este caminho do Abexi para Manicongo, ou para qualquer outro rio, do cabo da Boa Esperança para cá, etc. (*Carta original, na minha collecção.*)

N'este anno de 1546 foi o segundo cerco de Diu, defendido heroicamente por D. João de Mascarenhas, e ultimamente rematado com uma assignalada victoria por D. João de Castro.

Este grande homem falleceu em Gôa em 1548, tendo recebido pouco antes a mercê do titulo de *Vice-Rei da India* para com elle continuar a governal-a. D'elle diz um escriptor, *que era no mar soldado, piloto e geographo, como mostram seus escriptos*. Nós sómente accrescentaremos que foi no mar, e na terra um exemplar das grandes virtudes, e eminentes qualidades, que constituem o verdadeiro heroismo, e fazem o homem digno da immortalidade. (Vejam-se as historias do cerco, e a *Vida de Castro.*)

ANNO DE 1549

Thomé de Sousa lançou os fundamentos á cidade de S. Salyador na Bahia, na Terra de Santa Cruz (Brazil), a qual cidade mandava El-Rei fundar para capital de todo aquelle Estado. Ordenou o governo da justiça, e fazenda, fundou egreja, fortificou o logar, etc.

N'este mesmo anno navegou o S. Xavier para o Japão, aonde já as náos portuguezas iam commerciar. Entrou em *Cangoxima, Exiando, Firando, Amanguchi, Meaco, e Figen*, demorando-se n'esta sua apostolica expedição dois annos, e quatro mezes. Em 1552 falleceu na Ilha de *Sanchoam*, ás portas da China, aonde se dirigia.

ANNO DE 1551

Tomaram os Portuguezes a cidade de *Geilólo*, capital da Ilha do mesmo nome no archipelago das Molucas. O Rei ficou continuando o governo com o titulo de *Sangage* (governador) sujeito e tributario a Portugal. (*Hist. da India*, no tempo de D. Luiz de Atayde, por Antonio Pinto Pereira, liv. 4, cap. 31.)

ANNOS DE 1552 A 1556

Em 1552 no galeão, em que naufragou Sepulveda, vi-
nham a El-Rei de Portugal cartas de *Nautaquim* principe

de *Tanixumaa*, Ilha do Japão, pedindo o auxilio de 500 portuguezes para conquistar a Ilha Lequia (de *Lieukien*), e offerecendo em reconhecimento o tributo annual de 5:000 quintaes de cobre, e 1:000 de latão.

Em 1554 teve o Vice-Rei da India cartas dos Reis Japonezes de Firando, Amanguchi e Bungo.

Em 1556 fundaram os Portuguezes em *Funay*, capital do Bungo no Japão, um hospital para leprosos, que aquella gente costumava abandonar, como feridos do Céu, e para meninos, que muitos paes engeitavam, e talvez matavam por pobreza, ou por outros semelhantes motivos. O Rei de Bungo commovido d'esta humanidade dos portuguezes, favoreceu o estabelecimento, e prohibiu que d'ahi em diante os paes matassem, ou expozessem os filhos. O estabelecimento teve consideraveis progressos, e El-Rei D. Sebastião mandava concorrer para as suas despesas.

N'este mesmo anno de 1556 prégava a fê christã na China, o dominicano Fr. Gaspar da Cruz, que tinha passado á India em 1548. que depois escreveu «Tratado das cousas da China com suas particularidades, e assi do reino de Ormuz, etc.» que se imprimiu em Evora em 1570, e ha pouco se reimprimiu em Lisboa em 1829.

ANNO DE 1557

Por este tempo alcançaram os portuguezes, que os mandarins de *Cantão* lhe concedessem o porto da península de Macau, para n'elle viverem e commercialem. (Veja-se o anno de 1542.) Ahi fundaram uma colonia independente que por tempo cresceu, e chegou a constar de algu-

mas 700 familias portuguezas, quasi todas ricas com o trato da China, Japão, Manilha, e outros reinos, e terras orientaes. Pelos annos de 1622, começando a ser inquietados pelas esquadras hollandezas, pediram soccorro, e defeza ao Vice-Rei da India, e então se sujeitaram ás leis de Portugal, tiveram governador portuguez, e a colonia teve o nome de *cidade*, que se chamou do *Nome de Deus de Macou*.

Falleceu El-Rei D. João III a 11 de Julho de 1557, e succedeu-lhe no throno seu neto El-Rei D. Sebastião ainda muito menino.

REINO DE 1557

Por este tempo succedeu em Portugal, que se mandou de Camão ao conde de Castello Branco para a Macau, para a elle virarem a administração do anno de 1557. Foi fundado uma colonia independente que por tempo passou a chamar a cidade de Macau.

...

Remataremos as memorias d'este reinado, com a narrativa de dois casos de grande coragem e intrepidez, dignos de serem commemorados n'esta resenha de feitos illustres.

...

...

1535 — N'este anno empreheudeu Diogo Botelho a sua viagem da India a Portugal, viagem que deve entrar em linha com as acções mais atrevidas do espirito humano.

Este official nascido na India, era filho natural de Antonio Real, governador de Cochim, no tempo do vice-rei D. Francisco de Almeida, e de Iria Pereira, que elle levava comsigo de Portugal, a qual ficando rica, o educou em grande mimo.

A inclinação o levou ao estudo da geographia e artes nauticas, em que fez grandes progressos pelo seu raro talento, constituindo-se um habil piloto, e artifice de cartas maritimas, emendando muitos erros dos antigos mappas, sem que estes estudos o desviassem do uso das armas, a que o arrastava o seu genio audaz e emprehendedor.

Tendo assim adquirido boa reputação, veio a Portugal, onde el-rei lhe deu o foro de fidalgo, e o tratou com distincção, mas não lhe deferindo a um requerimento em que lhe pedia o governo de Chaul, teve Diogo Botelho a im-

prudencia de soltar algumas palavras equivocas na presença de D. Antonio de Noronha, escrivão da puridade, dando a entender que queria mudar de reino, o que sabido por el-rei, e lembrando-se do caso de Fernão de Magalhães, a que Diogo Botelho não cedia em valor, e sobrepunha em conhecimentos, o mandou prender no castello de Lisboa, e o conservou a bom recado até á época em que foi nomeado vice-rei da India D. Vasco da Gama, que importunado de alguns fidalgos, pediu licença para o levar consigo, e el-rei lh'a deu debaixo de condição de não tornar mais a Portugal sem expressa licença sua.

Chegado Diogo Botelho a Góá, continuou a servir, e passava os invernos em Cochim, onde tinha amigos que lhe faziam pagar com exactidão os seus soldos.

Andava elle espreitando alguma occasião opportuna de vir a Portugal, porém de um modo tão extraordinario que claramente demonstrasse a el-rei a sua fidelidade, e desmentisse a quem lhe dissera que queria deixar o real serviço. Com este intento obteve faculdade do governador Nuno da Cunha, para armar uma fusta em que servisse o estado, e a construiu em Cochim munindo-a de tudo quanto julgou necessario para uma longa viagem. Esta pequena embarcação tinha apenas vinte e dois palmos de quilha, doze de boca e seis de pontal!

Era isto no momento em que o governador negociava com o Sultão Badur, a construcção de uma fortaleza em Diu, e devendo tão importante novidade ser logo communicada a el-rei por expresso, intentava Diogo Botelho ser o mensageiro d'ella. Com estas idéas foi a Baçaim, onde deixou a sua fusta, e passou a Diu em outro navio.

Começada a fortaleza, saiu Diogo Botelho occultamente de Diu, e chegando a Baçaim espalhou voz de que o governador o mandava a Chaul, e fez-se á vella nos primeiros dias de Novembro de 1535 levando de equipagem cinco

portuguezes, que eram tres creados seus, o mestre, e um Manoel Moreno, e oito escravos marinheiros; e de carga quarenta quintaes de cravo, e os viveres e aguada que podia accomodar tão pequena embarcação.

Partindo com monção favoravel tocou a costa de Melinde para se refazer d'agua e mantimentos, e n'esta travessa descobriu ao mestre e aos outros portuguezes o verdadeiro objecto da sua viagem, distribuindo logo a cada um certa porção de dinheiro, com promessa de ampla recompensa na sua chegada a Portugal; e como se não fiava dos escravos, trazia sempre vestida uma saia de malha, e uma espada curta na cinta.

Os seus receios não eram vãos, porque temendo elles os perigos e os trabalhos da viagem, se conjuraram para o matar, e aos mais portuguezes, dos quaes alguns vinham doentes; e n'um dia que sobreveio um aguaceiro subito, com que arriando as vellas de pancada, estas caíram no mar, acudiu toda a equipagem para as recolher, n'este momento de confusão e de embaraço, se levantaram os escravos, armando-se de fiskas, espetos e machados e uma espada que haviam escondido, atacaram o commandante e os cinco portuguezes, que apesar de surprehendidos, se defenderam como leões, matando dois, e forçando o resto a deitar-se ao mar, em que tres morreram afogados. Os outros recolheram-se a bordo com promessa de perdão. Morreu n'esta briga um portuguez, e ficou ferido o mestre, e mais do que elle Diogo Botelho, que recebeu um golpe na cabeça em consequencia do qual perdeu por muitos dias a falla, e só podia dar as suas ordens por acenos ou por escripto.

Antes de dobrar o Cabo da Boa Esperança, o que se verificou em Janeiro de 1536, soffreu Diogo Botelho algumas borrascas que duas vezes o fizeram arribar; e dirigindo a sua derrota para a ilha de Santa Helena, não a

viu pela escuridão do tempo, e padecendo por isso muitas fomes e sedes, chegou á altura dos Açores. A necessidade o forçou a ancorar na ilha do Faial onde recebeu agua e mantimentos, e enganando habilmente o Corregedor da ilha que mostrava intenções sinistras a seu respeito, se fez á vella para Lisboa onde aportou a 21 de Maio, e passados muitos dias é que chegou da India Simão Ferreira, que saíra depois d'elle com as cartas do governador Nuno da Cunha.

El-Rei, ainda que estimou sobremaneira a noticia da fortaleza de Diu, perdoou com difficuldade a Diogo Botelho a sua deserção e falta de obediencia, e depois de examinar pessoalmente a Fusta, a mandou recolher em Sacavem, onde nacionaes e estrangeiros concorreram a verem e admirarem o pequeno barco que atravessara tantas mil leguas de um e outro oceano.

(QUINTELLA — *Annaes.*)

1546 — N'este anno se fez notavel Pedro Gallego, morador em Vianna do Minho, mancebo de vinte e tres annos, de pequena estatura, mas de fortes membros, mui valente, insigne no jogo das armas, e em todos os exercicios do corpo, de sorte que era reputado o chefe da mocidade da sua terra.

Animado de um espirito activo e emprehendedor propoz aos seus amigos que se comprasse e armasse uma caravella á custa de todos, e n'ella saíssem a cruzar contra piratas, e mouros, até encontrarem alguma boa fortuna que lhes dêsse honra e proveito.

Abraçado o projecto concorreu cada um com o dinheiro que pôde haver, dando Pedro Gallego duzentos mil réis, e com o maior segredo comprou uma caravella, em que metten quatro peças de ferro, viveres e munições, e em uma madrugada saiu de Vianna com trinta companheiros, além da gente do mar.

A sua derrota era para as ilhas dos Açores, n'aquelles tempos infestadas de corsarios, e a poucos dias de viagem debaixo de uma densa nevoa, achou-se proximo a um navio de mouros, e o abordou logo, e depois de uma furiosa peleja, o rendeu com morte de treze mouros, captivou vinte e quatro, custando-lhe a victoria dois mortos e onze feridos. Esta embarcação montava desoito peças em que entravam algumas de bronze.

Arribou Pedro Gallego a Sagres com a sua preza, vendeu abi os mouros e a caravella, e passou para o navio aprezado, cuja equipagem augmentou com quinze mancebos voluntarios que o quizeram acompanhar.

De Sagres partiu para o Mediterraneo, e nos mares do Levante se demorou tres annos em que deu muitos combates a turcos e mouros, e fez muitas e boas prezas; e voltando rico a Portugal entrou em Cadiz a fazer agua, em occasião em que estava surto n'aquella bahia o conde Pedro Navarro com uma esquadra de galés.

Pedro Gallego ignorando as cortezias navaes usadas n'aquelles tempos, não abateu a bandeira, nem salvou a capitania da esquadra hespanhola, dô que sentido o conde, mandou um official a reconhecer o navio.

Chegando o official á falla perguntou pelo commandante, e vindo Pedro Gallego ao portaló, disse-lhe que o seu general desejava saber a rasão por que entrando n'aquelle porto não abatêra a bandeira, nem salvára á esquadra de Sua Magestade? Pedro Gallego respondeu que o navio era portuguez, e se empregava em destruir piratas e corsa-

rios, e que a bandeira das armas de Portugal só á Cruz de Christo se abatia.

O official retirou-se dizendo que os portuguezes estavam loucos, e dando conta ao seu almirante, mandou este dar um tiro de peça, sem bala, como advertindo que se lhe fizesse a continencia devida, mas Pedro Gallego em vez de obedecer, respondeu-lhe com dois tiros de bala.

Irritado o conde d'esta temeridade suspendeu ancora, e apoz elle as outras galés, para o irem atacar, porém Pedro Gallego, conhecendo por este movimento o seu projecto, picou a amarra, e ajudado de um vento fresco saiu da bahia. As galées hespanholas foram-n'os seguindo, e adiantando-se muito a capitania, lhe deu Pedro Gallego uma descarga de artilheria com que lhe cortou um mastro, e uma bala de coxia lhe matou alguma gente e feriu gravemente em uma perna o mesmo conde, que se recolheu para Cadiz.

Seguiu Pedro Gallego sua viagem para Vianna, onde foi muito festejado, porque todos o tinham já por morto.

Queixou-se o imperador Carlos v a el-rei D. João III, e sendo chamado a Lisboa Pedro Gallego, escapou de maior castigo, com uma reprehensão publica, ainda que pela maioria das pessoas foi applaudida a sua ousadia.

(QUINTELLA. — *Annaes.*)

REINADO DE EL-REI D. SEBASTIÃO

1557 — 1578

ANNOS DE 1559 E 1560

O Vice-Rei D. Constantino de Bragança tomou em 1559 a cidade de Damam, e em 1560 a Ilha de Manar principal pescaria das perolas de Ceilão, aonde levantou fortaleza.

Em 1560 navegando a não S. Paulo (que depois veio a naufragar em Çamatra) pelos mares do Sul, em que chegou aos 42° austr., avistou em 37° e 45' uma formosa Ilha, que os mareantes desenharam, encantados da sua bella apparencia. O piloto lhe quiz dar o seu nome, chamando-lhe *Ilha de Antonio Dias*; mas hoje a achamos denotada nas cartas com o nome de *Ilha de S. Paulo*. E diz a *Relação* do naufragio, que estava Norte-Sul com a dos *Romeiros*, e as *Sete Irmãs*.

No mesmo anno foi a missão do P. Gonçalo da Silveira á *Cafraria*. Entrou por *Inhambane* até á côrte de *Otongue*:

veiu aos rios de *Cuama*, entrou pelo *Quilimane* até *Giloa*, á boca do *Zambeze*, a *Inhamoi*, á côrte de *Simbae*, etc. No anno seguinte de 1561 foi morto pelos barbaros.

Duarte de Albuquerque Coelho, donatario da capitania de Pernambuco no Brazil, com Jorge de Albuquerque Coelho seu irmão, andando na conquista, e defeza das terras da capitania, descobriram o rio de *S. Francisco*.

ANNOS DE 1562 A 1566

Em 1562 tomando o Cardeal Infante D. Henrique a tutoria de El-Rei D. Sebastião, ainda menor, lhe apresentou Lourenço Pires de Tavora uns apontamentos sobre varios objectos do governo. Em um d'elles recommendava o *descobrimento de Tombuctu*, no interior de Africa, e a escolha de pessoas aptas para esta empreza.

Entraram os portuguezes nas Ilhas de *Gotó*, as mais occidentaes do Japão em 1566: El-Rei de Portugal mandou um rico presente a D. Bartholomeu, Rei de Omurá no mesmo Japão.

Achamos escripto que a celebre mina de mercurio de Guanca-Velica, a 30 leguas ao Norte de Guamanga no Perú, fôra descoberta pelo portuguez Henrique Garcez, ao qual se attribue tambem o descobrimento de outra mina do mesmo metal em Paraz em 1564.

ANNO DE 1566

Quando Gonçalo Pereira ia á conquista de *Amboino* em 1566, sabendo da estada dos castelhanos em *Cebu*, e determinando ir em busca d'elles; «como os seus pilotos não tinham muita noticia d'aquellas partes, não passou da «ponta d'uma ilha, que chamam *Terra dos Negros*, 25 leguas «atraz de *Cebu*, aonde ficou bordejando em 9º da banda do «Norte, mandando d'alli navios a descobrir por todas as «partes, etc.» (*Hist. da India*, no tempo do Vice-Rei D. Luiz de Atayde, por Antonio Pinto Pereira, liv. 1, cap. 29.)

ANNO DE 1567

Mem de Sá, governador geral do Brazil, lançou os fundamentos á cidade do Rio de Janeiro, da qual foi primeiro capitão Salvador Corrêa de Sá. Deu-lhe o nome de cidade de *S. Sebastião* em memoria de El-Rei.

ANNO DE 1569

Tendo El-Rei D. Sebastião dividido o imperio lusitano-oriental em tres governos, o 1.º desde o Cabo das Correntes até o de Guardafui; o 2.º desde Guardafui até Ceilão, e o 3.º desde Ceilão até á China; deu o governo da pri-

meira divisão a Francisco Barreto, que n'este anno partiu para a costa oriental de Africa. D'ahi capitaneou a expedição ao Monomotapa, e minas de Çofala: ajustou pazes com os Reis de Chicanga e Quiteve: passou a Sene, capital das possessões portuguezas na Cafraria: e mandando embaixadores a Simbaçê; obteve do Imperador as minas de prata de Chicova, de Rutroque, e de Mocarás. Foi a Chicova, e vindo a Tete, estabelecimento portuguez, ahi falleceu em 1573. O seu successor Vasco Fernandes Homem ainda continuou a commandar a expedição, e penetrou até ás minas de Chicanga, de Manhica, etc.

No Malabar renderam-se ás armas portuguezas Onôr, e Barçalor: e Gonçalo Pereira Marramaque fundou fortaleza em Amboio, e descobriu n'aquelle mar algumas Ilhas, ainda não conhecidas dos portuguezes. (*Hist. da India*, no governo de D. Luiz de Atayde, por Antonio Pinto Pereira, liv. 4, cap. 30.)

Parece-nos digno de louvada memoria o honrado desinteresse do insigne capitão D. Luiz de Athayde, o qual saindo da India para o Reino a 6 de Janeiro de 1572, quiz trazer quatro vasilhas com agua dos rios *Indo*, *Ganges*, *Tigre* e *Eufrates*, as quaes depositou, e se conservaram por muito tempo no seu castello de Peniche, como testemunho das unicas riquezas, que trouxera d'aquelles Estados.

Antonio Pinto Pereira escreveu a *Historia da India* no tempo em que a governou D. Luiz de Atayde, offerecida a El-Rei D. Sebastião, e impressa em Coimbra em 1616, fol.

ANNO DE 1570

No mez de Setembro começou a desenvolver-se a grande liga dos Reis da India contra os Portuguezes, favorecida pelo Turco e Persa. — Notavel defeza de Chaul e de Gôa, e outras fortalezas do Malabar contra o Nizamaluco, Hidalkan, e outros Reis e principes colligados.

ANNOS DE 1574 E 1575

Havendo-se já em 1559 e 1560 feito as primeiras tentativas para a fundação do estabelecimento portuguez em Angola, mandou El-Rei D. Sebastião renovar-as n'este anno de 1574. Foi o capitão da empreza, e fundador, conquistador, e governador d'aquelle nascente reino, Paulo Dias de Novaes, neto, e digno descendente de Bartholomeu Dias, descobridor do Cabo da Boa Esperança. Saiu de Lisboa em 1574, e chegou a Africa em 1575. Construiu logo o forte de S. Miguel, fundou a primeira povoação e igreja, ordenou as cousas do governo civil, e intitulava-se *Capitão e Governador do novo reino de Sebaste, na conquista da Ethiopia*, dando-lhe o nome de *Sebaste* em memoria de El-Rei de Portugal. Este nome foi logo esquecido, como era de presumir, e o reino tomou o nome de *Angola*, que era o de um Rei do paiz, a cujas instancias se tinha apprehendido ao principio aquelle estabelecimento.

Pelos annos adiante, e por differentes circumstancias se foram os portuguezes alargando pela costa, e pelo sertão : em 1784 eram pertencças do reino de Angola:

O presidio de Massangano, fundado em.....	1583
» de Muxima.....	?
» de Cambambe.....	1603
» de Ambaca.....	1614
» de Benguella.....	1617
» das Pedras de Pungo andongo.....	1671
» de Caconda.....	1682
» de Novo Redondo.....	?
» de Encoge.....	1759

Etc.

ANNOS DE 1578 E 1579

Em 1578 concorriam á pescaria dos mares da *Terra Nova*, pelo menos, 50 navios portuguezes, que importavam cousa de 3:000 toneladas. Os navios hespanhoes que ahi concorriam ao mesmo tempo eram 100; os francezes 150; os inglezes 30!

Em 1579 se entregou ao capitão portuguez de Amboino a Ilha do *Bouro Grande*, no archipelago das Molucas.

QUARTO PERIODO

DESDE O ANNO DE 1578 ATÉ AO PRESENTE

ANNO DE 1580

ANNOS DE 1580 A 1599

Em 1580 o Rei de Ceilão Prea Pandar fez doação de seus Estados a El-Rei de Portugal D. Henrique por não ter filhos que lhe succedessem.

Em 1582 se submetteu aos Portuguezes, acceitando a Religião Christã, a Ilha de Labua, situada no archipelago das Molucas a pouca distancia de Ternate.

Em 1583 o Rei de Chale, se fez tributario, e os Portuguezes levantaram alli fortaleza.

Em 1587 ou 1588 levantaram os Portuguezes fortaleza em Mascate. D. Paulo de Lima expugnou a cidade de Jor e entrou triumphante em Malaca.

Em 1590 foi tomada pelos Portuguezes Candia, capital do reino do mesmo nome em Ceilão.

Em 1595 levantaram os Portuguezes fortaleza em Solôr.)V. anno de 1650.)

Em 1597, por fallecimento do Rei de Calumbo sem successão, foi acclamado Rei o de Portugal, a quem elle doára os seus Estados.

Em 1599, D. Fr. Aleixo de Menezes, Arcebispo de Gôa, visitou a christandade das Serras do Malabar, e celebrou Synodo. Fr. Antonio de Gouvêa, augustiniano, escreveu *Jornada do Arcebispo de Gôa*, etc. Coimbra, 1606.

ANNO DE 1600

O celebre portuguez Salvador Ribeiro de Sousa fundou n'este anno uma casa forte no Pegú, na foz de Serião, e depois de varios casos, e extraordinarias façanhas, chegou a ser acclamado Rei de Pegú em 1603. Acha-se a Relação d'este notavel factó impressa com o *Itinerario* de Tenreiro em algumas edições de Fernão Mendes Pinto, e determinadamente na ultima de 1829.

ANNÓ DE 1602

Bento de Goes, Jesuita Portuguez, que tinha bom conhecimento da lingua persiana, e de outras orientaes, foi mandado ao descobrimento do *Gran-Cataio*. Viajou mais tres annos pelos sertões da Asia, caminhando sempre pelo norte do imperio do Mogol, desde o paiz dos *Usbegs* para o oriente até á China, tirando em resultado que o *Gran-Cataio* era o proprio imperio da China. Na China falleceu em 1607.

No mesmo anno de 1602 passou da India á Persia o augustiniano Fr. Antonio de Gouvêa, mandado pelo governador da India como embaixador ao Schach-Abbas. Este principe o enviou, em companhia de outro embaixador seu, a Roma e a Hespanha. Voltou á Persia, e d'ahi á Europa, atravessando os desertos da Arabia. Chegando a Aleppo, e embarcando para Marselha, foi tomado por corsarios argelinos, e esteve captivo em Argel, etc.

ANNO DE 1606

O governador de Angola D. Manoel Pereira Forjaz, intentando a communicação com a contra-costa, nomeou para o descobrimento d'este caminho a Balthazar Rebello (ou Pereira) de Aragão, homem capacissimo para a empresa, assim pelo valor, como pelos conhecimentos que tinha do sertão. Começou, e tinha já penetrado no interior do paiz, quando se viu obrigado a retroceder, para acudir á fortaleza de Cambambe, sitiada por um Sova visinho, e pelos negros do *Mosseque*.

ANNOS DE 1606 E 1607

Nicolau d'Orta, natural de Santo Antonio do Tojal, saiu de Gôa em 1606 com destino de vir a Portugal por terra. Nos princípios de Agosto estava na fortaleza de *Comorom*: d'ahi partiu para Lara, Xirás, Romus, Bagadet, Ana, Taibe Aleppo, aonde entrou a 16 de Janeiro de 1607; d'ahi veio

por Alexandreta, e por fim chegou a Marselha, e logo a Madrid, d'onde El-Rei D. Philippe o mandou de novo á India. Escreveu o seu *Itinerario*, que deu a Pedro de Mendonça Furtado, e do qual existe uma copia incompleta (de que falla Barbosa Machado) na Bibliotheca publica de Lisboa (B—4—8—numeração provisoria.) Parece que seguiu o mesmo caminho que trouxe Fr. Gaspar de S. Bernardino, e é provavel que o mesmo trouxesse D. Alvaro da Costa em 1614 por ser o das *caravanas*, que tinham roteiro determinado.

ANNO DE 1607

ANNO DE 1607

O Imperador *Monomotapa*, tendo sido auxiliado pelos portuguezes, fez doação a El-Rei de Portugal das minas de ouro, prata, cobre, etc. que houvesse nos seus Estados. Esta doação foi accettata, em nome d'El-Rei, pelo capitão de Tête, Diogo Simões Madeira.

D. Estevão de Atayde foi no anno seguinte de 1608 ao exame, e posse d'estas minas, e especialmente das de ouro e prata de Chicova. E escreveu a Relação do seu trabalho e exame.

Por occasião da exploração d'estas minas, se fundaram em 1614 as fortalezas de Massapa e Chicova.

ANNO DE 1609

Conquistaram os portuguezes a Ilha de *Sundiva*, a pouca distancia da terra firme de Bengala, e dependente do reino de *Arracan*. Sebastião Gonçalves Tibão a governou com poder independente; tomou ao Rei de Bacalá as ilhas de *Xavapur* e *Patelavanga*, e a outros principes varias terras n'aquellas paragens.

ANNOS DE 1610 A 1612

Em 1610 publicou Pedro Teixeira as suas *Relaciones del origen, descendencia y succession de los Reys de la Persia y de Hormuz, y de un viage hecho des la India Oriental hasta Italia por terra*, Amberes, 1610 8.º Este celebre Portuguez passou de Lisboa á India, veiu a Ormuz, correu a Persia, esteve nas Filipinas, e nova Hespanha, e aportou a S. Lucar em 1601. Voltou depois á India, e de Gôa veiu a Baçorá, Bagdad, Alepo, etc. D'ahi passou a Veneza, e de Veneza a Anvers, aonde residiu e depois falleceu.

Em 1612 apossaram-se os Portuguezes de *Benderabasi* (*Gomroun*), entre Ormuz e Kismish, celebre porto do golfo persico, aonde levantaram dois fortes para defeza. (Godinho escreve *Bandel Abassi* e *Comorom*.)

ANNOS DE 1613 A 1620

Em 1613, e nos annos seguintes, mandou o Vice-Rei da India algumas expedições á Ilha de *S. Lourenço* com o fim de examinare[m] os seus portos, e se informarem da gente, costumes e produções da terra, e de indagarem se por alli existiam alguns dos portuguezes que por vezes haviam naufragado n'aquellas costas.

Em uma d'estas expedições tocou um dos pilotos a bella Ilha do *Cirne*, descoberta em outro tempo pelos portuguezes. Esta Ilha é a que os holandezes depois denominaram *Ilha Mauricia*, e os francezes *Ilha de França*.

«D'esta jornada de exploração, ordenada pelo Vice-Rei D. Jeronymo de Azevedo, nos ficou uma *Relação* manuscrita por Paulo Rodrigues da Costa.»

Em 1614 e 1615 Jeronymo de Albuquerque Coelho expeliu do Maranhão os francezes que alli estavam havia perto de tres annos com grandes forças, e fundou a nova colonia, que deu principio áquelle Estado. Teve grande parte n'esta honrada facção o Sargento-mór do Estado do Brazil Diogo de Campos Moreno, que escreveu a relação do successo com o titulo *Jornada do Maranhão por ordem de Sua Magestade, feita no anno de 1614*.

Em 1615 e 1616 se começou a povoação do Pará, sendo fundador da cidade, e seu primeiro capitão-mór Francisco Caldeira de Castello Branco.

O Rei de Siam mandou fazer proposições de alliança ao Vice-Rei da India, offerecendo logar para a fundação d'uma fortaleza no porto de Martavam.

O porto e fortaleza de Soar, na costa da Arabia foi expugnado, e tomado pelos portuguezes.

Pelos annos de 1619 e 1620 avassallaram os portuguezes o Rei de Dongo, no sertão de Angola, ficando elle tributario a Portugal com o reconhecimento de 100 escrayos cada anno.

ANNO DE 1622

Em 1622 chegou a Gôa o padre Jeronymo Lobo, Jesuita portuguez, mandado ás missões da India. Veiu a Moçambique em 1624, e entrando no paiz dos Galas passou á Abyssinia, aonde viveu muitos annos. Depois de largos e perigosos successos voltou a Portugal, aonde falleceu em 1658. Escreveu o seu *Itinerario* geralmente estimado dos eruditos.

ANNO DE 1623

Estabelecimento do governo do Estado do Maranhão, e *Gran-Pará* como separado do governo geral do Estado do Brazil. É seu primeiro governador, e capitão general Francisco Coelho de Carvalho, que toma posse, e realisa a separação em Setembro de 1626.

ANNO DE 1624

Por estes annos saiu do *Dely* o padre Antonio de Andrade Jesuita portuguez, com o intento de descobrir a

christandade do *Tibet*. Conseguiu com effeito, depois de uma longa e trabalhosa peregrinação, chegar á côrte de *Caparanga*, capital do reino. Recolhendo-se a Gôa, fez ainda segunda viagem, levando em sua companhia o padre Gonçalo de Sousa: e quiz fazer terceira, que os seus superiores lhe não permittiram. De ambas ha *Relações* impressas, que se traduziram em varias linguas. O epitaphio da sepultura do padre Andrade o denomina *primus missionis Thibetensis explorator et fundator*. Falleceu em 1634.

ANNO DE 1629

D. Fr. Miguel Rangel, bispo de Cochim, visitando a ilha de Solor habitada por portuguezes, fez reparar a muralha e melhorou a povoação, deixando ahi por governador o valoroso Nuno Alvares Botelho. (*Memoria Contemporanea.*)

ANNO DE 1635

Depois da morte do padre Andrade (v. anno de 1624), foi mandado á missão do Tibet o padre João Cabral, tambem Jesuita, natural de Celorico da Beira, que escreveu *Relação copiosa dos trabalhos, que padeceu na missão do Tibet*. (V. Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana.*)

ANNOS DE 1637 A 1639

Pedro Teixeira, portuguez, fez n'este anno por ordem do governo do Pará, a grande viagem desde o Pará até Quito.

Remontou o rio Maranhã ou das Amazonas, até onde se lhe ajuntam as aguas do rio Napo. Entrou pelo Napo, que mais acima tem o nome de *Coca*, e navegou por elle até mui perto de Quito, aonde finalmente chegou por terra.

Saiu Teixeira dos confins do Pará a 28 de Outubro de 1637, com 47 canôas de bom porte, levando 2:000 pessoas, entre ellas 70 soldados todos portuguezes, 1:200 indios, e os mais mulheres e rapazes. Commandava uma vanguarda o coronel Bento Rodrigues de Oliveira, nascido no Brazil. Chegou a Quito nos fins de Setembro de 1638. Voltou ao Pará em Dezembro de 1639.

(Veja-se *Nuevo descubrimiento del gran rio de las Amazonas*, por el P. Christoval de Acunã. Madrid, 1641, 4.º)

Em 1639, o capitão Pedro da Costa Favella, portuguez, é o primeiro, que entra no Rio Negro.

ANNOS DE 1645 A 1648

Pelos annos de 1645 e seguintes, andavam na côrte de Portugal dois principes orientaes, vassallos de El-Rei. Um era o Rei das Maldivas, que tinha vindo pedir auxilio contra um seu irmão que lhe usurpára o throno. Este principe serviu na campanha do *Alem-Tejo*. O outro era D. Martinho principe de *Arracam*, que tendo sido baptisado e creado em Gôa, e tendo servido nas armadas portuguezas da India, obteve de El-Rei a capitania de Gôa por Alvará do anno de 1646.

Em 1647 saiu de S. Luiz do Maranhão Bartholomeu Barreiros de Atayde, mandado por El-Rei ao descobrimento das minas do rio *Aguarico*, ou do *Ouro*, e foi acompanhado do religioso Carmelitano Fr. José de Santa Thereza, que por ter sido muitos annos captivo dos gentios sabia a lingua de varias nações d'aquelle sertão. D'esta expedição parece que não houve resultado algum.

Em 1648 se recobraram os Estados de Angola do poder dos hollandezes. Foi o illustre fidalgo Salvador Corrêa de Sá e Benevides, governador que então era do Rio de Janeiro, o que executou esta gloriosa empreza com poucos meios, mas com grande valor, industria e ardidez. Todas as dependencias de Angola ao Sul e ao Norte ficaram limpas de tão perniciosos inimigos. O Rei do Congo, que com elles se tinha alliado, obteve a paz, cedendo á corôa de Portugal a Ilha de Loanda.

ANNÔ DE 1651

Principios da povoação da *Ilha dos Patos* (hoje Ilha de Santa Catharina) sobre a costa do Brazil por Francisco Dias Velho Monteiro, com a sua familia, e 500 indios domesticados. (*Resumo Hist. de Santa Catharina*, pelo visconde de S. Leopoldo, Pariz 1839.)

ANNO DE 1660

A este anno se faz memoria de um portuguez appellido *Melqueiro*, que sendo mestre, e piloto de um navio

hollandez, saiu do Japão em Março; dirigiu-se aos mares do pólo arctico, subindo até 84°; passou entre a antiga Groenlandia, e Spitzberg, e deixando á esquerda a Scotia, viera a Portugal.

O escriptor que nos subministrou esta noticia, cita Mr. de Buache, no *Paralléle des Fleuves*, Historia da Academia das Scienc. de Pariz, anno de 1753 e *Memorias* da mesma academia, pag. 885. E accrescenta por testemunho de Mr. de Buache, que os Batavos tinham, e occultavam com recato o *Diario* d'esta navegação unica até áquelle tempo.

O mesmo escriptor nos dá ainda outra noticia, que diz ser sabida *Notum etiam est* (diz elle) *Martimum Chack Lusitanum*. . . etc., isto é, «que um portuguez por nome Martin Chack, governando uma não em conserva de outras duas pelo *mar pacifico*, fôra correndo os mares, arrojado por uma violenta tempestade, e ventos occidentaes, achando-se por fim á parte meridional da Irlanda, d'onde viera a Lisboa.»

ANNO DE 1663

O padre Manoel Godinho natural da villa de Montalvão, egresso da Companhia de Jesus, Prior de S. Nicoláo de Lisboa e depois de Loures, estando nas missões da India, veio por terra a Portugal, de mandado do Vice-Rei Antonio de Mello de Castro, e segundo parece com alguma secreta e importante commissão. Escreveu *Relação do novo caminho que fez por terra, e mar vindo da India para Portugal no anno de 1663*, impressa em Lisboa em 1665.

ANNOS DE 1668 E 1669

Sobre o descobrimento do Rio Negro na America portugueza deve vêr-se o *Diario da Viagem* que fez pela capitania de S. José do Rio Negro, Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, impresso pela Academ. Real das Scienc. de Lisboa em 1825.

Mandou El-Rei de Portugal embaixador á China, o qual foi recebido do imperador com grandes mostras de benevolência, e obteve algumas liberdades para a religião e para o commercio.

ANNOS DE 1676 A 1680

Ayres de Saldanha, que por estes annos governava Angola, intentou abrir communicação por terra a Benguella, e d'ahi á contra-costa de Sena. Offereceu-se para esta empreza o capitão José da Rosa, mas saindo de Massangano, a poucas jornadas encontrou tantas difficuldades, e tanta opposição em muitos Sovas, que lhe impediam a passagem que se viu forçado a retroceder.

ANNO DE 1682

Em 1682 pouco mais ou menos, Bartholomeu Boeno da Silva natural de Pernahiba, com um seu filho do mesmo

nome chegaram a Goiazes. O filho foi pouco depois o principal descobridor das terras d'aquella capitania. (Veja-se a *Memoria sobre o descobrimento, governo, população e cousas mais notaveis da capitania de Goiaz*, no *Jornal de Coimbra* n.º 76, part. 1.ª, art. 1.º, pelo padre Luiz Antonio da Silva e Sousa, natural da Serra do Frio, capitania de Minas Geraes.) Parece que em 1726 é que se fez alli estabelecimento de povoação portugueza, de que foi primeiro governador, o de S. Paulo, Rodrigo Cesar de Menezes até 1728.

ANNO DE 1696

Por estes annos descobriram os portuguezes o *aljozar* e as *perolas* nos mares de Çofala, a cousa de 30 leguas da barra de Luabo.

Tambem se descobriram as minas de prata no reino de Mocranga, na terra chamada *Nhanace*, quasi confinante com as nossas terras de Tete junto do Zambeze.

ANNO DE 1719

Notaremos aqui, que segundo um antigo escriptor portuguez, «até os ultimos annos de El-Rei D. Sebastião não se tinham descoberto no Brazil minas de ouro nem de prata, nem outras riquezas e perolas, etc.»

Em 1659 achamos a primeira noticia (ainda duvidosa), de uma *rica mina descoberta ha pouco tempo no Brazil*.

Em tempo de El-Rei D. Pedro II se começaram a descobrir as minas do ouro, sendo governador do Rio de Janeiro Arthur de Sá. Nas exequias que se fizeram a este soberano em Roma, se lia, entre outras legendas, que adornavam o tumulo, esta:

*Novis in Brasilia inventis aurifodinis munificentia
Petri II servit Natura.*

Em 1719 se descobriram as novas minas de ouro de Cuiabá, Goiazes, e outros districtos, sendo a mais preciosa a do *Serro do Frio*, por d'ella sairem tambem diamantes.

Em 1727 e 1728 se descobriram os diamantes no Brazil, e achamos em memoria, que a frota, que viera do Rio de Janeiro em 1730, trouxera a Portugal 1146 onças.

ANNOS DE 1722 A 1729

Em 1722 vieram a Portugal embaixadores de um Rei poderoso da Ilha de S. Lourenço, offerecendo a El-Rei os portos do seu reino para n'elles mandar levantar fortalezas.

Em 1723 foi despachado pelo governo do Pará o capitão Francisco de Mello Palheta, com uma tropa de exploração a correr e examinar o rio Madeira no Brazil, aonde já tinha ido em 1716 outra expedição portugueza.

Em 1725 mandou El-Rei embaixador á China a cumpri-

mentar o Imperador pela sua exaltação ao throno. O embaixador Alexandre Metello entrou em Pekin em 1727.

Em 1726: primeiro estabelecimento da povoação portugueza em Goiaz. (V. o anno de 1682.)

Em 1729 recebeu o Vice-Rei da India uma embaixada do principe de Agra, e outra do Raja de Amber que pedia que de Portugal lhe fosse enviado algum habil mathematico, com quem podesse conferir certos pontos astronomicos. Este embaixador veiu a Lisboa com cartas e presentes do mesmo principe, e do Gran-Mogol Mahamad Shea, que se intitulava *Imperador do Indostan*.

ANNO DE 1730

ANNOS DE 1735 A 1737

Antonio Ribeiro Sanches, sabio portuguez, primeiro medico dos exercitos da Russia, correu n'estes annos, por ordem d'aquelle governo, a *Ukramia*, as margens do *Don* até ao mar de *Zabache*, e os confins do *Cuban* até *Azoff*: atravessou os desertos entre a Crimèa e *Backmut*: visitou os *Calmuco*s desde o reino de *Cazan* até ás margens do *Don*: e os *Tartaros* da Crimèa e de *Nogai*, e os *Tartaros* de *Kergissi*, e *Tcheremissi* ao norte de *Astracan*, desde 50° até 68° de lat., etc. (*Buffon, Hist. natur. de l'homme.*)

Nos mesmos annos foi povoado no Brazil Mato-grosso pelos moradores de *Cuiabá*.

ANNOS DE 1738 A 1740

ANNOS DE 1741 A 1743

Foi n'este anno a primeira exploração do rio *Aporé* e do celebre sitio do *Corumbijara* por alguns moradores de Mato-grosso. (Veja-se *Navegação desde o Pará até Mato-grosso*, impressa pela Acadm. R. das Scienc. em 1826.)

ANNO DE 1749

N'este anno saiu do Gran-Pará por ordem de El-Rei de Portugal uma escolta, que navegou pelo Amazonas até ao Madeira, seu confluyente. Começou-se a viagem a 14 de Julho, e a 25 de Setembro chegou a escolta á embocadura do Madeira. Navegou por este rio até 17 de Dezembro, em que chegou ás *Cachoeiras*. Vencidas 19 cachoeiras, navegou pelo Aporé, que os hespanhoes chamam *Ithenes*, e a 14 de Abril de 1750 chegou ás minas de Mato-grosso, que era o seu destino, com 9 mezes completos de viagem. Escreveu a *Relação* d'ella José Gonçalves da Fonseca, e a Academ. R. das Scienc. de Lisboa a imprimiu em 1826.

ANNOS DE 1768 A 1775

Entre os annos de 1768 e 1774 foi escripto o *Roteiro da Viagem da cidade do Pará até ás ultimas colonias dos*

domínios portuguezes, em os rios Amazonas e Negro, illustrado com algumas noticias, que podem interessar a curiosidade dos navegantes, e dar mais claro conhecimento das duas capitánias do Pará e S. José do rio Negro. Escreveu-o o Reverendo José Monteiro de Noronha.

Em 1774 e 1775 foi a viagem pelo Amazonas, e Rio Negro, feita por Francisco Xavier Ribeiro de Sam Payo, ouvidor da capitania de S. José do Rio Negro, impressa pela Academ. R. das Scienc. de Lisboa, em 1825.

ANNO DE 1783

Ordenando a Rainha D. Maria I que se despachassem viajantes aos sertões da America para colligirem noticias dos varios productos da natureza, foi um d'elles o Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira, levando por desenhadores a Joaquim José do Cabo, e a José Joaquim Freire. (*Memor. da Academ. R. das Scienc. de Lisboa*, tom. 5, pag. 65.) O gravador Manoel Marques de Aguiar, tendo ido a Inglaterra aperfeiçoar-se na sua arte, foi depois, pelos annos de 1794, pouco mais ou menos, encarregado de abrir as estampas pertencentes áquellas viagens.

O naturalista Manoel Galvão da Silva foi mandado para Moçambique em execução das mesmas ordens Regias, e para o mesmo fim, levando em sua companhia o desenhador Antonio Gomes. (*Ib.* pag. 63.)

ANNO DE 1787

O tenente coronel Manoel da Gama visitou n'este anno o Rio Branco por ordem da côrte, e o descreveu com prolixa investigação, fazendo levantar a carta respectiva pelo engenheiro Dentor em Mathematica José Simões de Carvalho.

ANNOS DE 1796 A 1798

Vicente Ferreira Pires, natural da Bahia, partiu d'esta cidade a 29 de Dezembro de 1796 como enviado de S. A. o principe Regente, em companhia de D. João Carlos de Bragança, embaixador ethiope do Rei de Dahomé. Foi a Dahomé, e voltou á Bahia, aonde chegou a 5 de Fevereiro de 1798. Escreveu, e offereceu ao principe em 1800, *Viagem de Africa em o reino Dahomé*, manuscripta, em 4.º, que está na Bibliotheca R. da Ajuda.

Em 1797 partiu o major Francisco Nunes com uma expedição ao descobrimento da communicação do rio *Capim* para o *Piauhy*. Voltou, e deu conta da viagem em 1798.

ANNO DE 1798

Estando D. Rodrigo de Sousa Coutinho (depois conde de Linhares) no ministério dos negocios da marinha e dominios Ultramarinos, quiz renovar a empreza (outras vezes

tentada) da communição entre as duas costas occidental e oriental de Africa por terra. Designou para isto a Francisco José de Lacerda e Almeida, Doutor em Mathematica nomeando-o, com este intento, governador dos Rios de Sena, d'onde havia de partir a expedição. Lacerda partiu para o seu governo, munido de instrumentos e meios adequados; procurou informações e noticias; e poz-se a caminho para o interior. Chegando ás terras do Rei Cazembe (que parece ser o ponto central entre as duas costas) ahi falleceu. Os seus companheiros, a quem elle, á hora da morte recommendou a continuação da empreza, não annuiram a esta recommendação, e a empreza ficou sem o seu completo effeito.

(Vejam-se os Extractos da Obra publicada em Londres, na lingua ingleza, em 1824 com o titulo *Relação dos descobrimentos feitos pelos portuguezes no interior de Angola e Moçambique*, tirada de manuscritos originaes, por F. E. Bowdich.

ANNO DE 1799

Ao mesmo tempo que da parte oriental de Africa se tentava a empreza da communição das duas costas pelo interior, de que fallamos no artigo antecedente, tentava-se tambem da parte occidental, por ordem do capitão general de Angola D. Fernando de Noronha, que encarregou d'este descobrimento o tenente coronel, commandante e director da Feira de *Cassange* Francisco Honorato da Costa.

Os exploradores chegaram ao sitio de *Cazembe*, aonde tinha fallecido o doutor Lacerda; mas ahi acharam embaraços, que por alguns annos os detiveram.

Em 1807, sendo governador e capitão general de Angola Antonio de Saldanha da Gama (depois conde de Porto Santo, e ha pouco fallecido) renovou este a mesma tentativa, mandando uma expedição á contra-costa, a qual com effeito se executou, voltando a Loanda em 1809, e trazendo embaixada dos Molluas, nação que já commerciava com Moçambique.

Enviou ainda o mesmo governador capitão general segunda expedição com ordem expressa de ir até Moçambique, a qual voltou a Loanda estando já ao governo de Angola José de Oliveira Barbosa, e trazendo cartas do governador de Moçambique.

ANNOS DE 1810 E 1811

Em 1810 levantou o capitão tenente José Joaquim da Silva a carta hydrographica da costa do Pará até ao Maranhão.

Em 1811 saíram da capital do Brazil, por ordem do governo, exploradores da navegação do Guaporé, Mamoré, Madeira, Arinos, Tapajóz, e Xingu, rios que todos entram no Amazonas.

FIM DO INDICE.

MEMORIA

SOBRE

AS VIAGENS DOS PORTUGUEZES

Á INDIA POR TERRA E AO INTERIOR DE AFRICA

El-Rei D. João II, inspirado pelo seu grande animo, e não vulgar instrucção, e munido dos planos, informações, e notas de seu tio o immortal infante D. Henrique, logo que subiu ao throno de Portugal em 1481, tomou tanto a peito o descobrimento da India e terras orientaes, como é constante da historia do seu reinado: e não se contentando de continuar as empresas maritimas na costa occidental de Africa, que originariamente se dirigiam áquelle fim, resolveu mandar por terra viajantes exploradores, que trabalhassem, por descobrir aquellas apartadas regiões, e por se instruir da situação das terras, das suas producções, do

seu commercio, dos caminhos por onde os portuguezes poderiam a ellas conduzir-se, e finalmente tudo quanto fosse em utilidade do plano geral, cuja execução se havia emprehendido, e elle desejava concluir.

Havia na Europa desde o seculo xii a idéa vaga e confusa de um principe mui poderoso d'aquelle oriente, que seguia e professava a religião christã, e que se designava commummente com o nome de *Preste João*.

O primeiro, que parece haver trazido á Europa a noticia d'este potentado, foi um bispo da Syria, que vindo pelos annos de 1145 implorar a protecção do Papa Eugenio iii, fallava de um principe christão, nestoriano, chamado *Preste João*, que reinava no oriente, o qual tinha alcançado algumas victorias contra os Persas, e não duvidaria vir em auxilio dos christãos de Jerusalem contra os infieis.¹

No seculo seguinte, e no anno de 1237, escrevia o prior dos frades prégadores da Terra-Santa ao Papa Gregorio ix, referindo-lhe os serviços que os seus religiosos tinham feito ao christianismo em diferentes regiões da Asia, e n'esta carta dizia, entre outras cousas «Temos recebido muitas «cartas do patriarcha nestoriano, a quem obedece a grande «India, o reino do *Preste João*, e as terras visinhas do oriente,» onde vemos o nome do *Preste João* unido ao da *grande India*, e descobrimos a rasão provavel porque depois se foi dando áquelle tão nomeado e tão inculcado principe a denominação de *Preste João das Indias*.

No seculo xiv foram muitas as expedições de missionarios christãos, mandados pelos summos pontifices á Per-

¹ Fleuri, *Hist. Eccles.*, liv. 69 § 10 ao an. 1145. Natal Alexandre tambem menciona uma carta do Papa Alexandre iii, escripta em 1177, e dirigida *Illustri et magnifico Indorum Regi, sacerdotum sanctissimo*, etc. e diz o historiador que era endereçada ao Rei dos Ethiopes, a quem chamamos *Preste João*. Esta carta vem na *Collecção de Concilios* do padre Labbe, no tom. 10.

sia, á Tartaria, á China, e a outras terras orientaes, os quaes todos fizeram não pequenos serviços ao christianismo n'aquellas remotas regiões, chegando a fundar estabelecimentos religiosos em Cambalu, e Caiton na China septentrional, em Usbecke, em Sultania, em Ceilão, na Java, etc. E posto que nas relações d'estes missionarios, ou nas memorias, que d'elles, e dos seus trabalhos nos teem dado os escriptores ecclesiasticos, não achamos expressamente repetido o nome de *Preste João*, é comtudo verosimil, que elle se conservasse junto com a lembrança das primeiras e mais antigas noticias; e como por outra parte constava, que em alguns d'aquelles paizes se encontravam christãos da seita, ou rito nestoriano, facil era ligar e confundir estas idéas, que a ignorancia da geographia não permittia ainda rectificar, e apurar.¹

Ainda no seculo xv, pelos annos de 1461, se faz menção de certos legados orientaes, que tendo vindo a Italia solicitar do santo padre Pio ii auxilio contra os Turcos, passaram a França a empenhar o Rei Carlos vii em seu favor, sendo acompanhados de um, que se dizia prelado dos frades menores, e talvez tomava o titulo de patriarcha de Antioquia, nomeando-se *orador* ou *legado do Preste João*. A enfermidade de Carlos vii, de que logo falleceu, não permittiu que estes legados fossem por elle ouvidos, e o santo padre tendo entretanto podido averiguar, que eram insignes

¹ No *Atlas*, em lingua catalã, delineado, e escripto em 1374, e publicado de um exemplar da *Bibliotheca do Rei de França* pelo sr. J. A. C. Buchon no anno de 1838, se vê entre as duas palavras *Affricha* e *Nubia* a figura de um imperador coroado, com sceptro na mão, e ao lado a legenda. . . . *de Sarrayns, ciutat do. . . est. . . de Nubia. Está tos temps en guerra e armes con crestians de Nubia, qui son so seynoria de l'emperador de Ethiopia de la terra do Preste Johan*; isto é, *de Sarracenos, cidade do. . . est. . . da Nubia. Está sempre em guerra e armas com christãos da Nubia, que estão debaixo do senhorio do imperador de Ethiopia, da terra do Preste João*. Nova prova do que vamos dizendo sobre a antiguidade do nome de *Preste João* na Europa.

impostores, mandava reter em Veneza o falso patriarcha, que houve por bem retirar-se a tempo com os seus companheiros.

Este facto, bem como os precedentes, mostra quanto na Europa era acreditada desde antigos tempos a existencia do *Preste João*, isto é, de um principe christão, muito poderoso, que reinava na India, ou nos paizes orientaes; crença que não nasceu da *ignorancia dos portuguezes*, como dizem alguns ignorantes, ou mal intencionados escriptores estrangeiros, mas que tinha tido a sua primeira origem nas antigas relações, e que foi recebida em outros paizes antes que chegasse a Portugal.

El-Rei D. João II foi pois dirigido n'esta parte pelas idéas, que eram communs em toda a Europa, e sempre possuido do grande pensamento de descobrir a India, desejava muito abrir alguma communicação com aquelle principe, confiando que elle, pela qualidade de christão, se prestaria a uma facil e amigavel correspondencia; e como senhor de grandes estados na India, não só traria consideraveis interesses ao commercio dos portuguezes, mas tambem concorreria para que elles viessem a conhecer o melhor, mais breve, e mais seguro caminho maritimo para aquellas partes, que ha tantos annos buscavam com incriveis trabalhos e despezas, e não menor constancia e perseverança.

Quando El-Rei volvia em seu espirito estes pensamentos occorreu um accidente, que parecia affirmal-os e favorecer-os.

Çacuta, ou Zacuta, mandado a Lisboa como embaixador do Rei de Beni, informou a El-Rei, que além do seu paiz, cousa de 250 leguas para o Oriente, havia um principe mui poderoso, denominado *Ogané*, de cuja *Suzerania* era dependente o Rei de Beni: e taes circumstancias accrescentava, e de tal modo descrevia os ritos, e

o ceremonial, de que usava aquelle potentado, que El-Rei combinando tudo isto com as idéas, que havia do Preste João, facilmente começou a presumir que poderia ser este o proprio principe, e resolveu não poupar diligencia alguma para verificar a sua conjectura, ou presentimento.¹

No anno pois de 1486, ao mesmo tempo que mandava o illustre e intrepido navegador Bartholomeu Dias ao descobrimento do grande cabo meridional de Africa, lhe dava ordem, que nas terras, que fosse descobrindo, «lançasse «certos negros e negras, que consigo levava, já industria- «dos, para que por elles chegasse á noticia do *Preste João* «este desejo que El-Rei tinha de o conhecer, e ter com elle «amizade.» (Barros, 1, 3, 4.) E não contente o grande principe com estas providencias, que mal satisfiziam a sua incessante e ardente curiosidade, despachava tambem por

¹ Uma das circumstancias, com que Cacuta descrevia o ceremonial d'aquelle mysterioso principe, era que *não se deixava vér dos seus vasallos, ouvindo-os de dentro de cortinas, e amostrando-lhes, quando muito, um pé.* (Barros, 1, 3, 4.) Esta mesma circumstancia notou muito depois, como propria do Rei dos Abexins, o illustre Castro, no *Roteiro do mar roxo*, aonde tratando dos costumes d'aquelles povos diz *é ordenança dos Reys nam se averem de amostrar a seu povo, e passam muitos annos, que nam sam vistos. Quando quer que vão á guerra, ou caminham, levam per derredor de si taes impedimentos, que nam podem ser notados de alguma pessoa.* O que porém nos parece ainda mais notavel a este respeito é o que lemos na viagem do douto e celebre viajante arabe Ben-Batuta, que visitando as terras interiores de Africa pelo meio do seculo xiv, e fallando do paiz de Barnu, cujos habitantes eram musulmanos, diz que *tinham um Rei, por nome Edris, o qual não apparecia á gente, nem fallava senão por detraz de uma cortina.* Aproveitamos ainda esta nota para dizer que o principe *Ogané*, assim denominado nas relações portuguezas, segundo a informação do embaixador de Beni, nos parece ter alguma semelhança com o Rei de *Organa*, de que faz menção o Atlas Catalão, acima citado. N'elle se denota no interior de Africa um rio, a que chama *Nilo* (o *Niger* ?) : por baixo se lê *Nubia, Organa* e abaixo da palavra *Organa* esta nota *aquí reina o Rei de Organa, sarraceno que tem continua guerra com os sarracenos maritimos e com outros alarabes (alarahps ; ou occidentaes.* (Vej. *Notice sur un atlas en langue cotalane*, etc. por Mr. Buchon, Pariz, 1838, em 4.º)

terra varios outros viajantes, ordenando-lhes, que por via do Cairo ou de Jerusalem, que eram pontos então mui conhecidos e frequentados, tentassem penetrar até á côrte do Preste João, e haver as informações e noticias, que tanto se desejavam.

Um escriptor nosso antigo menciona como primeiro entre estes viajantes um religioso por nome Fr. Antonio de Lisboa, acompanhado de outro frade leigo; mas logo adverte, que elles não chegaram a passar de Jerusalem, por não fallarem a lingua arabica. E Damião de Goes, na *Chron. de El-Rei D. Manoel*, part. 3, cap. 58, depois de dizer que El-Rei D. João II mandára por algumas vezes, e em diversos tempos, homens que sabiam a lingua arabica, sómente refere por seus nomes Affonso de Paiva, natural de Castello Branco, e João Perez da Covilhã,¹ que são com effeito os que mais famosos se fizeram n'estas expedições terrestres, destinadas a explorar os paizes orientaes, e a se informarem do *Preste João das Indias*.

Ainda que os nossos escriptores não são perfeitamente uniformes em designar o anno, em que os viajantes saíram de Portugal para esta importante commissão, temos contudo por quasi certo, que El-Rei os despachou, estando em Santarem, a 7 de Maio de 1487, sendo então presente ao despacho o Duque de Beja D. Manoel, que depois foi Rei. Esta é a data seguida por Castanheda, Barros, e outros.

Os viajantes foram por terra até Napoles, e embarcando ali a 24 de Junho, dia de S. João Baptista, navegaram para Rhodes, aonde foram bem acolhidos de Fr. Fernan-

¹ Alguns escriptores dão a este segundo viajante o nome de *Pero*, ou *Pedro da Covilhã*; mas ha n'isto equivocação, segundo parece; porque Rezende, auctor contemporaneo, Goes, e outros, o chamam *João*, ou *João Perez*, e é provavel que o sobrenome patronimico *Perez* desse occasião ao erro.

do, e Fr. Gonçalo (que alguns nomeiam *Fernão Gonçalves* e *Gonçalo Pimenta*) cavalleiros portuguezes, da Ordem de S. João de Jerusalem, que ao tempo residiam n'aquella ilha.

De Rhodes passaram a Alexandria, e logo ao Cairo: e como achassem opportuna companhia nas cafilas de Fez e Tremecem, assentaram aproveitar-se d'ella, e viajaram como mercadores para Thor sobre o golfo arabico, d'onde passaram a Quaquém, na costa da Ethiopia sob o Egypto, e ultimamente a Adem, havendo ahi por conveniente, na conformidade de suas instrucções, separar-se, e tomar cada um d'elles differente direcção.

Resolveram por tanto que Paiva se dirigisse á Ethiopia, que parecia ser a região designada pelas informações de Beni e Congo, e onde se dizia existir um grande Rei christão, que poderia ser o principe que procuravam; e que Covilhã partisse em direitura á India, ajustando por ultimo que se reuniriam no Cairo depois de certo tempo determinado.

Affonso de Paiva chegou com effeito a entrar em terras da Ethiopia. O Covilhã passou ao golfo persico, d'onde navegando para a costa da India, visitou Cananor, Calecut, Gôa, e toda a costa Malabarica. Veiu a Çofala, voltou a Adem, e recolhendo-se ao Cairo no tempo aprazado, achou a noticia de ter alli fallecido o seu companheiro Paiva, quando já voltava da Abyssinia.

Em quanto estes dois viajantes procuravam desempenhar a sua ardua commissão, não cessava El-Rei de empregar novos e opportunos meios de assegurar cada vez mais o seu effeito; e com este presuppuesto, despachou os dois hebreus Rabbi Abraham de Beja, e José de Lamego com cartas suas para Paiva e Covilhã, endereçadas ao Cairo. Covilhã os veiu effectivamente encontrar ahi, e recebendo as cartas de El-Rei lhe respondeu logo por José de Lamego, referindo tudo o

que até então tinha visto e observado; participando a notícia da morte de seu companheiro e dizendo que se podia navegar para a India pelo Oceano, e que o Preste João não podia ser outro senão o Imperador da Ethiopia, segundo as informações que tinha podido colligir; e ainda alguns accrescentam (não sem verosimilhança) que elle mandára a El-Rei uma carta d'aquelles mares orientaes entre a India e a costa africana. Como porém El-Rei ordenava que de nenhum modo voltassem a Portugal sem visitar Ormuz e sem haver alguma certeza do *Preste*, o Còvilhã se poz de novo a caminho com Rabbi Abraham para Adem: d'ahi passou a Ormuz, voltou ao golfo arabico, visitou Meccá, Monte Sinai, Thor, e depois Zeila; d'onde por terra penetrou emfim até á côrte do Abexi (1490) e entregou ao principe, que então alli reinava, e se chamava Escander (Alexandre) as cartas de El-Rei D. João, e um mappa, em que estavam delineadas nossas navegações. Em Ormuz se tinha Còvilhã apartado do seu companheiro Rabbi Abraham, confiado-lhe segundas cartas para El-Rei.

Parece que a fortuna se comprazia de favorecer os projectos, e animar as esperanças de El-Rei de Portugal! Como elle tinha no Mediterraneo, em diferentes portos de Levante, pessoas encarregadas de lhe participarem quaesquer noticias, que se podessem obter do Preste João, e das terras da India, aconteceu, que vindo por aquelle mesmo tempo a Roma, e estando no collegio de Santo Estevão dos Indianos, um sacerdote ethiope, por nome Lucas Marcos, o santo padre Innocencio viii o enviou a El-Rei, o qual não só o recebeu e ouviu com grande contentamento e alvoroço, mas tambem por elle escreveu novas cartas ao Imperador Abexi, fazendo que elle mesmo escrevesse outras por quatro diferentes vias, nas quaes todas se annunciava áquelle principe o ardente desejo que El-Rei de Portugal tinha da sua amisade e communicação; se lhe re-

commendava e pedia que recebesse benignamente o embaixador que de Portugal lhe tinha sido enviado: e se lhe indicava a via do Cairo, Jerusalem, ou Roma, para reciproca correspondencia, *até que Deus abrisse outro mais directo, e mais facil caminho.*

O Paiva falleceu no Cairo, como já vimos. O Covilhã não voltou a Portugal, porque estando já para isso despachado por Escander, e fallecendo este antes que Covilhã pudesse realisar a saida, *Nau ou Naut*, que succedeu no throno, lhe denegou constantemente licença para sair do imperio, e o mesmo fez David que succedeu a Naut, adoçando comtudo a Covilhã as saudades da patria *com lhe fazer amplas mercês e donativos.* Pelo que, *casou-se Covilhã na Abyssinia* (diz Goes) *e teve filhos e filhas.*

Com effeito pelos nossos escriptores nos consta, que quando o grande Albuquerque embocon o estreito do golfo arabico em 1506, ainda o Covilhã vivia nas terras d'aquelle imperio: e quando o embaixador do Abexi, Matheus, chegou a Gôa no anno de 1512 para vir a Portugal, dizia, que na Abyssinia existiam tres portuguezes, um chamado João, que havia muito tempo tinha sido mandado por um Rei de Portugal (e este era sem duvida o nosso João Perez da Covilhã, mandado por El-Rei D. João II vinte e seis annos antes), e outros dois que de pouco tinham lá chegado, e seriam certamente alguns d'aquelles, que os capitães portuguezes lançavam em terra em certas paragens, com ordem de penetrarem no interior, quanto lhes fosse possível, a fim de poderem depois dar informação do que tivessem observado. Ainda no anno de 1516, em que o padre Francisco Alvarez saiu da Ethiopia com D. Rodrigo de Lima, parece que lá existia o Covilhã; e finalmente no anno de 1559 achamos menção de um Alvaro da Costa Covilhã que vivia na Abyssinia, e seria provavelmente algum dos filhos do nosso viajante.

Taes são as noticias que d'esta importante viagem ¹ ficaram em nossas historias, o que aqui quizemos ajuntar para commodidade dos leitores, confiando que se nos relevará descermos talvez a miudezas e particularidades que podem hoje parecer de pouco interesse, mas que acreditam, e recommendam o discernimento, o zelo, e a constancia, com que os Reis portuguezes procuraram lançar os fundamentos ao magnifico edificio de gloria e de grandeza, a que depois se elevou o Imperio lusitano-oriental.

El-Rei D. João II ao mesmo passo que com tanta diligencia e grandes despezas da sua fazenda ² mandava explorar as terras orientaes, tambem se não descuidava de fazer examinar o interior de Africa, tanto para adquirir conhecimento das producções do paiz, e dos costumes das

¹ Não podemos escusar-nos á satisfação de copiar n'esta nota as palavras de um douto e sincero escriptor francez a respeito da viagem, de que temos tratado. É Mr. de Pouqueville, que na *Memor. hist. e diplomat. sobre o commercio e estabelecimentos francezes no Levante, etc. anno de 1827*, fallando da época da tomada de Constantinopla por Mahomet II, diz assim: «Até então tinha o Mediterraneo sido o centro da navegação do mundo; mas a providencia permittiu em fim, que os homens descobrissem mais vasto campo, em que podessem dar alla ao seu genio, e á sua coragem. Os estados, que com mais perseverança se haviam dado ás viagens longiquas, é que deviam obter a gloria de abrir e franquear o caminho. Os Portuguezes mereceram esta honra, dobrando o Cabo da Boa Esperança. Um anno depois d'este memoravel descobrimento, Pedro da Covilhã e Affonso de Paiva mandados por El-Rei de Portugal a reconhecer, um os estados de Preste João, que se chamavam India, e o outro as terras d'onde vinha a especiaria, partiram a executar uma das missões mais vastas, e que já mais se haviam concebido. Levaram elles ordem de se informarem, se era possivel a navegação desde o cabo da Boa Esperança até ás Indias orientaes, e se instruirem de tudo o que podesse ser util ao commercio. Chegados a Thor, aonde se separaram, Covilhã embarcou e foi o primeiro portuguez que navegou os mares da India, ao mesmo tempo que Paiva se dirigia á Ethiopia, tendo ambos ajustado entre si reunirem-se no Cairo, de volta de suas viagens. Em quanto estes exploradores desempenhavam a sua perigosa missão, Christovão Colombo descobria a America, etc.»

² Rezende, na *Vit. de D. João II*, cap. 60, fallando da viagem do Paiva e Covilhã, acrescenta: «depois d'elles foram outros, com muitas despezas, que El-Rei n'isso fez.»

gentes, como para aproveitar as utilidades do commercio, e levar áquelles povos rudes e barbaros a luz do evangelho, e com ella os beneficios da civilisação.

Alguns escriptores estrangeiros, que ignoram, ou fingem ignorar os factos da nossa historia, atreveram-se a dizer que os *portuguezes nunca tiveram o pensamento de inspirar aos africanos alguma idéa moral*. Esta proposição é uma insigne e calumniosa falsidade, desmentida por toda a historia dos nossos descobrimentos e conquistas, e filha, ao que parece, do baixo ciúme, com que os estrangeiros, em geral, teem considerado, e ainda hoje consideram, a superior gloria, que n'aquelles tempos adquirimos. Nós refutaremos em outra nota a injuriosa accusação, que n'isto se nos quer fazer. Aqui sómente tratamos de recolher as escassas idéas que ainda achamos nos escriptores nacionaes sobre as indagações dos nossos antigos no interior de Africa, para que por ellas se veja, que as tentativas, feitas pelos modernos com o mesmo fim, foram precedidas pelos portuguezes tres seculos antes, e que se os portuguezes não tiraram d'ellas maiores proveitos, nem para si, nem para os povos africanos, tambem os modernos não teem sido até ao presente muito mais felizes, apesar da grande aptidão e capacidade de que se prezam e jactam, e apesar dos multiplicados meios de que hoje podem ajudar-se n'esta empreza, e de que os portuguezes totalmente, ou quasi totalmente careciam no seculo xv.

Bem natural parece que o illustre Infante D. Henrique se não esquecesse de lançar mão de um arbitrio tão proprio para levar ao fim os seus intentos, como era o das viagens ao interior de Africa. Os fins principaes a que elle se dirigia, que consistiam em trazer os povos barbaros á religião christã, e ampliar ao mesmo tempo as relações, e os interesses commerciaes do reino, aconselhavam este meio como opportuno. O Infante tinha noticia, pelas infor-

mações dos mouros, das grandes feiras, que se faziam em diferentes logares da Africa central, e não ignorava o extenso commercio, que os seus habitantes entretinham com os das costas septentrionaes, assentadas sobre o Mediterraneo. Pelo que não podemos prudentemente duvidar de que intentasse examinar estes objectos com todo o cuidado e empenho, e assim parece persuadil-o tanto a embaixada que mandou a Farim, Rei de Cabo-Verde, e a fundação da fortaleza de Arguim, como os estabelecimentos que ordenou se fizessem nas margens do Rio Grande.

Comtudo, pelo que mais directamente respeita ao nosso particular assumpto, a historia sómente nos conservou lembrança do ousado portuguez João Fernandes, *homem de honra e confiança, e já instruido na lingua d'aquelles povos*, que voluntariamente se offereceu ao Infante para ir investigar o interior do paiz dos Azenegues. Este animoso aventureiro ficou com effeito no *Rio do Ouro*, penetrou o sertão, inquiriu o trafico, ritos e costumes dos habitantes, e depois de sete mezes de peregrinação n'aquellas terras, mandou o infante que Antão Gonçalves o fosse buscar, e conduzir ao reino, aonde com grande attenção e gosto ouvia as informações, que elle dava de tão estranhas gentes.

El-Rei D. João II foi o que depois proseguiu com mais constancia o desempenho d'aquelle plano. D'elle nos consta que entretinha frequente correspondencia com alguns Reis e grandes senhores do interior, e que por via do castello de Arguim mandava estabelecer feitoria portugueza em Huadem¹ despachando para feitor Rodrigo Reinel, para escrivão Diogo Borges, e para homem da feitoria Gonçalo d'Antes.

Sendo o mesmo principe informado que o Senegal corria por Temboctu e Mombarce, principaes feiras dos ser-

¹ Em arabe «Uádán», ou «Onádán», ou «Hoden».

tões africanos, mandava igualmente construir uma fortaleza na boca d'aquelle rio. Nas que se fundaram na Mina, e no Congo não só tinha a gente necessaria para defeza, e os feitores que haviam de tratar do commercio, mas tambem designava certas pessoas, particularmente destinadas a fazer excursões ás terras do sertão para se informarem das gentes que as habitavam, dos seus usos, costumes e linguagem, das producções da terra, dos seus commercios, etc.¹ Por outra parte os ecclesiasticos que tinham a seu cargo a conversão dos infieis, faziam tambem para isso, por mandado de El-Rei, entradas nas terras, com o que se augmentava o numero, e a certeza das noticias, que progressivamente se iam adquirindo d'aquelles vastos paizes.²

Entre as muitas pessoas encarregadas d'estas viagens e indagações, faremos aqui menção das que o illustre Barros nomea nas suas *Decadas*, segundo os documentos originaes, que em seu tempo existiam na casa de Guiné e India, São pois Pero de Evora e Gonçalo Eanes, mandados por El-Rei aos Reis de Tucuroi e de Tumbugutu, Rodrigo Rebello, escudeiro da casa de El-Rei, e Pero Reinel seu

¹ *Mariz, dialog. 4, cap. 11.* «E era El-Rei D. João tão humano, que se carteava (com os principes africanos) e os tratava particularmente, tudo porém para descobrir o estado do *Preste João*, e com elle as Indias, de que tantas grandezas se publicavam pelo mundo. E para este seu desejo mandava tambem por terra, e sertão dentro da Ethiopia muitos e christãos, assim portuguezes, como naturaes da terra, em o qual tanto se occupava, e com tanto fervor o solicitava, principalmente depois que viu e gostou de muitas cousas, de que os escriptores antigos não tiveram noticia, que não lhe repousava o espirito, commettendo muitas vezes por varias partes esta grande balsa de Guiné, que até hoje se não deixou penetrar.»

² *Sousa, Hist. de S. Domingos, part. 2, liv. 6, cap. 6,* fallando da missão de Beni em 1486 diz «as memorias de nossa Ordem dizem que El-Rei escolheu n'ella sujeitos, que além das sagradas letras, eram entendidos nas mathematicas, para que, nas horas que lhe vagassem da prégação, fossem inquirindo alguma noticia da India pelo sertão d'aquellas provincias, e do grande Rei do Abexim, que o vulgo chamava *Preste João*, e havendo-a, procurassem chegar a elle.»

moço de esporas, e João Collaço besteiro da camara, despachados com outros homens, em numero de oito, por via de Cantor, a *Mandi-mansa*, um dos mais poderosos principes da provincia de *Mandinga*.¹ Mem Rodrigues e Pero de Astaniga a Tumbugutu e a Temalla dos Fullos: Rodrigo Rebello e João Lourenço creados de El-Rei, Vicente Annes e João Bispo, linguas, a varios outros reinos e gentes. Por um Abexi chamado Lucas, escreveu tambem El-Rei ao principe, ou senhor dos *Móses*, nome mui celebrado entre os negros, e que se julgava ser visinho ou vassallo do *Preste*, ou da gente dos *Nobis*;² e pelo forte da Mina enviou mensageiros a Mahamed-ben-Manzugul, neto de Mussa, Rei de *Songo*. E não só por seus naturaes (diz Barros) mas ainda por estrangeiros, assim como Abexis e alguns alarbes que vinham ao castello de Arguim, commettia este descobrimento do sertão, por lhe não ficar cousa alguma por tentar. Tão occupado e solícito o trazia este negocio, principalmente depois que viu e gostou de muitas cousas, de que os antigos escriptores não tiveram noticia, fallando d'esta parte de Africa, que não lhe repousava o espirito! E bem como um leão faminto, a quem a caça se esconde, com temor d'elle, em meio de alguma grande e espinhosa balsa, a qual elle rodêa e commette por muitas partes, e ferido e espinhado das entradas e saidas, já cançado se

¹ Barros, 1, 3, 12. «E assim ficou d'esta, e d'outras idas, que El-Rei lá mandou, tanta amisade entre os nossos e este Rei Mandi-mansa, que enviando eu, por rasão do meu cargo de feitor d'estas casas de Guiné e Indias, no anno de 1534, a um Pero Fernandes a este reino, de Mandi-mansa, em nome d'El-Rei D. João o terceiro, nosso senhor, que ora reina, por rasão do resgate de Cantor, estimou o Rei muito este recado, que lhe foi dado da parte de El-Rei, dizendo que havia em boaventura ser-lhe enviado este mensageiro, porque a seu avó, que tinha o seu proprio nome, fôra enviado outro mensageiro d'outro Rei D. João de Portugal. Tanta memoria, sem terem letras, havia entre estes barbaros das cousas d'El-Rei D. João.

² Este senhor dos *Móses* parece ser o mesmo, que no Atlas Catalão acima citado se diz: *Mussa Rei de Melly*.

lança com o sentido e tendo posto na prêa escondida, assim El-Rei, commettendo por muitas partes e vezes esta grande balsa de Guiné, que até hoje não se deixou penetrar, cançado d'esta continuação, e despeza da sua fazenda, e assim de grandes cuidados que lhe deram os negocios do reino, principalmente no tempo das traições, se deixou algum tanto repousar... etc.»

Depois do fallecimento de El-Rei D. João II, e quando já os portuguezes conheciam e praticavam o caminho maritimo da India, e os diversos portos da costa oriental de Africa, nem por isso afrouxaram, antes mais insistiram, e se empenharam em haver conhecimento dos paizes interiores d'aquella parte do mundo.

Os primeiros capitães, mandados á India, levavam homens criminosos e condemnados a graves penas, os quaes, por commutação d'ellas, eram lançados em terra em diversas paragens, com ordem de penetrarem, quanto lhes fosse possível, ao interior, para depois informarem do que tivessem visto e observado. No *Rio dos Reis*, a 25^o meridionaes, deixou o grande Vasco da Gama dois d'estes exploradores, e pouco adiante outros dois no *Rio dos bons signaes*. Cabral, á sua volta da India, lançou outros dois em Melinde, recommendando-lhes que trabalhassem por penetrar até á Abyssinia, de que ainda não havia bem miudadas, e exactas informações. João da Nova (em 1501) achou em Quilôa um Antonio Fernandes, carpinteiro de náos, degredado, lançado em terra pelo mesmo Cabral. Cyde Barbudo e Pero Quaresma, mandados a indagar por toda a terra do Cabo da Boa Esperança até Çofala o logar e as circumstancias da perdição de Francisco de Albuquerque e Pedro de Mendonça, lançaram em terra (em 1505) dois degredados na Aguada de S. Braz com ordem de correrem ao longo da costa da Cafraria. Tristão da Cunha (em 1507) poz em Melinde tres homes, a saber, um portuguez

por nome Fernão Gomes o Sardo (ou *João Gomes o Jardo*, segundo a ultima edição de *Castanheda*), um mourisco christão, chamado João Sanches, e um mouro de Tunes por nome Cyde Mahamede, mandados por El-Rei D. Manoel com cartas suas ao imperador Abexi: aos quaes o bom Rei de Melinde se encarregou de dar aviamento para a viagem, que comtudo se não chegou então a executar por embarços supervenientes. Estes mesmos homens porém foram depois (em 1508) postos por Affonso de Albuquerque em terra, a 3 leguas do cabo de Guardafui, com cartas suas, e por alli chegaram finalmente á côrte de David, aonde na menoridade d'este principe governava por elle sua avó Helena; sendo acaso esta uma das causas, que determinaram os Abexis a mandar o embaixador Mathews, que com effeito veio pouco depois a Portugal «traçando cartas de Helena, avó de David, Precioso João, Imperador dos Ethiopes, a D. Manoel Rei dos Portuguezes, «escripta em 1509.» (*Goes.*)

Seria longa esta nossa escriptura, se quizessemos mencionar todas as tentativas, todas as diligencias, todos os esforços, que n'aquelle tempo se empregaram para havermos conhecimentos dos paizes sertanejos das vastas regiões africanas: e é por certo bem para lamentar, que, em parte, algum descuido dos nossos antigos, e em parte a tyrannia do tempo, e as revoluções ordinarias do mundo nos privassem de memorias mais individuaes, com as quaes responderiamos hoje á vaidosa, e não menos invejosa presumpção dos estrangeiros, que aproveitando-se por ventura dos trabalhos e escriptos dos antigos portuguezes (que elles buscam, e guardam, e arrecadam melhor do que nós) veem depois lançar-nos em rosto a nossa supposta incuriosidade, e fazer ostentação dos seus scientificos trabalhos.

Faremos porém ainda menção de um projecto, ou tentativa, que foi a ultima do reinado de El-Rei D. Manoel, e que

infelizmente veio a malogar-se pela prematura morte d'este soberano. Castanheda, e Goes nos subministraram esta noticia.

Um cavalleiro portuguez, por nome Gregorio de Quadra, que fôra creado do marquez de Villa Real, e andava por capitão de um bergantim na armada de Duarte de Lemos, na costa oriental de Africa, pelos annos de 1508 e 1509, estando em frente de Magadaxo, e cortando-se-lhe de noite, por má vigia, a amarra do bergantim, foi levado com o baixel á discrição das ondas até ao cabo de Guardafui, e d'ahi a Zeila, onde sendo captivado com a sua gente, passou ao poder do Rei de Adem, que o teve preso por alguns annos.

Posto depois em liberdade, como tivesse bem aprendido a lingua arabica, e se fingisse devoto religioso mahometano, o proprio Rei de Adem o levou a Medina, d'onde passou á Persia, e á custa de gravissimos incommodos visitou a Babylonia, Baçorá, Ormuz, e India, voltando ultimamente a Portugal em 1520.

Deu este capitão tão boa conta a El-Rei D. Manoel de tudo o que tinha visto e observado e de tudo o que sabia da Arabia, da Ethiopia e do grande lago, que se reputava ser a origem do Nilo, do Zaire, e de outros grandes rios de Africa, que El-Rei o julgou capaz de executar o *que desde muito tempo fazia objecto de seus pensamentos e meditações*, que era descobrir o caminho de Congo para Ethiopia por terra, esperando tirar grandes proveitos da communicação, que se abrisse entre os dois principes christãos seus alliados, cujos estados tinham portos maritimos em ambas as costas occidental e oriental de Africa.

Despachou pois o capitão Quadra, e lhe deu cartas de credito para o Rei de Congo, e instrucções sobre o que devia tratar com o Abexi ácerca da guerra com os Turcos, e das fortalezas que El-Rei queria fundar nas costas do mar da Arabia e da Ethiopia.

Quadra partiu, e chegando ao Congo entregou as cartas de El-Rei: mas logo se lhe opposeram taes embaraços, urdidos pela inveja e malevolencia dos seus proprios naturaes que elle, para os remover, se viu obrigado a voltar a Portugal, aonde achou El-Rei fallecido, concebendo d'aqui tal desgosto, que se resolveu entrar em religiãõ, aonde acabou seus dias em exercicios de piedade.

El-Rei D. João III, não obstante vêr-se obrigado a dividir os seus cuidados para Africa, Asia e America, segundo a excessiva extensãõ, que haviam tomado os dominios, e as emprezas portuguezas n'estas diversas partes do mundo, não se esqueceu comtudo da exploraçãõ da Africa interior, e no anno de 1546, escrevendo ao Imperador da Ethiopia, e aos portuguezes, que ainda lá existiam, e tinham feito parte da expedição de D. Christovão da Gama, recommendava com encarecidas palavras, que por pessoas idoneas se mandasse indagar e descobrir um «caminho que «da Abyssinia viesse ter á costa de Melinde, ou a alguma «outra parte d'aquella banda: E porque pôde ser (dizia «El-Rei) que a terra do Abexi venha tanto para Oeste e a «de Manicongo vá tanto para Leste, que não seja grande distancia de uma terra a outra», queria e ordenava, que tambem se tentasse este caminho do Abexi para Manicongo, ou para qualquer outro rio do cabo da Boa Esperança para cá.¹

Ainda em tempo de El-Rei D. Sebastião, e no anno de

¹ A carta que El-Rei escreveu ao Rei da *Abyssinia* é datada de Almeirim a 13 de Março de 1546, e a que S. A. escreveu aos fidalgos e seus creados e gente de armas que estavam nas terras do *Preste*, é de 15 do mesmo mez e anno. Ambas foram remettidas por copia a D. João de Castro, a quem El-Rei dizia: «porque poderá ser que para virem «aos portuguezes, lhes serão necessarios alguns instrumentos, agulhas, «cartas de marear, e astrolabios, lh'os enviareis, e assim um regimento «do modo que terão em descobrir e escrever as derrotas e alturas «do que caminharem.» (Existe a carta original de El-Rei a D. João de Castro, e as copias que a acompanharam, na minha *Collecção*.)

1562, tomando o cardeal infante D. Henrique a tutoria de El-Rei menor, e a regencia do reino, lhe apresentou Lourenço Pirez de Tavora uns apontamentos sobre varios objectos do governo, em um dos quaes se recommendava o *descobrimento de Tombuctu*, e a escolha de pessoas aptas para esta empreza.

No mesmo reinado (anno de 1569) se fez notavel a expedição de Francisco Barreto, e de seu successor Vasco Fernandes Homem ás terras de Monomotapa, e ás minas de Chicova, Rutroque, Chicanga, Nocarás, etc. Nem foi menos util para o conhecimento de uma parte da Africa a importante expedição (em 1574 e 1575) a que foi mandado Paulo Dias de Novaes, digno descendente do intrepido Bartholomeu Dias, para o descobrimento das terras de Angola, e fundação d'este reino portuguez, a que logo depois, e pelos tempos adiante accresceram as terras de Benguela (em 1617) e os varios outros Presidios, e districtos nos respectivos sertões, resultando de tudo isto os conhecimentos e informações, que hoje temos d'aquella parte da Africa.

Finalmente a exploração dos sertões africanos, e o descobrimento de um caminho para communicação da costa occidental com a oriental, estava de tal modo, e esteve sempre no animo, e no intento dos portuguezes, como mostram os factos, que havemos indicado, e os mais de que agora fazemos menção.

No anno de 1606 o governador de Angola D. Manoel Pereira Forjaz, intentando realisar aquella communicação, nomeou para a execução do projecto a Balthazar Rebello (ou Pessoa) de Aragão, homem capacissimo para a empreza, tanto pelo seu valor, como pelos conhecimentos que tinha do sertão. Elle com effeito começou a viagem, e tinha já penetrado ao interior, quando se viu obrigado a retroceder, para acudir á fortaleza de Cambambe, pouco an-

tes fundada (em 1603) que era sitiada por um Sova visinho, colligado com os negros da provincia de Mosseque.

No mesmo seculo xvii no anno de 1648, sendo Angola libertada, e limpa de hollandezes pelo illustre capitão Salvador Corrêa de Sá, se offerecia este a El-Rei D. Pedro II para ir reduzir á obediencia de Portugal o reino de Pate, na baixa Ethiopia oriental, que se tinha rebellado, e «para «abrir communicação desde Cuamá e Monomótapa até Angola por terra: projecto e offerecimento que a inveja e «a ingratidão da cõrte frustrou, como outras vezes tinha «feito ao que podia parecer glorioso a este benemerito fi- «dalgo,» diz um escriptor judicioso e contemporaneo.¹

Entre os annos de 1676 a 1680, tendo Ayres de Saldanha de Menezes e Sousa o governo de Angola, intentou abrir communicação por terra até Benguela, e de Benguela á contra-costa do Sena. E posto que para esta empreza se offereceu o capitão José da Roza, que logo saiu de Massagano com esse destino, encontrou tantas e taes difficuldades, e tanta opposição dos Sovas que dominavam as terras da sua passagem, que se viu obrigado a retroceder.²

¹ Vem aqui a proposito, pela ordem chronologica, notar o facto que nos refere Mr. Jomard nas suas *Remarques et recherches géographiques sur le voyage de mr. Caillié, etc.* «Se exceptuarmos (diz elle) Leão, mouro nascido em Granada, e os portuguezes de que só temos noticias incertas, transmittidas por Marmol e Barros, o primeiro europeu, que chegou a Tombuctu, foi o francez Paulo Imbert, nascido em Sables-d'Olonne, isto é, na mesma provincia que Renato Caillié. A sua viagem é anterior a 1670. Elle acompanhava seu amo, portuguez renegado, enviado a Tombuctu pelo governador de Taflet: aonde achamos notavel, que o douto escriptor nomeie o francez Imbert como primeiro europeu que chegou a Tombuctu, sem advertir que o portuguez, amo de Imbert, naturalmente iria a diante do seu creado, e entraria primeiro na cidade.

² Seja nos permittido copiar aqui o que no anno de 1663 escrevia o padre Manoel Godinho, na importante «Relação do novo caminho, que «fez por terra e mar, vindo da India para Portugal,» impressa em Lisboa em 1665. O caminho de Angola (diz elle) por terra á India, não é ainda descoberto, mas não deixa de ser sabido, e será facil em sendo cursado, porque de Angola á lagóa Zachaf (que fica no sertão da Ethiopia, e tem de largo 15 leguas, sem até agora se lhe saber o com-

Em 1798, estando D. Rodrigo de Sousa Coutinho (que depois foi conde de Linhares) no ministerio dos Negocios da marinha e do Ultramar, quiz este illustre ministro renovar a antiga, e tantas vezes intentada empreza da abertura da communicacão por terra entre as duas costas occidental e oriental de Africa: para cuja execucao designou a Francisco José de Lacerda e Almeida, doutor em Mathematica, nomeando-o para governador dos *Rios de Sena*, d'onde devia partir a expedicao. Lacerda foi tomar o seu governo, e havendo-se munido dos meios, e instrumentos necessarios, e tomadas as possiveis informacões e noticias dos paizes que ia percorrer, se poz a caminho para o interior: Chegando porém ás terras do Rei de Cazembe (que parece serem o ponto central entre as duas costas) ahi falleceu: e posto que nos ultimos momentos da vida recommendou a seus companheiros a continuacão da empreza, elles comtudo não annuiram a esta recommendacão e o descobrimento ficou sem ulterior effeto.⁴

primento) são menos de 250 leguas. Esta lagóa põem os cosmografos em 15° e 30'; e segundo um mappa que vi, feito por um «portuguez que «andou muitos annos pelos remos de Monomotapa, Manica, Butua, e «outros d'aquella Cafraria,» fica esta lagóa não muito longe do *Zimbaue*, quer dizer, côrte de Mesura ou Marabia; sae d'ella o rio Aruui, que por cima do nosso forte de Tête se mette no rio *Zambeze*. E tambem o rio Chire, que cortando por muitas terras, e ultimamente pelas do Rondo, se vae juntar com o r.o Cuamá para baixo do Sena. Isto supposto, digo agora: quem pretender fazer este caminho de Angola a Moçambique e d'aqui á India, atravessando o sertão da Cafraria, deve demandar a sobredita lagóa Zachaf e em a achando descer pelos rios aos nossos fortes de Tête e Sena, d'estes á barra de Quilimane, de Quilimane a Moçambique, etc. Que haja a tal lagóa dizem-no não só os Cafrás, senão «portuguezes que já lá chegaram, navegando pelos rios acima, e por falta de premio se não tem descoberto até agora este caminho. As condições que devem concorrer em seu descobridor, o poder que ha de levar, o modo com que se deve haver pelas terras por que passar, «disse «já em outro papel, que se me pediu para bem do descobrimento.» (Dita Relação, cap. 25.)

⁴ Temos por noticia fidedigna, que na livraria do sr. conde de Linhares existe a Relação circumstanciada d'esta viagem com os planos, instrucções e documentos a ella relativos. Pode porém entretanto vér-

Finalmente no anno de 1807, sendo governador o capitão general do reino de Angola o illustre, douto, e zeloso fidalgo Antonio de Saldanha da Gama, hoje conde de Porto Santo, se realisou, de mandado d'elle, a primeira expedição de Loanda á contra-costa, a qual voltou no anno de 1809 trazendo a embaixada dos *Molluas*, nação que já commerciaua com Moçambique. Immediatamente enviou o digno governador outra expedição com ordem expressa de ir até Moçambique, o que effectivamente se executou, voltando esta segunda expedição a Loanda com cartas de Moçambique, estando já a governar Angola José d'Oliveira Barbosa. *

Dirá por ventura alguém que todas estas noticias, que aqui temos ajuntado, são de pouco valor, e interesse, porque em fim ainda se não conseguiram grandes adiantamentos na geographia de Africa, nem o conhecimento dos povos que a habitam, nem nos outros muitos objectos, que deveriam concorrer para a civilisação de tantas nações barbaras, e de um tão extenso continente. Nós o confessamos com magua: mas perguntamos ao mesmo tempo aos sabios estrangeiros, que nos lançam em rosto a nossa ignorancia, e a nossa incapacidade do seculo xv, perguntamos, digo, se elles, que desde o fim do seculo xvi começaram a apossar-se de nossas conquistas, e a despojar-nos do fructo dos nossos trabalhos, teem sido mais felizes, e teem adiantado muito mais que nós no conhecimento da Africa

se a obra intitulada «Considerações politicas e commerciaes, sobre os descobrimentos e possessões dos portuguezes na Africa e na Asia,» por José Accursio das Neves, Lisboa, 1813, em 12.

* Veja-se a *Memoria* do sr. visconde da Carreira publicada no «Observador Lusitano,» impresso em Pariz no anno de 1814.

* Na *Historia da navegação de J. H. de Linschot hollandez, às Indias orientaes*, Amsterdam, 1619, no cap. 4, fallando o aucto de *Moçambique* que diz que das minas Çofala não distam as de Angola na contra-costa mais de 300 leguas, e que os negros de Angola vão muitas vezes a Çofala por terra.

interior? Elles apenas ha poucos annos poderam ver essa mysteriosa cidade de *Tombuctu* tão procurada, tão requestada, e tão fatal aos seus indagadores. Mungo-Parck não chegou a entrar n'ella: a pintura que elle fez do orgulho, perfidia, e barbaridade dos Mouros das visinhanças explica bem uma das rasões por que as emprezas ao interior de Africa são tão difficeis e arriscadas. O major Laing que em 1826 penetrou até *Tombuctu* com a protecção do Pachá de Tripoli, foi obrigado a sair logo occultamente, e pouco depois foi assassinado pelos *Fellans*, horda potente e bellicosa, que reina quasi exclusivamente nos immensos desertos da Africa central. O capitão Clapperton, que empreendeu a mesma viagem, teve egual sorte antes de chegar a ver *Tombuctu*. Mr. Jomard, no logar que acima citamos, faz uma lista de quarenta e dois viajantes, que desde 1588 intentaram reconhecer os paizes da Africa interior, e reflecte que só um pequeno (e bem pequeno) numero d'elles deixou de succumbir no meio da sua carreira, sendo victimas da empreza a que se haviam arrojado.

Concluiremos este assumpto das viagens de Africa com as palavras de um escriptor não suspeito: *Os portuguezes* (diz Pidkerton) *estabeleceram a Oeste em Africa diversas feitorias . . . as relações dos missionarios augmentaram os conhecimentos da geographia africana: comtudo por um concurso de circumstancias particulares, estes conhecimentos teem sempre sido mui limitados, e o seu aperfeiçoamento tem até ao presente experimentado obstaculos quasi insuperaveis.*»

Estes obstaculos, estas difficuldades que o escriptor chama, com rasão, *quasi insuperaveis*, teem por causas principaes a vasta extensão dos desertos de arêa; a altura das cadêas de montanhas; as guerras quasi continuas que fazem entre si as pequenas tribus africanas, mais animosas e mais ferozes que as da America, e menos faceis de se

intimidarem á vista das armas europêas; a falta de mares interiores, ou de grandes rios navegaveis, que offereçam facilidade de levar ao centro do paiz os beneficios da industria e do commercio, etc. De mais: os habitantes d'aquellas vastissimas regiões são extremamente supersticiosos e tenacissimos de suas praticas religiosas; e nos logares aonde o mahometismo tem chegado, e se tem misturado com as grosseiras superstições do paiz, participam os miseraveis habitantes dos vicios innatos dos seus mestres, e não deixam de mostrar por todos os modos, o odio e extrema aversão que elles lhes tem inspirado aos europêos. Acresce ainda, em geral, que os homens selvagens e barbaros de quasi todos os paizes do mundo mostram constantemente uma quasi invencivel repugnancia a alterarem o seu modo de viver, e a adoptarem a nossa civilisação. O christianismo inspirado pelos missionarios das differentes nações da Europa, tem feito na verdade muitos christãos, mas pôde dizer-se que não tem feito um só homem civilisado, que adopte os nossos costumes, e que viva ao nosso modo. *Os estabelecimentos portuguezes* (diz um illustre portuguez em uma Memoria manuscripta fallando dos estabelecimentos de Africa.) *os estabelecimentos portuguezes que alli existem há seculos, não tendo influido senão imperceptivelmente nas povoações visinhas, fazem desconfiar da possibilidade de civilisação n'aquella parte do globo, que parece destinada a ser o domicilio eterno da barbaridade.*¹

Em verdade, que se não fossem tantas, tão fortes, e tão invenciveis as causas da ignorancia, em que ainda laboramos a respeito das terras da Africa central, e das difficuldades que se teem encontrado na sua civilisação, parece natural que os estrangeiros, no espaço de dois seculos e meio, tivessem já supprido a incapacidade dos portugue-

¹ Memoria manuscripta do sr. conde de Porto Santo.

zes, e dado grandes passos na obra da civilização dos africanos. E contudo ella se conserva quasi estacionada, e tal (com pequenas differenças) qual a deixaram os portuguezes pelos fins do seculo xvi.

Lancem-se os olhos a uma carta de Africa, e se conhecerá logo o mui pouco que se tem adiantado na geographia d'esta parte do mundo. Os estabelecimentos hollandezes, inglezes, francezes e dinamarquezes na costa occidental teem na verdade dado a estas nações, em diferentes tempos, grandes interesses commerciaes. Com este intento é que ellas se lançaram á porfia umas sobre outras, e todas sobre os portuguezes, cuja riqueza desafiava o seu ciume e a sua cobiça. A civilização dos povos indigenas do interior era então objecto mui secundario para os governos d'essas nações: e quando, ha pouco mais de meio seculo, começaram a tomar mais a peito esse objecto, encontraram logo, e teem continuado a encontrar, as grandes difficuldades, que oppõem a natureza do paiz, o caracter e costumes dos povos, e as outras circumstancias que deixamos indicadas.

O grande estabelecimento do cabo da Boa Esperança termina ao norte a uma distancia, que se pôde chamar insignificante, com respeito á grande extensão do continente africano: e no conhecimento da Cafraria, e de toda a costa oriental bem pouco se tem adiantado além do que deixaram escripto os portuguezes nas relações de seus numerosos naufragios, e na descripção dos paizes em que teem e conservam dominio, e estabelecimentos permanentes.

Finalmente a Abyssinia é ainda hoje em grande parte conhecida tambem pelas relações dos portuguezes, que a frequentaram, visitaram, e habitaram por muitos annos; como é sabido, e o que os modernos viajantes de outras nações teem pretendido accrescentar, ou é tomado dos escriptos portuguezes, ou consiste em algumas noticias do

estado moderno d'aquellés vastos paizes, ou finalmente na indagação da historia natural da sua constituição phisica, e dos seus productos, objectos que no seculo xvi eram tão novos para os portuguezes como quaesquer outras nações da Europa.

Agora que temos referido o que ainda nos consta das nossas antigas viagens por terra á India, e das tentativas que fizemos para o conhecimento das terras e dos povos do interior de Africa, pediria o nosso assumpto, que dessemos tambem noticia das viagens por terra executadas pelos portuguezes, vindos da India até á Europa. Mas para satisfazermos cabalmente a este intento seria necessario escrever obra mais volumosa, e talvez repetir o que os proprios viajantes deixaram escripto em suas relações impressas, ou manuscriptas, das quaes todavia seria conveniente fazer uma collecção ordenada, e quanto podesse ser completa.

Limitar-nos-hemos pois, por agora, a dar uma breve idéa das principaes viagens de que temos achado memoria nos nossos escriptores, e isto bastará para satisfazer ao intento que levamos em colligir estas noticias, que é mostrar que não somos nós os portuguezes tão incuriosos, ou tão ineptos, como nos querem fazer os estrangeiros.

SEculo XVI

1515—Tendo o grande Albuquerque posto á obediencia de Portugal a rica cidade de Ormuz, e recebido n'ella com grande solemnidade a embaixada do Schach Ismael Rei da Persia, despachou com o mesmo caracter de

embaixador á côrte de Hispahan a Fernão Gomes de Lemos, senhor da Trofa, o qual tendo concluido a sua missão, se achava já de volta em Cochim no mez de Janeiro de 1517 e d'ahi escreveu a El-Rei D. Manoel, mandando-lhe um *Livro em que dava conta da sua embaixada, e do caminho que fizera*, como consta da propria carta por elle dirigida a El-Rei com a data de 4 de Janeiro de 1517, que se conserva no Archivo da *Torre do Tombo*, no *Corpo Chronol.* part. 1.^a, maço 21, n.º 4. (Vej. Goes, *Chron. de El-Rei D. Manoel*, part. 4, cap. 9 e 11.) Do *livro* porém que continha a relação da embaixada e caminho não sabemos que exista.

1520 — N'este anno, entrando na Abyssinia D. Rodrigo de Lima embaixador de El-Rei D. Manoel áquelle imperio, entrou com elle, entre outros portuguezes, o padre Francisco Alvares, natural de Coimbra, que de Portugal havia saído como capellão da embaixada de Duarte Galvão. Este ecclesiastico residiu na Abyssinia cousa de seis annos até o de 1526, e escreveu *Verdadeira informação das terras do Preste João*, obra rara, que se imprimiu em Lisboa no anno de 1540 em fol., e que foi traduzida em varias linguas, e inserida por Ramuzio na sua *Collecção*, em Veneza 1550 com o titulo de *Viagem á Ethiopia*, por Francisco Alvares, etc.

Pelo mesmo tempo viajava por diversos paizes da Asia o capitão Gregorio de Quadra, de que acima fizemos menção.

1522 — A este anno se deve referir o principio das viagens de Antonio Tenreiro, segundo o que elle mesmo escreve na sua bem conhecida Relação, ou *Itinerario*. Saiu elle de Ormuz em companhia de Balthazar Pessoa, que de mandado do governador da India D. Duarte de Menezes ia por embaixador á Persia. Esteve Tenreiro na Persia, d'onde passou á Armenia, veiu á Syria, ao Cairo, á Ale-

xandria, e d'ahi á Ilha de Chipre. De Chipre voltou ao continente, e logo a Ormuz por terra, e ficando ahi cinco ou seis annos (como elle mesmo refere no cap. 58) tornou a sair para vir por terra a Portugal, com recados a El-Rei sobre a armada do Turco, sendo governador da India Lopo Vaz de Sampaio, e capitão de Ormuz Christovão de Mendonça.¹ Saiu de Ormuz pelos fins de Setembro de 1528, e chegou a Portugal em Maio do anno seguinte. É mui curioso o seu Itinerario, que se imprimiu em 1560, e depois por varias vezes, sendo a ultima em 1829, junto com a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto. (Vej. Castanheda, liv. 7, cap. 71. Andrade, *Chron. de D. João III*, part. 2, cap. 49, e os *Annaes da marinha portugueza* publicados no anno de 1839, pag. 394.)

A morte do conde almirante Vice-Rei da India veio annunciada a El-Rei D. João III por um expresso enviado da *India por terra* de mandado de D. Henrique de Menezes, como refere Quintella, *Annaes da marinha portugueza*, ao anno de 1526.

1537 — São mui conhecidas de nacionaes e estrangeiros as viagens, ou (como elle mesmo lhe chama) as *peregrinações* de Fernão Mendes Pinto, começadas em 1537 e continuadas por 21 annos até o de 1558, com tanta e tão miuda e variada relação de casos e successos; e com tão curiosas descripções de logares e regiões; de povos e costumes; e com tantas e tão importantes noticias uteis á navegação e ao commercio, que mereceria uma particular e extensa menção, se a propria historia d'estas viagens não tivesse sido muitas vezes impressa, e recentemente em 1829 na lingua portugueza, em que foi escripta; e se não se

¹ De memorias contemporaneas consta que Tenreiro, chegando da India, esteve a ponto de ser assassinado por um F. de Mello, de Castello de Vide, por ter trazido cartas a El-Rei contra seu pae. — Tenreiro teve uma pensão de 30\$000 réis mensaes.

achasse ha muito tempo traduzida em algumas linguas estrangeiras, e publicada nas Collecções de viagens. A multiplicidade e singularidade das aventuras, que este escriptor refere, a estranheza dos povos e nações que viu e dos seus ritos, costumes, crenças, opiniões e linguagens, os incommodos e riscos que correu, e de que escapou, são e salvo, fizeram com que alguns leitores e escriptores desconfiassem da veracidade das suas relações. Hoje porém, está mais desvanecida esta desconfiança, e as indagações dos mais ousados viajantes modernos teem verificado muitos dos factos, que ao principio pareciam mais estranhos e duvidosos.

1540 — Veiu da India por terra Antonio de Sousa, mandado por D. Estevam da Gama. (*Couto*. Dec. 5, liv. 7, cap. 1.)

1578 — Neste anno passou á India Fr. Gaspar da Cruz, religioso dominicano, natural de Evora. O zelo da religião o levou á China, e foi o primeiro, ou um dos primeiros missionarios portuguezes que entraram n'aquelle imperio. Temos d'elle uma *Relação da China e de suas particularidades*, que se imprimiu em Evora no anno de 1570, e segunda vez em Lisboa em 1829 com as *Peregrinações de Fernão Mendes Pinto*, de que acabamos de fazer memoria.

No Codice 840 da Bibliotheca Publica Portuense conserva-se o *Itinerario da Ilha de Ormuz até Tripoli de Berberia, e d'ahi até a Rochella de França*, de Martim Affonso.

Este viajante era medico: partiu de Ormuz a 25 de Junho de 1565 e veiu a Portugal atravez da Persia e Asia menor com cartas importantes. Sua derrota foi de muito circuito por causa da guerra que havia entre os Turcos e Persas, a qual o obrigou a deixar o curso regular das caravanas, sem que nunca fosse conhecido, nem d'elle se desconfiasse. Descreve largamente os logares por onde pas-

sou, com bom conhecimento da geographia: Falla de Ris-
côo, Jarde, Benvit, Adistan, Mahabad, Chaltabad, Caixam,
Côm, Sava, Caslui, Soltania, Meaná, Turquina, Condi, Ta-
brís, Sufian, Ván, Vastan, Sory, Taduan, Orfá, Halep, etc.
...? Na *Historia da India no governo do Vice-Rei D. Luiz
de Atayde*, escripta por Antonio Pinto Pereira, pelos annos
de 1570, e impressa em 1646, no liv. 2, cap. 43, faz o
escriptor menção de um *Isaque do Cairo*, judeu, *que da
India tinha vindo duas vezes por terra a Portugal*. Nada
mais sabemos d'estas viagens, nem temos achado noticia
da sua verdadeira data, que sem duvida pertence ao se-
culo XVI.⁴

...? O mesmo diremos de outra viagem, de que nos
dá noticia o padre Fernão Guerreiro na sua *Relação An-
nal*, etc., liv. 1, cap. 1, pag. 3, dizendo, que «um André
«Pereira, indo de Portugal á India por terra, e passando
«por aquella parte da Caldêa, que corre de Babylonia para
«o estreito de Baçorá, onde o Eufrates e o Tigre entram
«no mar da Persia, ahí tratára com os christãos d'aquellas
«partes, e ainda depois voltára a ellas para acompanhar um
«bispo, que elles queriam mandar ao Papa, e a El-Rei de
«Portugal.

1593 — N'este anno passou á India o dominicano frei
Manoel dos Santos, o qual voltando a Portugal *por terra*,
escreveu a sua viagem com o título de *Curioso Itinera-
rio*, etc., manuscripto, de que faz menção a *Bibliotheca
historica portugueza*, pag. 33, da 2.^a edição.

⁴ Estando El-Rei D. João III em Almeirim em Janeiro de 1544, veiu
da India por terra um judeu, trazendo recado a El-Rei, como o vice-
rei D. Garcia de Noronha fallecera em vespera de Pascoella no anno
anterior de 1540, succedendo-lhe D. Estevão da Gama que ia na se-
gunda successão, por ter já vindo para o reino Martin Affonso de Sousa,
que era o nomeado na primeira, etc. (*Relações de Pero de Alcaçova
Carneiro*) manuscriptas.

SEculo XVII

O século xvii não é menos notavel que o precedente na historia das nossas viagens. Logo no anno de 1602 occorre a importante, e, para aquelle tempo, difficil viagem do Jesuita portuguez Bento de Goes. Era este religioso varão natural de Villa Franca na Ilha de S. Miguel; e como tivesse conhecimento das linguas orientaes, e especialmente da persiana, pretendeu, e conseguiu de seus superiores, ser mandado ao descobrimento do *Gran-Catayo*, paiz que então desafiava a curiosidade dos europeos. Partiu com effeito da cõrte do Mogol, em cujas provincias tinha prégado o evangelho, e viajou mais de tres annos pelos sertões da Asia, indo sempre pelo norte do imperio do Mogol, desde o paiz dos Usbeks para o oriente até á China, e vindo a conhecer em resultado da sua trabalhosa e dilatada viagem, que o chamado *Gran-Catayo* era o proprio imperio da China, e não um paiz diverso, como mui geralmente se acreditava. Na China falleceu Goes em 1607. Vem a sua viagem inserta na *Relação do padre Trigaut*, e fazem d'ella menção frequente os escriptores portuguezes.

No mesmo anno de 1602 fazia a sua viagem á Persia o douto augustiniano Fr. Antonio de Gouvêa, que depois de ter acompanhado ás serras do Malabar o arcebispo D. Fr. Aleixo, foi mandado áquelle imperio como embaixador do governador da India Ayres de Saldanha. Alli adquiriu a estimação do Sha-Abbas, que o enviou em companhia de um embaixador seu, que mandava a Roma, e á cõrte de Hespanha. Voltou á Persia, e d'ahi á Europa, atravessando os temerosos e arriscados desertos da Arabia. Chegado que foi a Alepo, embarcou para Marselha, e sendo tomado por

corsarios, ou piratas argelinos, esteve captivo em poder d'aquelles barbaros. D'estas viagens e trabalhos falla elle mesmo na *Relação da Jornada do Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes, ás serras do Malabar*, impressa em Coimbra em 1606 em fol., aonde tambem se lêem curiosas e importantes noticias sobre os povos que habitam aquellas serras, e sobre os seus costumes, e ritos religiosos, etc.

Em 1606 e 1607 temos noticia da viagem de Nicolão d'Orta, natural de Santo Antonio do Tojal, que saiu de Gôa com destino de vir a Portugal, por terra. Nos principios de Agosto de 1606 estava na fortaleza de Comorom d'onde passou a Lara, Xiras, Romus, Bagadet, Ana, Taibe e Aleppo, aonde entrou a 16 de Janeiro de 1607. D'ahi vindo por Alexandreta, chegou por mar a Marselha, e logo a Madrid, d'onde El-Rei D. Philippe o tornou a mandar á India. Escreveu a seu *Itinerario*, do qual existe na Bibliotheca Publica de Lisboa um exemplar incompleto. (Vej. Barbosa Machado, *Biblioth. Lusit.*)

Por esses mesmos tempos viajava por terra para a Europa Fr. Gaspar de S. Bernardino missionario na India, o qual naufragando na Ilha de S. Lourenço, passou a Mombaça, cabo de Rosalgáte e Ormuz; d'onde resolvendo continuar sua viagem por terra, visitou a Persia, Caldêa, e Syria até Chypre. D'ahi foi ver os Logares Santos, e voltando a Chypre, Candia, Zante, Cephalonia e Corfu, se recolheu por ultimo a Hespanha e logo a Portugal. Escreveu o seu *Itinerario*, cuja primeira parte se imprimiu em Lisboa em 1611 em 4.^o

Temos noticia que n'este mesmo anno de 1611 veiu da India a Portugal por terra D. Alvaro da Costa, de cuja pessoa e viagem não alcançámos individual informação.¹

¹ O Codice 482 da *Bibliotheca Publica Portuense* é copia da viagem de D. Alvaro da Costa, com este titulo *Tratado da viagem que fez da India oriental á Europa nos annos de 1610 e 1611 por via da Persia e*

Os annos de 1624 e 1626 são notaveis na historia da geographia, e das viagens portuguezas, pelas duas que fez o padre Antonio de Andrade Jesuita, ao descobrimento do Tibet, estabelecendo alli missão christã e catholica. Na segunda d'estas viagens (anno de 1626) em que foi acompanhado do padre Gonçalo de Sousa, e cuja Relação se imprimiu em Lisboa em 1628 falla elle expressamente da cidade de Caparangua, aonde residia o Rei de Tibet, e onde estes padres tinham chegado em menos de dois mezes e meio, partindo de Agra (no Dehli) e passando por Sirinagar. Falla egualmente do paiz de Ussangue ou Ussang, do qual diz que dista 40 jornadas de Caparangua, e 20 da China, etc. (Devem vêr-se as proprias Relações, e a *Nouvelle Relation de la Chine* do padre Magalhães, traduzida em francez, e impressa em 1690, de que mais adiante fallaremos.)

Pertence ao mesmo anno de 1624 a viagem, e residencia na Abyssinia do padre Jeronymo Lobo, Jesuita portuguez. Foi elle mandado ás missões da India, para onde partiu, e chegou a Gôa em 1622: e vindo no dito anno de 1624 a Moçambique, d'ahi entrou no paiz dos Galas, penetrando até á Abyssinia aonde viveu muitos annos não sem grandes trabalhos e perseguições. A serie das suas posteriores aventuras, os naufragios que fez, os grandes incommodos que soffreu, em fim a sua vida até ao anno de 1658 em que ficou em Portugal, são cousas dignas de curiosa reflexão. Escreveu o seu *Itinerario*, que tem merecido a attenção dos sabios e eruditos, principalmente na parte que diz respeito ás cousas da Abyssinia, e que se acha traduzido em inglez, em francez duas vezes, e em italiano.

Em 1635 foi mandado á missão do Tibet o padre João Cada Turqua... com relação... da Terra Santa... e geral descripção da India oriental, e navegação dos portuguezes.

bral, outro Jesuita portuguez, natural de Celorico da Beira, o qual fez caminho por Bengala, evitando a difficil passagem da serra, por onde o padre Andrade tinha entrado na Tartaria. Escreveu tambem a *Relação copiosa dos trabalhos que padeceu na missão do Tibet*. Obra, que segundo Barbosa Machado foi mandada a Roma no referido anno de 1638.

É digno de mui particular commemoração n'esta nossa breve memoria o padre Gabriel de Magalhães, tambem Jesuita portuguez, que depois de estar por alguns annos nas missões do Japão, passou á China, e a correu quasi toda desde o anno de 1640 até 1648 em que se estabeleceu em Pekin, residindo ahi por quasi 29 annos até o seu fallecimento, e deixando-nos uma *Relação da China* das mais exactas que se haviam escripto até o seu tempo. Esta *Relação* foi traduzida em francez, com notas e explicações, e impressa em 1690 em 4.^o

Alguns annos antes d'estes, em que vamos, missionou na Abyssinia o padre Manoel d'Almeida, Jesuita portuguez. Das cartas, que elle annualmente escrevia ao seu geral, impressas em Roma, em italiano, no anno de 1629, e d'outras memorias de muitos Jesuitas, é que o padre Telles compilou a *Hist. geral da Ethiopia alta ou Preste João*, impressa em Coimbra em 1660 em fol. aonde se vê o largo conhecimento que os portuguezes tinham d'aquelle imperio por elles tão frequentemente praticado.

Em 1663, o padre Manoel Godinho, natural da Villa de Montalvão, e religioso da Companhia, (depois secularizado prior de S. Nicolau de Lisboa, e por ultimo de Loures) tendo sido mandado ás missões da India, veiu por terra a Portugal de mandado do vice-rei Antonio de Mello de Castro, e segundo parece com alguma secreta e importante commissão. Escreveu *Relação do novo caminho que fez por terra e mar vindo da India para Portugal no anno de 1663*, impressa em Lisboa em 1663, 4.^o Obra curiosa que merece ser lida dos eruditos.

No reinado de D. João V, a marinha portugueza chegou a occupar o primeiro logar entre as potencias maritimas, nos xiv e xv seculos, e em que os nossos antigos Reis mandaram poderosas armadas e formidaveis expedições ás conquistas e descobrimentos de Africa, Asia e America, que encheram o mundo de admiração e assombro, e levaram o nome portuguez ás mais remotas partes da terra, trataremos só do estado das forças navaes nos dois ultimos seculos.

No fim do reinado de El-Rei D. João v estava a marinha em bastante decadencia. El-Rei D. José empregou parte da sua actividade em fazer construir novos vasos de guerra, de sorte que em 1766 havia 12 náos de 58 a 80 peças: 14 fragatas de 14 a 48, e um consideravel numero de embarcações ligeiras.

ESTADO DA MARINHA PORTUGUEZA EM DIFFERENTES ÉPOCAS

12 NÁOS DE LINHA

Principe Real	110
Grande D. Henrique	80
D. Maria	74
D. João de Castro	71
Alfonso d'Albuquerque	61
Gigante	61
Infante D. Pedro	61
D. João de Castro	61

Sem remóntar aos tempos gloriosos em que Portugal chegou a occupar o primeiro logar entre as potencias maritimas, nos xiv e xv seculos, e em que os nossos antigos Reis mandaram poderosas armadas e formidaveis expedições ás conquistas e descobrimentos de Africa, Asia e America, que encheram o mundo de admiração e assombro, e levaram o nome portuguez ás mais remotas partes da terra, trataremos só do estado das forças navaes nos dois ultimos seculos.

No fim do reinado de El-Rei D. João v estava a marinha em bastante decadencia. El-Rei D. José empregou parte da sua actividade em fazer construir novos vasos de guerra, de sorte que em 1766 havia 12 náos de 58 a 80 peças: 14 fragatas de 14 a 48, e um consideravel numero de embarcações ligeiras.

No reinado de D. Maria I cuidou-se muito do melhoramento da marinha; fizeram-se bastantes construcções navaes, e se adoptou um grande numero de providencias uteis.

Em 1793, época da maior força da marinha portugueza nos tempos modernos, constava ella de 50 navios com 1566 bocas de fogo. Ainda que o seu pessoal não era proporcionado ao numero de navios, comtudo uma porção consideravel da marinha de Portugal fez parte n'esse mesmo anno, e nos seguintes, das esquadras combinadas contra a França, no Oceano e no Mediterraneo. O quadro seguinte extrahido do Relatorio feito ás cortes em 25 de Setembro de 1821, demonstra quaes os navios e sua força em 1793.

12 NÁOS DE LINHA

Principe Real	110	Affonso d'Albuquerque	64
Conde D. Henrique..	80	Gigante	64
D. Maria I.	74	Infante D. Pedro	64
Meduza	74	D. João de Castro	64
Rainha de Portugal..	74	Princeza da Beira	64
Vasco da Gama	74	S. Sebastião	64

12 FRAGATAS

Carlota	46	Golfinho	36
Fenix	46	S. João Principe	36
Minerva	44	Princeza do Brazil	36
Cisne	40	S. Rafael	36
Tritão	36	Thetis	36
Venus	36	Ulysses	36

8 CORVETAS

Andorinha	24	Falcão	24
Aurora	24	Gaivota	24
Benjamim	24	Princeza da Beira	24
Diligente	24	Serpente	

5 BRIGUES E CUTTERS

Lebre.....	24		Outro.....	18
Voador.....	24		Outro.....	18
Balão.....	18			

Havia mais 7 grandes charruas empregadas em conduzir do Brazil as madeiras de construcção; 6 hiates para as costas de Portugal, e mais algumas embarcações pequenas.

Infelizmente o augmento da força da marinha ficou estacionario pelo tempo que decorreu até á retirada da familia real para o Brazil, em 29 de Novembro de 1807, época em que só havia os seguintes navios:

8 NÁOS DE LINHA QUE SAIRAM DO TEJO COM A FAMILIA REAL

Principe Real.....	84		Rainha de Portugal...	74
Conde D. Henrique..	74		Affonso d'Albuquerque	64
Meduza.....	74		D. João de Castro....	64
Principe do Brazil ..	74		Martim de Freitas ...	64

4 NÁOS QUE FICARAM EM LISBOA

Maria I.....	74	Incapaz de servir; empregada como bateria fluctuante.
Vasco da Gama.....	74	Em concerto, e quasi prompta.
Princeza da Beira ...	64	Incapaz de servir; empregada como bateria fluctuante.
S. Sebastião.....	64	Incapaz do serviço, sem total concerto.

4 FRAGATAS QUE ACOMPANHARAM A FAMILIA REAL

Minerva.....	44		Urania.....	32
Golfinho.....	36		Outra.....	—

5 FRAGATAS QUE FICARAM EM LISBOA

Fenix 48	} Precisa- vam con- certo tot.	Tritão 40	} Não admit- tiam já con- certo.
Amazona 44		Venus 30	
Perola 44			

4 BRIGUES E ESCUNAS QUE ACOMPANHARAM A FAMILIA REAL

Lebre 22	} Voador 20
Vingança 20	

Depois da separação do Brazil, (aonde nos usurparam muitos navios), a marinha portugueza ficou reduzida aos seguintes vasos:

4 NÁOS DE LINHA

D. João VI 74	S. Sebastião 64
Rainha de Portugal 74	Uma no estaleiro 74

6 FRAGATAS

Amazona 44	Diana 50
Perola 44	Príncipe Real 50
Príncipe D. Pedro 44	Venus 36

7 CORVETAS

Calipso 24	Isabel Maria 24
Cibelle 24	Lealdade 24
Princesa Real 24	Príncipe Real 24
Infante D. Miguel 22	

10 BRIGUES

Infante D. Sebastião 20	Audaz 18
Providencia 20	S. Boaventura —
Tejo 20	Constancia —
Treze de Maio 20	Gloria —
D. Pedro (no estaleiro) 20	Neptuno —

6 CHARRUAS

Maia Cardoso	50		Galatêa	24
S. João Magnanimo .	36		Orestês	24
Princeza Real	36		Principe Real	—

5 EMBARCAÇÕES MENORES

Sumaca Conceição . .	—		<i>Cahiques</i> — Inveja, Pieda-
Escuna Nimpha	—		de, e Treze de Maio.

6 HIATES

Sant'Anna	—		Santa Isabel	—
Santo Antonio	—		S. Martinho Nazareth.	—
Bom Despacho	—		Resgate	—

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.

o. c. c. c. c.

11	Galicia	30	Maria Capello
12	Orense	30	S. João Magalhães
	Tramonta	30	Francisca Rosa

o. c. c. c. c.

	Galicia - Inza, Inza		
	de o. c. c. c. c.		

o. c. c. c. c.

	Santa Eulalia		
	S. Martinho Nazario		
	Inza		

o. c. c. c. c.

Handwritten signature or mark at the bottom right of the page.





Palhares Lith

INFANTE D. HENRIQUE

OS PORTUGUEZES

EM

AFRICA, ASIA, AMERICA E OCEANIA

OU

HISTORIA CHRONOLOGICA

DOS

**Descobrimentos, Navegações, Viagens e Conquistas
dos Portuguezes**

NOS

PAIZES ULTRAMARINOS

Desde o principio da Monarchia até ao seculo actual

OBRA CLASSICA E ORNADA DE ESTAMPAS

SEGUNDA EDIÇÃO

TOMO II

LISBOA

LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA

50 — Rua Augusta — 52

1877

OS PORTUGUEZES

AFRICA, ASIA, AMERICA E OCEANIA

HISTORIA CHRONOLOGICA

Descobrimientos, Navegaciones, Viagens e Conquistas
dos Portuguezes

PAIZES ULTRAMARINOS

Dezdo o principio da Monarchia até ao presente actual

ORNA CLASSICA E ORNATA DE ESTAMPAS

SEGUNDA EDICAO

TOMO II

LIVRO

LIVRARIA DE ANTONIO MARIA FERREIRA

30 - Rua Augusta - 22

1877

RESUMO HISTORICO

DAS

DESCOBERTAS E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES

Na Africa, Asia, America e Oceania

CAPITULO I

ANNOS DE 1412 A 1463

SUMMARIO

Portugal, pela sua posição geographica, e pela tendencia de seus habitantes para a navegação, é uma nação maritima. — Funda o Infante D. Henrique uma Escola em Sagres; sua ardente paixão pelo progresso das sciencias mathematicas, cosmographicas e nauticas. — Conjectura a existencia de terras ao occidente do mar Atlantico. — Erro dos antigos, ácerca da divisão do globo em cinco zonas; esforça-se o Infante por dissipal-o. — Emprehe-se a primeira expedição a fim de dobrar o Cabo Rojador. — Faz-se uma segunda expedição para o mesmo objecto, cujo resultado é a descoberta da Ilha da Madeira. — Murmuram os gran-

des do reino, sob pretextos especiosos da pertinacia do Infante, em proseguir suas novas descobertas. — Este envia a Roma um emissario a fim de communicar ao Papa seus descobrimentos e pedir-lhe algumas graças. — O Papa Martinho V, concede á corôa de Portugal a posse de quanto viesse a descobrir até ás Indias inclusivè. — O Infante cria Sociedades e Companhias Commercias, a fim de se proseguir com mais calor, nas descobertas maritimas. — Os Reis de Portugal e de Castella disputam entre si a posse das Canarias. — O direito d'estas é cedido ao Infante D. Henrique; toma depois posse d'ellas o Rei de Castella. — O Infante promove na Madeira plantações da canna de assucar e de vinhas. — D. Affonso V firma mais o vantajoso, mas difficil, commercio das Costas de Africa. — Acontecimentos que quasi paralizam o progresso das descobertas. — Morte do Infante.

CAPITULO I

RAZÕES DE SEUS SUCESSOS

Quando Portugal nos seculos xiv e xv, posto que nação pequena, se constituiu a primeira potencia maritima do Universo, formando emprezas vastissimas, occupando extensões immensas de terreno, vencendo os obstaculos que tanto interna, como externamente se lhes oppunham, por mais difficeis que elles se apresentassem, não poupando homens nem despezas, por enormes que fossem; então a Europa, á vista das numerosas descobertas, e conquistas que levaram o nome portuguez ás mais remotas terras do mundo, contemplava este paiz com espanto e admiração, por quanto a vasta extensão do Oceano lhe havia offerecido sempre uma barreira impenetravel em que vinha quebrar-se a ambição, e a cubiça dos homens. As columnas

de Hercules ¹ haviam sido o limite das maravilhosas façanhas d'este heroe. Nada, ou quasi nada a antiguidade conhecia, além d'estas columnas para o occidente. Os Phenicios, que tão celebres se fizeram por seu commercio, não chegaram a conhecer mais do que as margens do Mediterraneo do lado da Europa e Africa, e posto que passassem áquem do Estreito, elles quasi que não chegaram mais do que a Cadiz. Quando comparâmos a viagem dos Argonautas ² tão celebrados pelos poetas da antiguidade, com as que hoje se emprehem, e se effectuam, é evidente que ella não merece tantos elogios. As ilhas que os antigos chamavam *Afortunadas e Atlanticas* ³ eram tão pouco conhecidas, que por longo tempo, se tiveram por fabulosas, como tudo o que elles disseram do Ophir de Salomão, e da Tharsis da Escriptura é ainda hoje materia controversa, entre os sabios, em que cada um diz o que lhe apraz, não deixando de produzir argumentos comprovativos. É ainda hoje um problema, se os antigos jámais rodearam a Africa, posto que se encontrem em Herodoto indicios de se ter emprehendido esta viagem, ou mesmo effectuado no tempo de Carthaginezes, de Necáo Rei do Egypto, e de Xerxes; mas ainda quando tenha sido verdadeira, por quantos seculos não foi ella ignorada, e tida por fabulosa? Finalmente Ptolomêo, Strabão, e os outros geographos antigos são algum tanto escuros e incorrectos, por pouco que elles se affastem dos limites do Imperio Romano. Os mesmos romanos, no tempo de sua maior prospe-

¹ Assim chamavam os antigos aos dois promontorios que formam o Estreito de Gibraltar.

² Eram com este nome designados pelos antigos poetas os cincoenta e dois jovens principes da Grecia, que embarcaram com Jazão no navio «Argos», e se dirigiram á Calchida, para se ampararem do Tosão d'Ouro.

³ Hoje Ilhas Canarias.

ridade, nos representaram a Gran-Bretanha e a famosa Thulé,¹ como as extremidades do mundo para a parte do Polo Arctico.

Seria pois então difficil o passar mais ávante, como se effeituou nos ultimos seculos, cujas descobertas foram tão magnificas? Ter-se-hia então menos desejo de conhecer, de conquistar, de ajuntar imperios a imperios, e de amontoar riquezas sobre riquezas? Carecia-se de meios para que os homens melhorassem e adornassem os seus conhecimentos, e aperfeiçãoando a Nautica? Certamente não. É mesmo incomprehensivel, como se não podesse então fazer o que ultimamente teve logar com tão feliz resultado.²

Parece que a nação portugueza havia sido reservada pela Providencia, para ser o instrumento da execução de seus designios, para fazer conhecer o Evangelho e diffundir a civilisação entre tantas e tão remotas nações barbaaras da terra. A posição geographica de Portugal, a tendencia que grande parte de sua população, desde os primeiros tempos da monarchia, mostraram para a navegação, parece ter-se achado em situação de favorecer aquellas vistas. Longo tempo victima da cruel invasão dos mouros, que haviam inundado a Hespanha, pela traição do conde Julião, sob o reinado de Rodrigo, ultimo dos reis Visigodos, cujas desgraças são assaz conhecidas, elle se tinha não sómente sustentado a si, como tambem a Castella, contra a tyrannia d'estes antigos inimigos, e tinha sido, além d'isso, assaz feliz em ser o primeiro a ex-

¹ É a terra mais austral conhecida ao Oeste da terra de Sandwich.

² Temos por causas principaes dos antigos não terem estendido mais a sua navegação, a falta da *bussola* que então não era conhecida, e os defeitos de sua construcção naval, a qual sómente nos ultimos tempos adquiriu o grao da maior perfeição, e é a esta perfeição que se deve attribuir hoje a menor frequencia de naufragios, do que nos primeiros tempos, mesmo dos maiores vasos.

pulsal-os de toda a extensão do reino, a obrigar-os a repassarem o mar, indo atacal-os mesmo em Africa, e forçal-os a tomar, no seu proprio paiz, a defensiva, habituando-os ali mesmo a soffrerem a dominação portugueza.

Foi n'estas circumstancias que a Providencia parece ter inspirado o Infante D. Henrique, Duque de Vizeu, Grão-Mestre da Ordem de Christo, para que lhe servisse de pedra fundamental da grande obra de seus inescrutaveis decretos. Nascido perto do throno, elle pareceu digno de o occupar, mas pela ordem do nascimento, achava-se bastantemente affastado d'elle, para se vêr obrigado a viver como subdito. Foi porém esta circumstancia, a que lhe fornecêra a occasião de praticar cousas, que o peso do governo lhe não permittiria de effectuar, e de promover acontecimentos, que foram os dignos fructos do seu ocio, que lhe adquiriram tanta gloria, e pelos quaes, se pôde dizer, que elle se tornára superior aos Hercules que a antiguidade tanto celebrára.

Era o Infante, o 3.º filho de El-Rei D. João I e de D. Philippa de Lencastre, irmã de Henrique IV Rei de Inglaterra. Elle tinha acompanhado seu pae na expedição que este levára á Africa; havia á vista d'este, assignalado seus primeiros annos, por muitas acções de valor. Mas o que era ainda mais estimavel, era o não querer elle utilizar o fructo de suas primeiras armas, porque considerando-se o Grão-Mestre de uma Ordem creada para o fim de combater os infieis, elle se julgava ainda mais obrigado a submettel-os a seu jugo suave, do que procurar estender os Estados dos Reis, seus predecessores. Instigado por tão nobres motivos, havia tomado, por divisa, estas palavras francezas *Talent de bien faire*, as quaes se viram depois muitas vezes gravadas em todos os paizes novamente descobertos, sob sens auspicios; ou fosse, por que quizesse com estas palavras de uma lingua estranha testemunhar

a sua estima para com uma nação, cujos soberanos elle considerava como tronco de sua familia, ou fosse por ter achado, na mencionada divisa, uma idéa que mais perfeitamente correspondia ao objecto de seus desejos.

Effectivamente persuadido, que um principe deve, primeiro que ninguém, manter a superioridade de sua classe por meio das letras, elle reuniu ás suas virtudes de piedade e de heroismo aquelles estudos e applicação que podiam enriquecer um espirito que já se achava ornado dos optimos conhecimentos que as sciencias e as bellas letras fornecem; estudos que eram então bem raros, e que não obstante faziam o objecto da applicação dos principes do seu tempo.

Elle se dedicou com especialidade, á mathematica, e como esta conste de differentes ramos, se inclinou mais particularmente áquelle que melhor o podesse conduzir ao fim a que se propunha. Para mais facilmente o conseguir, entender, que devia affastar-se do tumulto da côrte. Passou pois a estabelecer-se no Algarve, perto de Sagres, em uma de suas casas, a pequena distancia do Cabo de S. Vicente. Tendo-se alli entregado a uma agradável solidão, a qual lhe era suavizada pela visita de alguns sabios, e pelo entretenimento de seus livros, elle se firmou cada vez mais na persuação em que estava, ácerca das noticias que obtivera dos mesmos mouros, e das luzes que adquirira pelo estudo da geographia, que poderia conseguir-se o fazer alguns descobrimentos vantajosos, seguindo a costa de Africa. Assegura-se que elle fôra ainda mais efficazmente fixado n'esta idéa, segundo Odorico Reinaldi, por alguns francezes da baixa Bretanha, que tendo sido levados, pelas tempestades muito além para o Occidente no mar Atlantico, e tendo ali descoberto novas terras, deram-se pressa a virem a Lisboa, communicar-lhe as suas aventuras, e descobertas.

Era então a navegação, n'estes mares, muito imperfeita. O terror que o aspecto do Oceano inspirava aos navegantes, e ignorancia dos meios, que depois se obtiveram, de a tornar facil, faziam que elles se não atrevessem a affastar-se das costas. Além d'isso, como nos Cabos ou pontas de terra, que entram muito pelo mar, o concurso das aguas que de uma e outra parte se effectua, torne ahí as vagas mais grossas, e se esteja mais exposto á agitação dos ventos, a difficuldade de os dobrar intimidava ainda os mais atrevidos. Um dos primeiros cabos de Africa que se apresenta, da parte da Europa, parecia tão medonho, e de um accesso tão difficil, que, por isso mesmo, lhe chamaram *Cabo de Não*, para que este nome significasse ou a impossibilidade que havia de o dobrar, ou a baldada e inutil esperanza de voltar, no caso que se viesse a dobral-o.

1412 — Este perigo se tornava ainda mais horroroso, por um resto de opinião extravagante, transmittida desde a mais alta antiguidade. Das cinco zonas em que suppunham dividida a terra estava-se na persuasão de que as duas temperadas, eram as unicas habitadas; que as duas extremas eram inacessiveis por causa do intensissimo frio que ahí reinava: e que a torrida que está no centro era tão ardente pelos raios do sol, que parecia uma região de fogo; que as aguas que se lhe avisinhavam, ou se tornavam em torrentes de chammas, ou se consumiam pouco a pouco pelo excesso do calor. Parecia-lhes observar isto mesmo, quando passavam além dos Cabos proximos; pois que entrando nos golfos em que as terras são extremamente baixas, viam diminuir-se ahí as aguas, as quaes pareciam ferver sobre os bancos de arêa, aonde ellas se tornam mais agitadas que em outra alguma parte.

O Infante D. Henrique, que não acreditava taes chime-

ras, não deixava de empregar mui boas rasões, a fim de dissipar tão falsas prevenções, como também não omitia nem diligencias para achar bons pilotos, e excellentes marinheiros, nem despezas para formar grandes armamentos, nem affagos e dadas para recompensar uns e estimular os outros.

Perto de dez annos, comtudo, se haviam passado, sem que alguma outra cousa se fizesse, mais do que dobrar o Cabo de Não, e passar mais além umas trinta leguas até ao Cabo Bojador, assim chamado, por as terras ali fazerem um grande circuito. Os capitães de navios sempre intimidados pela idéa do grande perigo d'estas viagens, se contentavam simplesmente com alguns desembarques sobre a costa, e orgulhosos por esse pouco que haviam feito, voltavam mui contentes de si proprios e de suas expedições.

O Infante, dissimulando o que elle mesmo pensava de taes expedições, recebia-os sempre com affabilidade, e já-mais descorçoava. Aquelles que pretendiam achar o maravilhoso em todas aquellas cousas que envolvem novidade, asseveram que este principe fôra induzido a começar esta empreza por inspiração celeste, ou por algum sonho sobre-natural, e que por isso estava firme em proseguir em seus intentos. Mas, sem recorrer a prodigios, pôde attribuir-se esta firmeza de character á alma nobre e naturalmente grande, de que este principe era dotado, a qual lhe não permittia ceder aos primeiros obstaculos, por invenciveis que elles parecessem.

Quiz o ceu recompensar sua constancia e inopinadamente effectuou o que não haviam podido conseguir, nem a coragem, nem a habilidade dos pilotos. Dois fidalgos da sua casa, por nomes João Gonçalo Zarco, e Tristão Vaz, tendo-se-lhe offerecido para dobrarem o cabo Bojador, e passarem mais além, para descobrirem novas ter-

ras n'um pequeno navio, que elle lhes fez equipar, foram surprehendidos por uma violenta tempestade, que tendo-os arremessado para o alto mar, os forçou a abrigarem-se, na occasião em que se consideravam perdidos, n'uma Ilha, até então desconhecida, á qual, por isso que ella lhes serviu de porto de salvamento, pozeram o nome de *Porto Santo*.

1418 — Elles se deram pressa em trazerem a Portugal uma tão feliz noticia. O Infante consequentemente mostrou por ella uma alegria indisivel, e tendo dado graças ao Altissimo, equipou de novo tres navios, sob o commando dos mesmos João Gonçalo Zarco e Tristão Vaz, aos quaes juntou Bartholomeu Perestrelo, fidalgo da casa do Infante D. João, seu irmão. Esta segunda viagem foi ainda mais feliz que a precedente, pela descoberta da Ilha da Madeira, tão excellente por sua fertilidade, e actualmente tão famosa pela delicadeza de seus vinhos. Esta ilha não era então mais do que um espesso bosque, que visto desde a Ilha do Porto Santo, e parecendo horisonte, com uma pequena negridão fixa, fez suspeitar a Zarco e a Tristão, que podia ser terra, e em consequencia passaram a certificar-se. Elles lhe pozeram o nome de *Madeira*, por causa do espesso bosque que a cobria, e foram os primeiros que da mesma tomaram posse. O Infante, por consenso de El-Rei seu pae, a dividiu em duas capitánias, com as quaes gratificou estes dois fidalgos, tanto por esta descoberta, como pelos seus antigos serviços, pois que tanto um como outro se tinham distinguido bastante na tomada de Ceuta, e no sitio de Tanger, onde seguiram o Infante, tendo merecido, pelos rasgos de bravura que alli haviam mostrado, o serem por isso feitos cavalleiros.

1433 — O feliz resultado que, alguns annos depois,

reinando El-Rei D. Duarte, obteve Gil Annes, dobrando o cabo Bojador, que até então se tinha considerado como a extremidade da terra, e cuja empreza se tinha por mais difficil do que na antiguidade parecêra a conquista do Tossão d'Ouro, motivou que o vulgo renunciasse a seus primeiros erros, e que se augmentasse cada vez mais a coragem dos portuguezes. Então se observou concorrerem de todas as partes, tanto de dentro do reino, como de fóra d'elle, individuos de todas as classes, a offerecerem seus serviços ao Infante, para irem descobrir, e povoar as novas terras descobertas, attrahidos tanto pelo modo affavel e gracioso com que era por elle acolhida esta especie de requerentes, como pela lisongeira esperança das grandes vantagens que de taes emprezas contavam colher.

Não obstante, como em todo o Estado ha sempre homens demasiado prudentes ou demasiado timidos, para quem as novidades servem de ciume, e se tornam suspeitas, não faltavam estes em Portugal, e principalmente entre os grandes, que parecendo declamar com rasão contra o que se praticava, tomavam a liberdade de condemnar estes novos estabelecimentos, e de exprobar, assaz alto, ao Infante tanto a sua conducta, como seus projectos.

Elles levavam a mal: «que em quanto se esgotava o
«Estado de homens e de dinheiro para sustentar a guerra
«contra os mouros, e manter-se nas conquistas de Africa,
«da parte de Ceuta e de Tanger, se promovesse ainda uma
«maior perda, expondo aos perigos de um mar terrivel
«por suas borrascas, tormentas, e por sua vasta extensão,
«tão grande numero de bons subditos, que podiam ser
«melhor empregados, a bem do mesmo Estado, fornecendo-lhes ahi terras, grande parte das quaes estavam rotadas, e que se tornariam mui productivas, se fossem bem cultivadas. Que nenhuma esperança havia de se poder tirar alguma vantagem certa d'essas terras desco-

«nhecidas, que os ardores do sol indubitavelmente torna-
«vam inhabitaveis, e que não podiam ser mais do que
«areaes ardentes, semelhantes aos desertos da Lybia. Que
«se taes paizes tivessem offerecido alguma vantagem real
«nos tempos antigos, seus antepassados, desde os roma-
«nos e phenicios, não deixariam de ter tentado esta es-
«pecie de descobertas; e que a circumstancia de o não
«terem feito, determinava um verdadeiro preconceito e
«um indicio da vaidade, e ligeireza de tão chimericos
«projectos. Que ainda quando, de futuro viesse a colher-
«se algum fructo, este, como incerto e remoto, de fôrma
«nenhuma poderia compensar um mal presente e certo, o
«qual não deixava de se tornar ainda mais sensivel pelo
«grande numero de naufragios que tinham logar, os quaes
«enchiam as familias de luto e de dor, multiplicando cada
«dia o numero das viúvas, e orphãos. Que se tão grande
«era o zêlo do Infante pelo bem publico, devia elle em-
«pregar todos os seus esforços em fazer rotear as terras
«que El-Rei seu pae, lhe doára, e conformar-se com o
«modo de pensar d'este principe, cujo exemplo parecia
«condemnar a conducta do Infante, pois que tendo dado,
«para serem roteadas, terras no reino a um senhor Alle-
«mão, e a outras familias, vindas do Norte, bem mostrára
«com isto estar longe de permittir, que seus subditos sais-
«sem d'elle, para irem estabelecer-se além dos mares.»

1438 — Estas rasões, posto que especiosas, não dei-
xaram contudo de fazer impressão no animo dos povos,
de sorte que ellas attrahiram ao Infante certa especie de
perseguição, que o não intimidou, e que elle julgou de-
ver desprezar, como discursos populares. Nem El-Rei
D. Duarte, que succedêra a El-Rei D. João I, fez caso al-
gum d'elles; ao contrario, a fim de animar mais o Infante,
lhe cedeu durante a vida d'este, o dominio das Ilhas de

Porto Santo e Madeira, e de outras terras que elle houvesse de descobrir sobre a Costa Occidental; destinou especialmente, com o beneplacito dos Soberanos Pontifices, a jurisdicção espiritual da Ilha da Madeira á Ordem de Christo. Esta doação foi depois confirmada pelo Infante D. Pedro, irmão do Infante D. Henrique, e Regente do Remo, na menoridade de El-Rei D. Affonso v seu sobrinho. Em consequencia d'esta doação, o Infante fez edificar n'aquella ilha duas egrejas: uma dedicada a Nossa Senhora do Calháo, e outra sob o nome de Nossa Senhora da Ascensão; esta segunda foi depois erecta em Archiepiscopal, e gosou por alguns annos da prerogativa de Primaz das Indias.

1440 — Para mais se auctorisar ao proseguimento de suas descobertas, o Infante encantado com a vista de alguns escravos, que Antonio Gonçalo, e Nuno Tristão, tendo navegado até ao Cabo Branco, lhe trouxeram, e que eram as primicias d'estes paizes, resolveu mandar um enviado ao Papa Martinho v, que então occupava a Cadeira de S. Pedro, a fim de lhe communicar os seus descobrimentos, e de obter d'elle, em consequencia, algumas graças, em vista das grandes vantagens que de taes descobrimentos podiam resultar a bem da Religião, e honra da Santa Sé. Elle lançou suas vistas, para esta commissão, sobre Fernando Lopes de Azevedo, Cavalleiro da Ordem de Christo, e depois Commendador da mesma Ordem, o qual gosava já do titulo de Conselheiro de El-Rei, e era um individuo recommendavel pela auctoridade que sua rara prudencia lhe adquirira.

Este enviado tendo sido admittido á presença de Sua Santidade, lhe fez sentir, em pleno Consistorio, com bastante força e energia, as infinitas obrigações de que a Igreja era devedora ao Infante seu Amo. «Elle manifestou

«mui pomposamente o zêlo d'este principe, que, havia mais
«de vinte annos, fazia as maiores despezas para descobrir
«paizes immensos, cujos habitantes sendo o ludibrio da
«ignorancia e do erro, gemiam, havia muitos seculos, sob
«tyrannico jugo do demonio, escravos do Mahometismo e
«da idolatria. Que o principal objecto, a que o principe se
«propozera em seus trabalhos, fôra a gloria de Deus, a
«propagação da Fè, e o engrandecimento do gremio da
«Egreja. Que a Nação Portugueza consagrando os seus
«bens e a propria vida, exposta a tantos naufragios e a
«todos os perigos imaginaveis, o principe rogava a Sua
«Santidade Houvesse por bem animar, e reconhecer o zêlo
«que esta Nação manifestava pela propagação da Fé, conce-
«dendo á Corôa Portugueza a posse de todas as terras,
«que viessem a ser descobertas ao longo da Costa d' Africa
«até ás Indias inclusivê; por isso que se deviam reputar
«possuidores injustos todas as nações infieis que ahi se
«achavam estabelecidas, e cuja salvação sómente Portugal
«procurava promover. Que Houvesse Sua Santidade de pro-
«hibir a todos os principes Catholicos com a cominação
«das penas canonicas, as mais severas, de embarçarem
«os portuguezes em suas emprezas, e de os perturbarem
«de qualquer fôrma que fosse, ou de pretenderem estabe-
«cer-se nos paizes que os portuguezes tivessem descoberto,
«e que, por esse facto, viessem a adquirir. Finalmente,
«que, como se tratava do bem, e salvação das almas,
«abrisse Sua Santidade os thesouros da Egreja, e diffun-
«disse suas graças sobre aquelles subditos portuguezes,
«que entregando-se á mercê do terrivel elemento, se ex-
«punham a mil generos de morte, e a perecerem longe da
«sua patria, de sua familia, e de todos os soccorros es-
«pirituaes e temporaes, que elles teriam achado em suas
«casas.»

Este discurso de Azevedo, e as individuações, de que

elle o acompanhou, fizeram grande impressão nos animos do Summo Pontifice, e do Sacro Collegio, os quaes não deixaram de conceber grandes esperanças relativamente á Religião, e de certo se não enganaram em suas conjecturas. Em consequencia, Sua Santidade, de accordo com os Cardeaes, fez expedir uma Bulla, da fôrma e theor que o Infante desejava, pela qual concedeu livremente á Corôa de Portugal o soberano dominio de todas as terras, que os portuguezes viessem a descobrir até ás Indias inclusivamente, ameaçando de proceder, por via de censura, contra os que os perturbassem, ou suas conquistas, como contra usurpadores, rectificando tudo quanto El-Rei D. Duarte fizera a favor do Infante e da Ordem de Christo; ajuntando depois muitos privilegios, graças, e indulgencias especiaes a favor dos navegantes e de algumas egrejas que o principe fundára nos paizes descobertos. E com isto se retirou o enviado mui satisfeito do resultado da sua commissão. Estas doações e privilegios foram depois confirmados, e ampliados pelos papas Eugenio iv, Nicoláo v e Sixto iv, etc.

1444 — Como por esta parte ficassem satisfeitos os desejos do Infante, segundo as suas intenções, e os seus *descobridores* fizessem sempre progressos mais consideraveis, cessaram as murmurações dos cortezaões. Os povos susceptiveis de novas impressões, que a serie dos acontecimentos lhes determinava, começaram a fazer-lhe mais justiça. Por toda a parte retumbavam os elogios á Nação Portugueza. Portugal foi desde então olhado, como um paiz restaurado do estado de abatimento, e de prostração, a que o haviam reduzido as guerras de Castella, e de Africa. Viu-se augmentar o numero dos que ambicionavam servir sob seus auspicios. De toda a parte, e do centro mesmo da Dinamarca concorreram estrangeiros a offertar-lhe

seus serviços, e a pedir-lhe ou empregos ou terras que cultivassem nos paizes novamente descobertos. Mas a circumstancia que se lhe tornou de mui grande vantagem, foi que tendo até então sido o Estado sómente, o que sustentava toda a despeza dos armamentos, cujo proveito estava longe de egualar o desembolso, começaram a formar-se sociedades e companhias commerciaes as quaes pagando certos direitos que El-Rei lhes impozera, ou sob outras condições, se encarregavam de toda a despeza das expedições maritimas:

Foi a cidade de Lagos a primeira que armou seis caravelas, commandadas por um official, por nome Lançarote, o qual havia servido na casa do Infante.

Pouco tempo depois, fez a mesma cidade um segundo armamento de quatorze caravelas sob a conducta do mesmo chefe. Concorreram ainda para este, diversos proprietarios, cujos mais consideraveis foram Gonçalo de Cintra, Soeiro da Costa, Alvaro de Freitas e Rodrigo Annes; de sorte que em muito pouco tempo se apromptaram vinte e seis ou vinte e sete embarcações em estado de darem á vella, e que effectivamente navegaram. Como porém sobreviesse um temporal, as caravelas, que formavam a expedição de Lagos, se dispersaram, e outros vasos, que as acompanhavam, mas que não seguiam para o mesmo destino, foram arribar a differentes pontos da Costa de Africa, desde o cabo *Branco*, *Rio do Ouro* e Ilhas de *Arguem* até cabo *Verde*, além do qual se não havia ainda então passado. Alguns d'elles tocaram nas Canarias, e aportaram á Ilha Goméra,¹ onde os habitantes os receberam com a maior affabilidade, lhes pediram que os auxiliassem contra os insulares de Palma com os quaes estavam em guerra, o que

¹ Uma das Canarias, situada entre a ilha de Ferro e a de Tenriffe, tem 22 leguas de circuito com um porto e uma pequena cidade. E hoje fértil em grãos, fructos e vinhos.

teve logar, e regressando d'esta expedição para Goméra, levantaram ferro, e voltaram para Portugal.

O Oceano Atlantico está semeado de Ilhas que se estendem muito além pelo mar dentro ao longo da Costa de Africa. D'algumas d'ellas tiveram conhecimento os antigos, das quaes nos deixaram uma idéa confusa, debaixo dos nomes de *Fortunatae*, *Gorgones*, *Hesperides*, *Cassiterides*.¹ Mas desde o principio do christianismo se haviam ellas absolutamente perdido de vista, e passaram inteiramente por ignoradas até ao seculo xiv, em que começaram a ser descobertas por aventureiros genovezes, malhorquinos, castelhanos, biscainos, francezes e inglezes. Os biscainos foram os primeiros que fizeram uma tentativa sobre a Lancerota, uma das Canarias, d'onde trouxeram setenta escravos e alguns generos do paiz. D. Luiz de la Cerda, conde de Clermont, principe de linhagem hespanhola e franceza, sobrinho de João de la Cerda appellidado principe desherdado, e que a si proprio se denominava principe da fortuna, pareceu desejar estabelecer-se alli. Para esse fim, se dirigiu a El-Rei de Aragão, e depois ao papa Clemente vi, o qual o coroou, em Avinhão, Rei das Canarias, e lhe deu o dominio d'estas Ilhas com a condição de as conquistar, e de fazer ahí prégar o Evangelho. Este principe porém, preferindo áquelle titulo alguma outra cousa que lhes assegurasse maior estabilidade, procurou empregar-se em França, onde fez grandes serviços na guerra, que esta potencia então trazia contra a Inglaterra. Os Reis de Portugal, e de Castella aquiesceram áquella doação do papá, como o prova Reynaldo. Mas comtudo ambos se queixavam, de que semelhante doação se tivesse feito, sem que o soubessem, e com prejuizo seu. O primeiro pretendia que as Ca-

¹ *Fortunatae insulae*, eram as que hoje se conhecem sob o nome de Ilhas Canarias, *Gorgones insulae*, *Hesperides insulae*, as Ilhas de Cabo Verde : e *Cassiterides insulae*, ilhas do Oceano Occidental.

narias lhe pertenciam por terem sido descobertas por portuguezes; o segundo fundava-se em ter um direito mais natural e mais immediato á conquista d'Africa, de que as Canarias eram uma dependencia.

O primeiro que se estabeleceu n'estas Ilhas do Oceano Atlantico foi um francez, por nome João de Bettencourt, homem de qualidade, que havia cedido de suas terras de Bettencourt e de Graniville a favor de Roberto de Braquemont, seu primo, almirante de França, o qual como seguisse em Castella o partido de Henrique o Magnifico, e lhe tivesse feito grandes serviços para o collocar no throno de Pedro o Cruel, obteve d'aquelle principe as Canarias com o titulo de Rei para João de Bettencourt, seu parente. Este ultimo conquistou algumas d'estas Ilhas, mas não conseguiu senhoriar-se da grande Canaria. Vindo a faltarem-lhe os fundos necessarios, tornou a passar á Europa, deixando alli Massiot de Bettencourt, seu sobrinho, para este lhe conservar suas conquistas. Massiot como se indispozesse com o Bispo ou Vigario Geral que João de Bettencourt para alli levára, desgostoso além d'isso pela grande demora que seu tio tinha em França, onde se conservára não só por suas molestias, mas porque El-Rei lhe manifestára precisar de seus serviços, e não podendo alli manter-se por mais tempo, tratou com o Infante D. Henrique em lhe ceder todos os seus direitos sobre as Canarias, e de receber d'este, em troca, algumas terras na Ilha da Madeira, aonde sua familia passou depois a estabelecer-se, e se alliou com a de Gonçalo Zarco, o qual possuia a principal capitania da Ilha.

O Infante, apoderando-se d'aquellas Ilhas, em consequencia d'este ajuste, o qual contribuia para facilitar mais as suas descobertas, animou-se de um maior zêlo para terminar as conquistas das mesmas, e para ahi estabelecer a Religião Christã. E para obter tal fim, fez um poderoso

armamento em 1424 para alli transportar 1:500 infantes, e 120 cavallos, cujo commando deu a Fernando de Castro, mordomo-mór da sua casa. A pobreza d'estas Ilhas, que não podiam prover á sustentação de tanta gente, fez que o Infante tivesse enormes prejuizos com esta expedição, da qual apenas lhe resultou a consolação de promover a conversão d'estes povos ao Christianismo. — Foi este o unico fructo que então se colheu de tal expedição, porque os Reis de Castella, havendo retomado estas Ilhas, como pertencentes de direito á sua corôa, pois que na realidade Bettencourt não havia feito a conquista d'ellas senão pelo auxilio dos castelhanos: ellas foram cedidas aos Reis Catholicos, em virtude de um tratado entre Castella e Portugal.

Os cuidados que empregava o Infante por fazer florescer o commercio nos paizes novamente descobertos, ou para fundar solidamente suas colonias, eram infinitos. Os navegantes, que partiam de ordem sua, nunca tocavam em parte alguma d'estas ilhas desertas, que ahi não lançassem algumas cabeças de gado, e outros animaes domesticos, os quaes multiplicando, sem obstaculos, facilitavam a subsistencia áquelles, que depois iam alli estabelecer-se. Póde fazer-se idéa de sua solitudine, por tudo o que elle obrou, a favor da Ilha da Madeira, porque não contente, além da escolha que fazia dos individuos, que para alli se mandavam, para a habitarem, de a fornecer de toda a sorte de artistas; e mandou buscar ás Ilhas de Chypre e de Sicilia cannas de assucar, e ás Ilhas do Archipelago, videiras das melhores vinhas de malvasia, as quaes fez alli transplantar. Estas plantações deram-se tão bem, que passados uns vinte e cinco annos, a ilha se achou em estado de manter além dos habitantes, uma guarnição de oitocentos homens. Segundo affirma Barros, já em seu tempo, o quinto sómente do que esta produzia em assucar para a

Ordem de Christo, montava, em alguns annos, a mais de sessenta mil arrobas.

Pelo que respeita ao commercio da Costa de Africa, affirma Alviso Cadamosto, um dos *descobridores* do Infante, que o trafico que se fazia nas Ilhas de Arguem, permittia trazer para Portugal de sete a oitocentos escravos, annualmente. O ouro em pó que se extrahiu do Rio do Ouro foi egualmente em tanta abundancia, que El-Rei D. Affonso v mandou cunhar uma bella moeda, á qual por causa das cruzadas que o papa Calixto iii fizera publicar, e a que este principe, por voto, se obrigára, chamou cruzados.

Este commercio no seu principio offerecia difficuldades, não só por ser a Costa de Africa inhabitada até muito além do *Cabo Branco*, onde começa um deserto de arêas ardentes, de extensão de mais de sessenta jornadas de cavallo, até ao paiz dos negros com o qual confina, de sorte que se gastava muito tempo para alli chegar; mas, além d'isso, pelos inconvenientes inevitaveis, que a novidade d'esta especie de estabelecimentos traz sempre consigo.

Os negros, que eram uns povos miseraveis, andando quaasi nus, habitando uma terra esteril e areenta, vivendo sem leis apparentes, tendo sómente por morada algumas choupanas, e por sustento um pouco de milho, e o leite extrahido de seus rebanhos, e algumas carnes ou peixes desecados ao sol, não tinham tido, até então, mais do que um pequeno commercio, por terra, com os mouros barbarescos. Estes, viajando por caravanas, chegavam até aos reinos de Tombuctu, e de Melli, onde commerciavam com os negros, tomando-lhes o sal, o marfim, o ouro, a pimenta e os escravos, em troco de cavallos e de alguns outros generos havidos do reino de Granada, da Sicillia e de Tunes. Estes negros que nunca haviam visto, antes dos portuguezes, européos alguns, ficaram estupefactos ao primeiro as-

pecto de seus navios, porque admirados de um espectáculo tão novo, ora os tomavam por corpulentas aves, ou por enormes peixes, conforme os navios tinham içadas ou amainadas as vellas; ora considerando o espaço que os mesmos navios haviam percorrido, durante a noite, elles imaginavam, que eram phantasmas e duendes que lhes motivavam estas illusões. A presença dos portuguezes, que haviam desembarcado n'aquella costa, lhes serviu de um novo objecto de admiração. Estes homens, que elles viam tão diferentes d'elles próprios por estarem vestidos de ferro, e levarem entre mãos o raio e o trovão, augmentavam o seu terror e o seu espanto. De outra parte, os portuguezes não entendendo a lingua do paiz e não podendo fazer-se entender dos indigenas, empregavam, posto que debalde, as caricias para os restabelecer de seu primeiro espanto, e se viam obrigados a recorrer ao meio da força e da violencia, para arrebatat alguns d'elles, e trazel-os de amostra para Portugal. Isto acabou de os aterrar, e de os consternar; e particularmente quando os portuguezes davam fogo com seus canhões e seus arcabuzes, e os pobres indigenas viam cair seus companheiros a seus pés mortos, sem perceberem cousa alguma, que tivesse podido tocá-los, ou offendel-os.

Os escravos sendo muito bem tratados, e aprendendo a lingua portugueza, foram mandados novamente para o seu paiz, e servindo d'interpretes começou desde então a ter logar um commercio regular entre estes povos, e os portuguezes.

El-Rei D. Affonso v afim de formar este commercio estabeleceu uma feitoria, na Ilha *d'Arguem*, onde este principe ou, conforme outros, o Infante, tinha feito construir um forte. Concedeu-se o commercio exclusivo da Ilha a Fernando Gomes, por espaço de cinco annos com condições mais vantajosas para elle, do que para a corôa, como

de ordinario acontecé com semelhante especie de contractos. Fernando Gomes se obrigou além d'isso, a continuar o descobrimento da Costa, umas cento e cincoenta milhas mais além do cabo da *Serra Leoa*, onde haviam terminado os descobrimentos de Pedro de Cintra, e de Soeiro da Costa. Por esta convenção feita com o governo, e que foi renovada, e prorogada por muitos annos, se tornou Fernando Gomes poderosamente rico. Pela sua parte não deixou elle igualmente de prestar grandes serviços ao Estado, servindo-lhe de grande auxilio em diversas urgencias do mesmo, pelo que El-Rei o enobreceu, permittindo-lhe tomar, por armas, um escudo em campo de prata, com tres cabeças de mouros, de ouro, com tres argolas de prata, uma no nariz e duas nas orelhas. Permittiu-lhe igualmente o usar do appellido da *Mina*, nome do porto que elle estabeleçera, e onde se fazia o maior commercio d'estes paizes de ouro em pó. As descobertas foram por seu zelo e actividade, levadas até ao cabo de *Santa Catharina*, a 2^o e 30' de latitude austral.

El-Rei D. Affonso v subiu ao throno, na edade de seis annos; o governo na sua menoridade foi excellente, pela sabedoria do Infante D. Pedro, seu tio, que lhe fez esposar sua filha. Este matrimonio foi funesto a ambos, elle dissipou o ciume de D. João, irmão de D. Pedro, de sorte que este julgou por conveniente repôr as redeas do governo nas mãos de seu pupillo. Este infeliz principe, vindo do seu retiro para a côrte, a fim de se justificar, teve a desgraça de morrer, com as armas na mão, contra seu Rei, e seu genro; e por um d'esses golpes que se não podem prevêr, nem evitar. A guerra que D. Affonso v fez contra Castella, por disputar a sua succssão; a que sustentou em Africa, posto que com melhor exito; a prevenção de que elle se deixou possuir, relativamente á Cruzada que o papa Calixto III publicára, todas estas cousas prejudicaram gran-

demente o progresso das novas descobertas, que teriam caminhado com maior actividade, e feliz resultado, a não existirem os mencionados obstaculos.

Pelo que respeita ao Infante D. Henrique, quaesquer que fossem os desgostos que lhe occasionassem as desordens domesticas, e os poucos meios de que podesse dispor o Estado, elle obrou sempre com a maior efficacia possivel, accomodando-se ao tempo e ás circumstancias, sem contudo afrouxar em seu zêlo, pelo proseguimento das descobertas. E sem embargo de ter adoptado, por simples affeição, o Infante D. Fernando, seu sobrinho, irmão de El-Rei Affonso, e de se ter por consequencia despojado, a favor do mesmo, de quasi todos os direitos, e rendimentos sobre as novas descobertas, D. Henrique auxiliou sempre, quanto poude, seu joven pupillo, sem jámais abandonar aquella obra até á sua morte, que teve logar em 13 de Novembro de 1460, tendo empregado quarenta e dois annos nos uteis e gloriosos trabalhos d'estas descobertas.

O immortal Infante D. Henrique, quinto filho de El-Rei D. João, nasceu na cidade do Porto a 4 de Março de 1394. Foi o primeiro, que saltou em terra na conquista de Ceuta. Deu grandes provas de valor na jornada de Tanger em que foi nomeado general por seu irmão D. Duarte em 1437, dando o maior exemplo de amor fraternal, querendo ficar em refens em logar de seu irmão o Infante Santo D. Fernando. Pelos seus profundos estudos, e serias applicações, deixou descobertas, e por suas diligencias, trezentas e setenta legoas de costa, por tanto espaço de terras, quantas ha desde o Cabo Bojador até á Serra Leôa, além de muitas Ilhas no Oceano Atlantico, e Ethiopico, com que mostrou ao mundo os antipodas, e habitada a zona tórrida, de que tanto se duvidava. Mereceu o titulo de — *Protector dos Estudos de Portugal* — pelas grandes doações que fez á Universidade, que então residia em Lisboa, Exerceu os maio-

res cargos, como de general das armas portuguezas nas Costas de Africa, governador e administrador do Mestrado da Ordem de Christo, duque de Vizeu, Fronteiro-mór da comarca de Leiria, cavalleiro da Ordem de Jarretierre em Inglaterra por Henrique vi, senhor da Covilhã, de Lagos e Sagres no Algarve, de cujo reino foi governador perpetuo e tocando-lhe muitas rendas por estes empregos, todas applicava em beneficio commum, já premiando os benemeritos, já acodindo com esmolas a todos os necessitados. Falleceu na Villa de Sagres em idade de 67 annos a 13 de Novembro de 1460. Seu corpo foi primeiro depositado na egreja principal de Lagos, e d'ahi trasladado para o convento da Batalha, no anno seguinte, pelo Infante D. Fernando seu sobrinho, a quem pouco antes havia constituido por herdeiro. A sua sepultura está junta da dos Intantes seus irmãos, e é a segunda em ordem na capella, que El-Rei D. João i mandou fazer. Está representado sobre o tumulo em figura da mesma pedra, em relêvo, vestido de armas brancas, e coroadado com corôa real, entretecida de folhas de carvalho e uma rosa no meio; e tem n'ella tres escudos, o primeiro com as armas do reino de Portugal, e as suas, e nos outros dois as insignias das ordens que professára.

O Infante D. Henrique era de estatura mediana, mas de boa presença, e de uma compleição forte e robusta; seu rosto agradável, os cabellos louros e um pouco crespos, seu ar grave e severo, que á primeira vista, parecia repulsar, mas esta apparente severidade era compensada por uma bondade rara, e uma alma candida, que era o effeito de um genio docil e suave, da pureza de seus costumes, e do imperio que elle adquiria sobre suas paixões. Este imperio se manifestava em toda a sua pessoa, por uma piedade solida, uma ingenuidade sem suspeita, uma grande regularidade na conducta, e na sua propria casa, a qual pare-

cia um mosteiro ; tinha uma notabilissima modestia nas palavras, no vestir, na meza, e em seu estado. Era liberal até á profusão, e fazia uma despeza verdadeiramente real em tudo o que dizia respeito ao progresso da religião, á gloria da nação, e ao bem do Estado. Amador das sciencias, e fazendo-se elle proprio tão distincto n'ellas, como na arte da guerra, em que muitas vezes dera provas de sua bravura, e de habilidade ; elle derramou thesouros immensos, que se empregaram em attrahir de todas as partes homens habéis, que depois conservava, por meio de avultadas pensões, e além d'isso, em fundar academias, ás quaes franqueava o seu proprio palacio, e rendas as mais liquidas. Toda a nobre juventude de seu tempo lhe era devedora de sua educação, e do gosto que então adquirira pelas sciencias. Elle não se contentou com fornecer-lhes os meios, procurando-lhes bons mestres ; mas provia as necessidades da nobreza pobre, fazendo-os estudar á sua custa, e cuidando depois da fortuna dos mesmos, empregando-os. As despezas que fez para as suas descobertas, foram incalculaveis, fazendo sem interrupção, até seus ultimos momentos, uso da propensão natural, que tinha de fazer bem, a fim de preencher, em todos os sentidos, a divisa que adoptára, exaurindo-se a si proprio de seus bens, para um dia enriquecer o Estado ; de sorte que Portugal pôde, com justiça, consideral-o, como um dos seus mais abalisados principes.

este grande, os caballos blancos e negros, que a primeira vista parecia ordinaria, mas esta apparente simplicidade era compensada por uma bondade rara, e uma alma elevada, que era o effeito de um genio docto e puro. Elle puno a la suya costumbre, e do imperio que elle adquiria sobre suas parças. Este imperio se manifestava en todo a sua persona, por una palabra solida, una ingenuidad, una sencillez, una franqueza, una claridad en su conducta, e en sus palabras, que a qual par-

CAPITULO II

ANNOS DE 1481 A 1497

SUMMARIO

D. João II succedendo a El-Rei D. Afonso V prosegue nos mesmos projectos de descobertas d'este. — Procura tomar posse de todos os paizes descobertos até ao cabo das Tormentas. — Ajunta a seus antigos titulos outros que as novas descobertas lhe motivam. — Conclue-se o estabelecimento de Arguem, e funda-se o de Mina. — Projecta-se um terceiro estabelecimento entre os rios Gambia, e o Senegal. — Causas que o embarçaram. — Bémohi, chefe do paiz, é obrigado a abandonal-o, e vem a Portugal. — Brilhante recepção que se lhe faz em Lisboa. — É convidado, e recebe o baptismo. Faz El-Rei um consideravel armamento para entronisar Bémohi; quaes foram as suas vistas e como estas falharam. — Diligencias que El-Rei emprega por deparar com os Estados do Preste João, a fim de sollicitar a sua alliança. — Pedro da Covilhã chega á Côrte d'este. — Torna-se a navegação mais facil pela invenção do Astrolabio, attribuida aos portugue-

zes. Dias e o Infante descobrem umas 350 leguas de novos paizes desde o Rio Zaire, onde toca o reino de Congo, limite das descobertas por Diogo Cão, até ao cabo das Tormentas. — Trazem-se a Portugal alguns naturaes de Congo, e deixam-se outros tantos em refens n'este reino. — O Rei d'este manda embaixadores a Portugal a solicitar a sua alliança, e voltam carregados de presentes para o seu paiz. — Descreve-se a magnifica recepção de Rodrigo de Sousa na côrte de Congo. — Baptisa-se o Rei, a Rainha, e o principe hereditario. — Conjuração tramada contra a Religião nascente promovida pelo filho mais novo do Rei. — Morre o Rei de Congo, cujo acontecimento motiva a guerra contra os dois irmãos. — Apresenta-se Colombo em Lisboa offerecendo-se a El-Rei para lhe descobrir um Novo Mundo, cujas propostas são consideradas como chimericas. — Colombo obtem da Rainha Isabel de Castella trez caravelas com que descobre as Antilhas. — Volta á Europa com alguns naturaes, e muitos generos do paiz. — Grandes aprestes para nova expedição, e motivos que fizeram suspendel-a. — Morre El-Rei D. João II.

1481 — El-Rei D. João II tendo succedido a seu pae, El-Rei D. Affonso V, logo que se sentou no throno, entrou com calor nas vistas dos Reis seus predecessores e do Infante D. Henrique, seu tio. Além de ser dotado de uma alma grande e nobre, e de se não mostrar menos zeloso pela Religião, do que pela gloria dos Estados, de que elle se considerava senhor, sabia ainda, por experiencia propria, quão vantajosos eram os fructos que Portugal começava a recolher das novas descobertas; porque quando elle era ainda simplesmente principe dos Algarves, e herdeiro presumptivo da corôa, uma parte das rendas de seu bolsinho eram provenientes dos productos do commercio feito com

os paizes novamente descobertos, e estabelecidos. Assim inteiramente convencido da utilidade d'este commercio, nada omittiu para o sustentar, e animar de uma maneira estavel.

No principio dos estabelecimentos, os primeiros *descobridores* se contentavam com fixar cruces nas praias onde tomavam terra, e de gravar nas arvores proximas a divisa do Infante, os nomes que elles davam a estas novas terras, e ainda mesmo as noticias e avisos que desejavam transmittir. Mas, no reinado d'este principe, começaram a erigir-se por toda a parte pilares de pedra, (tendo em cima uma cruz) em que estavam esculpidas as armas de Portugal, o nome do principe reinante, o do capitão que fizera a descoberta, e o anno e dia em que esta tinha logar, a fim de que servissem de auto, e de testemunho authentico de posse, realmente tomada, de todos estes paizes em nome de El-Rei e da Corôa de Portugal. Este principe fez collocar até nove d'estes pilares ao longo da Costa de Africa, interiormente até ao Cabo da Boa Esperança, onde terminaram as descobertas feitas em seu tempo.

Poucos annos depois, D. João II ajuntou aos seus titulos o de — EM AFRICA, SENHOR DE GUINÉ, DA CONQUISTA, NAVEGAÇÃO E COMMERCIO DA ETHIOPIA — e a fim de assegurar effectivamente alli o seu dominio, ordenou, que se concluísse o forte da Ilha d'Arguem, que se havia começado poucos annos antes, e fez construir outro ainda mais consideravel, em S. Jorge da Mina, onde se fazia o maior trafico de ouro em pó.

A frota que se destinou para a construcção do forte da Mina compunha-se de dez caravelas, duas urcas, e outro vaso menor. Esta frota transportava a cantaria, tijolos, madeiras e todos os demais materiaes necessarios para a fortaleza que se projectava levantar; e além d'isso, munições de guerra e boca, necessarias para seiscentos homens, en-

tre os quaes haviam cem gastadores e artifices. O menor dos navios era destinado a fazer a pesca sobre a costa, e a se aproximar, o mais possivel, da terra nas enseadas, onde as urcas e as caravelas não podiam entrar.

D. Diogo de Azambuja, homem de merito e de experiencia, que El-Rei escolhêra para commandante em chefe d'esta frota, tendo dado á vella em 11 de Dezembro de 1481, procurou tocar em *Bezequiche* para confirmar um tratado feito com o soberano d'aquella costa. Pedro de Evora, capitão do pequeno navio que para esse fim se havia adiantado da frota, concluiu felizmente esta negociação. Proseguindo a frota d'alli em sua derrota, chegaram á Mina em 19 de Janeiro do anno seguinte. Aqui achou D. Diogo de Azambuja, muito a proposito, um pequeno navio portuguez pertencente ao Estado, cujo commandante que negociava com os indigenas, serviu de interpetre, para fazer saber ao senhor do logar a chegada do general, e o desejo que este tinha de conferenciar com elle.

Caramansa, assim se chamava o senhor d'esta povoação de negros, tendo-se mostrado satisfeito, pela chegada do general portuguez, este desembarcou e ganhou immediatamente uma altura proxima da povoação, que lhe parecera propria para ahi construir a fortaleza. Fez levantar, na mesma altura, a bandeira e as armas portuguezas, e tomou posse d'ella em nome de El-Rei seu amo, e junto de uma grande arvore fez erigir um altar, em que se cantou a primeira missa, que se dissera n'estes paizes. Todos os circumstantes derramavam lagrimas de devoção, de alegria, e de esperanças, por verem entrar o Evangelho n'estas terras, onde até então sómente haviam reinado a idolatria e a superstição.

A entrevista do general portuguez e do principe dos negros teve logar com a maior ostentação possivel. Cada um d'elles affectou de dar uma idéa de si, por meio de toda

a magnificencia de que era capaz, posto que o sequito de parte a parte fosse pouco numeroso. A cõrte do negro nenhuma impressãõ fez no animo dos portuguezes; mas a ostentaçãõ d'estes, ao contrario, deixou deslumbrados os negros, os quaes não haviam ainda visto um tal apparato.

Depois das primeiras ceremonias e cumprimentos D. Diogo de Azambuja fallou com bastante emphase d'esta maneira: « Senhor, El-Rei meu amo, sabendo com o maior «prazer a facilidade com que os seus subditos fazem o «commercio n'esta parte da Africa que vos é sujeita isto «pela benevolencia com que vos dignaes acolhel-os, quer «pela sua parte agradecer-vos tão grande serviço, por meio «de um beneficio tão assignalado, que este seja, por si só, «a digna recompensa de todo o bem que elle de vós tem «recebido e da boa vontade com que continuareis a fazer- «lh'o. Este beneficio consiste em vos informar que ha um «Deus, Senhor e Creador do Universo, Remunerador dos «que crêem em Seu Nome, e o servem com fidelidade. To- «dos os potentados da Europa reconhecem este Deus de «Magestade, e se submettem ao suave jugo de sua Lei. «Se vós quizerdes reconhecel-o, e receber o Santo Baptis- «mo, como uma profissão publica d'esta Lei, El-Rei meu «amo, vos considerará como seu irmão e seu alliado, pois «que ambos ficarão unidos pelo mesmo laço da Religião, «e ambos participarão, no ceu, de uma eterna felicidade. «N'esta qualidade, elle celebrará comvosco um tratado de «alliança offensiva e defensiva contra vossos inimigos com- «muns; fará comvosco umã especie de sociedade e de com- «munidade de bens, fazendo transportar para vossos Es- «tados todas as riquezas dos seus. Mas para que isto tenha «logar, exige a segurança de ambos, que vós consintaes, «que fundemõs um estabelecimento permanente em vossos «Estados, o qual possã servir de refugio áquelles de seus «subditos que elle mandar a estes paizes, a fim de que

«vós tenhaes sempre á mão os portuguezes, n'um logar que possa servir-lhes de asylo, contra os vossos e seus inimigos, e além d'isso de deposito para as suas mercadorias.»

Caramansa, que tinha mais talento, e politica, do que ordinariamente se suppõe n'um negro, affectou uma gravidade pasmosa durante toda a conferencia, escutou o discurso do general com grande silencio e attenção, e depois de ter meditado profundamente, alguns instantes, respondeu em poucas palavras, e de uma maneira obsequiosa para El-Rei de Portugal, e para aquelle que o representava; mas ao mesmo tempo nada decidiu sobre o objecto principal, que era a construcção da cidadella, em que o general tocára mui ligeiramente.

Diogo de Azambuja que se persuadira ter percebido no principe negro algum motivo de desconfiança, lhe replicou da maneira a mais conveniente, a fim de dissipar-lhe todos os receios. Então Caramansa, ou porque se convencesse, de que não podia oppôr resistencia a tanta gente, a qual facilmente lhe daria a lei, ou porque tivesse em vista considerações, ácerca de algum interesse particular, tomou a sua resolução, e batendo com as mãos juntamente com todos os seus, em signal de approvação, permittiu aquillo que estava convencido não poder recusar.

Logo ao amanhecer do dia seguinte, o general sem mais demora, fez que a sua gente pozesse mãos á obra, principiando por abrirem os alicerces da praça; mas apenas os gastadores haviam começado a cavar, e a tocar em certas pedras, consagradas pela superstição, immediatamente os negros pegaram em armas, e se pozeram em disposição de empecer-lhes o trabalho. Os animos se acaloraram, e teria occorrido alguma scena desagradavel, se D. Diogo, que então dava as suas ordens para o desembarque dos materiaes, advertido pelos seus interpetres de que n'aquella des-

ordem tinha menos parte a religião, do que o desprazer de se não terem ainda recebido os presentes devidos ao príncipe, não corresse immediatamente a fazer suspender a obra, dirigindo á sua gente asperas reprehensões; em ar de tanta auctoridade, e de indignação, que conseguiu acalmar aquelle motim. Os presentes foram logo levados ao príncipe em grande pompa! Os negros os receberam com alegria, e d'esta sorte vieram a vender, quasi sem o sentirem, uma liberdade que devia ser-lhes bem preciosa. Foi tal a actividade que depois se empregou, no trabalho da fortaleza, que em vinte dias ficou fora de insulto. D. Diogo fez egualmente edificar uma igreja no mesmo sitio, onde elle, á sua chegada, havia feito levantar um altar. Tanto a igreja como a cidadella foram dedicadas a S. Jorge. Estabeleceu-se na primeira uma missa quotidiana e perpetua pela alma do Infante D. Henrique, e á segunda concedeu El-Rei os privilegios de cidade. D. Diogo ficando alli com sessenta homens como guarnição da fortaleza, mandou embarcar todos os demais juntamente com o ouro, escravos e outras mercadorias, que elle negociára para Portugal.

Alguns annos depois, El-Rei ordenou um consideravel armamento para outro estabelecimento que projectára fazer, na embocadura do Senegal, e que acreditava ser de maior importancia, mas que teve mui differente resultado como vamos a demonstrar. No numero dos povos que estão situados entre os rios Gambia e o Senegal, os gelofos ¹ são os que ficam mais proximos ao mar, e por consequencia os mais conhecidos dos portuguezes. O príncipe que os governava, como estimasse muito pouco seus dois irmãos, filhos do Rei defunto, de alguma sorte abandonou o go-

¹ Estes povos, situados entre os dois mencionados rios, acham-se divididos em pequenas tribus, e fazem hoje com os europeus o commercio de escravatura.

verno a um seu irmão uterino, por nome Bémohi, e se entregou sem reserva, a todo o genero de vicios. A escolha de um tal ministro foi infeliz. Bémohi tinha talento, e valor. Para poder sustentar-se contra os príncipes seus rivaes, se avisinhou ainda mais do mar, e se alliou estreitamente com os portuguezes, os quaes se mostraram, por semelhante factó satisfeitos; elle não omittia meio algum de captar a sua benevolencia, facilitava de todos os modos possíveis o seu comércio, até chegava a pagar os cavallos que tinham morrido na passagem, como se elles tivessem embarcado por sua propria conta. Tudo caminhou o melhor possível, enquanto vivo o Rei, mas tendo este sido assassinado por intriga de seus proprios irmãos, Bémohi se viu repentinamente na necessidade de ter de sustentar uma grande guerra, e recorreu a seus alliados. El-Rei D. João lhe fez prometter, da sua parte, todo o auxilio, com tanto que elle se fizesse christão, e recebesse o baptismo; a esse fim lhe mandou embaixadores, acompanhados de presentes, e de missionarios; Bémohi prometteu fazer tudo quanto d'elle se exigia, observando contudo, que a occasião de uma guerra civil era inoportuna, para uma mudança, que naturalmente sublevaria contra elle, ainda mesmo muitos dos seus partidarios; mas logo que se visse pacífico possuidor de seus Estados, poderia então não só converter-se, mas faria com que a nação inteira abraçasse o seu exemplo.

Addiu assim este negocio, pelo espaço de um anno, dando sempre boas esperanças. Entretanto a desvantajosa guerra que elle trazia, perturbava sobremaneira o commercio. Os negociantes portuguezes, que tão mal iam, representaram-n'o a El-Rei, o qual observando, que Bémohi não cumpria a promessa que fizera de abraçar o christianismo, ordenou a todos os seus subditos, sob as mais graves penas, de o abandonarem, e de voltarem para Portugal.

Bémohi que bem previa, que esta ordem de El-Rei indubitavelmente seria a causa de sua perdição, fez esforços, obteve dinheiro de seus amigos, e solveu suas dividas. Observando porém, que não podia reter seus hospedes, fez embarcar com elles um seu sobrinho, encarregando-o de um collar de ouro, e cem escravos escolhidos, de que fazia presente a El-Rei, a fim de implorar seu soccorro; mas elle não teve tempo de esperar resposta, porque foi batido, e com difficuldade se salvou na fortaleza de Arguem, onde embarcou para Portugal com vinte e cinco dos principaes de sua corte, que quizeram participar da sua sorte.

Constando a El-Rei a chegada de Bémohi quiz recebê-lo, não como um chefe de barbaros; mas como um soberano, tendo em vista dar á Europa um alto conceito das suas conquistas — Bémohi conduzido ao paço de Palmella, foi tratado com a maior magnificencia á custa de El-Rei, enquanto se esperava o dia em que havia de fazer a sua entrada publica em Lisboa.

No dia aprazado para o recebimento, El-Rei e a Rainha, cada um em seu palacio separado rodeados de numerosa corte das damas e dos grandes do reino, todos ricamente vestidos, esperaram o principe negro, que D. Francisco Coutinho, conde de Marialva, tinha ido buscar, acompanhado de grande cortejo de jovens fidalgos. Bémohi, tendo atravessado d'esta maneira as ruas de Lisboa, que se achavam ornadas como para um dia de triumpho, entrou no palacio e subiu á sala do throno. Logo que El-Rei o avistou, se descobriu um pouco, e deu alguns passos para a frente a encontrá-lo. Bémohi, pela sua parte, se prostrou aos pés de El-Rei, apparentando tirar terra com as mãos, que lançava sobre sua cabeça, em demonstração de respeito, e de se reconhecer subdito. El-Rei, tendo-o levantado com ar gracioso, se encaminhou para o throno, e permanecendo

de pé, e um pouco apoiado sobre elle, fez signal ao interprete, de dizer a Bémohi que fallasse. Bémohi que era ainda joven começou seu discurso com affouteza, e o continuou com tal graça e dignidade, sem omittir rasão alguma, que podesse enternecer os corações de todos, relativamente ao actual estado de sua sorte, que El-Rei ficou commovido, e satisfeito das perguntas que lhe dirigiu, fez d'elle a idéa de um homem cordato, e prudente. Passou depois Bémohi ao palacio da Rainha, beijou-lhe a mão e ao principe hereditario D. Affonso, fazendo-lhe uma curta e bem clara arenga, em que lhe rogava a sua intercessão para com El-Rei, de quem unicamente podia esperar soccorro, sendo a final conduzido para o palacio, que lhe havia destinado, com o mesmo cortejo, e na mesma ordem com que viera.

1489 — Como El-Rei tivesse a peito a conversão do principe africano, o primeiro passo que deu, foi ordenar que junto á pessoa d'elle, se collocassem ecclesiasticos virtuosos e sabios, que o instruissem, como egualmente a todos os de sua comitiva, no christianismo, o que lhes não foi difficil de obter, porque havia muito tempo que Bémohi havia sido catechizado, e agora era dominado de um mui differente interesse d'aquelle, que até então o embaraçara de fazer o que d'elle se exigira com tanto ardor, de sorte que requerendo elle proprio calorosamente o baptismo para si e para os seus, foram immediatamente admittidos a receberem esta graça.

A cerimonia teve logar com a maior pompa. Na noite de 3 de Dezembro de 1489, no palacio da Rainha, foi Bémohi apresentado á pia baptismal juntamente com dois dos mais qualificados de sua comitiva, por El-Rei, a Rainha e o principe, o duque de Beja, que succedeu depois a El-Rei D. João II, o Nuncio Apostolico, e os bispos de Tanger e Ceuta. O ultimo d'estes, funcionou, e foi ao mesmo

tempo um dos padrinhos. Bémohi recebeu o nome de João, por ser este o de El-Rei. Os de mais negros foram apresentados por outros fidalgos, e fidalgas. No dia seguinte ao d'esta cerimonia, nomeou El-Rei o principe africano cavalleiro, dando-lhe por armas uma cruz de ouro em campo vermelho, guarnecida dos cinco escudos de Portugal. Pela sua parte Bémohi fez doação a El-Rei e á corôa de seus Estados. O Nuncio Apostolico remetteu a S. Santidade, como chefe da Egreja, uma circumstanciada relação de tudo o que se passára; e o auto authenticico da obediencia do novo principe christão.

Muitos dias duraram em Lisboa as festas pela entrada, e baptismo do principe negro: tudo eram funcções, e divertimentos, fogos de artificio, illuminações, cavalladas, corridas de touros, carreiras de cavallo e outros prazeres, que deslumbrando a vista d'estes pobres africanos, deviam imprimir-lhes uma alta idéa da grandeza do magnifico principe que tão bom acolhimento lhes fazia, em comparação de sua propria miseria.

Entretanto El-Rei que pensava em mais poderosos objectos que nos prazeres, fez armar a toda a pressa, vinte caravelas, bem providas de homens, armas, e munições de guerra e boca, e de todos os materiaes necessarios para levantar uma fortaleza. Deu o commando d'esta frota a Pedro Vaz da Cunha, por alcunha o Bisegra. N'esta expedição iam alguns missionarios, á testa dos quaes se achava o proprio confessor de El-Rei, e o padre Alvares, da Ordem de S. Domingos, homem de grande erudição, e ainda maior santidade. Todas as esperanças porém de El-Rei falharam rapidamente, em consequencia de uma brutalidade das mais inauditas, porque apenas appareceu esta numerosa frota, que levou o terror a todo o paiz, e se lançaram os fundamentos da fortalêza, o commandante em chefe, que se desgostára de ter começado a obra em um

mão terreno e que soffria por se vêr obrigado a permanecer n'um paiz doentio, tendo-se aproximado de Bémohi o lançou ás punhaladas morto a seus pés, sob o falso pretexto de que elle conspirava para uma traição. Semelhante factó motivou grande agitação não só entre os negros, mas ainda entre os proprios portuguzes, o que foi de grande desprazer para El-Rei. Este comtudo o deixou sem mais vingança, do que a dos remorsos, que ella devia originar a seu auctor, punição assaz dura para um homem de sentimentos, mas mui ligeira para o que é capaz de tal cobardia.

El-Rei além do desejo que tinha de repôr no throno um principe alliado, que lhe deveria a sua fortuna, se propunha a um maior objecto, que havia muito tempo revolvía em seu animo, o qual era o de attrahir a seus Estados o commercio das Indias, e de procurar uma via que alli o conduzisse. Mathematicos portuguezes lhe asseguravam que não sômente esta empreza era possivel; mas além d'isso por mais de uma parte mui praticavel, pois que de um lado elles affirmavam que se podia fazer o gyro de Africa, e apresentavam uma Carta geographica, que o Infante D. Henrique recebera das mãos dos mouros, na qual se fazia vêr a derrota da India, e que o exito mostrou ser assaz exacta. De outro lado estava então o mundo possuido da idéa de um poderoso monarcha christão, conhecido sob o nome de Preste João, cujos Estados eram então ignorados. Muitos, enganados por antigas narrações, e ainda mais pela de Marco Paulo Veneziano, os suppunham mais para o interior da Asia; outros, ao contrario, os situavam onde elles realmente se acham na alta Ethiopia, e nas visinhanças do mar das Indias, acima das cataractas do Nilo, o que havia sido confirmado por alguns padres abexins que haviam passado á Hespanha, e por alguns religiosos europeus que fizeram a viagem de Jerusalem. Dominava a El-Rei um ar-

dente e extraordinario desejo de se esclarecer sobre este assumpto, com o designio de contrahir alliança com aquelle principe, a fim de acabar de o instruir na fé, de o submeter á obediencia do Vigario de Jesus Christo, e de estabelecer entre os seus Estados e os d'aquelle prícipe uma correspondencia mutua, cujos immensos bens elle previa, caso que ella podesse abrir-lhe um caminho para aquellas Indias tão desejadas, e que eram o objecto de sua maior sollicitude.

Tinha além d'isso algumas noticias de que pelos paizes, novamente descobertos sobre as costas de Africa, seria facil penetrar nos Estados d'aquelle principe. No anno de 1486 um embaixador do Rei de Bénem, que viera com João Affonso de Aveiro, a fim de contrahir alliança com El-Rei de Portugal, de requerer pessoas que podessem prégar o Evangelho, e instruil-o tanto a elle, como os seus subditos no christianismo, contava que, ao oriente do reino de Bénem, para o interior das terras, na distancia de tresentas e cincoenta leguas, existia um monarcha poderoso, por nome *Ógano*, que tinha jurisdicção, tanto temporal como espirital sobre todos os outros Reis visinhos. Que o Rei Bénem e os outros, na sua elevação ao throno, lhe enviavam embaixadores com ricos presentes e d'elle recebiam a investidura de seus Estados, cujas insignias reaes consistiam n'um bordão á semelhança de sceptro; uma especie de capacete em lugar de corôa, e uma cruz de latão; que sem esta cerimonia, elles não eram reconhecidos como Reis legitimos: que os embaixadores durante todo o tempo que permaneciam na côrte d'este principe, jámais o viam; que somente no dia em que lhes dava audiencia, deixava apparecer um de seus pés, o qual elles beijavam com um respeito devido a cousa santa, e que á sua partida da côrte se lhes lançava ao pescoço, em nome do principe, uma cruz de latão, o que desde logo os punha em

plena liberdade, os resgatava de toda a escravidão, e era para elles como uma ordem de Cavallaria, que os ennobrecia.

O mesmo com pouca differença havia contado Bémohi a El-Rei, dizendo-lhe que havia ao Oriente do reino de Tombuctú, muitos outros soberanos; mas com especialidade um, a quem elles chamavam Rei dos povos mosaicos o qual nem era mahometano, nem idolatra; mas que professava uma lei que muito se assemilhava á dos christãos. El-Rei cujos ardentes desejos de penetrar até á côrte do Preste João, mais se inflammavam pela narração que lhe faziam d'aquelle principe, se havia intimamente persuadido, que elle o poderia conseguir, subindo-se pelo rio Senegal, o qual segundo as conjecturas de seus mathematicos, saia das mesmas montanhas, em que existem as fontes do Nilo para o interior das terras; pelo que ordenou, que logo que se concluisse a construcção da fortaleza, na sua embocadura, se subisse por elle o mais longe possível. Mas como na descripção que se lhe fizera d'este rio, se affirmava haverem cataractas e saltos, semelhantes ás do Nilo, El-Rei ordenou que se rompessem essas cataractas até que se chegasse á sua origem; mas cuja difficuldade, ou possibilidade, segundo todas as apparencias, elle não havia penetrado.

Havia alguns annos, que em consequencia das primeiras noticias, que se colheram, ácerca do Preste João, El-Rei se havia resolvido a fazel-o procurar, tanto por mar, como por terra, até que se tivesse encontrado. Os primeiros dois individuos que elle para esse fim mandou, voltaram a Portugal, vindos de Jerusalem, sem que passassem mais adiante, por se lhes ter feito comprehender que sem o conhecimento da lingua arabe lhes seria impossivel, e mesmo inutil, continuarem sua viagem. Em consequencia do que, El-Rei expediu outros dois, que possuiam perfeita-

mente esta lingua. Era um d'elles fidalgo de sua casa por nome Pedro da Covilhã, e o outro Affonso de Paiva. Elles receberam a sua commissão e cartas credenciaes em Santarem a 7 de Maio de 1487, achando-se presente D. Manoel, Duque de Beja, que succedeu a D. João.

Covilhã e Paiva dirigiram-se a Napoles, passaram d'alli á ilha de Rhodes onde embarcaram para Alexandria; foram depois ao Cairo, d'onde continuaram seu caminho até Adem, cidade situada no golfo Arabico, acima da embocadura do mar Vermelho. Como tivessem alli chegado a tempo da monção, elles se separaram. Affonso de Paiva fez-se á vella em direitura á Ethiopia, e Pedro da Covilhã para as Indias. Este tocou em Cananor, passou a Calcutá, e a Gôa onde embarcou para Çofala sobre a costa oriental de Africa. D'alli voltou a Adem, e depois ao Cairo onde Affonso de Paiva e elle, haviam ajustado reunir-se. Tendo chegado a esta cidade, soube que Affonso de Paiva havia fallecido; mas encontrou alli dois judeus portuguezes com novas ordens que El-Rei lhe enviava, porque este principe a quem um d'estes judeus tinha dado uma mui exacta conta do commercio de Ormuz, situada á entrada do golfo Persico, onde concorriam todas as riquezas das Indias, e de onde depois se transportavam para a Syria e para o Egypto, a fim de passarem depois á Europa, resolveu enviar este judeu, e seu companheiro, com novas instrucções para Pedro da Covilhã, pelas quaes lhe ordenava de mandar o segundo d'estes judeus com uma exacta e detalhada relação de suas viagens, de se dirigir com o primeiro até Ormuz, e em fim de continuar constantemente as suas investigações do Preste João, não descançando em quanto o não encontrasse.

Pedro da Covilhã obedecendo ás ordens de seu soberano, entregou um diario bem detalhado de suas aventuras ao judeu, que El-Rei lhe designára, e o instruiu de viva voz, o

mais largamente que lhe foi possível. Depois do que, respondendo-se a caminho com o outro, voltou a Adem, e passou depois a Ormuz, onde considerando tudo muito bem, fez com que seu novo companheiro de viagem partisse com as caravanas que saem de Alepo. Em quanto a elle, embarcou novamente para o mar Vermelho, e chegou por fim á côrte do principe que com tantos perigos e fadigas, elle havia procurado.

El-Rei fez escrever para todos os pontos da escala do Levante aos consules portuguezes e aos maiores negociantes, que ali se achavam estabelecidos, para que adquirissem algumas noticias d'aquillo que se desejava saber. Finalmente chegou-lhe de Roma um padre Abexim, por nome Marcos, que tendo-o satisfeito ácerca de todas as perguntas, que lhe fizeram relativamente ao seu paiz, lhe fez escrever muitas cartas de que tirou copia, das quaes remetteu para diversos portos do oriente, a fim de que fossem encarregados d'ellas os Abexins, subditos do principe de que elle anciosamente desejava ter noticias, na esperança de que vindo algumas d'ellas a cair nas mãos do mesmo, serviria de acreditar mais Pedro da Covilhã, na hypothese de que elle fosse tão feliz, que chegasse ao termo de sua viagem. Depois d'isso fez partir o mesmo padre Abexim, encarregado das mesmas cartas de que tinha tirado copia, e cheio dos favores que a sua extrema liberalidade sobre elle derramava.

El-Rei enviára depois pelo Oceano Atlantico, em procura d'este principe, Bartholomeu Dias, e João Infante, cada um dos quaes commandava um navio seguido de um terceiro, unicamente carregado de viveres para supprir a falta dos que se consumissem no curso de uma longa navegação, e a fim de que estes aventureiros não tivessem rasão alguma para voltarem, como haviam feito outros que os precederam.

Começava então a navegação a tornar-se menos perigosa. El-Rei, que em sua cõrte conservava mui habéis mathematicos, e que desejava sempre que se inventasse alguma cousa, que podesse facilitar o bom exito de suas descobertas, hevia-os muitas vezes excitado a imaginarem algum expediente para tornar a arte da navegação mais commoda e facil. Elles não deixaram de corresponder á sua esperança, pois que os escriptores portuguezes lhes fazem a honra de lhes attribuirem o meio de se tomarem as alturas, por meio do astrolabio, e as taboas das declinações para uso dos pilotos. E ainda quando elles não tivessem prestado outro serviço, este que fizeram á Europa, é sufficiente para os tornar immortaes, porque desde então os navegantes se não viram mais obrigados a alongar as costas, e poderem expor-se no alto mar, sem o temor de perder de vista a terra, o que faz a navegação mais curta, e menos perigosa.

Dias e Infante tinham ordem de continuar os descobrimentos, começando desde Zaire, onde haviam terminado os de Diogo Cão, do qual brevemente fallaremos. Elles deviam plantar por toda a parte padrões, e deixar sobre a margem negros, e particularmente negras, providas de roupas, e bem instruidas do que deviam dizer, já para tomarem informações do reino do Preste João, já para exaltarem os elogios de Portugal, e inspirar desejos de se contrahir alliança com elle. Dias, que commandava um dos navios, teve muito que soffrer em todas as terras a que abordou. Encontrou linguas desconhecidas, que os negros, que comsigo trazia, não entendiam. A sua tripulação se revoltou muitas vezes contra elle, e sempre a apasiguou com doçura, e ao mesmo tempo, com firmeza: mas n'esta viagem não colheu noticias algumas do principe que procurava. Não obstante, descobriu trezentas e cincoenta leguas de novos paizes; assentou seis padrões, e chegou até

à extremidade da Africa a um cabo, que elle chamou das *Tormentas*, por causa do grosso mar que ali fazia. Sua coragem lhe teria inspirado o passar mais adiante; mas a sua gente, que estava mui desgostosa, o obrigou a retrogradar, e na sua volta, encontrou o navio que transportára os viveres, nove mezes depois de se terem separado; e de nove homens que formavam a tripulação d'este, apenas existiam tres, um dos quaes de tal sorte se transportou de alegria, por esta junção, que logo morreu. Finalmente, Dias chegou a Lisboa, em Dezembro de 1487, dezeseis mezes e dezeseite dias depois de sua partida. El-Rei o recebeu muito bem, e tendo ouvido em sua narração o nome de cabo das *Tormentas*, quiz que se chamasse o cabo da *Boa Esperança*, a fim de que servisse de feliz presagio dos fructos, que se deviam colher d'esta descoberta.

1490 — Diogo Cão, que antes da expedição de Dias, havia descoberto desde o cabo de *Santa Catharina* até ao rio Zaire, onde principia o reino de Congo, descobriu esta nova nação de negros, cuja lingua não era entendida pelos negros que iam nos navios. Este povo pareceu mui pouco admirado da vista dos portuguezes, e em lugar de fugir para o interior do paiz, pelo contrario se familiarisou tanto, desde logo, com estes hospedes que lhe vinham de tão longe, e de uma maneira tão extraordinaria, que se teria affirmado que uns e outros já se conheciam. Diogo Dias, reflectindo que ia a perder muito tempo, n'este lugar, pela falta de se entender com os naturaes do paiz, tomou immediatamente o partido de levar alguns, para os conduzir a Portugal, e deixar, pela sua parte, alguns em refens, a fim de que de uma e outra parte podessem aprender a lingua do paiz, o que se executou habilmente; porque tendo-se assegurado de quatro dos principaes d'elles, fez comprehender aos outros, por meio de gestos e signaes, ou do melhor

modo que pôde, que as suas intenções não eram senão uteis ao paiz; que elle trataria bem aquelles que trouxesse, os quaes reconduziria dentro de quinze luas; que por penhor da sua palavra, lhes deixava alguns dos seus, os quaes entretanto aprenderiam a sua lingua, e se poriam em estado de lhes prestar serviços.

Esta acção violenta teve bom exito. Os negros não se deram por offendidos. O Rei d'estes povos, que foi informado do que se passára, igualmente se não formalizou, antes tratou muito bem os portuguezes, que Diogo Cão abandonára á sua discripção, e ao seu resentimento, e tendo estes aprendido a lingua do paiz, fizeram que o Rei apreciasse a Religião Christã. Entretanto, Diogo Cão tendo chegado a Portugal, El-Rei o fez novamente partir, sem dilação alguma, juntamente com os negros que elle trouxera. Os seus patricios vendo-os sãos e salvos, e satisfeitos do bom tratamento que haviam recebido, facilitaram a Diogo Cão o seu accesso á côrte. O Rei de Congo depositou n'elle particularmente tanta confiança, que resolveu envial-o outra vez a Portugal com dois jovens dos mais qualificados, e juntamente um d'aquelles mesmos que elle d'antes levára, e isto como embaixada a El-Rei de Portugal, a fim de o solicitar, houvesse por bem de os fazer instruir no christianismo, e baptisar, e de os deixar depois ir para o seu paiz, acompanhados de individuos habeis, que podessem promover a mesma felicidade a elle Rei, e a todos os seus subditos.

Os embaixadores foram recebidos em Lisboa com muita distincção, e como El-Rei fosse ao mesmo tempo informado, de que o Rei de Congo era um principe poderoso, e seus subditos um povo muito mais esclarecido de quantos se tinham até então encontrado, julgou dever tambem fazer mais alguma cousa em seu favor. Tanto que se doutrinaram na Religião, foram baptisados. El-Rei e a Rainha

com alguns dos principaes senhores e senhoras da cõrte, os apresentaram á pia baptismal, e os honraram com seus nomes. Finalmente para satisfazer a anciedade do Rei de Congo, El-Rei D. João tendo-os carregado de ricos presentes, os fez partir a toda a pressa em uma frota, cujo commando conferiu a Gonçalo de Sousa, o qual tendo fallecido na viagem, teve por successor no commando, a Rodrigo de Sousa, seu sobrinho, que o tinha acompanhado na qualidade de voluntario, e seu comportamento fez vêr que fõra acertada a escolha que d'elle se fizera.

1491 — Logo que esta frota appareceu na embocadura do Zaire, o tio do Rei, que governava esta provincia, saiu ao encontro de Sousa com todas as demonstrações da mais perfeita alegria. Era um venerando ancião, que não suspirava, senão pelo momento em que recebesse o santo baptismo, e em quem a graça divina havia já operado grandes effeitos. Foi esta tambem a primeira cousa, que elle pediu, e isto com tal ardor, e com tão fortes rasões, que Sousa não pôde dispensar-se de lh'õ conceder. Tres religiosos dominicanos, que tinham vindo na frota, acabaram de o doutrinar, e o baptisaram, com a maior solemnidade, no domingo de paschoa do anno de 1491.

Sousa que não ignorava, que o Rei de Congo, contava os momentos até á sua chegada, não tardou que se puzesse a caminho para a capital. O governador, novamente baptisado, lhe forneceu os escravos necessarios para levar tanto os homens, como as bagagens, pelas terras do seu governo, e elle mesmo o acompanhou até á fronteira. O Rei, pela sua parte, mandou muitas vezes cumprimentar o general durante a jornada, e fazer-lhe as competentes honras na sua marcha até á cidade, em que residia a sua cõrte.

A entrada que o general fez na capital, e a sua marcha

até ao palacio real, foram magnificas, segundo os usos do paiz, e tão numerosa a chusma que o seguia, que com difficuldade se podia abrir caminho. O Rei o esperava no seu palacio, sentado n'uma cadeira de marfim, collocada sobre um estrado. Cousa nenhuma revelava a magestade d'este principe. Um pequeno barrete, propriamente tecido de folhas de palmeira, e da fôrma de mitra, lhe cobria a cabeça; seu corpo estava nũ até á cintura, e todo o resto coberto de uma tanga; no braço esquerdo tinha um bracelete de latão, e uma cauda de cavallo, signal distinctivo da realza, lhe pendia de um dos hombros.

Sousa, tendo pronunciado o seu discurso, e exposto o objecto de sua embaixada, manifestou os presentes que levava. O Rei os considerou com admiração, perguntando a razão de tudo, e fazendo repetir muitas vezes, aquillo que dissera. Apesar da immensa multidão, reinava alli o maior silencio; prestava-se a mais viva attenção; mas o que havia de notavel, era que os negros imitavam, e copiavam fielmente os portuguezes em todos os seus gestos, reverencias, genuflexões, inclinações, e signaes de cruz, como se elles tivessem comprehendido todo o seu mysterio.

Era inexprimivel a impaciencia do Rei para receber o baptismo. A imitação do soberano, a mesma pressa tinham a côrte e o povo. Entretanto era preciso esclarecer e experimentar um pouco estes neophytos; precisava-se de tempo, e os missionarios não eram bastantes.

Um acontecimento imprevisto decidiu o negocio. Alguns insulares situados n'um lago, que dizem permanecer no centro de Africa, e que era origem dos principaes rios que a regam, haviam novamente sacudido o jugo do Rei de Congo, e faziam excursões em suas provincias. Eram formidaveis, porque se assegurava poderem pôr em armas trinta mil combatentes. O Rei se viu obrigado a ir pessoalmente, para se oppor ao progresso dos revoltosos. Os

riscos da guerra se tornaram mais que sufficientes motivos para que todos os guerreiros abraçassem a Religião Christã.

Começou-se por levantar uma grande cruz, que se collocou, com grande solemnidade a 3 de Maio; o mesmo se praticou para o baptismo de tão illustres neophytos. Deuse ao Rei de Congo, á Rainha sua principal esposa, e ao principe herdeiro, os nomes de João, Leonor e Affonso, que eram os de El-Rei, da Rainha e do principe de Portugal. Baptisaram-se depois tantas pessoas, que os braços dos missionarios estavam já cançados.

Antes de principiar a campanha, Sousa collocou nas mãos do Rei de Congo um precioso estandarte que o Papa Innocencio viii mandára a El-Rei de Portugal, e lhe deu a cruz, a fim de o fazer participante, tanto a elle como a seus subditos dos meritos da cruzada que vinha de publicar-se contra os infieis. El-Rei de Congo partiu para a campanha, cheio de confiança n'este signal salutar. Não foram baldadas suas esperanças; elle voltou victorioso de seus inimigos, persuadido da obrigação que devia ao Creador, e ao adoravel signal da redempção.

Os primeiros movimentos de um grande fervor, são, de ordinario, seguidos de um prompto arrependimento, e não servem senão para nos precipitarem no excesso de uma relaxação inteiramente opposta. Esta nova christandade, formada um pouco á pressa, assim o deu a vêr. Em verdade que os mysterios da nossa Religião haviam dado pouco cuidado a estes neophytos pouco acostumados, e pouco proprios para disputarem ácerca d'estas materias. Os principios da nossa moral lhes haviam parecido muito justos e fundados na rasão; mas como a vida do christão não é mais do que uma continuada guerra que é necessario fazer a si mesmo, estes homens viciosos desde o berço, sentiram a difficuldade de contrariar constantemente as paixões

lisongeiras, e de se mortificarem por se conformarem com as maximas que contradiziam todos os prazeres. O espirito da superstição não se havia extinto nas cinzas de seus *Fetichas* e *Moquisias*¹ que elles haviam solemnemente queimado, professando o christianismo. O fogo da avareza, da luxuria, da intemperança, e das outras paixões, haviam adquirido um novo gráu de calor, pela resistencia que se havia feito por poucos dias a estas paixões. O mesmo Rei, que envelhecera nas suas usanças, encontrava ainda maiores obstaculos, que os outros, para sustentar a nova personagem que lhe era preciso representar, de sorte que em pouco tempo se formou uma conspiração contra o christianismo nascente, urdida pelos infieis que ainda restavam, a cuja frente se collocára um dos filhos do Rei, que nunca havia querido baptisar-se, e por aquelles christãos cobardês, que tinham sido os primeiros em exprobar a sua leveza. Estes excitados pelos sacerdotes, ou agoureiros do paiz, e apoiados pelas mulheres e concubinas que o christianismo obrigára a repudiar, pozeram então em grande risco a religião, que esteve a ponto de ser suffocada á nascença, e os missionarios e portuguezes que Sousa deixava para aprender a lingua do paiz, expostos a eminentes perigos.

D. Affonso, filho mais velho do Rei, principe fervoroso e verdadeiro christão, achava-se então nas terras de seu apanagio, onde exercia as funcções de apostolo, ao mesmo tempo que era como uma muralha impenetravel para os inimigos do Estado. Informado do perigo que corria a Religião, empregou tal efficacia junto de seu pae, que conseguiu suspender-lhe as impressões, mas esteve quasi sendo victima de seu zelo. A tempestade caiu sobre sua cabeça. Todos os esforços dos inimigos da religião se reuniram

¹ Idolos do culto dos negros de Congo.

contra elle só. Denegriram-n'o no animo do Rei pelas calumnias as mais atrozes, e as mais extravagantes: «Que o baptismo, dizia-se-lhe, o tornára um poderoso feiticeiro, que corrompido pelos costumes estranhos, aborrecia a sua patria, e o Rei, que lhe havia dado o ser; removia as montanhas, seccava os rios, arruinava os fructos, perturbava a rasão, e o que era ainda mais odioso, minava o thalamo nupcial pelo louco amor, que seus sortilegios haviam inspirado ás esposas de seu pae.» O Rei amaya D. Affonso; mas seu animo enfraquecido pela idade lhe fez acreditar taes chimeras, e talvez cedendo ao tempo mostrasse acreditar-as, e consequentemente indignado contra seu filho querido, o privou de seus cargos, e de suas rendas.

D. Affonso estava perdido, a não ser a habilidade da Rainha D. Leonor sua mãe. Esta assisada princeza deixou passar algum tempo até que se acalmasse esta grande irritação dos animos. Então poz em scena os mais respeitaveis senhores da côrte, tanto por sua idade, como por sua prudencia, os quaes como tivessem habilmente convencido o Rei do prejuizo que elle a si proprio se procurára pelo lamentavel estado a que reduzira um filho, que por seu valor tantas vezes lhe firmára a corôa, lhe inspiraram a desconfiança, e consequentemente a vontade de investigar, se o principe effectivamente fôra calumniado. Com effeito o Rei caindo em si, e affectando uma profunda dissimulação, fez indagações occultas, e como viesse no conhecimento da innocencia de seu filho, o reintegrou em todas as suas primeiras honras, e fez morrer os seus principaes accusadores no meio dos maiores supplicios.

Esta severidade, posto que justa, não fez mais do que irritar cada vez mais a cabala que havia jurado a perda de D. Affonso, colligando-se para collocar no throno em seu lugar, Pansa Aquitimo seu irmão, inimigo capital dos christãos e dos portuguezes.

O Rei foi novamente enganado, porém d'esta vez contentou-se em fazer advertir seu filho de moderar seu zêlo, e de prevenir por alguma politica as desgraças, que elle procuraria a si e a toda a sua casa. Como Affonso nem por isso mudasse de conducta, seu pae lhe ordenou de se apresentar na côrte; mas o principe, instruido secretamente por sua mãe, ia addiando, sob diversos pretextos, o obedecer, e illudindo sempre as ordens do Rei até á morte d'este, a qual elle bem via não poder estar longe, e que effectivamente soube ter acontecido pouco tempo depois.

D. Affonso tomando a sua resolução, como homem de tino e de coragem, se dirige a grandes marchas sobre a capital, entra alli na obscuridade da noite, reúne o povo ao romper do dia, arenga-lhe em termos tão fortes por sustentar seus direitos, que consegue conciliar todos os animos, e é igualmente reconhecido como legitimo herdeiro do throno. Seu irmão Pansa Aquitimo, que se achava acampado fóra da cidade, ficou aturdido por tal golpe, dirigido com tanto segredo, e prudencia; mas como não quizesse dar a seu irmão tempo de reflectir, marcha immediatamente sobre a cidade, depois de ter dividido seu pequeno exercito em dois corpos. D. Affonso confiando mais na Divina Providencia do que no numero, e qualidade dos homens, que tinha á sua vista, reúne apressadamente os poucos combatentes que achou promptos, e havendo-os excitado á peleja, fez abrir as portas da cidade, e invocando em alta voz, os Santos nomes de Jesus Christo e de S. Thiago, á maneira dos hespanhoes, se lança como um leão sobre o primeiro corpo dos inimigos, que derrotados logo que foram atacados, se precipitaram sobre o segundo corpo, ficando ambos em tal desordem, que não puderam mais ordenar-se. D'esta sorte a victoria não tardou um momento em se decidir pelo partido dos christãos, a favor dos quaes parece que o ceu combatera.

1497 — Quiz a desventura que Aquitimo, em sua fuga fosse cair n'um laço que se armára para apanhar feras, elle foi achado gravemente ferido, e agarrado; D. Affonso desejava salvá-o; mas aquelle homem feroz, antes quiz perder-se do que recorrer á clemencia de seu irmão, e abrir os olhos á luz da verdade. O general que commandava suas tropas, mais circumspecto, tendo requerido morrer christão, e receber o santo baptismo, obteve a vida, sob condições que lhe pareceram bem suaves.

Esta victoria firmou D. Affonso no throno, reinou cinquenta annos, durante os quaes se mostrou tão agradecido para com a Divina Providencia, e tão afeiçoado aos portuguezes seus alliados, que com justiça se pôde elle considerar, como o Apostolo de seus Estados.

Em quanto El-Rei D. João mostrava tão grande solicitude, e fazia tão enormes despezas, a fim de conseguir novas descobertas, e principalmente para chegar a penetrar nas Indias, que era o objecto, que mais se mantinha em sua idéa, teve um grande desgosto que o acompanhou ao tumulo.

Christovam Colombo, genovez de nação, tendo navegado longo tempo ao Levante, resolveu ir tentar fortuna no mar Atlantico, pois que era o gosto dominante d'aquelle tempo. Pretendem alguns que elle foi estabelecer-se na Madeira, onde tendo naufragado um navio francez, e havendo recolhido para sua casa os destroços d'esse naufragio, pôde adquirir do piloto d'aquella embarcação noticia da America; conhecimento que elle teve o cuidado de não descobrir a origem, e cujo segredo pôde muito bem conservar, pois que todos os que haviam escapado á catastrophe vieram a perecer da miseria e das fadigas que haviam soffrido.

Como quer que fosse Colombo veiu a Portugal, e se apresentou a El-Rei, fazendo-lhe magnificas promessas de

lhe adquirir um novo mundo para o Occidente nas extremidades do Oceano. El-Rei que se persuadiu perceber n'este homem alguma leveza, não fez caso d'estas propostas. Outro tanto fizeram outras potencias maritimas da Europa; até que finalmente depois de sete annos de repulsas e de fadigas, Colombo obteve, por intervenção do Arcebispo de Toledo, que a Rainha Isabel fizesse armar tres caravelas, com as quaes depois de ter soffrido corajosamente bastantes contrariedades da parte de sua tripulação, descobriu as Ilhas Antilhas; ¹ tocou em muitas d'ellas, e depois de ter deixado parte de sua gente n'uma especie de forte na Ilha de Cuba, tornou á Europa, trazendo consigo dez ou doze naturaes do paiz, ouro em pó, e varios fructos e mercadorias, a fim de que podessem servir de amostras, e dar uma idéa d'aquelles paizes e de suas descobertas.

Tanto que entrou no Tejo, e lançou ancora no porto de Lisboa, El-Rei, que fôra informado da sua chegada, estimou muito ter uma conversação com elle. Colombo estava tão orgulhoso, pelo bom resultado de sua viagem, e com tanta emphase e exaggeração fallava ácerca d'ella, misturando, com o que dizia, censuras a El-Rei, pela pouca confiança que n'elle depositára, que pareceu não ter vindo a seus portos, senão com o fim de o insultar.

El-Rei dissimulou, e fez grandes presentes a Colombo,

¹ Aham-se situadas adiante do golfo do Mexico. Dividem-se em grandes Antilhas, e pequenas Antilhas. São as primeiras: Cuba, São Domingos, Porto Rico, e Jamaica. As segundas acham-se divididas em Antilhas de barlavento, que são: a Barbuda, a Antigua, S. Christovão, Neves, Monsarrate, Barbuda, Anguilha, Virgens, S. Vicente, Dominica, Granada, Trindade, Tabago, Guadalupe, Martinica, Santa Luzia, Maria Galonde, S. Bartholomeu, S. Eustaquio, Saba, S. Martinho, Santa Cruz, S. Thomaz e S. João. As de Sotavento são: Margarita, Coração e Bonaria. Seus principaes productos são: assucar, milho, anil, tabaco, algodão, café e a mandioca.

e seus companheiros, bem como aos insulares, e como se persuadissemos que estes negros, pelo seu porte, podiam ser habitantes das grandes Indias, ou de paizes que lhe pertencessem, cuidou logo em ordenar um grande armamento, a fim de se apoderar d'aquelle paiz.

Posto que El-Rei D. Fernando de Castella não desse ainda grande pezo a esta descoberta de Colombo, comtudo como era um principe mui politico, e zeloso de seus direitos, tanto que teve noticia do armamento, a que El-Rei D. João de Portugal se applicava, lhe dirigiu por via de seu embaixador na côrte de Lisboa, suas queixas das hostilidades, que o ameaçavam, em contravenção dos tractados que existiam entre as duas corôas. El-Rei D. João suspendeu seus preparativos, e consentiu em fazer discutir amigavelmente seus direitos. Houve por diversas vezes plenipotenciarios nomeados de parte a parte. O Rei de Castella mandou de proposito embaixadores a Portugal para tractarem d'este objecto. Como porém este principe, dissimulado, nada quizesse concluir, sem vêr em que parava o negocio, e se este valia a pena, seus embaixadores só tractavam de o demorar por muito tempo, sem decidirem cousa alguma: o que fez dizer El-Rei com muita graça que esta embaixada não tinha pés nem cabeça, alludindo á qualidade dos dois embaixadores, um dos quaes era coixo, e outro estouvado. Comtudo ambos se portavam, sobre o assumpto, de uma maneira bem judiciosa. Finalmente, como estes dois monarchas entregassem a decisão d'este negocio ao papa Alexandre vi, que então se sentava na cadeira de S. Pedro, Sua Santidade repartiu o Novo Mundo entre estas duas potencias, resolvendo, que contando-se 370 leguas desde as Ilhas de Cabo Verde para o Occidente, e tirando por esse ponto uma linha imaginaria, que passasse pelos pólos da Terra, e dividisse o globo em dois hemisferios ficasse o occidental pertencendo aos Reis Catho-

licos, e o oriental aos portuguezes, para n'elles continuarem livremente os seus descobrimentos.

Padecendo El-Rei D. João II os efeitos de uma hydropesia, foi ao Algarve, por conselho dos medicos, para tomar as Caldas de Monchique; porém como a molestia se fosse adiantando, fez seu testamento, em que declarou o duque de Beja D. Manoel, seu successor, e falleceu a 25 de Outubro de 1495, com 40 annos de idade.

O seu cadaver, sepultado na cathedral de Sylves, foi trasladado em 1499, com magestosa pompa, por El-Rei D. Manoel, para o real mosteiro da Batalha.

No feliz reinado de El-Rei D. João II, por sua ordem, e com auxilio de suas proprias luzes e instrucção, os dois astronomicos portuguezes, Mestre Rodrigo, e Mestre José Hebreu, e outro tambem habil astronomico Martim Behaim, conseguiram melhorar o instrumento nautico, de que usam os navegantes para tomar a altura do sol, com o que se se facilitou muito a navegação pelo alto mar, e poderam os navios desviar-se das costas, que até então seguiam com grandes delongas, e inconvenientes, invenção esta que escoreceu completamente a gloria que os Phenicios, Carthaginezes, Gregos e Romanos, haviam adquirido na arte de navegar. Toda a costa occidental de Africa tinha aberto os portos a seus navios: o seu commercio se tinha assegurado, pelas fortalezas que elle ahi levantára, e pelas alianças que contrahira. Os Reis de Benem, de Tombuctu, de Monding e de Congo, haviam solicitado com ardor, por meio de seus embaixadores, a sua amizade: El-Rei havia interposto a sua auctoridade para pacificar suas contestações, tendo bastante influencia para fazer cair as armas das mãos aos mesmos vencedores.

Descobriu-se o grande Cabo da Boa Esperança, e se passou ainda ávante ao Rio do Infante. Construiu-se em Lisboa uma não de mil toneladas, a maior, mais forte, e mais

bem acabada, que até áquelle tempo se havia construido, armada de grossas bombardas, e outras artilherias, e de tão forte, e basta liança, e tão grosso taboado, que a artilleria a não podia passar.

Tambem não parecerá improprio d'este logar referir como este illustre principe, já pelos annos de 1483, ordenára que seu primo D. Manoel, ainda então muito moço, e apenas com direito muito eventual ao throno portuguez, a que depois subiu, tomasse por divisa a *Espheera do Mundo*, que com effeito começou logo a usar, e conservou ainda depois de Rei. O que nos parece ser grande prova da perspicacia, e penetração de El-Rei, das suas vastas idéas e esperanças, e do presentimento que tinha dos futuros gloriosos feitos dos portuguezes.

Finalmente El-Rei D. João II, diz um geographo estrangeiro moderno, fixou a soberania de Portugal em *Guiné*, região fecunda em ouro, marfim, e outras ricas produções; e legou á sua nação uma grande herança de gloria, abrindo caminho ás acções heroicas que depois d'elle se praticaram na conquista maritima das Indias Orientaes.

Gama a Moçambique; descripção d'esta ilha. — Laço, que aqui se lhe arma, e de que maneira elle o evita. — Aprisiona alguns mouros de Mombaça, e quaes as informações que d'elles colhe ácerca de Melinde. — Chega a este paiz. — Demonstrações officiosas que aqui se lhe fazem. — É solicitado pelo Rei de Melinde a desembarcar, e o não effectua por desconfiança. — Sua entrevista com o principe, governador do paiz. — Informações exactas que obtem ácerca das grandes Indias. — O principe de Melinde lhe fornece um piloto para o conduzir ás Indias. — Chega a Calecut, e ahi lança ferro. — Quaes os paizes que propriamente se denominam as Indias.

COLEÇÃO DE LIVROS DE HISTÓRIA

Contando o principe D. Affonso, filho unico de El-Rei D. João II, herdeiro do reino, quinze annos de idade, por ter nascido a 18 de Maio de 1475, o casou El-Rei com D. Isabel filha dos Reis catholicos Fernando, e Isabel. Celebraram-se estes desposorios com a maior magnificencia que até então se tinha visto na Europa. Entraram a 14 de Junho do mesmo anno em Santarem com grandes festas, que duraram muitos dias. Porém no dia 12 de Julho, voltando quasi á noite da caça de Almeirim, foi o principe ás margens do Tejo, montou a cavallo, e rogou a D. João de Menezes, que dêssem uma carreira; escusou-se este por ser já noite, mas instado, consentiu; e quando corria, se atravessou um moço, que espantando o cavallo, desgraçadamente levou o principe debaixo, deixando-o logo quasi morto sem falla. Não pôde ser conduzido ao palacio; e levado á cabana de um pescador, onde se lhe fizeram todos os remedios possiveis, veiu a fallecer no dia seguinte. Esta

lastimosa morte penetrou de tal sorte o coração de D. João II que todo o resto da sua vida passou entregue a uma profunda melancolia, e proximo da morte nomeou em seu testamento para successor ao throno a D. Manoel, duque de Beja.

Nasceu este grande, e incomparavel monarcha no Ribatejo, na Villa de Alcochete em 31 de Maio de 1469, a tempo que a procissão do Corpo de Deus passava pelas portas do seu palacio. Foi sexto filho do Infante D. Fernando, irmão de El-Rei D. Affonso V, ambos filhos de El-Rei D. Duarte, e de D. Brites filha do Infante D. João, e neta de El-Rei D. João I, amado dos seus povos, e respeitado no Universo; este feliz soberano empunhou tão dignamente o sceptro, que mereceu o titulo de — *Venturoso*.

El-Rei logo no principio do seu reinado chamou a conselho as pessoas mais eruditas de Portugal, a fim de regular diversos pontos que precisavam reforma, e traçar um plano geral de governo. Os negocios das descobertas foram ahi discutidos acaloradamente, havendo tres differentes opiniões. — Os mais tímidos pretendiam que se abandonasse uma empreza que olhavam como a origem infallivel da ruina do Estado. Acrescentavam ás razões, que elles a principio produziram, para combater os projectos do Infante D. Henrique, a da distancia em que as grandes Indias se achavam, e os paizes incognitos do Preste João; o perigo que esta empreza acarretaria de excitar a inimizade de todas as potencias mahometanas, a impossibilidade de provêr a tão grandes despezas, e de resistir a poderosos inimigos. Outros queriam que El-Rei sómente conservasse as descobertas até alli feitas, e que ainda a respeito d'estas se fizessem menos despezas que anteriormente. Outros finalmente, mais zelosos pela gloria nacional, aconselhavam que se proseguisse com as expedições maritimas; que se passasse mais adiante, opinando que os favores que a Pro-

videncia havia já dispensado no feliz exito d'estas descobertas, deviam servir de garante seguro de sua vontade para haver de as continuar. Foi esta ultima opinião a que El-Rei abraçou, por ser a que mais se conformava com a sua inclinação, com a nobreza de seus sentimentos, e com o reconhecimento que devia á memoria do Rei seu predecessor, á de seu pae, o Infante D. Fernando, e á do immortal Infante D. Henrique, seu segudo tio.

El-Rei achando quasi prompta a armada, que seu antecessor aparelhára para o descobrimento da India, cuidou logo em expedil-a; constava a expedição dos seguintes navios:

Náo *S. Gabriel*, capitania, em que foi Vasco da Gama, capitão-mór da expedição. Piloto Pedro d'Alemquer, o mesmo que tinha ido com Bartholomeu Dias ao descobrimento do Cabo da Boa Esperança.

Náo *S. Rafael*, capitão Paulo da Gama, irmão de Vasco da Gama. Piloto João de Coimbra.

Náo *Bérrio*, capitão Nicoláo Coelho. Piloto Pedro de Escobar.

Ja mais uma pinque com mantimentos: capitão Gonçalo Nunes.

Todos estes vasos levavam não mais que 160 ou 170 homens, tanto de armas, como de marinhagem, entre os quaes se nomeam Fernão Martins e Martim Affonso, linguas e tambem pilotos.

Logo que estes navios estiveram em estado de navegar, El-Rei tendo em vista a importancia do objecto quiz dar suas instrucções ao commandante em chefe, e tendo ordenado que tanto o primeiro, como os dois segundos commandantes se apresentassem em Extremoz, onde então se achava côm numerosa côrte, lhes dirigiu um discurso em

que depois de exaltar a confiança, que acabava de depositar na sua fidelidade e valor, os exhortava a que sustentassem a idéa, que de suas pessoas formára, e de que lhes dava um testemunho authentico na honrosa escolha, que d'elles fazia. Depois animando-os com promessas as mais magnificas, e com a esperança das maiores recompensas, lhes récommendou mui expressamente a obediencia, e a subordinação, que elles deviam a seu general, que no commando representava sua propria pessoa; e ao general lembrou a moderação, e a firmeza, que o cargo, de que elle estava revestido, exigiam segundo as circumstancias. El-Rei entregou a Vasco da Gama cartas credenciaes para os Reis das Indias, o itinerario de Pedro da Covilhã, e diversas outras instrucções; e para terminar esta cerimonia, um dos ministros de Estado, que durante o discurso de El-Rei, empunhára um estandarte desenrolado em que se via pintado o signal adoravel de nossa redempção, o collocou nas mãos de Vasco da Gama, que ajoelhando, prestou juramento ao Rei em seu proprio nome e no de todos os seus, depois do que, levando consigo o estandarte partiu com seus officiaes para Lisboa.

Havia então na distancia de uma legua da capital uma pequena ermida, que o Infante D. Henrique fizera edificar á borda do mar sob os auspicios da Santa Virgem, para animar a devoção dos maritimos. Gama quiz ir alli na vespera de sua partida com toda a sua gente passar a noite em oração. Tendó satisfeito á sua piedade, voltaram para Lisboa em procissão, levando tochas na mão, cantando hymnos e psalmos, com acompanhamento de grande numero de ecclesiasticos seguidos por uma chusma prodigiosa de povo, que a novidade do espectaculo havia atrahido de todas as partes.

Tão horrivel fôra a idéa, que Bartholomeu Dias, e seus companheiros, haviam dado dos mares do Cabo da Boa

Esperança, que de nenhuma outra cousa se ouvia fallar senão de naufragios, e todos aquelles que se destinavam a tentar aquella passagem, se consideravam como outras tantas victimas, conduzidas a uma morte quasi inevitavel.

Nossos novos argonautas, enternecidos de tudo o que este apparatus tinha de tocante, se viram assim conduzidos até ao porto; alli ajoelhando todos, receberam a absolvição geral como para morrerem, depois do que se embarcaram no meio dos gritos do povo, que se não fatigava de os acompanhar com o coração, e com a vista que não pôde arrancar da margem do rio senão quando, fazendo-se á vella por um vento favoravel, desappareceram as embarcações.

1497 — Partiu Vasco da Gama em um sabbado 8 de Julho de 1497. Navegou, a todo o panno, pelo alto mar, em direitura ás Canarias, d'onde proseguindo na sua derrota, até ás Ilhas de Cabo Verde, fundeou, no decimo terceiro dia, na de Santiago, onde fez aguada e tomou alguns refrescos. Tendo-se novamente feito á vela, lutou contra os ventos, e arribou a uma espaçosa enseada, que depois se chamou bahia de *Santa Helena*. Encontrou ahi um povo miseravel; mas de grande bondade e franqueza. Um soldado, por nome Fernando Velloso, obteve do general a permissão de ir só até ás habitações. Foi alli recebido pelos habitantes com bastante humanidade; mas apoderado repentinamente de um terror panico, de que elle mesmo não soube dar a rasão, se poz a correr quanto podia para as embarcações. Aquelle pobre povo que ignorava a causa de tão precipitada carreira, o seguia a fim de o tranquillisar: isto como duplicasse o medo do soldado, fazia com que elle mais fugisse; a marinhagem, que se occupava em fazer a aguada, vendo-o vir espantado, e segui-

do, suspeitando alguma traição, correu ás armas. Os negros atacados põem-se em defeza, fazem chover uma nuvem de frechas e de pedras de que o general ficou ferido n'um pé. O combate se teria tornado mais funesto, a não ser a prudencia de Gama, que mandando immediatamente tocar a retirada, fez reembargar toda a gente, e deu á vella.

Como ainda se não soubesse, que haviam ventos regulares em certas paragens, os quaes facilitam a navegação em algumas estações do anno, assim como a tornavam perigosissima n'outras, chegou-se infelizmente ao conhecimento de que Gama partira na estação a mais inconveniente e contraria do anno, de sorte que quando chegou ao Cabo da Boa Esperança, não encontrou ahi mais do que furacões e tempestades tão horrorosas, que a sua marinha-gem, desgostosa pelas fadigas de uma navegação de perto de cinco mezes, aborrecida do continuo máu alimento, e aterrada ainda mais pelas illusões, que se figuravam em sua imaginação ácerca d'este cabo terrível, por muitas vezes se amotinou e de certo se perderia o fructo de tão bella empreza se não fôra a prudencia e coragem de Vasco da Gama, que tornando-se inflexivel contra todos os obstaculos teve o prazer de dobrar o Cabo da Boa Esperança em 22 de Novembro de 1497, e achando depois ventos mais brandos, em 25 do mesmo mez e anno, foi tomar terra perto de sessenta leguas acima do referido cabo, tirando para Leste, em uma bahia a que deram o nome de *Aguada de S. Braz*.

Aqui se restabeleceu Vasco da Gama das fadigas que havia sóffrido, e achou nos cafres, habitantes d'esta costa, bastante facilidade para se prover de novos viveres, os quaes negociou a troço de alguns chocalhos, missanga, e outras mercadorias de vil preço: mas como se tivesse originado entre elles e os seus, algumas altercações relativa-

mente á permutação dos generos, teve por mais conveniente sair d'alli, e ir mais longe a um pequeno porto, onde repartindo por todos os navios os viveres que ainda restavam no pinque, o fez queimar na conformidade das ordens que levava. D'este porto partiu Gama em 8 de Dezembro, dia da Conceição, mas tanto que se fez á vella, foi assaltado de outra tempestade que não obstante durar alguns dias, não causou damno, avistando-se no fim da tormenta uma costa que se denominou do *Natal* por se ter descoberto no dia 25 de Dezembro. Era uso estabelecido n'aquelles tempos, o darem-se geralmente aos paizes novamente descobertos, nomes deduzidos dos mysterios do dia, ou do Santo, cuja festa se celebrava. Pela mesma razão, Gama poz o nome de *Rio de Reis*, a um grande rio em cuja foz entrou no oitavario da Epiphania (10 de Janeiro) do anno seguinte (1498). Os cafres de uma das tribus que habitavam esta costa, o acolheram tão benignamente, e se fez alli o commercio com tanto socego, que lhe chamou *Aguada da Boa Paz*. Tendo-se feito á vella para continuar sua derrota, passou de noite um cabo que denominou das *Correntes* por causa das correntes, que dirigindo-se com grande impetuosidade o abysmavam n'uma vasta bahia de onde receiava não se poder tirar. Por isso fazendo-se ao largo, passou sem o perceber, toda a costa de Çofala, tão celebre por suas minas de ouro, e que alguns sabios acreditaram, com bastante probabilidade, ser o *Ophir*, onde Salomão enviava suas frotas, e d'onde colheu todas essas riquezas que tão florescente tornaram seu reinado.

Até alli se achavam os nossos aventureiros quasi desesperados, pois não encontravam, por toda a parte por onde se dirigiam em sua derrota, mais do que povos miseraveis, cuja linguagem não entendiam, com os quaes era necessario estar-se sempre alerta, e apenas podiam obter algumas provisões, a fim de prolongarem a sua existencia

sem que houvesse o minimo indício de melhor fortuna. Em tão terrivel situação de animo, começou o céu a ser-lhes propicio, porque tendo entrado em 25 de Janeiro em um grande rio, encontraram algumas almadias, ou pequenos bateis preparados com vellas feitas das folhas das palmeiras, e pelas noticias que ahi colheram, e pareceram de bom agouro, se deu a este rio o nome de *Rio dos bons signaes*. É certo que ahi os habitantes eram tambem negros, mas observavam-se entre elles alguns de uma côr azeitonada, que bem indicava a proximidade de homens brancos. Além d'isso eram mais civilizados e melhor vestidos. Alguns d'elles traziam tangas de algodão, e de linho pintado, barretes de seda ou de um estofo tecido com fios de ouro e de prata. Houve mesmo entre elles alguns, que ouvindo pronunciar algumas palavras arabes, puderam conversar com Fernando Martim, que sabia soffrivelmente o arabe, e servia de interprete, mas o que acabou de os animar, foi o dizer-se-lhes que se passassem adiante, encontrariam homens brancos como elles, e navios quasi semelhantes aos seus, os quaes navegavam por aquelles mares para fazerem o seu commercio n'aquellas costas.

Pode-se ajuizar qual seria a alegria de Gama, ao ouvir indícios tão favoraveis. Animado d'estas esperanças mais bem fundadas que anteriormente, fez levantar um pilar com as armas portuguezas n'aquella praia, a que deu o nome de *S. Rafael*, e resolveu fazer ahi concertar seus navios. Os naturaes do paiz forneceram de bom grado todos os soccorros que puderam. Como porém haja poucos regosijos que sejam completos, foi o de Gama n'esta occasião perturbado por um novo genero de enfermidade, até então pouco conhecida; era o escorbuto que fez grandes estragos em suas tripulações. Esta molestia, considerada como uma especie de erysipela, fazia inchar as gengives, e apodrecendo-os caíam todos os dentes, e causava outros

terríveis padecimentos. Persuadiram-se de terem descoberto a verdadeira causa d'aquella enfermidade, attribuindo-a ao uso das carnes salgadas, e ao ar pesado do mar. Morreram alguns, mas a maior parte conseguiu escapar.

No dia primeiro de Março de 1498, descobriram-se 4 Ilhas, e os nossos navegantes tomaram terra na de Moçambique, aonde collocaram o padrão de S. Jorge.

Moçambique é uma pequena Ilha, pouco afastada do continente da costa oriental de Africa, a 14º e meio de latitude austral. Os naturaes do paiz, eram cafres idolatras do reino de Quilôa: porém os mouros, sectarios de Mahomet, tendo-se espalhado por estas costas, tinham feito d'esta Ilha uma escala para o commercio de Çofala, e das Indias. Quasi que não havia então na Ilha mais do que mouros, habitando miseravelmente em pobres choupanas feitas de terra, e cobertas de côlmo, de sorte que se não encontrava obra alguma de alvenaria, senão a mesquita e a casa do Cheque, que Ibrahim, Rei de Quilôa, alli conservava, para a cobrança de seus impostos. Logo que os portuguezes se apossaram d'esta Ilha, fizeram d'ella o empório de suas frotas para as viagens das Indias. Moçambique se tornou então um porto dos mais celebres; mas como o ar é ali mui doentio, foi o logar da sepultura para uma infinidade de infelizes, que resistindo aos trabalhos de penosas viagens terminaram ali a sua existencia.

Tanto que Gama appareceu, viu dirigirem-se directamente a elle sete pequenas *almadias*, cheias de gente, e de instrumentistas, em seguida de um official do Cheque, que do mais longe que pôde ser ouvido fez sua saudação em idioma arabe, e perguntou d'onde vinham aquelles navios, e para onde se dirigiam, mas logo que se assegurou tanto pela bandeira, como pela resposta, que se lhe deu, que os navios eram de Portugal, e que procuravam uma nova derrota para as Indias, declarando-se inimigos jura-

dos dos christãos em virtude de sua religião, e dos portuguezes por ter sido subdito dos Reis de Fez e de Marrocos, formou desde logo o designio de os perder.

Não obstante como a sua execução não era praticavel de armas, julgou dever dissimular do melhor que pôde: comtudo com tão pouca destreza se conduziu n'este seu proposito, que Gama, que o observava com a maior attenção, julgou logo por um certo ar de perturbação que lhe notou, que elle meditava alguma perversidade. Como porém conviesse a Gama esclarecer-se em suas suspeitas, tudo se passou em civilidades de parte a parte. Houve as maiores demonstraões de alegria; nem o acatamento que os mouros consagram ao Alcorão, os impediu de beber o vinho que Gama lhes fez servir. Fizeram-se mutuamente presentes, e por fim convencionou-se o fornecerem-se aos portuguezes os viveres de que precisavam pelo seu dinheiro, e darem-se-lhes pelo preço que se ajustasse, e dois pilotos para os conduzirem ás Indias. Mas o odio d'estes infieis como não podesse permanecer por mais tempo occulto, foi immediatamente conhecida, por muitos indicios, a sua traição.

Os dois pilotos evadiram-se a nado; havia-se feito esconder alguns Abexins, com os quaes tivera Gama já algumas conversas para colher informações, ácerca dos Estados do Preste João, por fim romperam as hostilidades, vindo algumas almadias a atacar as lanchas portuguezas que faziam aguada.

Como Gama dirigisse suas queixas, requerendo que se castigassem os motores de semelhante facto, respondeu-se-lhe com bastante altivez, e terminou a conferenciã por alguns insultos, que foram seguidos de uma chuva de setas. Então Gama irritado por tal comportamento, fez disparar sobre elles alguns tiros de peça, que mataram quatro homens entrando n'este numero um dos pilotos fugitivos,

que morreu ao lado do chefe. O estrepito d'estes trovões mortiferos, até então pouco conhecidos, ou pouco usados n'estes paizes, lançou uma tão subita consternação entre os mouros, que todos abandonaram a ilha n'um instante, para poderem salvar-se no continente. O chefe atemorizado, tornando-se mais docil, concedia a Gama tudo que desejasse, porém contentando-se este em receber um piloto, levantou ferro em 13 de Março, e seguiu sua derrota.

O piloto dado pelo chefe de Moçambique resolveu perder os navios, e não obstante ser vigiado, fez dirigir o rumo sobre umas ilhotas aonde correu muito perigo a expedição. Este plano custou bem caro ao perfido piloto, porque Gama conhecendo sua maldade o mandou açoutar com tal aspereza, que sua lembrança ficou perpetua n'este lugar, chamando-se-lhes *Ilhas do Açoutado*.

Este castigo fez com que o piloto promettesse que conduziria a frota a Quilôa, cidade opulenta, famosa por seu commercio e habitada em parte por christãos Abexins, mas o que elle occultava, era que devendo alli saber-se já, por via de expressos que para isso se haviam mandado, tudo o que se passára em Moçambique, se persuadia que deveriam ter-se alli adoptado as necessárias medidas para o vingár. Como porém nem as correntes, nem os ventos tivessem auxiliado seus criminosos projectos, aconselhou então o piloto a escala por Mombaça, onde dizia que os portuguezes achariam as mesmas vantagens que em Quilôa; e Gama considerando-se em vespéras de ficar reduzido á última necessidade por falta de viveres, foi obrigado a deixar-se conduzir a esta cidade aonde entrou a 7 de Abril, vespéras de Ramos.

Mombaça era então uma cidade populosa, e bastante forte, sob a dominação dos mouros, que alli tinham seu Rei particular, e independente do de Quilôa. Era toda ou

quasi toda cercada de agua, de sorte que formava uma especie de ilha, ou península, cujo porto apresentava duas gargantas defendidas por uma boa fortaleza. Suas casas eram feitas de pedra, e tinha apparencia de uma cidade europêa. O ar saudavel, o terreno excellente e poductivo, tornavam o paiz delicioso.

Gama, a quem as precedentes traições obrigára a permanecer sempre em desconfiança, não quiz entrar no porto, e se conservou dentro da barra, mas ao largo. Comtudo foi aqui acolhido com as mesmas demonstrações officiosas, que observára em Moçambique; algumas almadias cheias de homens vestidos á turca, de turbante na cabeça, armados de sabres, punhaes e escudos, abordaram os navios ao som de instrumentos musicos e com indicios de uma extraordinaria alegria. Gama não permittiu a entrada no seu navio senão a quatro dos mais notaveis da comitiva e a esses mesmos obrigou a largar as armas. Depois dos primeiros cumprimentos, dos beberetes e dos presentes que se usavam em taes occasiões, elles lhe representaram que para sua commodidade, e por sua segurança, devia entrar para dentro do porto, e accrescentaram, que além dos perigos inevitaveis de uma barra pouco segura, elle por tão extraordinaria conducta se fazia suspeito, e ficaria exposto aos navios que andavam na costa, e que os atacariam como a piratas.

Gama recommendou se expiasse o piloto a fim de que não podesse conversar com estes homens, não obstante elle pôde achar meio de lhes communicar o que se passára em Moçambique, o que tendo-lhes excitado odio, e inspirado os mesmos sentimentos de vingança, e de dissimulação, instaram ainda mais para que a expedição entrasse no porto. Gama para lhes desvanecer toda a desconfiança e ao mesmo passo querendo tomar suas medidas de precaução, lhes prometteu que o faria no dia seguinte, com-

tanto que elles lhe ministrassem um bom piloto; e com esta esperanza os despediu, satisfeitos pelo bem que foram tratados, e pelos presentes que se lhes fizeram.

Vasco da Gama quando partiu de Portugal recebeu a bordo dez homens, que se lhe entregaram em ferros, e que havendo sido sentenciados á morte por seus crimes, podiam ainda esperar o merecer que se lhes perdoasse, conforme, os casos que occorressem, e nos quaes elle rasoa-velmente não podia expor homens mais honrados. Gama devia servir-se d'estes homens nos casos de desconfiança, e por este motivo havia já deixado alguns em sua derrota,

No dia seguinte como alguns mouros de consideração viessem visital-o, e o instassem a que cumprisse a sua palavra, Gama pediu ainda dois dias de espera, sob o pretexto de que era então a Paschoa dos christãos, mas que entretanto passava a enviar dois individuos de distincção para cumprimentarem da sua parte o Rei, e de lhe assegurar que no terceiro dia entraria no porto. Eram dois d'aquelles criminosos, aos quaes havia dado suas instrucções; mas como fossem conduzidos com as mesmas precauções, que se usam nas praças de guerra em tempos suspeitosos, elles não poderam informar senão da quantidade de gente que haviam visto, da belleza do palacio do Rei, e da audiencia que este lhes déra.

Gama resolveu finalmente entrar no porto, e os mouros para o obsequiarem vieram em muitas lanchas, elegantemente empavesados, e em que o numero e a variedade de instrumentos formavam um concerto de musica mourisca, que não era de todo desagradavel: algumas d'estas lanchas se encostaram aos navios, e por mais esforços que se fizeram, entraram n'elles maior numero de homens que aquelle que se desejava. Gama deu ordem de apparellhar, o que causou summo prazer aos mouros, que se persuadiam terem já sua preza entre mãos, mas quando os na-

vios estavam com as vellas largas, a capitania difficultosamente recebia vento, Gama receiando que não podendo ser governada fosse dar sobre uma restinga proxima, fez lançar um pequeno cabo para abordar, e amainar as vellas, e como esta subita manobra se não podesse executar sem grande movimento, e a presença do perigo communicasse mais acção á marinhiagem, os mouros que se achavam dentro dos outros navios, e que ignoravam a causa d'esta inesperada manobra, persuadiram-se que estava descoberta a sua traição, e se precipitaram todos ao mar para se salvarem a nado. Os que se achavam na capitania, e conjunctamente o piloto traidor de Moçambique, auctor occulto d'esta conspiração, seguiram este exemplo. Gama advertido por este acontecimento de sua maquinação, no que mais o confirmaram os esforços que os mouros fizeram mandando de noite homens para picarem as amarras, deu á vella a 13 de Abril para ir procurar um porto mais seguro e uma nação menos perfida; e como encontrasse dois bateis que se dirigiam para Mombaça, elle os tomou, e posto que a maior parte dos mouros que n'elles se achavam se lançassem ao mar, ainda se aprisionaram treze, que sendo interrogados separadamente declararam que se achavam proximos de uma cidade florescente, por nome *Melinde*, cujo Rei protegia em extremo o commercio, acolhia benevolamente os estrangeiros, e que alli acharia Gama pilotos que o conduzissem ás Indias, as provisões que desejasse, e toda a sorte de mercadorias. Em vista de taes informações, Gama não hesitou um momento em se dirigir para alli, e entrou no porto no dia 15 de Abril, Domingo de Paschoa.

Melinde situada n'uma bella planicie, era toda cercada de magnificos jardins. O Rei d'este paiz, possuia todas as boas qualidades que constituem um homem honrado e probo; e tanto que Gama lhe mandou dar parte de sua chegada, por um d'estes criminosos, de que temos fallado,

acompanhado de um dos mouros que ultimamente se haviam aprisionado, elle se lhe mostrou agradecido pela chegada dos portuguezes, e se julgou por muito obsequiado em ser procurado, de tão longe, por um principe poderoso, do qual, pelo que se lhe havia referido, formava uma alta idéa. N'este sentido, teve logar entre a côrte e Gama uma alternada correspondencia de polidez, e de boa fé, que de parte a parte causou satisfação. O Rei, que sua idade, em extremo avançada, fazia estar de cama, havia deixado o cuidado dos mais importantes negocios a um filho legitimo, herdeiro de seus Estados, por suas qualidades digno de um tal pae. Este principe como tivesse igualmente concebido uma verdadeira estima pelos portuguezes, applicava-se a demonstrar-lh'o de todos os modos possiveis; mas querendo atrahir o general a terra, mandou rogar-lhe que não recusasse uma visita a El-Rei seu pae, que mui ardentemente o desejava vêr, e que seus achaques empeciam de sair de sua casa, offerecendo-lhe, ao mesmo tempo, a fim de lhe tirar todo o motivo de desconfiança, os seus dois filhos em refens.

Gama, a quem tantos obsequios punham ainda em maior desconfiança, se desculpou com as terminantes ordens que recebêra de El-Rei e accrescentou, que não obstante, se quizesse fazer-lhe a honra de vir conferenciar a bordo, pela sua parte faria metade do caminho para o ir encontrar. O principe a quem sómente a sinceridade, e a estima faziam obrar, quiz n'esta occasião renunciar ás etiquetas que a sua dignidade requeria, e consentiu no que se lhe propozera. Gama, lisongeado de um passo, que o nivelava com um soberano, deu as convenientes ordens ás guarnições dos navios, fez empavesar a sua lancha, e não omittiu cousa alguma que podesse fazer aquella entrevista o mais solemne possivel. Por outro lado o principe querendo dar-lhe uma idéa de sua grandeza, avançou para o portó sentado sobre

um palanquim, seguido de um numeroso cortejo; no meio das vozes e instrumentos musicos que em torno d'elle formavam um concerto. Gama logo que viu embarcar o principe, desceu para a sua lancha, e quando se aproximaram o principe entrou com toda a franqueza na lancha de Gama, abraçou-o com ternura, e tendo-se restabelecido um pouco do susto que as salvas de artilheria dos navios lhe motivaram, e que por essa razão foram mandadas suspender, teve logar entre elles uma agradavel conversação, durante a qual, o principe visitou todos os navios, a fim de os examinar. Gama pela sua parte, desejou ver a cidade de um ponto mais proximo, mas sem desembarcar. Assim, depois de terem feito juntos muitos giros se separaram, mutuamente satisfeitos um do outro; mas o principe particularmente ficou ainda mais encantado do presente dos treze escravos mouros, que Gama lhe fez, do que de todos os outros que recebera.

Haviam no porto, quando Gama alli chegou, quatro navios das Indias, em que se achavam christãos Indios, alguns Banianos, e um mouro de Gozarate, os quaes mostraram grande alegria, ao verem os portuguezes. Esta não foi menor da parte de Gama que teve toda a liberdade de lhes fallar, e das frequentes conferencias colheu esclarecimentos, e instrucções salutaes, que muito lhe convinha saber.

Pretendem alguns escriptores, que foi n'estas entrevistas de Gama com os indios, que elle aprendeu uma nova maneira de tomar alturas, e de fazer uso da bussola que sem contrariedade são dois pontos tão essenciaes na navegação, que, sem elles, esta se tornaria impossivel nas grandes viagens. Diz-se que tendo-lhes Gama feito ver o seu astrolabio, e o que os mathematicos portuguezes haviam inventado para uso dos pilotos, elles longe de se mostrarem admirados, ao contrario lhe apresentaram cousas

ainda mais perfeitas n'esta materia, que affirmavam serem communs tanto aos arabes, que navegavam no mar Vermelho, como egualmente a todos os que frequentavam o mar das Indias. Que lhe fizeram, em particular, conhecer esta admiravel alliança do iman e do ferro na agulha magnetica, e que Gama, na sua volta para Portugal publicou todos estes conhecimentos; o que seria certamente um dos maiores serviços que Portugal teria pôdido fazer á Europa.

Mas posto que haja quem se persuada que o conhecimento da bussola particularmente possa ter vindo das Indias á Europa, como a imprensa, e a polvora que existiam na China, muitos seculos antes das viagens dos europeus ao Cattai¹ no tempo das Cruzadas, comtudo não consta que fossem os portuguezes os que os transmittissem ás nações européas. Alguns attribuem a sua invenção ao napolitano Flavio Melpha, dois seculos antes das primeiras navegações dos portuguezes.²

Gama não encontrou difficuldade em se abastecer de tudo que necessitava para seguir viagem. Alguns mouros e indios que se achavam em Melinde, mas que eram a ella estranhos, pediram passagem a Gama, e quizeram ir em sua companhia. O principe hereditario lhe permittiu o collocar

¹ Chamava-se assim antigamente a parte septentrional da China que hoje comprehende as tres grandes provincias de Chausi, cuja capital é Sin-Guan Fon, de Chausi, cuja capital é Tay Janen-Fon, de Pe-Tche-Li, cuja capital é Pekin.

² A origem da bussola perde-se na obscuridade dos tempos remotos, e no labyrintho das conjecturas. Uns attribuem como auctor a Flavio de Melpha Napolitano, que vivia no seculo XIII, posto que Guyet de Provins, antigo poeta francez do seculo XIII attesta em uma de suas obras ser instrumento conhecido de seu tempo. Pretendem outros que ella deve sua origem á França. Outros pensam serem os inglezes, que podem disputar essa gloria, ou pelo menos que elles a aperfeçoaram. Outros tem-na como originaria da China. Outros finalmente affirmam que Marco Paulo, ou outros venezianos que iam ás Indias e á China pelo mar Vermelho, foram os que fizeram conhecer esta importante experiencia, cujo uso fôra depois aperfeçoado por differentes pilotos entre os europeus.

alli um pilar com as armas de El-Rei de Portugal, como um testemunho de sua alliança com este monarcha. Deu um habil piloto, indio de nação, e finalmente, por cumulo de sua cortezia, exigiu de Gama a promessa de passar por Melinde na sua volta para Portugal, a fim de estreitar ainda mais os laços de sua amisade, e tomar a seu bordo os embaixadores que pretendia enviar, em seu nome, a El-Rei D. Manoel.

A expedição saiu de Melinde no dia 24 de Abril, e tomando o rumo de Nordeste, atravessou aquelle grande golfo cortando em direitura ao Indostão, e em 20 de Maio de 1498 entrou Vasco da Gama em Calecut, fim d'esta extraordinaria navegação.

Posto que pelo nome generico de Indias Orientaes, se entendam commummente todas essas vastas regiões da grande Asia, que ficam além do mar de Arabia, e do reino da Persia, comtudo as Indias não são mais do que esse grande espaço de terra firme, limitado ao Occidente pelo rio *Indo*, de que todos estes paizes tiraram o nome, o qual os separa, por aquella parte, da *Gedrosia*,¹ da *Caramânia*, da *Persia* e da *Arrhénia*,² provincias que se estendem até ao mar Caspio. Tem, ao Septentrião, os montes Imaús, que são um prolongamento do Cáucaso, e as separam da Scythia e de Tartária ao Oriente, o imperio da China ao meio dia, o mar Oceano, chamado tambem mar das Indias, sobre o qual avançam grandemente as duas vastas peninsulas d'aquem e d'além do Ganges, entre o mar de Arabia, e o da China, onde se acha um archipelago semeado de innumeravel multidão de ilhas sem nome, muitas das quaes

¹ A *Gedrosia* era o nome que antigamente davam a uma provincia asiatica dos Estados da Persia, tendo por limites ao Occidente a *Caramânia*, ao Norte a *Drangiara*, e a *Arakosia*, ao Oriente o rio *Indo*, e ao Sul o mar das Indias.

² *Ariana* parece ser a *Arrhénia* de hoje, paiz d'Armenia.

formam por si só Estados consideraveis. A India porém, considerada de uma maneira mais precisa, e comprehendida entre limites mais apertados, é o que os naturaes do paiz chamam *Indostão*, e contem todo o paiz, comprehendido entre o Indo e o Ganges, ambos os quaes, saindo dos montes Imaús, e correndo de Norte a Sul, vão lançar-se no mar das Indias.

CAPITULO IV

ANNOS DE 1499 E 1500

SUMMARIO

Descreve-se o Indostão.— Quaes os seus principes e a origem d'estes.— Distinguem-se as diferentes castas de seus habitantes.— A que deuses rendem culto e quaes sejam seus livros sagrados.— Como se habilitam os Brahmanes para o sacerdocio.— Sua vida edificante.— Qual a casta dos Naires ou nobres.— Em que se occupam as castas populares, qual a condição das mulheres, e a magnificencia dos templos.— Importancia de Calecut; circumstancias que tornam impraticavel o mar das Indias em certas épocas do anno.— Como se conduz Gama para com o Çamorim, e como se viu obrigado a sair d'alli.— Passa ás Ilhas de Anchedivas, faz concertar alli seus navios, e tendo feito aguada, faz-se á vella para Portugal.— Vae a Melinde, onde recebe um embaixador do Rei.— Nas ilhas de S. Jorge perde um navio sobre um banco de arcia.— Dobra o Cabo da Boa Esperança.— Passa pelas ilhas de Cabo Verde e Açores, e chega a Lisboa.— Sua

entrada solemne na capital.—Obsequios e mercês que El-Rei lhe fez.—Edifica El-Rei D. Manoel, em acção de graças, o mosteiro dos Jeronymos em Belem. — Trata de fazer apromptar uma nova e numerosa frota com destino ás Indias. — Pedro Alvares Cabral é nomeado general em chefe. — Solemne partida d'este porto de Lisboa.—É impellido pelos temporaes para um porto da Costa da America, a que deu o nome de Porto Seguro, e á terra descoberta o de Santa Cruz. — Descripção de seus habitantes. — Faz alli collocar um pilar com as armas de Portugal em signal de posse, e manda para Portugal um navio com esta noticia.— Quatro de seus navios naufragam perto do Cabo da Boa Esperança, e os demais são dispersados por uma violenta tempestade.—É bem recebido em Moçambique e evita uma traição do Rei de Quilôa. — Toca em Melinde onde deixa o embaixador que Gama d'alli levára. — Recibe aqui os maiores obsequios, e junctamente dois pilotos que o conduzem ás Indias.

INDIA

O Indostão foi já quasi todo do imperio do Gram Mogol. No tempo em que os portuguezes o descobriram, estava repartido entre cinco poderosos monarchas, cada um dos quaes tinha muitos reis tributarios. Eram estes os reis de *Cambaia, Delhi, Décau, Narsinga e Calecut*. Este ultimo era conhecido pelo nome de *Çamorim*, que corresponde ao de imperador. Seus Estados eram os mais banhados pelo mar, e se estendiam por todo o Malabar.¹

Estes principes, successores de Porus, eram todos originariamente gentios. A antiga idolatria, e as orgias de

¹ Hoje o nome de Indostão é applicado a toda a península á quem do Ganges, e se acha dividido em cinco Estados principaes, que são os da *Maharats de Pounah*, os de *Behrar*, os de *Nizan do Décau*, os da *Seyks* e os dos *Inglezes*. Estes possuem *Bengala*, parte do *Bahor*, *d'Orixa*, *d'Albahabad*, *Circars*, *Carnat*, e os Estados do *Tipo-o-Sultão*.

Bacho, transmittidas de individuo a individuo, eram ainda a religião dominante entre a maior parte d'elles, e se achava em todo o seu esplendor. Observava-se alli a mesma distincção das castas, ou tribus, de que nos fallaram os antigos geographos e os escriptores que se occuparam das acções de Alexandre o Grande. Entre estas castas, distinctas por nascimento, e eternamente ciosas da superioridade, que conservavam umas sobre outras, as mais consideraveis eram as dos Brahmnes, e as dos Naires ou Nobres.

Os Brahmnes, nascidos do sangue dos antigos Gymnosophistas¹ herdeiros de seu espirito, e de sua doutrina, eram os unicos depositarios da religião de seus antepassados, os oraculos de seus deuses, os interpretes de suas leis, e os unicos que tinham direito ao sacerdocio e ao ministerio dos altares. Elles reconheciam um Ser Supremo, chamado *Parabrôma*, o qual produziu tres deuses superiores a todos os outros, que na opinião dos *Nianiquelos* não formam todos juntos mais do que uma unica Divindade, posto que segundo a idéa commum e popular, sejam tres Seres creados, e subalternos, aos quaes o Ente Supremo delegára tudo. *Bráhma*, o primeiro dos tres é o Deus Creador. Foi d'elle que saíram os Deuses inferiores, e todos os seres visiveis e invisiveis. *Vichmú*, o Deus conservador, e *Rutrem*, o Deus destruidor. Os Brahmanes, em memoria d'estes Deuses, trazem de tiracollo tres cordões unidos, e compostos, cada um de tres fios de differente côr, como testemunho de uma profissão de sua fé, que se presume ser uma idéa corrompida da revelação do mysterio da Trindade, e uma divisa distincta do seu estado, e da sua casta. Estes tres Deuses incarnaram muitas vezes

¹ Antigos philosophos da Ethiopia os quaes andavam quasi nus, e levavam uma vida mui austera, contemplando a natureza.

sob diferentes fórmas, teem alcançado sobre os demonios muitas victorias, as quaes se viam differentemente expressas sob as figuras emblematicas dos idolos, adorados em seus templos.

Além d'estes tres Deuses, ha uma infinidade de outros distribuidos por diversos *Chorcámos* ou Paraizos. Suas idéas sobre as encarnações de seus Deuses tem muita relação com as fabulas da mythologia dos gregos, e suas differentes classes de divindade, ás idéas dos antigos egypcios e dos platonicos, de que Jamblico nos deu uma extensa descripção no seu livro dos *mysterios*. A sua doutrina sobre a Palingenesia ou a reproducção do mundo, e a transmigração das almas, é inteiramente conforme á de Platão, e de Pythágoras. Não ha nada mais extravagante do que a sua religião, sob a apparencia das fabulas em que se acha envolvida. Os principios de sua moral seriam muito bons, se elles fossem observados, e se mesmo a sua religião os não alterasse e os não corrompesse. As suas ceremonias legaes são infinitas, e misturadas de todas as fatuidades da astrologia judiciaria, da magia, e de uma tão minuciosa superstição, que pôde dizer-se ser levada aos ultimos excessos.

O *Védam* é dividido em cinco livros, e contém toda a sua religião, seus mysterios, e preceitos. Elles o tem de uma tradição immemorial. O *Védam* é reputado entre elles, como entre nós o são as santas escripturas, e está escripto em linguagem tão antiquaria, que mui poucos ha entre elles que o entendam. Os commentarios supprem o texto. Fazem d'elle um estudo que fórma quasi a occupação de toda a sua vida. Começam-no desde os seus primeiros usos da rasão, e á medida que progridem na idade, são admittidos a conhecimentos mais sublimes, aos grãos de suas Universidades, e ás differentes ordens de sua jerarchia. Este curso de estudos é ao mesmo tempo um curso de iniciações,

cujas provas constituem um duro noviciado, os quaes se tornam mais rigorosos á medida que se é promovido a gráus elevados; e por consequencia em suas opiniões mais santas. Em geral, a sua vida mui austera, é sujeita a uma infinidade de observancias legaes. Não comem cousa que tivesse vida; passam de esmolos, e prezam-se de uma regularidade extrema; regularidade apparente, que impoñdo a povos nimiamente supersticiosos, os tornam o objecto da veneração dos mesmos, e lhes inspiram tanto orgulho para com sua propria pessoa, e tanto desprezo para com os outros, que ainda o mais miseravel da casta dos Brahmanes se julgaria manchado, se fôra tocado pelos Reis, ou se comesse com elles, se esses Reis não fossem Brahmanes, posto que não tenham difficuldade alguma em se fazerem seus cosinheiros, e servil-os nos ministerios os mais vis.

Nem esta austeridade de vida é a mesma para todos, é differente, conforme as seitas, e os diversos Deuses, que elles fazem profissão de servir mais particularmente. Uns vivem na sociedade, outros passam a vida retirados. Uns são casados, outros professam o celibato. Alguns ha que vivem em numerosas communitades, outros se entranham pela solidão, e entre estes ha differentes ordens de penitentes, cuja vida é tão excessivamente inhumana que se não podem lêr sem horror as crueldades que elles praticam a si proprios.

A segunda casta é a dos Naires, ou dos Nobres, de que ha duas classes que se podem considerar como a sua alta e a sua pequena nobreza. Pertencem á primeira os Rojaes, e os Caimaes, que são pequenos soberanos, ou outras pessoas qualificadas como entre os europeus os duques, marquezes, condes, etc. A pequena nobreza comprehende os Naires puros. Estes fazem profissão das armas, e são educados, desde a idade de sete annos, em academias analo-

gas ás dos nossos antigos cavalleiros europeus. Os rigores que elles alli experimentam são extraordinarios, e se se tornam habéis na arte da guerra, pode dizer-se que a compraram por ensaios terriveis. Não podem servir nos exercitos, nem pegarem em armas, enquanto se lhes não tenha cingido a espada solemnemente, depois de um certo numero de annos, que terminam o curso d'estes penosos ensaios. Elles se exercitam de continuo n'estes ensaios, e este exercicio lhes procura uma tão assombrosa destreza, força, e ligeireza, que se não pode perceber, e tal desprezo da morte, que parece inacreditavel. Aquelles d'entre os Naires chamados os *Affeicoados*, e que ligaram a sua vida, por juramento á de algum principe, são de todos elles os mais perigosos e temiveis. Fieis a seu juramento, não deixam jámais de seguir seu protector á sepultura, mas para o defenderem, não ha perigo a que se não exponham, nem genero de morte que não arrostem. Comtudo elles são extremamente supersticiosos, e feros de sua superstição sem embargo de serem todos elles mendigos, e miseraveis. Por mui longe que appareçam na rua gritam, que se affastem para elles passarem pelo receio de serem manchados, caso que alguem do povo lhes toque. O que se torna mais singular é que muitos d'entre elles, e principalmente os irmãos, teem uma mesma esposa, a qual elles repartem sem ciume. Não transmittem suas heranças, senão aos filhos de suas irmãs, ou de outros seus parentes da parte materna.

As demais castas do povo miudo distinguem-se, como Heródoto nos conta a respeito dos primeiros egypcios, pelas suas profissões: são negociantes, lavradores, guardadores de gado, e mesmo ladrões. A mais miseravel de todas estas castas é a dos *Parias* os quaes comem a carne dos animaes, e que por esse motivo se tornam tão abominaveis, que apenas são olhados como homens.

A condição das mulheres é nas Indias mui penosa pela obrigação que teem de se queimarem sobre o corpo de seus maridos, sob pena de cairem no ultimo desprezo, e de serem obrigadas a prostituirem-se para o serviço dos templos, abominação que a sua religião auctorisa, como igualmente o costume deshumano de se fazerem esmigalhar debaixo das rodas de carros dos idolos, ou de se fazerem morrer barbaramente em honra dos mesmos.

Nada havia que equalasse a magnificencia de seus templos ou pagodes, e a ser verdade o que alguns auctores affirmam, só o portico de um d'estes templos, onde se guardavam as victimas destinadas aos sacrificios, se compunha de setecentas columnas, que equalavam em belleza as do soberbo Panthéon de Roma; pode-se avançar que duas estupendas obras equalam e mesmo excedem os edificios do antigo Egypto. Seus pagodes são mui ricos; seus mosteiros mui numerosos e mui bem fundamentados, seus idolos carregados de joias de um valor incalculavel, de sorte que se formaria uma vantajosa idéa de sua religião, a julga-se simplesmente pela sua opulencia.

Calecut era então a séde do sacerdocio e do imperio, e ao mesmo tempo a cidade mais opulenta d'estes paizes, e ponto geral da reunião de todas as riquezas e preciosidades do Oriente. Viam-se girar no commercio os diamantes e as pedras preciosas das ricas minas do Indostão, as perolas, o ouro, a prata, o ambar, o marfim, a porcelana, os estofos de seda, os de linha estampados, o algodão, o anil, o assucar, as especiarias de toda a sorte, a madeira preciosa, os arômas e geralmente tudo o que pode contribuir para o uso, e para as delicias da vida.

O Indostão é atravessado por uma cadeia de montanhas, que o cortam pelo meio, e terminam no celebre Cabo de Camorim. O que aqui ha de mais maravilhoso, é que n'um mesmo clima, nas mesmas épocas do anno, e n'um espaço

tão pequeno como a espessura d'esta cadeia, as estações são de tal modo reguladas, que os que ficam a Leste d'estas montanhas gosam de um estio mui secco e bello, em quanto que os do poente jazem abysmados n'um inverno, que dura todo o tempo dos nossos calores na Europa. O inverno faz-se menos notavel pelo frio que ahi se sente, do que pelas continuas chuvas, e ventos fortes que tornam os mares das Indias impraticaveis, o que obriga os estrangeiros, que conhecem a sua época, a prevenil-os aproveitando-se da monção para se retirarem para os seus paizes, e forçar os naturaes do paiz a porem seus navios a coberto, trazendo-os para os estaleiros, ou para os arsenaes onde se conservem seguros.

Como fosse em tal época que Gama arribou a estas costas, conheceu-se logo pela dita chegada melhor do que pela fôrma desconhecida de seus navios, que elle vinha de paizes mui remotos, e tinha pouco uso da navegação d'estes mares. Permittiu porém a sua boa fortuna, que á sua chegada aquelles que elle enviou para terra a fim de participarem ao Çamorim o objecto de sua vinda, encontrassem um estrangeiro, que perguntando-lhes em bom castelhano o que vinham alli buscar, se lhes deu depois a conhecer, de tal sorte se lhes affeiçoou, que aos seus bons officios deveu Gama o magnifico acolhimento que recebeu em Calecut.

Era um mouro, natural de Tunes, por nome Monzaida, fallava muito bem o castelhano, havia conhecido os portuguezes em Africa, e posto que seu inimigo pela differença da religião, como em toda a parte se encontram homens de bem que apreciam o verdadeiro merito, Monzaida estimava os portuguezes como guerreiros generosos. Exercia elle então o officio de corretor, ou agente de commercio em Calecut. Conheceu-se que era amigo do outro mouro que Gama mandava na companhia de um dos cri-

minosos que comsigo levára, de maneira que tendo-os desde logo convidado para a sua casa, obsequiou os portuguezes com tanta candura e civilidade, que parece que o ceu quiz de futuro recompensal-o inspirando-lhe a graça da propria conversão.

Havendo primeiramente negociado com o Catual, ministro do Çamorim em Calecut, relativamente ao commercio, e aplanando as difficuldades que se offereceram, fez porver á segurança da pequena frota, fazendo-a entrar no porto, que fica um pouco afastado da cidade; e de tal sorte se conduziu que o Çamorim sentindo lisongead a sua vaidade de vêr uma nação nobre, guerreira, rica e poderosa, vinda das extremidades da terra, solicitar a sua amisade, e pedir-lhe a graça de lhe abrir seus portos, quiz receber Gama na qualidade de embaixador de um dos maiores monarchas do mundo.

Sendo pois necessario que Gama se apresentasse pessoalmente, a desconfiança em que estavam os portuguezes sobre estas costas barbaras, e até então desconhecidas, motivou difficuldades no conselho que se convocára. Paulo da Gama foi o que mais energicamente se oppoz ao desembarque de Vasco da Gama, e tão solidas eram as rasões que com ellas pôde trazer os mais á sua opinião. Mas Gama cortou por sua resolução todos os embaraços, e tendo dado as convenientes ordens a seu irmão para em seu logar exercer as funcções de chefe, e determinando que Nicoláo Coelho, conduzisse as lanchas, e encostando-as sempre á terra o mais que podesse, a fim de que lhe fosse facil a retirada, ordenou a seu irmão, em virtude da sua auctoridade, que ainda quando elle visse cravarem-lhe um punhal no coração, preferisse o serviço de El-Rei ao cuidado de sua vida, que não fizesse o menor movimento para o soccorrer nem salvar, mas que apparelhasse immediatamente, e partisse para Portugal a participar a

El-Rei os detalhes d'esta viagem, e a descoberta das Indias.

O discurso que Gama pronunciou n'esta occasião arrancou lagrimas a toda a sua gente; elle porém conservando sempre seu sangue frio, e certo ar de intrepidez que reanimava a coragem abatida de todos, escolheu doze pessoas para lhe servirem de cortejo, e preparado com seus mais ricos uniformes, entrou nas lanchas, e se dirigiu para terra ao estrepito da artilheria dos navios, e ao som dos tambores, pifanos e trombetas, o que produzia uma especie de pompa que não deixava de tirar todo o seu valor da novidade.

O Catual, que o esperava ao desembarque, acompanhado de duzentos homiẽs, parte para lhe transportar suas bagagens, e parte para formar sua guarda de honra, tendo-o recebido com bastantes demonstrações de amizade, o fez subir para um palanquim, e elle entrou n'outro, seguindo-se dois a dois os portuguezes do cortejo, no meio de uma immensa chusma de povo, que a curiosidade atrahia de todas as partes, e ao qual as figuras, e os vestidos d'estes novos hospedes pareciam tão extravagantes, como os d'estes indios o podiam parecer aos portuguezes.

Era necessario que este cortejo se dirigisse até Panderrane, palacio de recreio, em que então se achava o Camorim, a cinco milhas de Calecut. Atravessou-se esta cidade sem parar, e foi-se dormir a uma pequena povoação que ficava na estrada. No dia seguinte continuou-se a marcha. Havia na estrada dois pagodes ou templos de idolos, onde foi necessario entrar. Os portuguezes, que se persuadiam que todos os indios eram christãos, antigamente convertidos á fé por S. Thomaz, tomaram-n'os por egrejas. Foram confirmados n'esta idéa pelos Brahmanes, que collocados em alla á porta lhes apresentavam suas agnas lustraes,

que elles suppozeram ser agua benta, e com as quaes mui devotamente fizeram em si o signal da cruz. Apresentaram-lhe depois uma pouca de cinza de bosta, que elles mui humildemente pozeram em suas cabeças. Como entrassem para dentro dos templos prostraram-se diante dos idolos. É verdade que as figuras d'este idolos lhes motivaram alguma suspeita, mas ficaram socegados logo que viram um, que muito se parecia com o da Santa Virgem, tendo seu filho ao collo, e como alguns indios tivessem pronunciado o nome de *Marian*, elles se persuadiram que effectivamente era a Virgem *Maria*, e a adoraram com aquella devoção, que foi sempre particular á nação portugueza; entretanto um d'entre elles mais desconfiado que os outros exclamou: «Que elle adorava a Deus, mas que se eram demonios, re-nunciava a esta adoração de muito boa vontade.» Gama que o ouvira, não pôde deixar de rir, mas nem elle, nem os outros, por isso que seu erro muito divertiu os indios, se deram por enganados.

Foi n'um d'estes templos que o irmão do Catual, que se achava n'uma dignidade mais eminente, veio receber o embaixador acompanhado de grande numero de Naires, e de um sequito muito mais luido, e nobre que o primeiro. Gama subiu a outro rico e magnifico palanquim; estava tão contente da sua sorte, que repetidas vezes dizia com prazer: Que estava bem longe de se pensar em Portugal, que a nação viesse receber em tão remotos paizes tantas honras, quantas actualmente recebia em sua pessoa.

D'esta sorte chegou o acompanhamento ao palacio do Rei. Vieram receber o embaixador á entrada os senhores mais qualificados do Estado, e o conduziram atravez de cinco espaçosos pateos, a cujas entradas haviam guardas, que á força de bastonadas procuravam affastar a população, mas era tão vivo o empenho que todos tinham de vêr

os novos hospedes, e tão grande o aperto, que morreram algumas pessoas suffocadas.

A sala da audiencia grande e espaçosa, estava ornada de ricas tapessarias de diversas côres, e o pavimento tapizado de veludo verde: todo o circuito da mesma occupado com assentos dispostos em amphitheatro, e ricamente enfeitados: no fundo da sala havia um sophá ou leito de descanso, no qual estava o Çamorim com a cabeça languidamente reclinada sobre algumas almofadas. Mostrava ser de mediana idade, bella estatura, e de boa presença. Tinha na cabeça uma especie de barrete em fôrma de tiara ou mitra. Uma tunica branca semeada de rosetas de ouro, e que lhe descia até aos joelhos, era todo o seu vestido. Diversos anneis de ouro com pedras de um valor inestimavel ornavam suas mãos. Seus braços e pernas estavam nus, e aformoseados com braceletes guarnecidos de pedraria tão brilhante, que offuscavam a vista. Tinha diante de si dois grandes vasos de ouro, um dos quaes continha o seu betel,¹ que lhe era apresentado por um dos senhores mais qualificados da côrte, o outro estava cheio de agua para elle enxaguar a boca; era do mesmo metal a bacia em que escarrava.

Tanto que o embaixador appareceu á entrada da sala, o grande Brahmane ou pontifice da côrte, ancião respeitavel por sua idade e representação, caminhando para elle, o conduziu até ao meio da sala e o apresentou ao Rei. Depois de Gama e os seus terem feito a saudação ao modo do paiz, segundo se lhes ensinára, o Çamorim os fez sentar. Serviram-se-lhes então algumas fructas, e outros refrescos, que os portuguezes comeram com grande appetite. Durante a comida, ou fosse porque o porte d'estes

¹ Betel, é uma planta, ou especie de trepadeira das Indias cujas folhas os indios mascam sem cessar, por ser fortificante das gengives, e estomacal.

estrangeiros, ou a sua maneira de comer tivesse alguma cousa desagradavel para o Çamorim, que conversava de mansinho com aquelle que lhe apresentava o betel, é certo que elles faziam o objecto d'aquella conversação. Logo que acabaram de comer, os portuguezes pediram de beber, e se lhes serviu agua, porém como quizessem conformar-se com o uso do paiz, bebendo sem tocar o vaso com os beiços pelo receio de se mancharem; este modo de beber, que lhes era tão estranho, sortiu tão mau effeito, que com isso ministraram aos circumstantes um novo motivo de divertimento.

O Çamorim logo que terminou o refresco mandou dizer a Vasco da Gama que podia communicar a sua mensagem a alguns d'aquelles senhores, que estavam em torno d'elle. Gama persuadido de que d'esta sorte era menos cabada a dignidade de El-Rei, respondeu que os Reis não communicavam senão com os Reis, e com os ministros d'estes, e na presença de poucas pessoas. O Çamorim teve a complacencia de condescender com os desejos do embaixador, e o fez passar para uma camara proxima, onde elle mesmo se apresenton com alguns de seus principaes officiaes.

Leu-se então alli a carta de El-Rei de Portugal. Gama pronunciou um discurso concebido quasi nos mesmos termos. O Çamorim respondeu a tudo com bondade, e em termos curtos e precisos, que davam a entender que estimava a alliança de um principe, que o prevenira de uma maneira tão agradavel, e testemunhou estar prompto a promover o seu commercio, logo que se lhe fizesse saber que mercadorias se traziam, e que generos se desejavam do seu paiz. Depois do que tendo perguntado ao embaixador com que gente desejava ficar, se com os mouros, ou christãos (porque assim chamava aos indios gentios, que Gama qualificava de christão) o fez conduzir a Calecut, aonde foi tratado magnificamente.

Até alli tudo havia caminhado o melhor possível; duas cousas porém destruíram as bellas esperanças que Gama entretinha de um bom exito, a primeira foi a impossibilidade em que se achou de offerecer presentes a um príncipe tão poderoso, pois o que mandára era tão insignificante que fôra regeitado com desprezo. Qualquer raridade da Europa teria sido sufficiente; mas a côrte de Portugal não teve cuidado de a obter. Gama se desculpou o melhor que pôde, allegando: «Que havia quasi um seculo «que os portuguezes procuravam um caminho para chegar á côrte do Imperador das Indias: Que todos os capitães que até então se haviam enviado para esse fim, «voltaram desesperados de fazer tal descoberta: que elle «proprio partira na incerteza de poder acertar melhor; e «que não chegára até alli senão depois de ter supportado «trabalhos incriveis. Que a amizade de El-Rei de Portugal «valia mais que todos os presentes da terra, e que se «presentes era o que se desejava, na sua volta ás Indias os «faria tão valiosos que por elles saberiam avaliar o monarca, a que tinha a honra de pertencer.» Taes rasões eram verdadeiras e legitimas, porém era desagradavel não haver que dar mais que bellas palavras n'um paiz interesseiro, onde os embaixadores nunca se apresentavam aos Reis e a seus ministros com as mãos vasias.

A segunda causa porém do mau resultado dos negocios dos portuguezes em Calecut, foi a intriga forjada pelos mahometanos, e n'esta cabala entrou mais a intriga do que a differença da religião. Elles faziam um grande commercio em Calecut, onde concorriam da Costa de Africa e da Arabia, e eram os unicos depositarios das riquezas das Indias, as quaes a Europa recebia d'elles em primeira mão. Vendo pois que os portuguezes se dirigiam para alli, temeram com rasão, que lhes viesse a ser roubado este commercio, e como tal motivo excitasse o seu ciueme, re-

solyeram perdel-os, e de maneira que nem um só d'aquelles portuguezes podesse voltar a dar ao seu paiz a fatal noticia da descoberta das Indias.

O dinheiro que derramaram abundantemente lhes adquiriu a vontade do Catual e dos principaes ministros, e mudou consequentemente o favor d'estes para com os recém-chegados, que por sua pobreza estayam já algum tanto desacreditados; elles chegaram mesmo a dirigirem requerimentos ao Çamorim, em que representavam os portuguezes como piratas miseraveis, sem fé e sem honra, que em sua derrota haviam deixado por toda a parte signaes de crueldade e perfidia, de que era um testemunho o que tinham praticado em Moçambique e Mombaça; e accrescentavam, que se fosse veridico serem subditos de um poderoso monarcha, convinha antes oppôr-se aos projectos de um povo orgulhoso, que a ambição e o desejo de conquistar traziam desde o fim do mundo áquellas paragens, do que favorecel-o com prejuizo dos musulmanos, que desde tempo immemoravel commerciavam n'estes paizes na boa paz, e de uma maneira tão proficua ao Estado, que só os direitos de entrada, que elles pagavam, faziam o principal rendimento do monarcha.

Estas rasões que não deixavam de ser secretamente apoiadas, como fizessem impressão, Gama pôde facilmente perceber a mudança da côrte a seu respeito, e advertido por Monzaide, que não quiz entrar no conloio dos de sua seita, elle se considerou de repente n'um dos maiores perigos, em que jámais se havia visto, e previu desde logo todas as consequencias que poderia trazer esta occulta conjuração. Attento a tudo, fez dar aviso a seus navios de estarem acutelados. Conseguiu depois fallar ao Çamorim, e fazer valer a justiça de sua causa. Tendo deixado depois em terra alguns refens, e suas bagagens, se retirou com Monzaide, o qual não se julgando mais em segurança en-

tre os seus, quiz seguir a sorte dos portuguezes a quem sempre havia sido fiel. Então Gama um pouco mais livre, com as represalias feitas a proposito, e alguns indios aprisionados, se viu na situação de reclamar os refens e as bagagens que fôra obrigado a deixar em terra, e alcançou finalmente uma carta do Çamorim para El-Rei D. Manoel, em que este principe dizia: «Que se honrava muito com a «alliança que El-Rei de Portugal queria contrahir com elle: «justificava um pouco a sua conducta, relativamente á equi- «vocação de seus ministros com os portuguezes: permit- «tia a liberdade do commercio, comtanto que este se fi- «zesse sem violencia, e sem prejuizo das outras nações, «que haviam sido as primeiras, e ás quaes elle tinha for- «tes rasões para proteger.»

Gama satisfeito com esta pequena vantagem saiu de Calicut, e descobriu a Ilha Anchediva, e os Ilheus de Santa Maria, assim denominados pelo padrão que alli se collocou: demorou-se alguns dias n'esta ilha, e levantou ferro em 5 de Outubro de 1498, e experimentando grandes calmarias, sómente chegou a Magadaxo a 2 de Fevereiro de 1499, e a 7 do mesmo mez e anno surgiu em Melinde, aonde recebeu um embaixador, que o Rei lhe rogára de conduzir a Portugal. Tocou na Ilha de Zanzibar e nas de S. Jorge, perto de Moçambique, onde perdeu o navio S. Raphael sobre um banco de arêa. Dobrou o cabo da Boa Esperança em 20 de Março, e continuando sua derrota pelas ilhas de Cabo Verde e Terceira (aonde ficou sepultado Paulo da Gama) entrou em Lisboa em 29 de Julho (alguns historiadores dizem Agosto) do citado anno de 1499, sendo o tempo da viagem e ausencia d'esta companhia de heroes dois annos e vinte e um dias, chegando vivos sómente 55 homens.

El-Rei D. Manoel que havia sido informado das circumstancias d'esta viagem por Nicolão Coelho, que uma tem-

pestade separára de Vasco da Gama nas ilhas de Cabo Verde, e que entrára no Tejo em 10 de Julho, enviou os primeiros senhores da sua côrte a cumprimentarem da sua parte o feliz argonauta, e ordenou que a entrada do heroe em Lisboa fosse publica e solemne, havendo jogos, illuminações, fogos de artificios, e todas as outras demonstrações de regosijo usadas n'aquelles tempos de saudosa memoria.

El-Rei despachou Vasco da Gama almirante do mar das Indias com o tratamento de Dom, e permissão de poder usar no escudo de suas armas uma parte do da corôa, e pouco depois lhe fez a mercê do titulo de conde da Vidigueira. Os companheiros de Gama que chegaram a Lisboa, foram recompensados generosamente, e as familias dos fallecidos tiveram pensões; d'este modo todos os que tomaram parte na expedição mereceram a regia contemplação.

Com a chegada de Vasco da Gama, que atravessando os mares nunca d'antes navegados, fez vêr ás mais remotas regiões da Asia as nossas vencedoras Quinas, augmentou a gloria de Portugal, e o nome de El-Rei D. Manoel se pronunciava com respeito em todo o mundo. Este grande monarcha querendo eternisar a memoria do descobrimento das Indias, depois de ter ordenado em todo o reino solemnes acções de graças ao Altissimo, mandou edificar no mesmo logar em que existia a pequena ermida, que fôra do Infante D. Henrique, um sumptuoso templo em honra da Mãe de Deus, e lhe addicionou um mosteiro de Jeronymos para o servirem. Dotou este mosteiro com grandes rendas sob condição dos monges receberem e doutrinarem todos os maritimos, que alli se quizessem confessar e commungar. Quiz que este logar tivesse o nome de Belem, e como o Infante D. Henrique fôra o primeiro motor nas viagens e descobertas dos portuguezes, lhe fez

levantar uma estatua no logar mais eminente da parte superior da porta principal da egreja, e augmentou as rendas dos antigos estabelecimentos pios instituidos pelo Infante.

El-Rei accrescentou depois da descoberta das Indias o seu dictado, denominando-se: REI DE PORTUGAL E DOS ALGARVES, D'AQUEM E D'ALÉM MAR EM AFRICA, SENHOR DE GUINÉ E DA CONQUISTA, NAVEGAÇÃO E COMMERCIO DA ETHIOPIA, ARABIA, PERSIA E INDIA ETC. Com elle se acham lavradós documentos posteriores a Agosto de 1499, e n'esse mesmo anno mandou lavar os portuguezes de ouro com a legenda:

EMMANUEL REX PORTUGALLE, ALGARBIIORUM CITRA ET ULTRA IN AFRICA, ET DOMINUS GUINE.

E ao redor das armas :

CONQUISTA, NAVEGAÇÃO, COMMERCIO, AETHIOPIE, ARABIE, PERSIE, INDIE.

Portugal ia reunir o commercio das tres maiores partes da terra, Africa, Asia e America. El-Rei animado mais do que nunca por uma perspectiva tão lisongeira, estimando em pouco o esgotamento de suas finanças, os infinitos perigos d'estas longas viagens, a perda de tantos navios, e de um tão crescido numero de seus subditos, que pereciam n'estas navegações, pèrdas que suppunha deverem ceder ás vantagens que a religião e o Estado podiam colher, não se contentou em mandar alguns navios para as Indias, mas equipou numerosas frotas, pondo-as em estado de poderem dar a lei por toda a parte, onde se apresentassem.

1500— A primeira expedição que se promptificou depois da chegada de Vasco da Gama, constava de 13 navios, com 1:500 homens de desembarque além das respectivas guarnições e tripulações, sendo commandante em chefe Pedro Alvares Cabral, e segundo commandante Sancho de Tovar.

Cabral, segundo as ordens de El-Rei, devia em sua derrota tocar na costa de Çofala, a fim de se informar de seu commercio, visitar os Reis da costa de Zanguebar, e particularmente de Melinde, ao qual deveria restituir o embaixador que Gama d'alli trouxera á Europa, procurar obter a alliança d'este principe, estabelecer, se fosse possível, sobre a costa alguns fortes que podessem servir de escala, e de depositos para as viagens que se fizessem para as Indias, seguir depois em direitura a Calecut, e não omitir diligencia alguma para obrigar o Çamorim, por meios brandos, a consentir no estabelecimento de uma feitoria portugueza na sua capital, a qual podesse alli tornar permanente o commercio, e manter a boa correspondencia, que era de desejar se promovesse entre as duas nações; e para insinuar secretamente ao mesmo Çamorim o desembaraçar-se dos mouros, fazendo-lhe vêr que maiores vantagens tiraria de Portugal em relação áquellas, que podia esperar de qualquer outra nação. Finalmente devia procurar obter permissão de cinco religiosos franciscanos portuguezes prégarem o Evangelho em seus Estados. Na hypothese porém que o Çamorim se mostrasse indocil a estas proposições, Cabral deveria declarar-lhe abertamente a guerra, e vingar por todos os meios, que estivessem ao seu alcance, os maus procedimentos que elle usára para com Vasco da Gama.

Antes da partida da esquadra, El-Rei conduziu Cabral e toda a sua gente em procissão, até á ermida de Belem, indo Cabral sempre ao lado de El-Rei. O bispo de Vizeu

officiou, fez uma eloquente pratica, e benzeu depois a bandeira em que estavam as armas portuguezas, que El-Rei depositou nas mãos de Cabral. Terminada a cerimonia, El-Rei conduziu os novos argonautas até ao porto, e não se retirou a palacio, senão depois de ter assistido a seu embarque, que se effeituou ao estrepito de artilheria dos navios e das acclamações de todo o povo.

A esquadra saiu do Tejo no dia 9 de Março. A viagem foi feliz até ás ilhas de Cabo Verde, onde chegaram no decimo terceiro dia. Dois dias depois notou Cabral que faltava um navio, que mais tarde soube naufragára, esperou por elle dois dias, no fim dos quaes proseguiu sua derrota. Querendo evitar as calmarias de Guiné de tal sorte se fez ao largo, que a 22 de Abril avistou uma terra desconhecida, e n'esse dia surgiu cousa de 6 leguas da terra. No dia 23 navegou e lançou ancora em frente de um pequeno rio, sendo o porto tão bello que Cabral o denominou *Porto Seguro*, depois de ter posto o nome de *Santa Cruz* á terra continental a que abor-dára. Este nome foi depois mudado no de *Brazil*, que era o de uma madeira de que o paiz muito abundava, hoje tão conhecida, como são os povos antigos habitantes do mesmo paiz.

Cabral, tendo mandado a terra seus *descobridores*, em consequencia das informações que deram de que o terreno parecia ser fertil, regado por bellos rios, coberto de arvores fructiferas de varias especies, e habitado por homens, e animaes, resolveu desembarcar para refrescar a sua gente, e tomar desde logo posse d'este paiz em nome de El-Rei de Portugal.

Os selvagens, habitantes d'este novo territorio, fugiram para os bosques, porém sendo alguns agarrados, as caricias com que foram tratados, e os presentes que se lhes fizeram, serviram para domar os outros, de sorte que em

mui pouco tempo se familiarisaram, e trouxeram á esquadra fructos do paiz, que trocaram por objectos de insignificante valor.

Estes selvagens andavam inteiramente nus, e pintados desde as pontas dos pés até á cabeça de uma côr avermelhada, pintura que renovavam diariamente, e á qual accrescentavam muitos ornatos de diferentes figuras. Os homens rapavam a parte anterior, e o alto da cabeça, e cortavam os cabellos por baixo das orelhas de uma maneira semelhante ás corôas dos frades. Furavam as orelhas, o nariz, os beiços e as faces em que mettiam pedaços de conchas de marisco, arredondadas, o que os tornava horriveis. Os outros ornamentos consistiam n'alguns tecidos de pennas, collares e braceletes compostos de muitos bocados de osso mui brancos e polidos, ou de fructos seccos, que pelo contacto de uns com os outros soavam como chocallios, elles eram pela maior parte altos e bem feitos, affaveis, ageis, astutos, e unicamente occupados da caça, da pesca e da guerra. Suas armas eram arco, flecha, uma especie de broquel, e a maça. Serviam-se de pirogas ou longos bateis feitos de troncos de arvores vasados e capazes de conter até sessenta pessoas. As mulheres traziam soltos seus longos azevichados cabellos, ou divididos em duas tranças pendentes. Ellas é que tinham a seu cargo o tracto domestico; semeavam a raiz da mandioca, de que faziam farinha de pau. Defumavam as carnes, e preparavam egualmente as bebidas embriagantes de que se serviam em seus banquetes. As cabanas d'estes selvagens eram longas e despidas de todo o ornato, as macas onde dormiam, e alguns vasos de barro faziam toda a sua riqueza. Dos seus costumes o que mais espantou os portuguezes foi saberem que os maridos se mettiam na cama em seguida ao parto de suas mulheres; os proprios selvagens não souberam dar a rasão d'esta extravagancia: tinham mais o uso de comê-

rem festivamente seus inimigos depois de os matarem ás caxeiradas, e seccavam os corpos de seus parentes mortos, e em certos dias pisavam e bebiam as cinzas misturadas com as bebidas espirituosas.

Cabral observando este povo, em que não notava o menor indicio de religião, lei, ou governo, teve d'elle compaixão, e deu as mais terminantes ordens para que fosse tractado com docilidade.

A 26 de Abril, domingo, oitava da paschoa, fez Cabral que houvesse missa, e pregação em terra, a que assistiu com a gente da armada, e muitos dos naturaes, que fizeram grandes festas e folias ao seu modo: e para esta solemnidade mandou levantar na praia uma grande cruz de madeira.

Estando aqui alguns dias, em que a armada se proveu de agua e lenha, despachou Cabral um dos seus navios, capitão Gaspar de Lemos, em que mandou embarcar um dos naturaes do paiz, para vir trazer a El-Rei a noticia d'aquelle novo descobrimento, e pondo em terra dois homens, que no reino tinham sido condemnados á morte, e que levava para exploradores, seguiu viagem para a India a 2 de Maio.

No Cabo da Boa Esperança soffreu a armada subito e horrivel temporal, perdendo-se logo quatro náos, uma das quaes era commandada pelo illustre Bartholomeu Dias, que descobrira e dobrára o mesmo cabo, e n'aquelles mares ficou sepultado, verificando-se á risca a profetica ameaça do fero Adamastor, quando disse:

Aqui espero tomar, se não me engano,

De quem me descobriu summa vingança.

Nova tempestade fez dispersar a esquadra, a qual reduzida a metade das embarcações, conseguiu a final passar

o terrível Cabo da Boa Esperança, e se dirigiu a Moçambique, aonde o temor que inspirou sua chegada fez que Cabral fosse mais bem tractado que Vasco da Gama. Este mesmo temor tornou mais circumspecto Ibrahim Rei de Quilôa, com o qual Cabral conferenciou a bordo da Capitania, da mesma fôrma que Gama praticára com o filho do Rei de Melinde; comtudo o receio não fez perder a Ibrahim o desejo de occultamente urdir uma traição. Além de não terem escapado ao general as intenções do Rei perfido, elle foi avisado por um irmão do Rei de Melinde, que então se achava em Quilôa. Por grande que fosse o desejo que Cabral tivesse de castigar o perfido, julgou mais vantajoso aos interesses de El-Rei passar adiante seguindo viagem até Melinde, cujo Rei fiel á alliança que havia contraído com Portugal, de tal sorte se transportou de alegria por tornar a vêr os portuguezes, e o seu embaixador, que elles lhe reconduziam com valiosos presentes, que depois de ter enchido Cabral de obsequios e de o ter provido de refrescos e viveres de toda a especie, lhe ministrou dois pilotos Guzarates com os quaes Cabral dando á vella, chegou em pouco tempo ás Ilhas Anchedivas depois d'uma feliz navegação.

CAPITULO V

ANNOS DE 1500 A 1503

SUMMARIO

Cabral chega a Calecut; é mandado cumprimentar pelo Çamorim; exige uma audiencia que lhe não é denegada. — Intenções sinistras do Çamorim contra os portuguezes, suscitadas pelos mouros poderosos alli residentes. — Amotina-se a populaça e massacra os portuguezes. — Vingança de Cabral. — Este parte para Cochim. — A reputação dos portuguezes retumba por todo o Indostão. — Solicitam a sua alliança todos os principes malabares descontentes do Çamorim. — Recebe em Cananor um embaixador d'este paiz para El-Rei de Portugal. — Na sua volta para Lisboa descobre a costa de Çofala. — Envia El-Rei a João da Nova com alguns navios, para reforçar Alvares Cabral a quem não encontra. — Descobre a ilha de Ascensão, e a da Conceição; toma dois navios do Çamorim; e que destino lhes dá. — Poderosa armada que o Çamorim trata de oppôr a Cabral, a qual na ausencia d'este, é destroçada por João da Nova, e o Çamo-

rim é obrigado a solicitar a paz. — Novos artificios d'este para surprehender João da Nova. — Este volta á Europa e descobre a ilha de Santa Helena. — Expede El-Rei a Gonçalo Coelho para a America com seis navios, dos quaes somente dois arribam á costa do Brazil. — Emulação que em todo o reino causam as faganhas ultramarinas dos portuguezes. — Gaspar Corte Real, tenta investigar o ultimo termo da America Septentrional, e descobrir caminho para a India pelo polo artico. — Descobre a Ilha da Terra Nova, volta a Portugal, torna a repetir a viagem e morre. — Tem igual sorte um de seus irmãos, que se propunha ir encontrar-o. — Faz El-Rei novo armamento, de que é nomeado almirante Vasco da Gama. — Este estabelece feitorias na costa de Zanguibar, em Çofala e Moçambique, vae fundear em Quilôa, faz o Rei d'este paiz tributario á corôa de Portugal. — Saindo d'aqui, toma um navio egypcio, que entrega ás chammas. — Arriba a Cananor, onde é magnificamente recebido pelo Rei d'este paiz. — Parte para Calecut. — O almirante faz proposições ao Çamorim, as quaes não são aceitas. — Vingança do almirante, que depois parte para Cochim. — Traição aqui trama da pelo Çamorim contra a vida do almirante, e de que maneira este se livra. — Recebe Gama embaixadores de Cananor e de Mangalôr, que solicitam a sua alliança. — Pretende o Çamorim surprehendê-lo por intervenção do Rei de Cochim, fidelidade d'este príncipe para com o almirante. — Este desbarata completamente uma numerosa frota do Çamorim, que accomette nas aguas de Pandarana. — Conclue tratados de alliança offensiva e defensiva com os Reis de Cochim e de Cananor, e volta á Europa, fazendo escala por Moçambique. — Chega a Lisboa, e faz sua entrada triumphante na capital.

O Çamorim logo que teve noticia da chegada da expedição, mandou ao longe cumprimentar o chefe, offerecendo-lhe o que d'elle dependesse para a segurança do com-

mercio, e testemunhando-lhe sua extrema alegria, pelo vêr chegar a seus Estados; Cabral pediu uma audiencia, porém logo declarou mui positivamente que não poria pé em terra, emquanto o mesmo Çamorim lhe não entregasse taes refens que podessem responder por sua fidelidade, e que estes refens deveriam ser o proprio Catual, e os ministros em que elle tivesse maior confiança.

Esta proposição assombrou o Çamorim, mas, ou por medo, ou porque tivesse desde logo resolvido oppôr á audiencia pedida as maiores difficuldades, a fim de attrahir os portuguezes a seus laços, elle cedeu depois de alguns dias de contestações sobre este objecto, e os refens foram entregues a Cabral.

A audiencia foi das mais apparatusas. Cabral compareceu com toda a magnificencia, e os presentes que fez em nome de El-Rei D. Manoel, eram dignos do monarcha que os offerecia. O Çamorim, que queria honrar o embaixador, estava carregado de diamantes e pedras preciosas e acompanhado da mais brilhante côrte. As honras que se fizeram ao embaixador eram sem exemplo, e nada recusou de quanto fôra proposto. O Çamorim concedeu ao embaixador uma casa, que se podia chamar uma habitação real, de que lhe fez completa doação. Foi-lhe permittido arvorar n'ella a bandeira portugueza, e tornal-a um logar de immuniidade. André Corrêa, acceito como commissario, ou consul da nação, desde logo tomou tranquillamente a posse, e começou a estabelecer seus armazens.

Estes principios eram em extremo bellos, para que deixassem de se tornar suspeitos. O que acntecera a Vasco da Gama, as frequentes tentativas que os individuos detidos em refens fizeram para se evadirem, e muitas outras circumstancias deviam obrigar os portuguezes, a estarem sempre alerta. Cabral era d'esta opinião; porém como a demasiada ingenuidade e boa fé de André Corrêa tivesse

desvanecido suas suspeitas, elle se deixou guiar pelos conselhos d'este homem.

Tinham os mouros em Calecut dois individuos da mesma nação e seita, encarregados de vigiarem seus interesses commerciaes. Um d'elles por nome Coje-Béqui governava sobre as caravanas de terra, e outro que se chamava Coje-Cemeri era o que dirigia os negocios maritimos. Estes dois homens não viviam entre si na melhor harmonia. Coje-Béqui affeiçãoou-se aos portuguezes, e tão firme foi a sua affeição, que de futuro motivou a sua perdição. Coje-Cemeri não deixou de se lhes inclinar igualmente, mas como dissimulado, e traidor, e tendo mais astucia que seu companheiro, permittiu a infelicidade de Corrêa, que desprezando os conselhos do Coje-Béqui, fosse entregar-se inteiramente ao rival d'este, o qual abusando da influencia que pouco a pouco ganhava sobre seu animo, o fez cair, durante o espaço de tres mezes, em todos os laços que se lhe armaram.

O principal empenho d'este perfido era promover que Corrêa commettesse faltas, que recahindo sobre os portuguezes tornassem estes odiosos aos indios, e o conseguiu perfeitamente. Corrêa em virtude d'este occulto manejo capturou um grande navio, que transportava sete elephantes por conta dos indios, e que Coje-Cemeri lhe fizera acreditar pertencerem a mouros contrabandistas, por uma suspeita só filha de sua invenção. O Çamorim que em tudo ia de convivencia com os mouros, teve o prazer de observar este spectaculo e de colher d'elle toda a vantagem. Coje-Cemeri ainda fez mais, induziu Corrêa a capturar outro navio mesmo dentro do porto, sob a falsa supposição de que a carregação era contrabando dos mouros. Os portuguezes tomando o navio, acharam que não tinha senão generos do paiz carregados por conta dos indios.

Entretanto Coje-Cemeri, que solapadamente fazia diffe-

rente figura, amotina a população e consegue que quatro mil homens armados accommettam a habitação dos portuguezes, arrombem as portas, saqueiem, e finalmente ponham tudo a fogo e sangue, antes que se podesse passar aviso ás embarcações. De setenta portuguezes, que estavam em terra, morreram cincoenta, entrando n'este numero o proprio Corrêa; os restantes com muita difficuldade puderam escapar-se para a praia, onde foram recebidos pelas lanchas que, ao primeiro ruido que se ouvira, se enviaram dos navios, estando quasi todos feridos, e acabrunhados da fadiga pelos esforços que haviam feito por se defenderem.

Cabral pediu satisfação ao Çamorim, e sendo-lhe esta negada fez apparellhar para atacar treze grandes navios de mouros, que estavam surtos no porto, e rompendo sobre elles um fogo terrivel de artilheria pôe fogo a uns, captura outros, mettendo em ferros todos os homens que escaparam ao naufragio ou ás chammas; e a fim de que os mouros não fossem os unicos castigados pelas traições que urdiram contra os portuguezes, bombardeou por dois dias successivos tão terrivelmente a cidade, que tendo demolido muitas casas e feito morrer mais de seiscentas pessoas obrigou o Çamorim a fugir para o campo atterrado de ter visto cair a seu lado um de seus principaes favoritos, morto de um tiro de canhão.

Depois d'este acontecimento Cabral deu á vella para Cochim, trinta e seis leguas para o meio dia além de Calecut. Esta cidade, situada sobre a foz do Mangat que a cêrca, era a capital de um pequeno estado, tributario do Çamorim,¹ cujo Rei, homem de tino, mas sempre receioso da

¹ Cochim cidade do Indostão sobre a costa de Malabar no paiz chamado Travancor, foi tomada á corôa de Portugal pelos hollandezes durante a dominação hespanhola na guerra que elles então moveram á Hespanha. Os inglezes a conquistaram aos hollandezes. Sua população é de 18:000 habitantes, e o commercio pimenta preta, e canella.

visinhança de um príncipe mui poderoso, estando escandalizado do damno que aquelle causára ao commercio de seus subditos, aceitou a alliança de El-Rei de Portugal.

A fama dos portuguezes havia voado pelo Indostão, e todos os príncipes malabares, descontentes do Çamorim, pensavam em poderem ser auxiliados por elles, em caso de necessidade. Cabral não podia imaginar que houvesse na India disposições tão favoraveis a seu respeito, ao contrario, olhando os indios do mesmo modo, de todos desconfiava egualmente. Por isso não quiz tractar com Trimumpára Rei de Cochim, senão por intervenção de um jogue,¹ que fr. Henrique convertêra á fê. Tão facil lhe foi o negociar com este príncipe, que fez um tratado assaz vantajoso a Portugal.

Estando Cabral a ponto de levantar ferro para se dirigir a Lisboa foi novamente solicitado pelos Reis de Culan e Cananor² para ir a estas cidades. Cabral foi só a Cananor, e sendo alli acolhido com todas as demonstrações de boa fê, recebeu a bordo um embaixador que o Rei de Cananor (á imitação do Rei de Cochim) enviava a El-Rei D. Manoel, depois do que saindo a expedição em direitura a Melinde, Cabo da Boa Esperança, ilhas de Cabo Verde e Açores, entrou em Lisboa no dia 23 de Junho de 1501, aonde foi recebida com os maiores applausos.

O ardor que El-Rei D. Manoel mostrava, pelo feliz resultado dos negocios das Indias, não lhe permittiu esperar noticias de Cabral, e antes da chegada d'este illustre portuguez a Lisboa, fez partir quatro navios para o reforça-

¹ Jogues são uma especie de ermitas ou anachoretas indios que peregrinam por penitencia.

² Culan e Cananor estão situadas na costa do Malabar. A segunda d'estas cidades foi tomada pelos hollandezes em 1654. O seu vasto e seguro porto a fez antigamente notavel por seu commercio: hoje porém não é mais do que uma insignificante povoação, cujo solo abunda em pimenta, etc. Pertence actualmente aos inglezes.

rem, sob o commando de João da Nova, e tendo n'essa occasião noticia da descoberta do Brazil pelo navio que Cabral d'alli lhes despachára, fez outro armamento de seis vasos ás ordens de Gonçalo Coêlho, a fim de se tomar posse d'aquelle paiz.

João da Nova, fidalgo hespanhol, natural da Galiza, homem de habilidade e resolução, commandante dos quatro navios destinados ás Indias, saiu de Lisboa em 5 de Março de 1501: não encontrou Cabral, porém em sua viagem obteve vantagens de transcendencia. Descobriu a Ilha de Ascensão a 20° e meio austr., a cousa de 120 leguas da costa do Brazil, e outra que se ficou chamando *Ilha de João da Nova* ao Oriente da Africa. (Barros 1, 5, 10, edição de 1528, diz que João da Nova, passados 8° além da linha para o sul, achára uma ilha a que pozera o nome de *Concepção*.)

Chegando a Melinde, teve ali noticia da má fê, com que o Çamorim ultimamente se conduzira para com os portuguezes, o que o obrigou a considerá-lo como inimigo; deu caça a dois de seus navios, capturou um, e queimou o outro; e dirigindo-se depois para Cananor, alli chegou mui opportunamente, para arranjar seus negocios commerciaes e adquirir gloria.

A politica dos negociantes mouros de Calecut, como tivesse por objecto desgostar os portuguezes do commercio de um paiz tão remoto do seu, era o seu principal cuidado embaraçal-os de fazerem as suas carregações. Já o haviam conseguido pelos artificios empregados para com André Corrêa, e pelo tumulto que fôra consequencia dos mesmos. A alliança que os portuguezes haviam contrahido com os Reis de Cochim e de Cananor lhes servia de obstaculo, e por isso estavam na firme resolução de a perturbarem de todas as maneiras possíveis. Quando Cabral se achava ainda em Cochim concertaram-se com Çamorim, para pô-

rem no mar uma frota de sessenta vellas, entre as quaes havia umas cincoenta de grande porte. Cabral saindo de Cochim, não pôde combatel-as porque navegavam mui proximo de terra, e elle estava já muito ao largo, de sorte que continuou sua viagem sem parar. Esta retirada foi para elles uma supposta victoria e de tal sorte excitou sua coragem, que resolveram ir a Cananor; chegaram muito tarde para encontrar Cabral, que já havia seguido viagem para a Europa, mas muito cedo para poderem servir de obstaculo a João da Nova que alli havia chegado, logo depois da partida do primeiro, e se preparava já para voltar a Portugal. João da Nova advertido pelo Rei de Cananor, ácerca da chegada da frota do Çamorim adoptou as necessarias medidas de precaução. Effectivamente appareceram mais de cem vellas, as quaes tomaram a entrada do porto. João da Nova era demasiado bravo, não perdeu o animo, e tendo disposto seus vasos, de fórma que não podesse ser investido, bateu durante um dia a frota inimiga com tal impetuosidade, que tendo mettido a pique dezenove vellas, e posto mais de quatrocentos homens fóra do combate, obrigou os inimigos a içarem a bandeira de paz, e a voltarem para Calecut, onde levaram a desolação juntamente com a vergonha de sua derrota.

Tentou ainda o Çamorim surprehender João da Nova por meio de proposições artificiosas, mas sendo este advertido por Coje-Béqui, e por um prisioneiro portuguez, que escapára ao massacre de Calecut, nem mesmo se dignou responder áquelle dissimulado e fraudulento principe; tendo partido para a Europa, em 1502, descobriu a Ilha de Santa Helena (tão famosa nos nossos dias) a 16° , ou $16\frac{2}{3}$ de lat. austr., a 450 leguas do Cabo Negro em Africa, e a 750 do Cabo de Santo Agostinho, ponto mais oriental do Brazil, segundo Malte Brun. Esta ilha que hoje pertence aos inglezes, é tão excellente pela salubridade das

suas aguas, e do seu clima, e tão fertil, que parece ter sido creada pela natureza para commodidade d'estas longas viagens.

Gonçalo Coelho saiu de Lisboa em direitura ao Brazil com os seis navios do seu commando; um furioso temporal lhe metteu a pique quatro, e os dois restantes effectivamente chegaram a seu destino, e regressaram carregados de varios generos, macacos e papagaios. Este paiz, que n'estes tempos parecia miseravel, veio depois a ser a mais importante possessão de Portugal.¹

As honras que El-Rei D. Manoel fazia aos que voltavam de suas viagens ultramarinas, especialmente quando estas haviam sido bem merecidas, chegaram a motivar uma incrível emulação em todo o reino, e todos á porfia desejavam ir adquirir gloria no Ultramar. Gaspar Côrte Real, nobre portuguez, tentou investigar o ultimo termo da America septentrional, e descobrir caminho para a India pelo polo artico.

Saiu do Tejo, na primavera do anno de 1500 com dois navios, e chegou em sua navegação ainda além dos 60° de latitude norte. Descobriu e correu toda a terra de *Labrador*, que tambem se ficou chamando *Terra de Côrte Real*, e acima d'ella a costa, que corre até ao *Rio das Malvas*: descobriu tambem a que chamou *Terra*, ou *Ilha dos Bacalhans*, e algumas outras a ellas proximas, que os antigos denominaram *Côrtes Reaes*, e mui provavelmente a pequena ilha á entrada do estreito de Hudson, que se chamou de *Caramilo*, corrompido este nome do portuguez *caramello* (neve congelada).

O illustre navegante, voltado ao reino, repetiu a mesma viagem a 15 de Maio de 1501, e como não houvesse

¹ O Brazil só começou a ser povoado no reinado de El-Rei D. João III.

noticia d'elle, foi no anno seguinte de 1502 seu irmão Miguel de Côrte Real em busca d'elle, mas aconteceu-lhe a mesma má fortuna.

Em 1503 despachou El-Rei D. Manoel duas náos em busca de ambos, as quaes voltaram sem resultado algum.

Preparava-se ainda para repetir a mesma diligencia outro irmão mais velho, que os dois, por nome Vasco Eannes Côrte Real, do Conselho de El-Rei, Alcaide-mór de Tavira e governador das ilhas de S. Jorge e Terceira; mas El-Rei não consentiu que elle cumpriisse o seu pio e fraternal proposito.

Vasco Eannes, comtudo, teve o senhorio da *Terra Nova* ou o titulo de *Capitão Donatario da Terra Nova de Côrtes Reaes*, o qual passou a D. Margarida Côrte Real, herdeira da casa, e por ella a seu marido D. Christovão de Moura, conde, e depois marquez de Castello Rodrigo, que tambem se chamou, e seus descendentes, senhor da *Terra Nova*.

1502 — El-Rei D. Manoel ordenou que o grande D. Vasco da Gama voltasse segunda vez ás Indias com uma poderosa armada de 20 náos, sendo segundos commandantes Vicente Sodré e Estevam da Gama. Parte d'esta esquadra devia ficar na India para defender os novos estabelecimentos, e cruzar no estreito do mar Roxo, a fim de impedir que entrassem ou saíssem por elle as náos dos mouros de Meca, que eram os que tinham mais odio aos portuguezes.

No dia 30 de Janeiro foi El-Rei com Vasco da Gama e toda a sua gente em procissão á sé, onde houve missa e sermão. No fim d'este acto El-Rei deu o estandarte Real a D. Vasco da Gama, e veio toda a procissão direita ao caes, assistindo El-Rei e a côrte ao embarque d'estes argonautas, que se effeituou entre salvas de artilheria, e acclamações geraes do povo.

A expedição saiu de Lisboa em 30 de Janeiro. O almirante estabelecendo em sua derrota uma feitoria em Çofala, e outra em Moçambique, foi aportar em Quilôa. O Rei aterrado á vista de tão poderosa armada se reconheceu subdito da corôa portugueza, e se obrigou a pagar o tributo annual de dois mil meticaes de ouro ¹ sendo este o primeiro principe d'aquellas remotas regiões que pagou pareas a Portugal.

Chegando á costa do Malabar encontrou o Meris, grande navio que o Soldão do Egypto expedia annualmente para o Indostão, d'onde de ordinario voltava ricamente carregado por conta d'este principe, e levava ao mesmo tempo muitos passageiros, que a devoção conduzia a Meca, onde existia o tumulo de Mafoma. D. Vasco da Gama se apoderou das riquezas que levava, e um desastre que occorreu deu origem a ser destruido este navio. Um moço do almirante casualmente, ou por maldade dos mouros, morreu arrebetado contra a murada do Meris. O almirante ficou tão escandalizado que ordenou a Estevam da Gama, e outros capitães, mettessem a pique o navio, o que se effectuou depois de renhido combate, não se salvando de trezentas pessoas mais do que vinte rapazes, e um corcovado que era o piloto, os quaes foram recolhidos na Europa. ²

A expedição fundeou em Cananor, e o almirante foi mui bem recebido pelo Rei; porém achando obstaculos para concluir um tratado de commercio, saiu mui descontente para Calecut, e fundeando á vista d'esta cidade esperou para observar o procedimento do Çamorim. Não tardou muito em apparecer um individuo que aproximando-se da

¹ Metical era o pezo com que se avaliavam as perolas, o ambar, e outras drogas de semelhante natureza: valia uma oitava e meia das nossas, de sorte que os dois mil meticaes de ouro equivaliam a 375 onças d'este metal.

² Decadas de Barros.

não almirante em trajés de franciscano, e annunciando-lhe o *Déo gratias*, se deu a conhecêr por um mouro deputado pelo Çamorim, para lhe apresentar suas desculpas, pelo que anteriormente se havia passado, e estabelecer novas proposições. O almirante nada quiz ouvir emquanto o não indemnisassem de tudo o que fôra roubado aos portuguezes, e dos mais prejuizos que estês haviam soffrido na feitoria de Calecut por occasião do massacre de Corrêa, e dos outros. Tres dias se passaram em idas e voltas, não tratando o Çamorim mais do que de justificar-se, e de fazer vêr que elle soffrêra ainda maiores damnôs do que aquelles que elle motivára aos portuguezes, e como o almirante não quizesse desistir de sua primeira resolução, e o Çamorim tivesse já deixado passar o praso, que se lhe assignára para aquella satisfação, Gama á hora marcada, deu signal, e fazendo avisinhar seus navios o mais possivel da praia durante a noite, canhoneou a cidade, sem cessar todo o dia seguinte com um effeito tão destruidor, que além da gente que fez morrer, reduziu a ruinas grande numero de edificios, e damnificou consideravelmente um dos palacios do mesmo Çamorim.

A solidão, a que esta especie de bombardeamento havia reduzido a cidadê, punha o almirante em estado deprehender mais alguma cousa; mas, ou porque ignorasse o que n'ella se passava, ou porque não quizesse ali entrar, elle se contentou com o que havia feito, e tendo entregado ás chammas um grande navio, que tomára dentro do porto, e que por algum tempo conservára, a fim de vêr se por esta preza haveria motivo para alguma negociação, deu á vella para Cochim.

As difficuldades que o almirante tivera com o Rei de Cananor não deixavam de produzir alguma inquietação no animo dos portuguezes, e que mais se augmentou pelas suspeitas do feitor Gil Gonçalves, que sendo de um genio

inquieta, quiz persuadir o almirante que o Çamorim ganhára secretamente os Reis de Cochim e de Cananor, por intervenção de alguns Brahmanes; e que o objecto das duvidas que o ultimo originára a fim de fazer obstar ás negociações, não eram mais do que um accordo entre os dois principes com o objecto de demorarem estes negocios, e obrigar a expedição a invernar nas Indias, esperando poderem queimal-a toda nos portos para onde se retirasse. Estas suspeitas apoiadas por algumas conjecturas, foram fortificadas pela conducta do Rei de Cochim, que na primeira entrevista que teve com o almirante, se mostrou tão difficil como o fôra o Rei de Cananor, de sorte que o almirante saiu d'este porto mui descontente.

O tempo mostrou que o coração d'estes dois principes era sincero. O Rei de Cananor, inquieto pela pouca satisfação que o almirante mostrára á saida de seus portos, lhe mandou dizer pelos portuguezes residentes em seus estados, «que elle preferiria a amisade de El-Rei de Portugal a seus proprios interesses; que regulasse o almirante as condições do tratado, como bem quizesse, que elle se compromettia a indemnisar os outros negociantes dos prejuizos que d'este tratado lhes resultassem, ajustando-se com elles, e deixando-lhes parte dos direitos de entrada e saida; que d'esta fórma toda a perda recahiria sobre elle sómente.» O Rei de Cochim ainda fez mais, porque tendo observado que o almirante partira de sua cidade, agastado e mui descontente, immediatamente o seguiu n'uma almadia, e logo que se aproximou subiu á não, e disse a D. Vasco da Gama, com aquelle ar de franqueza, só proprio de um coração candido: «Bem observo que vós sois um homem difficil de contentar, fazei o que vos agrada; sois o senhor; e minha pessoa que eu venho depositar em vossas mãos, será o garante de minha boa vontade.» O almirante respondeu com a maior cortezia, e

concluiu um tratado vantajoso para Portugal. O Rei de Cananor sabendo este acontecimento enviou logo dois embaixadores ao almirante solicitando voltasse á sua cidade em plena segurança, aonde todos os negocios seriam regulados á sua vontade.

No tempo em que o almirante se conservava ainda em Cochim, um Brahmane, homem de idade avançada, veio apresentar-lhe dois de seus filhos, e um sobrinho para que os conduzisse a Portugal, onde queria que fossem doutrinados na religião, e nas sciencias europêas. Havendo-se depois pouco a pouco insinuado em seu espirito, lhe confessou ter sido alli mandado da parte do Çamorim, e tão habilmente se houve n'este particular, que conseguiu persuadil-o a voltar a Calecut. Gama crendo-se seguro, conservando o Brahmane e os tres jovens em refens, entregou o commando da esquadra a Estevam da Gama, e partiu contra a opinião de seus capitães, sómente com dois navios, dos quaes ainda expediu um para avisar Vicente Sodré que se achava em Cananor, para que se lhe viesse reunir a Calecut. O Çamorim nada decidia, e durante as negociações, D. Vasco da Gama foi repentinamente investido por umas cem almadias, que favorecidas pela escuridão da noite haviam emprehendido queimar-lhe o navio; tão bem dirigida foi a traição, que elle sómente a percebeu, quando já os indios se apegavam á enxarcia do navio, de sorte que não houve mais tempo do que para picar a amarra, e cortar a cadeia de ferro que o atracára: felizmente levantou-se um fortissimo vente d'Este, de que elle se aproveitou; não obstante os inimigos obstinaram-se em o perseguir mesmo ao largo; mas mui a proposito se lhe reuniu então Vicente Sodré, que com suas caravelas, e o fogo de artilheria, tendo mettido a pique muitas almadias, bem de pressa fez desaparecer o resto; o almirante para pagar ao Brahmane a sua infame traição mandou en-

forçar nas vergas tres refens que elle deixou quando foi levar recados ao Çamorim, e andando um pedaço á vista da cidade partiu em direitura a Cochim.

Além dos embaixadores do Rei de Cananor que vieram ter com o almirante em Cochim, chegaram alli dois de Mangalor que se diziam deputados dos antigos christãos indios, descendentes d'aquelles que o Apostolo São Thomé convertera á fé, antes de consumir suas viagens apostolicas, por um glorioso martyrio, os quaes depois de haverm exposto toda a sua tradição, relativamente a este Santo Apostolo, e ao actual estado do seu christianismo, que abraçavam perto de trinta mil fieis, governados, emquanto ao espirital, por bispos e sacerdotes, que reconheciam o patriarcha de Armenia por seu pastor, declararam «serem «alli enviados pelos seus compatriotas para significar ao «almirante a grande alegria de que se haviam possuido «pela noticia da chegada ás Indias dos christãos subditos «de um dos mais poderosos monarchas da Europa, e pela «lisongeira esperança que elles, ao mesmo tempo, haviam «posto na sua idéa, de que os portuguezes eram alli enviados por Deus, a fim de os livrar da escravidão em que «gemiam, sob a tyrannia de principes infieis, gentios, e «musulmanos, inimigos mortaes dos christãos, cujas riquezas e commercio os haviam em extremo acreditado «n'aquelles paizes. Que d'esta sorte haviam recorrido á «sua bondade, e a fim de os tomar sob protecção do Rei «de Portugal, a quem elles queriam desde logo reconhecer por seu verdadeiro e legitimo soberano.»

Nada podia haver mais lisongeiro para o almirante do que esta embaixada, á qual respondeu «que aceitava em «nome de El-Rei de Portugal a proposta que se lhe fazia, «e assegurava que os generaes que nas Indias eram Lugares Tenentes do seu monarcha, e a quem deveriam recorrer quando fosse necessario, os defenderiam contra seus

«inimigos. Que elle almirante ia partir para a Europa, porém affiançava em nome de El-Rei que no general seu «successor encontrariam um efficaç e zeloso protector.» Os deputados despediram-se do almirante encantados de suas maneiras officiosas, e de suas liberalidades.

Entretanto o Çamorim não dormia; vendo que seus artificios lhe não eram proficuos, recórreu a outros meios que suppoz mais seguros e infalliveis; tal foi o de escrever ao Rei de Cochim, seu tributario, e de obrigar já por promessas, já por ameaças, a entregar-lhe os portuguezes que se achavam em seus estados, ou a expulsal-os d'elles. Trimumpára que tinha tanto de resoluto, como de sincero, respondeu ás cartas do Çamorim com uma grandeza de animo, que devia fazer-lhe sentir a sua constancia, e sua decisão. Teve além d'isso, a delicadeza de não querer descobrir cousa alguma d'esta negociação ao almirante, a fim de lhe poupar as suspeitas, e inquietações, que ella poderia ter-lhe causado, e sómente lhe fallou n'ella, quando se achou em estado de lhe fazer vér com certeza, que tanto estimava a alliança de El-Rei de Portugal que antes queria perder tudo do que abandonal-a.

Gama que estava de partida, ficou maravilhado das disposições em que deixava este principe, e não omittiu meio algum de lhe fazer sentir, que elle devia esperar tudo do reconhecimento dos portuguezes; e despedindo-se, partiu para Cananor com treze navios. Em sua derrota encontrou junto de Pandarane uma frota de trinta e nove vellas inimigas, que o Çamorim enviára para o combater. Decidiu-se a aceitar o desafio. Sodrê, Raphael, e Petreo, cujos navios estavam menos carregados, avançaram sobre dois grandes vasos mouriscos, que formavam a vanguarda inimiga; a maior parte dos que os deviam defender, como não tivessem bastante coragem para sustentarem este choque, se lançaram ao mar, onde os portuguezes saltando

para as suas lanchas mataram mais de trezentos a golpes de lanças, e remos. O resto da frota fugiu cheia de terror. O almirante, como os vasos mui carregados não podiam seguir, limitou-se a dar saque aos navios que capturára, depois do que os fez queimar, e continuou em sua derrota. Entre os despojos feitos ao inimigo, conta-se que se achára um idolo de ouro do peso de sessenta libras, cujos olhos eram duas formosas esmeraldas, e em cujo peito havia um riquissimo rubim. A capa do idolo era toda recamada de ouro, e embellecida com amiudadas perolas, e outras pedrarias de grande valor.

O almirante concluiu o seu tratado com o Rei de Cananor, com as mesmas condições que foram impostas ao Rei de Cochim, e tendo arranjado satisfatoriamente todos os seus negocios retomou o caminho da Europa, refrescou em Moçambique, e chegou a Lisboa em 10 de Novembro de 1503, deixando varias náos nas Indias para defeza das novas feitorias.

A entrada, que El-Rei quiz que D. Vasco da Gama fizesse na capital, pôde ser olhada, como uma especie de triumpho, onde foram conduzidos com toda a pompa os presentes dos Reis de Cananor e de Cochim, os despojos de Calecut, o sceptro dos christãos de São Thomé, e os dois mil meticaes de ouro, tributo do Rei de Quilôa, que se fizera feudatario da corôa portugueza, cuja memoria El-Rei D. Manoel quiz eternisar, mandando fazer de todo o ouro d'este tributo uma riquissima costodia, que doou ao magnifico mosteiro de Nossa Senhora de Belem.

CAPITULO VI

ANNOS DE 1503 E 1504

SUMMARIO

O Çamorim aproveita-se da ausencia de D. Vasco da Gama e faz guerra ao Rei de Cochim, que se mantém fiel á coroa portugueza. — O Çamorim não pôde ganhar Cochim pelas armas, mas consegue-o pela traição. — O Rei de Cochim retira-se com alguns portuguezes para a ilha de Vaipem. — O Çamorim projecta invadir esta ilha, mas desiste do seu intento. — Chegam mui opportunamente ás Indias os dois Albuquerque, Francisco e Affonso, que batem, em differentes recontros, os inimigos do Rei de Cochim e o restabelecem no throno. — Suas gentilezas de valor e as de Pacheco. — Edificam em Cochim uma fortaleza, e uma igreja em nome de El-Rei de Portugal. — Affonso de Albuquerque e Pacheco fazem-se temiveis ao Çamorim, que se vê obrigado a solicitar a paz. — Condições com que esta é concedida. Affonso d'Albuquerque é convidado pela Rainha de Culan a ir alli; descripção d'esta cidade, aonde se estabelece uma feitoria por-

tugueza. — Rebeata de novo a guerra com o Çamorim, e por que motivos. — Voltam os dois Albuquerque á Europa. — Pacheco conduz-se de tal sorte em Cochim que se torna o terror do Indostão.

A partida de D. Vasco da Gama para a Europa causou satisfação ao Çamorim, que achando-se vivamente irritado contra os portuguezes, e desesperado pelas respostas do Rei de Cochim, persuadiu-se que era esta a occasião favoravel de se vingar de seus inimigos; porém desejando marchar com prudencia convocou um grande conselho, a que concorreram os principes seus subditos, e outros subditos do Rei de Cochim, de quem os tinha separado o temor. N'este conselho expoz o Çamorim as suas queixas com apparencia de grande moderação.

A maior parte dos aulicos que os mahometanos haviam corrompido, applaudiram os motivos de sua indignação, sómente Naubeadarem filho de sua irmã e herdeiro presumptivo do throno, principe probo, emprehendeu combater aquelles pretendidos motivos, o que fez com tanto acatamento de uma parte, e tanta força e solidez da outra, que tendo justificado plenamente os portuguezes em todos os casos, e mesmo inspirado a admiração e respeito do Rei de Cochim, cuja constancia e boa fé exalton, commoveu de tal sorte o animo de seu tio, que esta opinião de certo triumpharia se não fosse a opposição do Caimal¹ de Repelim, inimigo pessoal do Rei de Cochim, que com-

¹ Caimal era o titulo com que se designavam os principes do Malabar.

batendo com altivez todas as opiniões do conselho, fez pender a balança a favor da guerra.

Esta noticia causou em Cochim a maior perturbação; os mouros estabelecidos, havia muitos seculos, n'esta cidade, assim como em quasi todas as cidades maritimas das Indias, eram alli tão poderosos, que tornavam o mesmo soberano seu dependente; elles haviam interessado na sua causa a maior parte dos ministros e dos Naires, ao contrario, os portuguezes eram odiados pelo povo, isto por instigação dos mouros, que eram inimigos tanto mais perigosos quanto sabiam dissimular esta sua aversão.

Os portuguezes residentes em Cochim conhecendo o perigo que os ameaçava, empregaram seus esforços para persuadir o Rei a que cedesse ás circumstancias do tempo; que fingisse tel-os abandonado e pozesse a salvo sua pessoa, e seus estados, permitindo-lhes o retirarem-se para Cananor onde ficariam seguros. Mas este principe que apreciava mais a honra do que a sua corôa, e a propria vida, persuadido de que semelhante expediente feria sua delicadeza, não quiz attender a alguma d'estas proposições, e mantendo-se firme, deu aos portuguezes uma guarda de Naires, para os impedir de se evadirem, e para os salvar da furia da população.

N'esta occasião chegou a Cochim Vicente Sodrê com os navios de seu commando, e offereceu seus serviços ao Rei, este disse que era verdade ter o Çamorim resolvido atacar seus estados, mas como o inverno estava em principio era provavel que o ataque só tivesse logar na primavera, por consequencia dispensava agora auxilio, e que era melhor crusar a costa, e na volta seria então occasião de o coadjuvar. Vicente Sodrê effectivamente saiu em direitura á Ilha de Socotorá, passou o Cabo Guardaffui, e atravessou para a costa da Arabia por ser a mais frequen-

tada dos navios mouros que vinham do estreito do Mar Roxo.¹

Desgraçadamente o Çamorim não esperou pela primavera, e veio na força do inverno atacar Cochim com um exercito de 50:000 homens.

Trimumpára assustou-se, porque não era possível ser soccorrido por Vicente Sodré, e não via em torno de si mais do que um ar sombrio e melancolico no rosto d'aquelles que lhe tinham ficado fieis, e isto só bastava para lhe annunciar sua futura ruina; mas nada o havia mortificado tanto como a deserção de dois transfugas europeus, fundidores de profissão e excellentes fabricantes de armas, que prestaram grandes serviços ao Çamorim, o qual soube empregal-os convenientemente, para tirar d'elles grandes vantagens, e retel-os junto de si, fazendo-lhes saborear sua nova condição por meio de grossos estipendios.

A solemne declaração de guerra, que da parte do Çamorim se enviára ao Rei de Cochim, junta ás cartas d'este principe, e ás vivas solicitações de outros muitos senhores seus amigos, a que se compadecesse de si proprio e de seu povo, terrivelmente magoaram seu leal coração; porém inabalavel a tantos ataques, como um rochedo que de balde é batido pelas vagas do mar agitado, e confiando na justiça de sua causa, reanimou os brios tanto dos seus como dos portuguezes, e continuando com a serenidade de espirito que a segurança inspira, deu as convenientes ordens, e se collocou em estado de oppôr uma vigorosa resistencia.

A ilha de Cochim é tão proxima do continente que se torna vadeavel no fim do baixa-mar, particularmente n'um lugar chamado o passo de Falurt. Era este realmente o ponto pelo qual o Çamorim pretendia entrar com as suas

¹ Decadas de Barros.

tropas. Trimumpára que reconhecia a importancia d'este porto, o confiou a Naramuhem, filho de sua irmã, e herdeiro de seus estados, conforme a lei da gynécocracia estabelecida no Malabar,¹ a cujas ordens poz cinco mil e quinhentos Naires, aos quaes se uniram Lourenço Moreno e um pequeno numero de portuguezes. Naramuhem deu decisivas provas n'esta conjunctura, de que era bravo, porquanto tendo-se o Çamorim apresentado com o exercito para tentar a passagem, elle se comportou com tanto valor, que o obrigou a retirar com grande perda. No dia seguinte, o Çamorim duplicou as suas forças, pondo-as ás ordens do Caimal de Repelim, o qual devia ser sustentado no Canal d'Agua por grande numero de paráos;² o combate foi mais obstinado, e sanguinolento que na vespera. Naramuhem apparecendo em toda a parte onde sua presença era necessaria, obrigou o inimigo a uma vergonhosa retirada. Todas as tentativas, que depois fez o Çamorim, lhe não foram mais proficuas. Naramuhem não podia ser enganado, arrostava o inimigo de todos os lados, de maneira que o Çamorim sempre batido, desesperando do bom resultado de sua empreza, como de nada lhe servisse a força, recorreu á traição, conseguiu corromper por grossas sommas de dinheiro o thesoureiro do exercito de Naramuhem. O perfido seduzido fingiu achar-se enfermo, e se retirou para a cidade. Os Naires acostumados a receberem diariamente a sua paga e os seus viveres, desde logo começaram a murmurar de sua ausencia, e voltaram em chusma para Cochim. O thesoureiro, que bem previra este resultado, lhes deferia de dia em dia os seus vencimentos sob diversos pretextos, o que mais augmentava a murmuração da tropa e a sua deserção no campo. Nara-

¹ Gynécocracia é o estado em que as mulheres podem reinar.

² Paráo era uma especie de vaso de guerra do uso das Indias.

mulhem viu-se bem depressa abandonado. O Çamorim que ia n'este jogo com o traidor, e que d'accordo com elle permanecera alguns dias sem praticar movimento algum, aproveitou então a occasião para tentar de novo a passagem. Naramuhem sendo advertido correu logo ao sitio do perigo, e sustentou durante um dia o combate, mas acabrunhado pelo numero, foi vencido e morto, bem como dois de seus sobrinhos, principes ainda jovens e de grandes esperanças, os quaes só succumbiram depois de terem dado decisivas provas de seu valor.

Trimumpára não perdeu animo com a morte d'estes bravos principes, e reunindo suas tropas fugitivas offereceu batalha ao Çamorim; porém foi batido, ferido, e constrangido a salvar-se na ilha de Vaipem, sendo acompanhado dos portuguezes.

O victorioso Çamorim tentou ainda a constancia do magnanimo Trimumpára pelas vias da doçura, mas não tendo a adversidade mudado um coração tão fiel, descarregou a sua colera sobre Cochim: entrou na cidade, poz ahi tudo a ferro e a sangue, e ousou ir atacar o Rei fugitivo em seu proprio retiro, posto que a sua religião o tornasse um asylo sagrado. A ilha porém achando-se bem fortificada, e de difficil accesso, resistiu aos seus esforços, e a vinda das chuvas o obrigou depois a retirar-se para seus estados. Não obstante elle proveu a defeza da ilha de Cochim: deixou ahi algumas tropas a fim de assegurar a sua posse, e voltou para Calecut orgulhoso pelo feliz exito de sua empreza, e resolvido a renovar a guerra logo que começasse o bom tempo.

Na extremidade a que se achava reduzido o Rei de Cochim em vespas de perder tudo, a Providencia lhe ministrou soccorro. El-Rei D. Manoel persuadido que tudo estava tranquillo nas Indias, não havia posto no mar no anno precedente mais do que tres pequenas esquadras.

cada uma composta de tres vellas. A primeira commandada por Antonio de Saldanha, devia guardar a entrada do Mar Vermelho, e as outras duas eram destinadas para as Indias, sob o commando de Francisco, e Affonso d'Albuquerque.

Antonio de Saldanha deixou seu nome á Aguada do Saldanha, proximo do Cabo da Boa Esperança, tendo ali pelejado contra os barbaros. N'este logar foi morto no dia primeiro de Março de 1510 o illustre D. Francisco d'Almeida como em seu logar notaremos.

Francisco d'Albuquerque chegou ás Ilhas Anchedivas, alli se lhe reuniram tres navios da esquadra de Vicente Sodré, commandados por Pedro d'Athayde, que o informou de que um furioso temporal fizera ir a pique o navio em que estava Vicente Sodré, e o outro commandado por seu irmão Braz Sodré, morrendo ambos, bem como quasi toda a gente que se achava a bordo. Francisco de Albuquerque sabendo dos successos occorridos em Cochim, saiu com a sua esquadra, e tocando em Cananor aonde soube o infeliz resultado da guerra de Cochim, foi fundear na Ilha de Vaipem.

Trimumpára que foi dos primeiros que reconheceram o pavilhão, exclamou transportado de alegria: PORTUGAL, PORTUGAL, correu ao porto a encontrar o chefe, e o recebeu como seu libertador. Francisco de Albuquerque tendo-o cumprimentado da parte de El-Rei, e agradecendo-lhe o zêlo com que elle se votára a seus interesses, fez trazer os ricos presentes que El-Rei lhe enviára, e em seguida lhe offereceu seus serviços, e prometteu restabelecel-o no throno.

Esta promessa foi logo cumprida. Francisco de Albuquerque tendo derrotado, e afugentado as guarnições que o Çamorim deixára na Ilha de Cochim, reconduziu em triumpho o Rei para a sua capital. Não satisfeito com este

primeiro resultado, tendo distribuido seiscentos homens de sua frota, sob o commando dos capitães que com elle vieram, se assenhoreou de duas ilhas vizinhas pertencentes a Caimaes rebeldes; derrotou suas tropas, deixou morto em combate um d'estes Caimaes; incendiou seus palacios, assolou suas terras, bateu uma frota de cincoenta paráos pertencentes ao Camorim, fez muitas excursões nas terras de Repelim, e com incrível celeridade voltou para Cochim coberto de gloria. O que mais se distinguio n'estes primeiros combates, foi Duarte Pacheco, que tinha ido na primeira expedição do almirante D. Vasco da Gama, e voltava agora segunda vez ás Indias commandante de um dos navios da esquadra de Affonso de Albuquerque; mas como os temporaes o obrigassem a separar-se d'ella, elle o anticipou na sua chegada á India.

O Rei de Cochim estava tão satisfeito, que o general julgou aproveitar estes felizes momentos para lhe propor, em nome de El-Rei D. Manoel, o permittir-lhe edificar uma fortaleza na sua cidade. O Rei na situação em que se achavam os seus negocios não só consentiu, mas forneceu os materiaes e operarios para se accelerar a obra, e Francisco de Albuquerque, receiando que o Rei se arrependesse brevemente de um consentimento dado sem ponderação, não perdeu tempo, escolheu um sitio alto, que dominava a cidade, e o porto, delineou a planta da fortaleza, e na falta de pedra e cal mandou cortar troncos de palmeiras, que o Rei deu francamente. Quatro dias depois de começada a obra chegou Affonso de Albuquerque, o qual, como trazia o mesmo regimento de Francisco de Albuquerque, adiantou a obra de cuja direcção tomou cargo, e concluiu em breve tempo, assim como a igreja que successivamente se fundou.

Constava o forte de um quadrado de madeiros sobre madeiros bem unidos, e pregados com pregos, estava ter-

raplenado e cercado de um grande fosso, onde entrava a agua do rio, nos dois angulos do quadrado se fizeram duas torres ou cavalleiros, em que se abriram boas baterias.¹ A pressa que se davam os dois Albuquerquees, a fazerem suas carregações, e voltarem para Portugal, lhes não permittiu empregarem na construcção do forte e da egreja outra materia que não fosse madeira, nem de construir uma obra de maior solidez. O remate dos trabalhos d'estes dois edificios foi logo seguido de uma cerimonia santa, e tão pomposa quanto o permittia a situação em que se achavam os portuguezes. Esta cerimonia não deixou de agradar aos infieis, que admiraram os usos de nossa religião, e foram testemunhas da solemnidade com que foi sagrada a egreja, sob a invocação de S. Bartholomeu, e o forte que foi baptisado sob o nome de S. Thiago.

Terminado este negocio, não cuidaram os Albuquerquees em outra cousa mais do que em fazerem excursões no paiz inimigo, e de vingarem o Rei de Cochim de seus subditos rebeldes. Fizeram muitas correrias, umas sobre outras, invadiram as terras dos Caimaes de Repelim e Cambalam, e devastaram as povoações. Como a noticia d'estas irrupções corresse por todos os povos circumvisinhos, isto fez com que, em mui pouco tempo, se reunisse um tão grande numero de Naires, que os portuguezes se viram muitas vezes em vivissimo aperto, e constrangidos a recolharem-se apressadamente ás suas embarcações. Duarte Pacheco como não tivesse achado a sua no mesmo sitio em que a deixára, esteve a ponto de ser morto pela multidão; mas tendo feito esforços de bravura mais que humanos, conseguiu dar tempo aos Albuquerquees de o livrarem. Pouco depois elle prestou egual serviço a Affonso

¹ Esta foi a primeira fortaleza que os portuguezes fundaram nas Indias.

de Albuquerque, que assim como lhe devia a vida, da mesma sorte lhe deveu depois toda a gloria que adquiriu. Duarte Pacheco destruiu trinta e quatro parâos de Calecut, que andavam cruzando n'aquella costa e perturbavam o commercio de Cochim.

O Çamorim que não ignorava estes acontecimentos, e eatava já aborrecido da guerra, excitado além d'isso pelo principe Naubeadarim, cujo amor á justiça, e estima para com os portuguezes o faziam pender para estes, solicitou a paz. Esta foi tratada e concluida tão secretamente, que os mouros de Calecut o não souberam senão quando o tratado foi assignado. O Çamorim obrigou-se a viver em paz e amisade com o Rei de Cochim, a retirar seus navios dos portos d'este Reino, e não perturbar seu commercio; e comprometteu-se além d'isso a pagar aos portuguezes mil e quinhentos bahares¹ de pimenta e alguns quintaes de outras mercadorias, a titulo de indemnisação, pelo que havia sido roubado por occasião do assassinio de André Corrêa; e finalmente a não permittir que mouro algum de Calecut commerciasse no mar Vermelho. Francisco de Albuquerque quiz que lhe fossem entregues os dois christãos transfugas, mas como este principe não annuisse a semelhante clausula desistiu-se d'ella. Em consequencia d'este tratado, foi desde logo restabelecida a feitoria portugueza em Calecut, e por toda a parte se começou a desfructar as vantagens de uma paz tão appetecida.

Affonso de Albuquerque que tinha ordem positiva d'El-Rei D. Manoel para fazer suas carregações em Culam, e que recebera da rainha, regente durante a menoridade do Rei seu filho, um convite para alli ir, havia já partido para aquelle destino. A estima que esta rainha professava aos

¹ Bahar era uma especie de peso asiatico de 300 libras proximoamente.

portuguezes, e as vantagens que se propunha tirar de seu commercio, a tinham excitado a dar este passo. Culam era uma das cidades mais antigas da India, e d'onde se pretende terem saído as colonias que fundaram as capitães dos diversos reinos do Indostão. O commercio porém não podendo ali fazer-se então com tanta vantagem como anteriormente, pela superioridade que adquirira a cidade de Calecut, a tinha feito decair de seu primeiro esplendor; não obstante era ainda uma cidade bella e rica, e tinha um porto commodo n'um rio navegavel e bastante seguro, excepto em certos logares onde o canal do rio se estreita. Affonso de Albuquerque fez um tratado, e estabeleceu alli uma feitoria com um feitor e dois secretarios aos quaes deu vinte homens para lhes servir de guarda. Encontrando n'esta cidade christãos de S. Thomé suavizou a sua escravidão, e obteve do governo uma mui consideravel reduccão dos impostos que elles eram obrigados a pagar. Finalmente tendo concluido a sua carregação deixou alli por missionario o padre Rodrigues, religioso dominicano, que á sua instrucção junctava uma grande virtude; e estendendo o seu zelo sobre os christãos ignorantes, e os indios idolatras, produziu grandes fructos entre uns e outros.

A paz não foi de grande duração, por quanto havendo desintelligencias entre o feitor e os portuguezes de Calecut com o Çamorim, este inquieto principe começou novamente as hostilidades.

Affonso de Albuquerque, sendo advertido por Coje-Béqui e pelo feitor de Calecut, deu aviso a Francisco de Albuquerque. O Rei de Cochim instruido de tudo por via de seus espias, e que previa que a borrasca ia cair sobre elle, não omittiu cousa alguma a fim de a desviar, tudo porém foi inutil. Francisco de Albuquerque prometteu ao Rei de lhe dar alguma gente para o defender, effectivamente elle

deixou cincoenta homens no forte de S. Thiago, e um navio e duas caravelas com cem homens ás ordens de Duarte Pacheco, que contra a opinião de todos se sacrificou n'esta occasião pela honra nacional.

Francisco de Albuquerque não querendo perder monção saiu em direitura a Portugal, morreu na viagem, naufragando o seu navio sem se saber aonde, e de que maneira. Pedro de Athaide, que commandava um navio da mesma esquadra, naufragou na costa da alta Ethiopia, salvando-se porém a sua tripulação, que depois de muitos trabalhos e fadigas, se dirigiu parte a Moçambique, e o resto a Melinde.

Affonso de Albuquerque apesar dos temporaes que soffreu em sua derrota chegou felizmente a Lisboa, sendo muito bem recebido de El-Rei D. Manoel, a quem fez presente de dois bellos cavallos persas (os primeiros que foram vistos em Portugal) e grande numero de perolas de valor.

Duarte Pacheco animado de uma extraordinaria coragem começou a fazer preparativos para a defeza de Cochim. O Rei seguia o exemplo do heroe portuguez, porém um boato o consternou ao ultimo ponto. Os mouros residentes na cidade persuadiram este principe que Duarte Pacheco reconhecendo a impossibilidade de resistir ás forças do Çamorim, tencionava retirar-se com a sua gente para Culam, ou Cananor. O Rei a quem esta confidencia fez a maior impressão, não pôde deixar de fallar a Duarte Pacheco. Este sciente da intriga produziu rasões tão convincentes, que o Rei não só ficou satisfeito, mas ordenou que todos os seus subditos lhe obedecessem como a elle proprio, e prohibiu sob pena de morte a emigração da cidade.

Duarte Pacheco revestido d'esta auctoridade convocou os principaes habitantes de Cochim e depois de reanimar

seus animos abatidos lhes fez saber que estava na firme resolução de mandar enforcar todos que fossem traidores aos Reis de Portugal e Cochim, ou abandonassem Cochim. Em seguida fez patrulhar a cidade de dia e de noite, porém ninguem se atreveu a contrariar ordens tão positivas.

O Çamorim constando-lhe que Duarte Pacheco entrára nas terras dos Caimaes seus alliados, e levava tudo a ferro e fogo, resolveu logo começar a campanha, e seguido dos Reis seus tributarios, ou seus alliados, e de cincoenta mil homens, de que se compunham seus exercitos de terra e mar, dirigiu-se a marchas forçadas sobre Repelim, resolvido a entrar na Ilha de Cochim pelo passo de Cabalam. Duarte Pacheco conhecia a impossibilidade de poder resistir a um tão prodigioso numero de inimigos, com cento e cincoenta portuguezes, no entanto como a desesperação muitas vezes fornece forças, reuniu a sua gente, e lhes representou de uma maneira tão pathetica a conjunctura em que se achavam, que todos elles eram obrigados pela necessidade de fazerem esforços mais que humanos, para defenderem seus bens, sua liberdade, suas vidas, e a honra de sua nação, ou de morrerem infamados; e além d'isso excitados pela vehemencia do seu discurso abraçaram-se mutuamente e se obrigaram com os juramentos mais solemnes a prepararem-se com os sacramentos da igreja, para morrerem antes do que recuarem, ou fazerem ver o menor indicio de cobardia.

Satisfeito Duarte Pacheco da nobre emulação que observava em todos os bravos que estavam sob suas ordens, os dividiu da seguinte maneira: postou no forte de Cochim trinta e nove homens commandados pelo feitor Fernando Corrêa, vinte e cinco homens ficaram ás ordens de Diogo Pereira, capitão do navio, que destinou para guarda da cidade. Das duas caravelas que havia, uma precisava de

concertos, e ficou no estaleiro fóra de serviço; pela outra caravela e mais duas lanchas distribuiu o resto de sua gente, devendo elle proprio commandar uma das lanchas para com este fraco soccorro ir postar-se no passo de Cambalam, que se propunha defender. Antes de partir, foi despedir-se do Rei, o qual poz á sua disposição quinhentos naires sob o commando de dois Caimaes, que fez acompanhar dos thesoureiros de suas finanças. A affectada alegria de Pacheco não illudiu este principe, que dando-lhe os adenses não pôde reter as lagrimas pela idéa de o ver correr a uma morte certa, pela comparação que elle fazia d'esta pequena frota com a innumeravel multidão de seus inimigos.

Duarte Pacheco logo que chegou ao passo de Cambalam afugentou oitocentos naires, que pretendiam embarcar-lhe o passo, em seguida fundeou na mesma passagem de sorte que a caravela e as duas lanchas quasi que a obstruíam, ficando amarradas umas ás outras com duplicados cabos, e estes ainda fortificados com cadeias de ferro para que as não podessem facilmente cortar.

N'aquelle mesmo dia appareceu o exercito inimigo, e no principio da noite o Çamorim fez levantar, por intervenção dos dois christãos transfugas, um cavalleiro com cinco bombardas em frente do passo de Cambalam. No dia seguinte marcado pelos agoureiros como dia feliz e decisivo, os inimigos ao romper da aurora se pozeram em movimento para combate. A margem estava toda coberta de tropas que deviam tentar a passagem do váo, e eram commandadas pelo proprio Çamorim. A frota ás ordens de Naubedarim e do Caimal de Repelim, seu commandante em segundo, occupava todo o canal, e se compunha de cento e sessenta navios de remo de tres diversas especies, a saber: de setenta e seis parãos levando cada um d'elles cinco bombardas, vinte e cinco archeiros, e cinco

arcabuzeiros; cincoenta e quatro catures¹ e trinta tones ou almadias tendo cada uma a sua bombardas com deseseis combatentes diversamente armados. Á vista d'esta multidão de inimigos, do brillantismo de suas armas, do som de seus instrumentos bellicos, e dos seus gritos assustaram-se tanto os naires do Rei de Cochim, que se pozeram todos em fuga, não ficando um só dos subditos d'este principe, á excepção dos dois thesoureiros, que estando na caravela, foram retidos, a pesar seu pelos portuguezes, os quaes pela sua parte mostraram a maior firmeza e resolução.

Vinte parãos encadeados e armados de arpéos para afer-rarem á caravela, principiaram o ataque. Uma nuvem de frechas e o fogo de mosquetaria e artilheria tornaram o combate terrivel, mas os inimigos estando muito apertados não podiam fazer evolução alguma, e recebiam um damno extraordinario com o fogo da nossa artilheria.

Duarte Pacheco tendo feito muito a proposito disparar dois tiros de um dos maiores canhões que guarneciam a caravela, meteu quatro parãos a pique e como despeda-çasse a cadeia que os amarrava, obrigou os outros a reti-rarem-se. A segunda linha de parãos veio occupar o lugar da primeira, elle meteu do mesmo modo oito d'estas a pi-que; poz oito fóra de combate, e os restantes em fuga. O Caímal de Repelim que commandava a terceira linha, avan-çou para substituir as primeiras duas, e o exercito de terra entrou no vão. Então o combate tornando-se mais peri-goso por este duplicado ataque, renovou com maior furor e durou até á noute sendo os inimigos destroçados e obri-gados a retirar vergonhosamente com a perda de mil e quinhentos homens, sem que os portuguezes tivessem pela sua parte mais do que alguns feridos.

O Çamorim recebendo reforços ordenou novo ataque, di-

¹ Catur era entre os indios uma especie de pequeno vaso de gue

vidiu suas forças em dois corpos, um dos quaes devia atacar o navio que ficara de guarda á cidade, em quanto que o outro, como emboscado no rio de Repelim, viria postar-se na passagem do vão, na ausencia do chefe portuguez, que elle previa não deixar de correr logo a defender o seu navio. Duarte Pacheco havia sido avisado por seus espias, do dia em que devia ter logar o ataque, mas ignorava o estratagemma que se projectára, e como se tivesse preparado para a defesa do vão, ficou muito admirado de que o inimigo não apparecesse n'aquelle ponto, mas pelas nove horas da manhã recebeu um expresso do Rei de Cochim, que o advertia do perigo em que se achava o navio portuguez. O nobre heroe toma a resolução seguinte: das duas caravelas que estavam ainda em estado de servir, deixa uma com uma das lanchas de guarda á passagem do vão, e com a outra caravela e a segunda lancha vôa em auxilio do navio, coadjuvado pela baixa-mar, e de um vento de terra favoravel; sua presença poz os inimigos em fugida, apesar dos esforços do chefe. Como Duarte Pacheco não podesse seguir-os, continuava seu caminho para o navio, quando o estrepito da artilheria dos que atacavam e defendiam a passagem do vão de Cabalam o chamou para alli. Felizmente como tivesse mudado o vento á preamar, se apresentou n'aquelle ponto em poucas horas, e chegou mui a proposito, posto que a caravela tivesse um rombo á flor d'agua. O combate foi de uma e outra parte tão encarniçado que os portuguezes já não podiam mais; a vinda porém de Duarte Pacheco decidiu este novo ataque, por quanto os inimigos vendo-se investidos de flanco não pensaram mais do que em fugir, depois de terem perdido perto de trescentos homens, desenove paráos, que os portuguezes queimaram, não tendo estes mais prejuizos do que alguns feridos, ficando todos ensoberbecidos com tão extraordinarias façanhas, que encheram de terror os inimigos da inclita nação portugueza.

de... as condições de paz propostas por Lopo Soares não são
aceitas pelo Çamorim; tampouco as negociações e cálculos
soltos em favor do Çamorim. — O Çamorim prepara
se para retomar a guerra. — Lopo Soares trata de apanhar
o inimigo e ainda outra vez batido e dispersado.
Lopo Soares entra novamente em campanha e lhe lança de
golpe o Rei de Tanao submissos contra o Çamorim, ali se
com os portugueses, e a paz em diversas condições. — Lopo

CAPITULO VII

circunstantes e outras particularidades com respeito ao Çamorim
por Portugal. Histórias com que são recebidos no Çamorim
o Rei D. Manoel. — O ultimo é victima de uma epidemia que mata
toda a população. — Lopo Soares a Lopo Soares.
ANNOS DE 1504 E 1505
grande acção de guerra e de guerra. — O Çamorim de Tanao
batido e parte para Tanao, onde estabelece a sua resi-
dencia, tomando o titulo de Rei de Tanao.

SUMMARIO

O Çamorim renova o combate, e é obrigado a retirar-se vergonhosamente. — Duarte Pacheco o segue de perto. — O Çamorim deseja a paz, é dissuadido pelos seus agoureiros de a solicitar, tenta novamente entrar em Cochim por outras passagens. — Rebenta a peste no exercito inimigo a qual faz suspender suas operações. — Duarte Pacheco aproveita-se d'este intervallo para dispor a defeza das passagens. — O Çamorim entra novamente em campanha. — Ordem em que marcha o seu exercito. — Dispõe-se Duarte Pacheco a receber o inimigo, que tenta uma das passagens, e é repellido. — Perigo que corre Duarte Pacheco, e de que maneira o evita. — O Çamorim é obrigado a retirar-se com grande perda, e desesperando a paz, recorre outra vez á guerra. — Tenta incendiar os vasos portuguezes surtos na ilha de Cochim; descobre-se este projecto, e é batido pela quinta vez. — Lopo Soares chega ás Indias com uma poderosa arma-

da.—As condições de paz propostas por Lopo Soares não são acceitas pelo Çamorim; rompem-se as negociações e Calecut soffre um terrível bombardeamento.—O Çamorim prepara-se para recommençar a guerra.—Lopo Soares tracta de a prevenir.—O inimigo é ainda outra vez batido, e dispersado.—Lopo Soares entra violentamente em Cranganor, e lhe lança fogo.—O Rei de Tanor subleva-se contra o Çamorim, allia-se com os portuguezes, e o bate em diversos recontros.—Lopo Soares bate, apresa e queima desesete grandes navios mouriscos ricamente carregados, e volta, juntamente com Duarte Pacheco para Portugal. Distineções com que são recebidos na capital por El-Rei D. Manoel.—O ultimo é victima da inveja, e que galarção mereceram seus serviços.—Parte para a India D. Francisco de Almeida com uma esquadra de vinte e duas vellas.—Grande ascendente que os portuguezes adquirem em todo o Indostão.—D. Francisco de Almeida funda uma fortaleza na ilha Anchediva, e parte para Cananor, aonde estabelece a sua residencia, tomando o titulo de Vice-Rei da India.

A indignação do Çamorim pelo resultado d'aquelle seu estratagemma, não lhe permittiu addiar a renovação do combate. Duarte Pacheco advertido de seus projectos, deu as convenientes ordens para que a sua gente estivesse prompta, e recommendou deixassem aproximar o inimigo o mais possível. O silencio augmentou a confiança d'este, pois que effectivamente veiu em chusma e quasi desordenado, e logo que estiveram ao alcance da mosquetaria, se fez um tão vivo fogo de artilheria e mosquetaria, que os indios ficaram inteiramente descorcoados. Debalde Nambadarim, e o Cairmal de Repelim, excitados pelas injurias, exprobrações, e insultos que lhes fez o Çamorim desesperado, procuraram

repetidas vezes reconduzil-os ao assalto; o combate terminou por uma vergonhosa retirada, perda de uns vinte paráos, e perto de seiscentos homens fóra do combate. Esta retirada affligiu o Çamorim, e o obrigou a levantar o campo, e retirar-se precipitadamente. Duarte Pacheco o seguiu, picando-lhe a rectaguarda; incendiou-lhe dois pagodes, uma pequena aldeia, e bateu um corpo de tropas, que pretendia oppôr-se-lhe. Por mui fatigados que estivessem os portuguezes, Duarte Pacheco não lhes dava tempo para descansarem, afim de que os inimigos não podessem respirar, e como era sempre avisado dos designios do inimigo, e além d'isso observára que os ataques eram assignalados pela superstição dos dias que elles tinham por felizes, ou de mau agouro, elle se aproveitava d'aquelles intervallos, e apparecia nos logares aonde menos o esperavam; ora incendiava uma povoação, ora saqueava outra, ora caía sobre um destacamento da frota, marchava sempre com segurança, e jámais voltava de uma expedição sem que tivesse combatido, e alcançado alguma vantagem consideravel.

O Çamorim teria solicitado a paz da maneira que a propozera em conselho, se o Caimal de Repelim, os mouros, e os brahmanes o não tivessem affastado d'essa idéa, dando-lhe a esperança, de que se obteria mais feliz resultado, tentando as passagens de Palinhard e de Palurt, onde elle passára na primeira vez, quando entrára na ilha de Cochim.

Resolvido o Çamorim a fazer esta nova tentativa, para allí fez conduzir as suas tropas. Duarte Pacheco, segundo os avisos que se lhe haviam feito, estava persuadido que este principe se retirava para Calecut, mas tendo depois sido mais bem informado ácerca da sua marcha, que já a vanguarda de seu exercito havia entrado na ilha de Arail, e que este se occupava em cortar a ramagens de arvores,

o que entre os indios era um signal de victoria, correu logo com tal rapidez sobre este corpo de tropas, que o poz em debandada, encravou a artilheria das baterias que ali haviam construido, e fez cortar as arvores que guarneciam a extremidade da ilha.

As duas passagens de Palinhard e de Palurt, distantes meia legua uma da outra, tinham de vantajoso para os portuguezes o não poderem ser atravessadas ambas ao mesmo tempo. A primeira só era accessivel á gente de pé, no fim da baixa-mar, e ainda então se tornava mui difficil, em consequencia da grande altura de lodo que ficava na vasante e da espessura das balsas que guarneciam a margem opposta; a segunda podia ser transitada em botes na prêa-mar, mas de nenhuma sorte quando abaixavam as aguas. Duarte Pacheco que havia attendido a esta circumstancia, conheceu logo que elle podia achar-se sempre ao alcance de defender ambas as passagens, e tendo postado as suas duas caravelas na passagem de Palurt, bem ancoradas e amarradas uma á outra com cadêas de ferro, elle se deixava ir n'estas lanchas bem armadas, na corrente das marés, de sorte que chegava á passagem do Palinhard no fim da vasante, e voltava ajudado pela enchente para o passo de Palurt. N'este trabalho continuou sem interrupção de dia e de noute, por todo o tempo que o inimigo o ameaçava. Este não o fez esperar muito, atacou como da primeira vez, porém foi derrotado, declarando-se victoria pelos portuguezes.

A peste fazia grandes estragos no exercito do Çamorim, e o obrigou a ausentar-se por algum tempo: d'esta maneira Duarte Pacheco teve occasião de poder concertar os seus navios, de fazer provisões de guerra e bocca, e fortificar as mencionadas passagens. Fez obstruir a que era vadeavel por gente a pé com vigas e pranchas guarnecidas de longas pontas de ferro, mas como estas vigas e

pranchas, se entranhassem muito pelo lodo, mandou ahi assentar grande numero de estacas de madeira rija bem aguçadas, as quaes não deixaram de produzir em tempo conveniente o seu effeito. Fortificou depois a frente do vau e estabeleceu uma extensa estacada ao longo da margem que medeava entre uma e outra passagem, de cuja guarda encarregou os Naires do commando do principe herdeiro de Cochim.

Como a peste tivesse diminuido e os agoureiros marcassem um dia feliz para a passagem do vau de Palinhard, o Çamorim fez avançar o seu exercito na seguinte ordem: tres mil Naires formavam as avançadas; seguia-se a vanguarda ás ordens do principe Nambeadarim, composta de doze mil homens, entre os quaes se contavam duzentos archeiros, e trinta mosqueteiros. O Caimal de Repelim commandava outros doze mil homens. O Çamorim fechava a marcha do exercito com a rectaguarda de quinze mil homens entre os quaes havia quatrocentos porta-machados, destinados a destruir a estacada. Para oppôr a todas estas forças não tinha Duarte Pacheco mais do que quarenta homens com duas lanchas, em cada uma das quaes havia seis pedreiros, dois falconetes, e outro canhão de maior calibre. Esperou que o inimigo se aproximasse, e fez um fogo tão destruidor, que o compelliu a retirar-se; entretanto chegou Nambeadarim com a vanguarda, entrou no vau com bastante deliberação, e foi recebido pelos portuguezes com um vivissimo fogo de artilleria, mosquetaria, e granadas. A novidade do ultimo não deixou de causar grande desordem e extraordinario espanto entre os inimigos, cujo ardor affrouxou. Duarte Pacheco que receou que a sua lancha ficasse em secco fez avançar Christovão Juzarte, commandante da segunda lancha, que era mais pequena, para occupar a entrada do vau, em quanto elle retrocedeu um pouco, afim de o sus-

tentar, preparando-se a reunil-o logo na prêa-mar, a qual não podia tardar muito.

Este movimento não paralisou a acção dos portuguezes, porém os Naires de Cochim encarregados de guardar a estacada, tomaram a fuga, por traição de um Caimal parente de Trimumpára, que tendo deixado o partido d'este principe, para seguir o do Çamorim, havia tambem abandonado este para se congraçar com o Rei de Cochim, que elle outra vez trahia: d'esta fórma Duarte Pacheco ficou só com os portuguezes.

O Çamorim sabedor d'este successo fez avançar suas tropas, que effectivamente entraram no váu; mas logo que chegaram ás pontas aguçadas das estacas, atormentados de uma parte por estes dolorosos obstaculos, e seriamente incommodados pelo fogo que lhes faziam as lanchas portuguezas, tudo entre elles era confusão, e pretendendo retroceder viram-se embaraçados pelo lodo, em que alguns ficaram enterrados. Ate então todas as vantagens estiveram da parte dos portuguezes: mas a palissada que se achava indefesa, per ter sido cortada pelo inimigo, ministrou uma nova passagem, os inimigos tomam coragem, e avançam. Duarte Pacheco estava quasi cercado, e julgando-se perdido, chamou de todo o coração o Altissimo em seu auxilio. A prêa-mar pareceu então voltar de proposito n'este momento como em deferimento á sua supplica. Foi este effectivamente o instante decisivo; á medida que augmentava a agua, maior era a facilidade com que os portuguezes manobravam; pelo contrario, os inimigos viram-se na necessidade de cederem, até que tornando-se-lhes a passagem impossivel, o Çamorim fez tocar a retirar, e reconduziu suas tropas para o acampamento, tendo soffrido n'esta occasião maior perda que em alguma das acções precedentes. Sua pessoa correu ainda grande perigo, porque ao tempo que elle caminhava ao longo da mar-

gem, Diogo Raphael que commandava uma das caravelas no passo de Palurt, tendo-o apercebido, lhe fez apontar um canhão, que descarregando, matou tres principaes senhores da sua côrte, e tão perto d'elle, que ficou todo salpicado de sangue; aterrado desceu de seu palanquim para poder salvar-se a pé.

Crescia a indignação no coração d'este principe, á medida que se multiplicavam as suas desgraças; magoado pela perda de tantas batalhas, dizem alguns historiadores que recorrêra ao artificio, e á traição, já que até então havia sido infructifera a força descoberta. Pretendem tambem que pelos perniciosos conselhos do Caimal de Repelim, elle pozera em campo assassinos para tirarem a vida a Duarte Pacheco, e encarregára outros agentes de envenenar as aguas dos poços e das fontes. Duarte Pacheco a quem não eram occultas estas tramas, divulgadas talvez com o fim de o intimidarem, fingiu desprezal-as, não deixando de tomar secretamente as necessarias medidas para as prevenir; e querendo depois lograr o inimigo, e atemorisal-o, fez correr o boato de que formára certo plano em virtude do qual seria infallivel a captura do Çamorim. Entretanto estes trabalhos reduziram-se a fortificar a passagem do váu em que se excavaram profundos fossos, e a construir um reducto sobre o qual mandou levantar uma especie de forca, supplicio então em uso entre os indios, para a infima plebe. Interrogado pelos Naires de Cochim para que fim era destinada aquella forca, respondeu friamente, *para enforcar o Çamorim*. Este principe ficou tão assustado com tal noticia que immediatamente enviou dois agentes encarregados de negociarem a paz. Duarte Pacheco desejava o fim d'esta guerra, porém como os deputados secretos lhe não apresentassem plenos poderes e obrassem simplesmente em seu proprio nome, affectou não fazer caso d'elles, e declarou, *que se o Ça-*

morim pessoalmente lhe solicitasse a paz elle pensaria na resposta.

Este desprezo apparente, sustentado pelo feliz exito das frequentes e sempre imprevistas correrias de Duarte Pacheco, acabou de affligir o Çamorim, e augmentou mais seus terrores. Não obtendo a paz, resolveu tentar ainda uma vez a sorte da guerra, persuadindo-se que seria facil aniquilar seus inimigos com umas machinas de guerra, inventadas por um engenheiro arabe, as quaes consistiam em oito torres, cada uma levantada sobre dois parãos unidos, e podendo levar uns dez arcabuzeiros, que ficando mais elevados que os navios dominariam a coberta, e os poderiam bater com vantagem. Duarte Pacheco que pôde obter o plano d'estas machinas, dispoz-se a recebê-las, e para este fim encostou as suas duas caravelas uma á outra com as popas para a margem, apoiadas sobre pequenas vigas a fim de que os parãos inimigos as não podessem investir, agramjou em cada uma das caravelas um castello de prôa, cada um dos quaes continha seis homens, e finalmente formou na frente um pontão construido de madeiros, e guarnecido de doze homens.

O Çamorim começou o novo ataque investindo o exercito o váu de Palinhard. Grande numero de jangadas carregadas de materiaes combústiveis deviam ser incendiadas para irem com a corrente da maré sobre os navios portuguezes e lançar-lhe assim o fogo. Seguia-se depois a frota ordenada sobre trez linhas, a primeira era composta de vinte parãos parte encadeados, e parte soltos; a segunda de cem catures, e de oitenta tones ou almadias; depois d'estas vinham os oito castellos de que se esperavam tão grandes effeitos, mas todas as esperanças do inimigo se desvaneceram como o fumo, seus projectos não serviram senão de lhes causarem novas perdas e de os cobrir de maior vergonha e confusão.

As balsas inflammadas abandonadas á vasante da marê ficaram affastadas dos navios por causa do pontão e consumiram-se inutilmente, A frota inimiga permaneceu todo o tempo que durou este incendio, exposta a um vivo fogo da artilheria portugueza, que era de maior calibre e melhor servida que a dos Indios, de sorte que se não disparava um tiro que não fosse bem empregado. O rio estava coberto de centenares de cadaveres, e destroços das embarcações, as quaes umas se afundavam, outras em extremo incommodadas, procuravam affastar-se, e não faziam mais do que augmentar a desordem. Das oito grossas e pesadas machinas, difficeis de manejar, sómente duas poderam aproximar-se, porém mandando Duarte Pacheco disparar alguns tiros de peça caíram com grande estroudo no mar, morrendo todos os combatentes que n'ellas se achavam.

O Çamorim não foi mais bem succedido no passo de Palinhard. Simão de Andrade e Christovam Juzarte, que commandavam os bateis, Lourenço Moreno que tinha sob as suas ordens alguns paráos indianos, e o principe de Cochim, que com seus Naires guardava a estacada, todos se defenderam com heroico valor, até que subindo a agua pela prêa-mar, a victoria se decidiu pelos portuguezes.

Algumas proposições de paz não tiveram o exito desejado, e em differentes ataques o Çamorim foi ainda rechaçado. Finalmente depois de cinco mezes empregados n'esta guerra, foi obrigado a voltar a Calecut, tendo perdido, pela peste, ou pelo ferro do inimigo, dezoito a vinte mil homens. Caiu em tal abatimento, que pelo espaço de alguns dias esteve retirado n'um *Turcal*¹ resolvido a pas-

¹ Turcal era uma especie de convento dos Brahamanes.

sar alli o resto de seus dias, no exercicio da penitencia, e serviço de seus deuses.

A noticia d'este retiro depressa correu por todo o Indostão e acabou por desordenar os seus negocios. Muitos principes, incluindo o Caimal de Repelim, abandonaram sua causa, e congraçaram-se com o Rei de Cochim.

A mãe do Çamorim conseguiu dissuadir este principe de tão desesperada resolução, e alfim o resolveu a regressar a Calecut; porém sua causa estava completamente perdida, porque Lopo Soares, que El-Rei D. Manoel havia mandado n'este anno para as Indias, chegou então a Cananor com uma armada composta das doze vellas com que saíra de Lisboa, e mais algumas que se lhe reuniram em Melinde, e Mombaça.¹

Lopo Soares, informado em Cananor do resultado da guerra de Cochim, partiu a toda a pressa para Calecut. O Çamorim mandou cumprimentar o Chefe, e lhe enviou refrescos, porém este nada acceitou, e disse aos enviados indios: «Que exigia a entrega dos dois transfugas europeos, e que se fizesse um tratado de commercio. O Çamorim, seguindo os impulsos de seu traiçoeiro coração, oppoz varios obstaculos, e positivamente recusava entregar os dois transfugas, mas como as duas partes contratantes se obstinassem n'este ponto, Lopo Soares deu signal para romper o fogo de artilheria, que, durando dois dias successivos, destruiu muitos edificios, e matou mais de 1500 pessoas.

A esquadra dirigiu-se depois a Cochim, onde foi acolhida com os maiores applausos. O Rei recebeu com muita alegria Lopo Soares, a quem apresentou Duarte Pacheco como seu libertador. Lopo Soares agradeceu, a este prin-

¹ Esta armada trazia mil e duzentos homens de peleja, fora a gente necessaria para marear.

cipe, em nome de El-Rei D. Manoel, a sua constante afeição aos portuguezes, e entregou-lhe os ricos presentes que lhe enviara este soberano.

A cidade de Cranganor, de que já temos fallado, situada no Malabar, a quatro leguas de Cochim, era composta de muitas nações reunidas, e de diversas communhões, taes como idolatras, mahometanos, judeus, christãos, e formava com seu territorio um pequeno Estado, que era governado á maneira de republica, sob a protecção do Çamorim, a quem pagava certo tributo, para poder manter-se contra os Reis visinhos, e sustentar o seu commercio. N'esta ultima guerra, havia ella patênteadado demasiado zelo pelos interesses d'este principe; zelo promovido pela facção dos mouros que alli eram os mais poderosos. Cochim havia soffrido muito pela visinhança d'esta cidade. Corria n'esta época que o Çamorim contando com a proxima partida da armada portugueza para a Europa, fazia preparativos de guerra, para tornar a atacar a Ilha de Cochim onde esperava entrar por outra passagem chamada o passo de Paliport. O principe Nambeadarim abi reunia um numeroso exercito de terra, e um mouro por nome Maimane, habil maritimo, dirigia com a maior actividade a formação de uma nova armada, para a qual tinha já oitenta paráos, e cinco grandes navios.

Por este tempo Lopo Soares tendo feito armar vinte e cinco paráos, com estas e outras embarcações, em que embarcaram mil portuguezes, e outros tantos Naires foi para Cranganor. Apesar do segredo, os inimigos tiveram tempo de se porem em defesa. Maimane apresentou-se com dois de seus grandes navios amarrados um ao outro, bem guarnecidos de artilheria, os quaes cobriam a sua frota. Cinco bateis que faziam a vanguarda dos portuguezes, começaram desde logo o ataque com bastante resolução: por muito tempo se combateu com denodado valor de

parte a parte. Maimane e seus dois filhos, defenderam-se como desesperados, e morreram como uns bravos. Capturados os dois navios, o resto da frota não tardou em ser destruída. Lopo Soares deu então o signal para desembarque. Nambeadarim se lhe oppoz com as suas tropas; o combate foi renhido e sanguinolento, mas por fim vendo-se obrigado a ceder, e sendo pelos seus arrastados á fuga, entrou em Cranganor por uma porta, para sair por outra. Os portuguezes o seguiram pela cidade onde pozeram tudo a fogo e sangue. Lopo Soares tinha dado ordem para que se respeitassem as egrejas, e as casas dos christãos, que tinham vindo reclamar a sua protecção; mas como no Indostão as casas são quasi todas formadas de madeira, e cobertas de caniçadas ou de grandes folhagens, não pôde obstar-se a que muitas fossem devoradas pelas chammas.

N'este mesmo tempo, o Çamorim recebeu dois novos revezes, da parte d'onde menos os esperava. O Rei de Tanor denodado e assaz poderoso em territorio, havia sido pouco a pouco despojado pelo Çamorim, o qual lhe não havia deixado mais do que Panana e Tanor. Tinha soffrido estas extorsões com paciencia, como de ordinario acontece aos pequenos estados que se vêem obrigados a ceder a uma potencia maior, e durante a ultima guerra havia este principe servido o Çamorim com o maior zelo na esperanza de que seus serviços o induziriam a fazer-lhe mais justiça. O Çamorim longe de attender a seus bons officios, pelo contrario pensava ainda em invadir o resto de suas terras, pela commodidade que ellas lhe offereciam na guerra que projectava continuar contra o Rei de Cochim. Semelhante proceder irritou o Rei de Tanor, que resolveu tirar a mascara; expediu embaixadores a Lopo Soares afim de solicitar a sua alliança e de obter algum auxilio; mas antes que este soccorro tivesse chegado, elle

descarregou dois golpes mortaes decisivos no Çamorim. Sabendo que este principe avançava com dez mil homens, para reunir ás tropas que vinham de Cranganor, esperou-o n'um desfiladeiro, e o derrotou completamente, matando-lhe mais de dois mil homens, e voltando rapidamente sobre as tropas do commando de Nambeadarim conseguiu nova victoria acabando de aniquilar os restos do fugitivo exercito.

Lopo Soares, e Duarte Pacheco despediram-se do Rei de Cochim; Manoel Telles Barreto ficou com quatro navios para defender os estados d'este principe, e os do Rei de Tanor, bem como as feitorlas portuguezas.

Lopo Soares tendo aviso que em Pandarane se achavam dezesete navios dos mouros ricamente carregados, e que sómente esperavam vento favoravel para se fazerem á vella pelo Mar Roxo, resolveu ir incendial-os, e nada disse sobre este particular ao Rei de Cochim. Fingiu não ter outra cousa em vista senão ir a Cananor, e partiu com toda a armada, fazendo-se ainda acompanhar da que elle deixava nas Indias.

Logo que chegou á altura de Pandarane, vinte paráos inimigos bem armados vendo as caravelas que se haviam antecipado e que pouco avançavam por falta de vento, as assaltaram com bastante coragem, mas chegando a nossa armada logo fugiram. Os dezesete navios mouriscos estavam n'uma especie de circulo encadeados uns aos outros com a popa para a margem, e a prôa eriçada de canhões, com quatro mil homens para os defenderem. O circulo achava-se a coberto de um recife no alto do qual havia um reducto com uma boa bateria. Os navios portuguezes como não podessem aproximar-se muito da terra, por estarem carregados, Lopo Soares foi com a sua gente escolhida nas lanchas, e observando que nada obstava a que as caravelas entrassem, as fez rebocar. Toda a difficul-

dade esteve em passar o recife. A bateria n'este estabelecida e a dos navios produziam um tão terrivel effeito, que por pouco que continuasse os portuguezes se veriam obrigados a retirar. Os capitães das lanchas excitados pelo perigo, foram abalroar ás dos vasos inimigos. Tristão da Silva subiu para o navio que aferrára; este exemplo foi seguido por todos os outros capitães entre os quaes estava Duarte Pacheco, combateu-se então de parte a parte, braço a braço. Os mouros cederam e abandonaram seus navios, que sendo presa das chammas, foram consumidos com todas as suas riquezas, por ordem de Lopo Soares, que depois d'esta assignalada victoria, seguiu viagem para a Europa, entrando em Lisboa no dia 22 de Julho de 1505, isto é, quatorze mezes depois que d'aqui partira.

Lopo Soares tinha titulos capazes de lhe grangearem a estima publica: filho do grande Chancellor do reino, depois de haver effectuado uma expedição gloriosa, não é para admirar que fosse acolhido com geral satisfação; no entanto Duarte Pacheco, seu emulo em proesas, captivava a attenção de todos os habitantes de Lisboa. Succedeu pois que por este tempo El-Rei D. Manoel fez extrahir uma noticia circumstanciada das façanhas de tão grande heroe, a qual enviou ao Summo Pontifice e a todos os soberanos da Europa. Após isto conduziu Duarte Pacheco até a cathedral em procissão, indo alli dar graças ao Altissimo. Por esta occasião o bispo de Vizeu fez a apologia do vencedor das Indias em sua propria presença. A mesma cerimonia religiosa teve lugar em todas as egrejas de Portugal.

É bem de crer se deseje indagar se tantas honras não foram seguidas de revezes. Duarte Pacheco deve augmentar a lista muito numerosa de homens illustres, victimas de uma fatal desgraça. Não pensando mais do que na gloria e vantagens de sua patria, tinha obstinadamente recu-

sado todos os presentes, que o Rei de Cochim lhe queria fazer. Depois do dia glorioso em que elle se vira publicamente elogiado em Lisboa, seja esquecimento, ou inveja, pareceu não se cuidar n'elle durante longo tempo. Passados muitos annos, alguns nobres tendo recordado o seu nome, lhe alcançaram o governo de S. Jorge da Mina. Activo, e pouco politico, Duarte Pacheco adquiriu numerosos inimigos, foi accusado de prevaricação, e o desinteresse de que havia dado provas tão evidentes, não pôde obstar a que viesse preso para Portugal. Sua prisão foi longa; e a final reconhecida a sua innocencia recobrou a liberdade, mas nem por isso deixou de ser o alvo a onde a malignidade dirigiu sempre os seus tiros. Finalmente aquelle que tinha triumphado com tão pouca gente de todas as forças de um poderoso soberano, e tornado o nome portuguez tão respeitavel na India, morreu reduzido á ultima indigencia.

1505 — El-Rei D. Manoel informado das maquinações occultas, e pouco leaes da Republica de Veneza, e da manifesta opposição do Soldão do Egypto, ligado com os Reis de Calecut e de Cambaya, resolveu mandar á India um grande capitão, que com o titulo de Vice-Rei dirigisse, promovesse e defendesse os negocios da navegação e commercio d'aquellas partes. E escolheu para este importante cargo o illustre D. Francisco de Almeida, o qual acompanhado de uma poderosa armada de vinte e duas vellas¹ saiu do Tejo em Março de 1505.

D. Francisco de Almeida, devia residir nas Indias primeiramente na qualidade de Governador e Capitão general, e tomaria o titulo de Vice-Rei, logo que tivesse feito construir fortalezas nos logares que El-Rei lhe designára.²

¹ Esta armada levava 1:200 homens de desembarque.

² Estas fortalezas deviam ser levantadas, segundo as instrucções da corte, em Quilôa, Anchediva, Cananor, e Coulão.

A esquadra seguiu sua derrota com feliz viagem, e veio lançar ferro a Quilôa. O Rei, a quem D. Vasco da Gama obrigára a prestar preito e homenagem a El-Rei de Portugal, era usurpador do throno d'este paiz, e sendo sempre inimigo dos portuguezes, apenas D. Francisco de Almeida chegou, fugiu para o interior. Mahomet Ancossim ficou governando interinamente, e teria seguido o exemplo do usurpador se o chefe portuguez o não tranquillizasse.

O Vice-Rei, sabedor de quanto este individuo era bem-quisto dos portuguezes, fel-o logo reconhecer Rei, entregando-lhe a purpura que o fugitivo usurpador maculára. As pompas e as festas para a aclamação do novo Rei foram luzidas, e não nos deteremos em as enumerar detalhadamente: basta que digamos que a corôa lhe foi posta na cabeça com o maior ceremonial por D. Francisco de Almeida, havendo o novo Rei prestado antes juramento de fidelidade a El-Rei de Portugal, de quem se considerava subdito.

Viu-se então na pessoa d'este principe um bello exemplo de probidade, porque levando o desinteresse até á abnegação, reputou-se tão sómente um depositario da realeza, chegando a rogar ao general que fizesse reconhecer um dos filhos do Rei Abulfait, que fôra desthronado pelo usurpador, e isto com prejuizo de seus proprios filhos. Ainda que D. Francisco d'Almeida admirasse n'este Mahometano tanta generosidade, tão pouco vulgar nos principes da terra, annuiu todavia ao que elle solicitára com a condição que conservaria o sceptro em quanto vivo fosse, governando os estados do seu pupillo.

D. Francisco de Almeida havendo edificado uma fortaleza em Quilôa, partiu para Mombaça, afim de castigar a audacia do Rei d'este paiz, e exigir-lhe satisfação do seu proceder para com os portuguezes. O piloto, que tinha sido encarregado de reconhecer a entrada do porto, foi re-

cebido com tiros de artilheria, e entre as peças notou-se que algumas tinham as armas de Portugal, as quaes tendo pertencido ao navio S. Raphael, que naufragára n'esta costa, o Rei de Mombaça conseguira tirar do fundo do mar.

O inimigo estava preparado para a defenza. Perto de quatro mil homens guarneciam a praça, e contava afóra isto com varios outros soccorros. D. Francisco d'Almeida não se acobardou: — atacou a cidade por duas differentes partes com vivissimo fogo, e finalmente após um mal ferido combate, tomou-a. Pelejou-se ainda assim pelas ruas da cidade porfiadamente e por muito tempo. Fizeram-se duzentos prisioneiros; e para mais de setecentas pessoas succumbiram n'esta lucta sanguinolenta. O Rei refugiou-se para o interior, e d'ahi fez algumas propostas de paz, que se regeitaram completamente. A cidade foi saqueada, e obteve-se um consideravel despojo, de que o Vice-Rei não guardou para si mais do que uma frecha. Na tomada da praça distinguiu-se sobremaneira D. Lourenço d'Almeida. — D. Francisco d'Almeida não quiz perseguir mais o Rei fugitivo, e mesmo a sua gente estava tão cansada que mal podia manobrar. Contentou-se em tomar a artilheria inimiga, e proseguiu na sua derrota para Anchediva, onde mandou edificar uma fortaleza, e assim que esta se achou em estado de resistir a qualquer assalto, foi nomeado seu governador Manoel Pessanha, a quem ficaram sufficientes munições e petrechos de guerra.

Concluidos estes trabalhos, D. Francisco d'Almeida partiu para Cananor, onde mal que chegou assumiu o titulo de Vice-Rei da India.

CAPITULO VIII

ANNOS DE 1505 E 1506

SUMMARIO

D. Francisco d'Almeida, o primeiro Vice-Rei da India apresenta-se com um fausto digno do alto emprego que exerce. — Recebe a bordo de seus navios uma pomposa embaixada do Rei de Narsinga que solicita a sua alliança. — Descrevem-se os extensos estados d'este principe. — O Vice-Rei vae para Cochim, onde acha reinando um sobrinho do antigo Rei do paiz; firma este no throno, repara e augmenta a cidadella aqui estabelecida, e expede para Portugal a frota ricamente carregada. — Imprudente proceder do Feitor, Antonio de Sá, em Coulaõ, que dá causa a serem massacrados os portuguezes alli residentes. — Vingança tomada pelo Vice-Rei por aquelle attentado. — O Camorim investiga os Reis seus alliados e dependentes, e clandestinamente se prepara para atacar todos os vasos portuguezes que se achassem isolados. — O Vice-Rei encarrega seu filho, de ir encontrar, e bater o inimigo, que é desbaratado, perdendo

muitos vasos. — A cidadella de Anchediva é atacada pelas forças do Sabaio, ou Senhor de Goa, que são repulsadas com perda; D. Francisco d'Almeida conhece a pouca utilidade que esta fortaleza presta ao Estado, e a faz arrazar. — O proceder de Gonçalo Vaz de Goes para com um navio mourisco de Cananor, revolta a população d'esta cidade contra o portuguezes. — Lamenta a de Cochim a perda de varios vasos que lhe são capturados pelas forças do Çamorim. — O Rei de Cananor procura render a cidadella, já por ardis, já de viva força, mas sempre com desvantagem. — Prolonga o assedio da mesma por mais de quatro mezes. — É levantado pela chegada inesperada da frota de Tristão da Cunha ás Indias.

O novo Vice-Rei de dia para dia procurava augmentar o lustre do seu nome. Se apparecia em publico era sempre com as maiores pompas e gallas; e como tivesse uma entrevista com El-Rei de Cananor, quiz ali demonstrar até onde chegava o luzimento da sua côrte, e por isso a nada se poupou quanto podesse accrescentar sua fama em riquezas, e dotes moraes que o tornassem preclaro. Tractou ao principio este principe como seu subdito, depois renovou com elle a antiga alliança, e obteve poder construir uma fortaleza, que em breve espaço se concluiu, fornecendo El-Rei os materiaes, e trabalhando todos os portuguezes sem distincção de classe, na obra para que se concluisse com a maior diligencia.

Feriu porém mais o amor proprio do Vice-Rei a circumstancia de ver-se ao mesmo tempo solicitado pelo Rei de Narsinga ou de Bisnagar. Este principe, além dos extensos estados que possuia para o interior das terras, ex-

tendia ainda o seu poderio por toda a costa de Coromandel d'alem do cabo de Çamorim, e d'aquem, pelo territorio tocava Canará, d'uma parte no Malabar, e da outra, no Reino de Decan. Elle se appellidava o *Rei dos Reis*; e effectivamente contava muitos d'elles seus feudatarios especialmente o Rei de Onor. Como seus interesses o induzissem a procurar a amizade dos portuguezes, tanto que lhe constou a chegada de D. Francisco d'Almeida a Anchediva apressou-se a enviar-lhe um embaixador que o foi encontrar em Cananor. O Vice-Rei lhe deu pomposa audiencia a bordo. O embaixador disse por esta occasião «que a affeição que El-Rei seu amo tributava á nação portugueza, obrigando-o a alliar-se com ella, era tão grande que não duvidava aceitar voluntariamente quaesquer condições que podessem favorecer o commercio entre El-Rei de Portugal e seus subditos; e para prova da sua boa vontade consentia desde já que se estabelecessem fortalezas em nome do Rei de Portugal nos portos de seus Estados, que o Vice-Rei julgasse mais convenientes, excepto no de Baticala, por haver já este porto sido concedido a outros. Finalmente, que para mais estreitar os laços da união que aquelle principe desejava contrahir com El-Rei de Portugal, elle lhe offerecia para esposa do principe de Portugal, sua irmã, princeza de rara formosura.» Estas offertas eram acompanhadas de riquissimos presentes. O Vice-Rei respondeu ao embaixador cavalheira e dignamente, e regulou temporariamente as condições que lhe pareceram mais convenientes aos interesses de Portugal, promettendo fazer quanto podesse para firmar cada vez mais a alliança que se lhe propunha estabelecer, e a final despediu o embaixador summamente satisfeito, encarregando-o egualmente de magnificos presentes tanto para El-Rei seu amo, como para elle proprio.

O Vice-Rei, tendo deixado Lourenço de Brito governa-

dor da fortaleza de Cananor, partira para Cochim, onde se propunha praticar uma brilhante acção. Trimumpára, este tão fiel, constante e generoso amigo dos portuguezes já não existia no throno. A sua devoção o havia levado a abdicar, afim de procurar, segundo um mui ordinario costume dos Reis Indios, a solidão, e alli terminar seus dias no exercicio das mais santas praticas de sua religião: mas ao retirar-se do throno, quiz dar aos portuguezes um testemunho irrefragavel de sua afeição para com elles; porque tendo de escolher um successor entre seus sobrinhos, recusou aquelle que mais inclinado se mostrára ao Çamorim, e nomeou de preferencia Nabeadora, que fôra sempre affecto á Nação portugueza, não obstante o primeiro ser, conforme o uso do Malabar, o mais proximo herdeiro da corôa. Esta troca não deixou de produzir ao Vice-Rei algum receio, mas reflectindo n'esta circumstancia, achou ser a mais favoravel ao seu projecto.

El-Rei D. Manoel mandára uma magnifica corôa de ouro ao Rei de Cochim, e o Vice-Rei tomou a deliberação de coroar solemnemente este principe. O Rei cercado da sua côrte, recebeu o Vice-Rei, que foi acompanhado de todos os seus officiaes, ao palacio, e depois dos cumprimentos do estylo, começou este o seu discurso: «Exaltou primeiro «os importantes serviços que Trimumpára, seu antecessor «prestára á corôa portugueza, a ponto de ter arriscado seus estados, e sua propria pessoa pela conservação, e «bem estar dos seus alliados. Accrescentou depois que «El-Rei de Portugal se mostrava por tal circumstancia tão «agradecido, que desejando dar-lhe um testemunho não vul- «gar de sua gratidão, lhe recommendára tres cousas que elle «passava a executar, a respeito do principe reinante de «Cochim, pois que Trimumpára, por sua abdição, se «não podia aproveitar d'ellas. Que era a primeira, pôr-lhe «na cabeça uma corôa de ouro, como signal distinctivo

«da auctoridade real que elle lhe conferia, sob a protecção
«de Portugal, exemptando-o desde aquelle momento de
«toda a dependencia do Çamorim, ou de outro qualquer
«soberano, permittindo-lhe o cunhar moeda de ouro, prata
«ou qualquer outro metal, como é da pratica dos Reis,
«obrigando-se Portugal a defender o novo Rei, e seus suc-
«cessores contra quaesquer inimigos.»

Dizendo isto o Vice-Rei toma a corôa, que põe na cabe-
ça do principe ao som de instrumentos guerreiros, collo-
ca-o no throno, e proclama-o Rei.

Poucos instantes depois proseguiu assim: «Que consis-
«tia a segunda cousa em lhe offerecer uma taça de ouro,
«e que em testemunho de reconhecimento e protecção que
«El-Rei de Portugal lhe outorgava, todos os annos lhe en-
«viaria uma taça como aquella.» O Vice-Rei levantou-se e
entregou a taça ao Rei,

«Que era, emfim, a terceira edificar uma segunda for-
«taleza mais forte do que a primeira, afim de que a pes-
«soa do Rei e a cidade de Cochim ficassem a coberto de
«qualquer insulto que se premeditasse.»

Layrou-se um auto, em duplicado, do acontecido. Al-
guns escriptores affirmam que Nabeadora se declarára
desde então vassallo da corôa portugueza, e que os por-
tuguezes assim o reconheceram: porém é ponto que não
podemos dar por inteiramente esclarecido.

O Vice-Rei satisfeito de tão bem haver empregado o seu
tempo, deu-se pressa em accelerar os trabalhos de fortifi-
cação: expediu para Portugal oito navios grandes, cuja
carga se achava já prompta nos depositos portuguezes de
Cochim e de Cananor, e encarregou o commando d'esta
frota a Fernando Soares.

Em consequencia dos infortunios acontecidos ao Çamo-
rim pelo valor de Duarte Pacheco, aquelle principe, des-

gostoso, parecia não desejar outra coisa mais do que a paz; mas, ou por que o orgulho o impedisse de ser elle o primeiro que a solicitasse, ou porque o receio o privasse da coragem necessaria para emprehender alguma coisa, conservava-se em inacção, não pedindo a paz, nem fazendo a guerra.

Em Coullão occorreram por este tempo desordens de graves consequencias. Antonio de Sá, feitor n'esta cidade, determinou que ninguem podesse carregar generos do paiz em quanto os depositos portuguezes não estivessem cheios. Este facto havia tido logar no tempo em que Duarte Pacheco commandava só nas Indias, o que o obrigára a transportar-se a Coullão; mas por mui activo que fosse, elle pensou dever então dissimular prudentemente o passado, occultar este negocio, e assegurar seus direitos para o futuro. Logo que D. Francisco de Almeida fundeou em Anchediva, na sua chegada á India, João Homem capitão da caravela, que se despachára para participar a vinda do novo general, tendo chegado a Coullão, Antonio de Sá, soberbo de se considerar reforçado por este novo auxilio, renovou as suas instancias e diligencias. Estavam então surtos no porto de Coullão grande numero de navios mouriscos, que solicitavam o Rei para que os fizesse carregar, pois que nenhuma outra coisa esperavam para se fazerem de vella. Antonio de Sá não havia até então impedido de os satisfazer, posto que lhe não faltasse para isso a vontade; temendo porém que o Rei cedesse áquellas instancias, expoz a João Homem o objecto de seu receio, e este respondeu-lhe pouco mais ou menos nos seguintes termos: «Que melhor seria não se expor a que o Rei faltasse á sua palavra, e para o collocar na necessidade de cumprir suas promessas, o seu parecer era, que se mandassem tirar aos vasos estrangeiros os lemes e as vellas, guardando-as na Feitoria.» Este projecto teve prompta execução, e em seguida

João Homem saiu d'este porto para ir fazer junção com a esquadra do Vice-Rei.

Esta acção motivou grande descontentamento entre os mouros e indios; e decorridos alguns dias em contestações, a população correu ás armas, e os portuguezes foram todos mortos; sendo a maior parte queimados na sua propria egreja, que haviam procurado, como asylo seguro, ou assassinados tentando evitar as chammas.

O Vice-Rei logo que teve noticia de tão desagradavel acontecimento, ordenou a seu filho ir tomar vingança d'elle. D. Lourenço de Almeida, posto que ainda joven, era um dos mais esforçados varões que Portugal então possuia; parte a toda a pressa para Couão, e observando que nem da parte do Rei, nem da Regencia do paiz, se tratava de se lhe dar satisfação, e que ao contrario, os navios que ahi se achavam começavam a encadear-se uns com os outros para opporem vigorosa resistencia, fez saltar a sua gente nas lanchas, e os ataca; depois de um encarniçado combate, mandou lançar fogo aos navios inimigos, em numero de vinte e quatro, ricamenté carregados, os quaes todos foram presa das chammas.

Como todos aquelles navios pertenciam aos mouros de Calecut, o Çamorim resentiu-se vivamente d'esta perda. Este principe permanecia em perfeita inacção, não era isso mais do que uma affectada tranquillidade, por quanto no Indostão lá predominava a sua politica doble, e preparava-se uma reacção geral contra os portuguezes, tractando-se occultamente de todos os preparativos de guerra para que os seus projectos tivessem bom exito.

Achava-se então em Calecut, certo romano da nobre familia dos Potrizzi, mais conhecido pelo nome de Luiz Barthéma, Bolonhéz, que elle proprio se dera nas suas memorias. A sua curiosidade, e desejo de viajar o tinham levado do Levante até ás Indias, disfarçando seu nome, seu

estado, e sua patria. Tendo a habilidade de observar o que se passava na côrte do Çamorim, achou meio de sair da cidade, e vir relatar fielmente tudo a D. Lourenço de Almeida. O seu relatório foi precisamente o que se segue: «Que o Çamorim exasperado por ver seu commercio interrompido, tendo reunido o maior numero de calafates possível, havia feito apromptar uma armada a mais numerosa de quantas elle até então havia posto no mar; afim de fazer comboiar todos os vasos mercantes que viessem para seus portos: Que esperava surprehender os navios portuguezes que andassem dispersos em diferentes pontos: Que se servira com vantagem dos dois transfugas christãos, de que se tem fallado: Que estes lhe haviam fundido grande numero de canhões de diversos calibres, e apresentado a planta de muitos navios, de que a sua armada se compunha. Que estes dois renegados que se haviam tornado tão nocivos aos portuguezes, estavam vivamente atormentados em suas consciencias, continuavam a servir aquelles infieis por necessidade, e voluntariamente se entregariam aos portuguezes, se podessem obter o seu perdão.

Sabedor o Vice-Rei de todos estes pormenores, enviou immediatamente o Italiano a seu filho D. Lourenço de Almeida, com instrucções para que o fizesse passar a Calecut, e auxiliasse a evasão dos dois transfugas, reunindo ao mesmo tempo todos os seus vasos que andassem dispersos, e saísse ao encontro da armada inimiga, para a bater. Não deixou D. Lourenço de Almeida de executar á risca as ordens de seu pae; mas a ambição dos transfugas foi causa da sua perda. O desejo que elles tiveram de transportarem para bordo suas mulheres, seus filhos e bens moveis, e os movimentos que para isso fizeram produziram a suspeita de quaes fossem seus designios; pelo que a população amotinou-se e os fez em pedaços. O fidalgo

romano, mais habil, salvou-se, não sem grande difficuldade.

Não tardou a armada inimiga em apparecer, na conformidade do aviso que se recebera. Compunha-se esta de mais de duzentas vellas; a saber: de oitenta e quatro navios, e cento e vinte e quatro parâos. Os numerosos vasos pareciam cobrir o mar. A esquadra de D. Lourenço de Almeida constava apenas de onze vasos, a saber: tres galeões, cinco caravelas, duas galeras, e um bergantim. O joven Chefe resollvido a combater segundo as ordens que havia recebido de seu pae, collocou toda a sua confiança no auxilio do Ceo, e fez voto de edificar um templo em honra de Nossa Senhora da Victória. Os inimigos não obstante suas grandes forças, não deixaram egualmente de possuir-se de algum medo, e mesmo de o dar a conhecer pedindo que se lhes desembaraçasse a passagem. Pode ser que elles pretendessem dissuadir os portuguezes do combate, significando-lhes que tinham ordens positivas de não combaterem os christãos mas tão sómente de comboiarem os navios que eram por elles escoltados.

No primeiro dia não se fez mais do que pairar por falta de vento. No seguinte dia porém tendo-se levantado um vento fresco, D. Lourenço de Almeida, que não queria ser envolvido pelo inimigo, ganhou o largo, e tomou abarlavento. As duas esquadras começaram então a bater-se com artilheria; mas com bem diverso resultado: porque a artilheria inimiga era mal servida, e como tal, produzia pequeno effeito nos vasos portuguezes, que se achavam mui affastados uns dos outros; pelo contrario estes não perdiam um só tiro sobre aquella multidão de velas apertadas e unidas, de sorte que as suas mesmas evoluções os prejudicavam. Logo que D. Lourenço de Almeida percebeu a desordem na frota inimiga, correu a dar abordagem ao navio principal, tres vezes lhe falharam os arpêos,

e só á quarta conseguiu abalroal-o. Foi D. Lourenço de Almeida o primeiro que saltou dentro seguido de João Homem, que posto que se não mostrasse satisfeito do Vice-Rei, comtudo quiz seguir o filho d'este como voluntario, e repartir com elle a honra d'este dia. Saltaram ao mesmo tempo Philippe Rodrigues, Fernando Perez de Andrade, e Vicente Pereira, que foram seguidos de outros muitos. Guarneciam o navio seiscentos mouros escolhidos os quaes se bateram com denodo, mas atterrados dos grandes golpes que os portuguezes descarregavam lançaram-se ao mar, deixando a coberta juncada de mortos.

Nuno Vaz Pereira, a exemplo do seu Chefe, havia tambem dado abordagem a outro navio quasi do tamanho do primeiro e que era guarnecido por uns quinhentos homens, mas com mui differente resultado. A sua caravela como fosse pequena, não lhe dava logar a manobrar com vantagem. Os golpes que ella recebia do navio inimigo, pareciam mettel-a a pique, e os adversarios reunidos no castello de prôa ficando-lhe sobranceiros, lançavam seus dardos de cima para baixo, e combatiam com maior vantagem. D. Lourenço de Almeida que se apoderára do navio que abalroára, voou em auxilio de Nuno Vaz Pereira, e depois de um vigoroso combate, se assenhoreou tambem d'este. A presa d'estes navios lançou o terror na frota inimiga que constava pela maior parte de vasos mercantes, os quaes fugiram voltando uns para Calecut, e seguindo outros seus respectivos destinos. Os parãos e demais navios da escolta, esses avançaram para envolverem os vasos portuguezes, e praticaram esta manobra com tal resolução e felicidade, que o seu resultado ficou por algum tempo duvidoso. A coragem era extrema de ambas as partes. Combateu-se com encarniçamento. Os portuguezes fizeram prodigios; entre estes, se distinguiram João Serrano, e Simão de Andrade, que combateram como he-

roes. Finalmente, depois de ter durado a acção um dia inteiro, e parte da noite, com claridade da lua, a frota inimiga retrocedeu, e retirou-se com perda de mais de tres mil homens, de muitos vasos mettidos a pique, e de nove aprisionados, os quaes o vencedor fez entrar no porto de Cananor, onde foi recebido com grandes applausos, tanto do Rei como do povo que havia presenciado o combate.

Entretanto o Sabaio, Soberano de Goa, cioso da alliança que os portuguezes haviam contrahido com o Rei de Onor, seu adversario, esperando occasião de os hostilisar, expediu enfim uma frota para Anchediva por lhe constar que D. Lourenço de Almeida partira a combater a frota de Calecut. Compunham-se as forças maritimas do Sabaio de sessenta vasos a remos. A frota do Sabaio atacou a praça de Anchediva com bastante vigor; mas o governaador Manoel Pessanha a soube defender com tal coragem que obrigou o adversario a levantar o sitio, e a voltar mui mal tractado para Goa. Observando o Vice-Rei, que a conservação d'esta praça, por ficar muito affastada, motivava grandes despezas, e que por outro lado a mesma de pouco servia, fê-la demolir, alguns dias depois, em consequencia da determinação de seu conselho.

Um novo acontecimento veio excitar a colera dos indios. Gonçalo Vaz de Goes, tendo saido de Cananor, afim de se reunir á frota de D. Lourenço de Almeida, caiu sobre um navio mourisco, que tambem saia do mesmo porto e aprisionou-o. Succedeu que o capitão do navio, que casualmente fôra morto, arremeçado o seu cadaver ao mar foi levado pela maré ás praias de Cananor. Bastou isto só para pôr tudo em alarme; accrescendo que Cananor mudára de senhor, e o Camorim conseguira fazer uma substituição assaz desvantajosa para os portuguezes.

O fallecido capitão do navio era sobrinho de um moiro de grande consideração, que logo se transportou á presença

de Lourenço de Brito, governador da fortaleza, pedindo reparação. Este prometeu-lh'a; porém o ancião não contente com a promessa, amotina o povo, vae á presença do Rei, que sendo mortal inimigo dos portuguezes, aproveitou o ensejo, para ainda mais exaltar os amotinados.

Os elementos de revolta conta os portuguezes pareciam combinar-se entre si. D. Lourenço de Almeida tendo á sua disposição uma esquadra de dez vasos, tinha ordem de guardar a costa para favorecer o commercio de El-Rei de Cochim, que então tinha muitos navios no mar, promptos a fazerem-se de retorno. D. Lourenço de Almeida tendo chegado a Dabul,¹ recebeu aviso de que se achavam alli muitos navios de Cochim, sitiados pela frota do Çamorim. Esta frota que permanecia no rio, não podia escapar-lhe, e depois de ter libertado os seus alliados, esteve a ponto de alcançar uma nova victoria sobre a mencionada frota. Desejava Lourenço de Almeida combater, mas reunindo seus capitães em conselho, foram a maior parte d'elles de opinião contraria. Por consequencia, D. Lourenço de Almeida sendo vencido em votos, viu-se obrigado, a seu pesar, a abandonar a empresa. Os inimigos, aproveitando-se d'esta circumstancia, queimaram, ou aprisionaram os vasos que estavam bloqueados. Esta noticia logo que chegou a Cochim, encheu de pranto toda a cidade. O mesmo Vice-Rei se mostrou afflicto, e prometeu ao Rei a punição de seu filho, caso que se achasse culpado. Effectivamente logo que este chegou o fez responder a conselho de guerra, mas D. Lourenço de Almeida, que tivera ordem de não praticar cousa alguma, que não fosse do parecer da maior parte de seus capitães, e que tivera o cuidado de que se

¹ Hoje grande cidade do Indostão, no Reino de Visapur na Costa do Malabar, ao sul do golfo de Cambaya. Consiste seu principal commercio em pimenta preta e em sal.

lhes dessem estes pareceres por escripto, levava consigo a sua justificação, e se livrou assim de todo o embaraço.

O Çamorim, jurou a perda dos portuguezes; e vendo que o Rei de Cananor estimava cometter contra elles uma empresa de guerra, offereceu-lhe desde logo trinta mil homens com vinte peças de artilheria.

Os portuguezes não estavam em boa posição, porque não lhes tendo chegado frota alguma, tinham forças deseguaes, do que seus adversarios deduziam grandes esperanças, fundados nas predicções de seus agoureiros, os quaes lhes annunciavam, por este anno, grandissimas vantagens. Effectivamente D. Lourenço de Almeida havia lançado sessenta homens na cidadella, e abastecido a praça. O inverno se aproximava, e não havia apparencia de se poder soccorrer a praça, até que voltasse a primavera, e o Çamorim, fazendo marchar suas tropas por terra, podia movel-as qualquer que fosse a estação do anno.

Um acaso inesperado, ou antes a Providencia, salvou os portuguezes. Um sobrinho do Rei, avisa-os do que se premeditava, subministra-lhes auxilios conforme a occasião e as suas precisões, e alfim consegue dar animo aos desalentados, livrando das insidias dos mouros a flor da gente de Portugal.

A fortaleza de Cananor estava situada sobre uma ponta de terra, que o mar banhava de ambos os lados, e tinha um defeito essencial, que era a falta de agua potavel, que só se podia obter de um poço entre a cidade, e a praça, na qual o mesmo não podéra ser incluído. O Rei de Cananor, que bem previa, deverem os portuguezes ficar á sua discreção, se conseguisse cortar-lhe a comunicação do mencionado poço, antes mesmo de alli se hostilizarem os dois partidos, fez sob diversos pretextos, escavar de uma margem á outra, um profundo fosso, não deixando senão uma passagem mui estreita, para ir ao poço; e guarneceu de-

pois toda esta linha de reductos, e de boa artilheria. O governador Lourenço de Brito advertido, praticou pela sua parte os mesmos trabalhos, não deixando para se poder ir ao poço situado entre estas duas linhas, mais do que uma simples ponte levadiça. Logo que de uma e outra parte esteve concluida a obra romperam as hostilidades. O Rei de Cananor apresentou-se com sessenta mil homens, os quaes fizeram n'esta primeira demonstração de sua força, maior ruido do que obras. O poço foi durante um mez, o campo de batalha onde os mais bravos dos dois partidos deram provas não equivocadas de seu valor. Posto que os inimigos obtivessem alli menos vantagens, os portuguezes comtudo estavam reduzidos á triste necessidade de não poderem tirar agua, senão á custa de seu sangue, e para a obter era necessario pôr-se toda a guarnição em armas, o que extremamente a fatigava. O Governador que não tinha mais de quatrocentos homens, entre portuguezes e malabares, para conservar a sua gente, evitava as sortidas, o que tornava a agua ainda mais rara, e obrigava os infelizes a quem apertava a sede, a passarem por cima das obras, e a exporem a sua vida, illudindo a vigilancia das sentinellas.

Achando-se na Praça Thomaz Fernandes, que de Portugal havia sido mandado ás Indias na qualidade de engenheiro, este formou um bello plano que deu a victoria aos portuguezes. Mandou abrir um caminho subterraneo, alto e espaçoso, que conduzia ao poço mesmo ao nivel d'agua, e para que os inimigos não podessem envenenar a agua, fez construir, com o maior segredo possivel, uma abobada por cima da agua, concluida a qual, o governador n'uma sortida ordenou se arrasasse, e entulhasse o poço. Este resultado de tal sorte espantou o Rei de Cananor, e os indios, que não duvidando, de que os portuguezes tivessem encontrado agua dentro da cidadella não pensaram que tivesse havido n'isto algum ardil, ou artificio.

Como os inimigos, por esta parte, tivessem perdido a esperança, resolveram atacar a praça com um assedio regular, e deram logo repetidos assaltos aos entrincheiramentos que o governador formara. A artilheria portugueza porém tendo produzido continuos estragos nos sitiadores estes de tal sorte afrouxaram em seu ardor, que não ousavam mostrar-se. Para obviarem a este inconveniente, os mouros suggeriram ao Rei, o fazer apromptar grande quantidade de gabiões ou saccoas cheias de lã bem calcada, ao abrigo das quaes, como d'um parapeito elles podessem estar a coberto da artilheria portugueza. Taes preparativos não foram ignorados pelo governador, que tambem foi avisado das precauções do inimigo pelo principe de Cananor que lhe enviára durante a noite, um de seus confidentes com dous bateis carregados de viveres. O artificio dos inimigos não deixou de lhe produzir um grande resultado. As ballas expedidas' pelos canhões que então se chamavam *sphas* e *camellos*, perdiam a sua velocidade e força n'aquelles muros de lã, o que intimidava os sitiados, e ao contrario affoutava tanto os indios, que saindo de seus entrincheiramentos, e apresentando-se em chusma para escalar o dos portuguezes, chegaram a agarrar-se ás estacas da palissada que sustentava as terras. O governador mandou então conduzir com a maior rapidez para o terraplano algumas colobrinas, das que se chamavam basiliscos, e fazendo um terrivel fogo não poderam os gabiões manter-se de sorte que deixando descobertos os inimigos que antes abrigavam, as cargas e metralha difundiram entre elles o terror e a desordem.

Como se fosse prolongando o assedio houve outros ataques: o mais celebre foi dirigido por um cavalheiro castelhano, conhecido pelo nome de Guadalaxara, sua patria. Para esta operação escolheu uma noite mui escura, fria, e chuvosa, e tendo caído sobre um abarracamento inimigo

matou uns trezentos homens, e voltou carregado de despojos e de viveres.

Aproveitando tão mal os inimigos os seus esforços, parecia que a fortuna se apresentava para combater em seu auxilio. Um fiel d'armazem tendo por descuido posto o fogo á feitoria, este pegou com tal violencia, que não achando alli mais do que materiaes combustiveis, em poucas horas a consumiu com quasi todos os viveres e muitas das casas visinhas.

Os portuguezes ficaram na maior consternação, e apesar dos soccorros que o principe de Cananor secretamente lhes enviara, viram-se reduzidos a tal penuria, que foram obrigados a nutrirem-se de ratos e de toda a sorte de imundicie. A volta do bom tempo como tivesse feito receiar ao Çamorim e ao Rei de Cananor pelos soccorros que poderiam então chegar da Europa aos portuguezes, resolveram prevenil-os, reunindo todas as suas forças e fazendo o ultimo esforço para tomarem a praça. Effectivamente o Çamorim fez partir a sua armada, logo que ella pôde navegar livremente. A ordem do ataque estava bem disposta. Devia este naturalmente começar pelo entrincheiramento interior, afim de attrair a esta parte toda a attenção dos sitiados que de modo algum desconfiariam da ficção, mas quando tivesse empenhada a acção, a armada até então occulta, devia ir desembarcar na lingua de terra, e apoderar-se da praça por escalada sem receio de resistencia alguma. Como o governador fosse advertido d'este projecto dos inimigos tomou as devidas precauções. No dia em que a acção, devia ter logar apresentando-se a esquadra inimiga, conforme se tinha determinado, foi recebida com tanto valor, que os chefes pasmados d'uma resistencia que não esperavam, retiraram-se quasi sem combater. Os portuguezes que defendiam este posto, tendo então corrido aos entrincheiramentos onde os indios de Cananor princi-

piavam a ter alguma vantagem, os repetiram tão vigorosamente que os sitiadores, não podendo sustentar a impetuozidade dos sitiados, viram-se obrigados a retirar, deixando muitos dos seus mortos no campo.

Oe sitiados não obstante seus triumphos estavam reduzidos á ultima extremidade, e teriam succumbido se a providencia não conduzisse a esquadra de Tristão da Cunha a Cananor.¹ Os inimigos pediram a paz que lhe foi concedida, e assim terminou este memoravel sitio que durou quatro mezes, ficando Lourenço de Brito, e todos os que serviram debaixo de suas ordens cobertos de gloria.

¹ Em o Capitulo seguinte trataremos da viagem, e descobertas d'este illustre portuguez.

em esta cidade sagrada e faz-se a segunda tributo de Portugal. —
— faz-se e tambem sagrada. Circumstancias que promovem
este acontecimento. — Descobrem-se a ilha de Socotára, nos
costumes e religião de seus habitantes. — É occupada por Tris-
tão da Cunha, depois de expulso o Rei de Cochim que a elle se
opoz. — O Rei de Brá e Tristão da Cunha tratam, no
intermittente alguns rezes monges no porto de Fomá, aliado
de examinar. — O Rei de Brá e Tristão da Cunha de Ca-

CAPITULO IX

ANNOS DE 1506 E 1507

SUMMARIO

Diogo Fernandes Pereira descobre a Ilha de Socotarâ. — O Rei de
Zanzibar e o chefe de Bravá tornam-se tributarios da coroa por-
tugueza. — Pedro Anaia occupa Çofala, indo de Portugal para a
Asia. — Descripção d'esta Ilha; levanta-se aqui uma fortaleza
em nome d'El-Rei de Portugal; descobre-se uma traição que
se urdia contra os portuguezes; morre o Chefe da Ilha. — Em
Quilôa disputa-se a posse do throno, disturbios que esta con-
tenda traz consigo. — Por intervenção de Nuno Vaz Pereira é
elevado Hocem ao throno: o seu mau proceder faz com que Nu-
no Vaz chame em seu logar o usurpador Ibraim. — Tristão da
Cunha descobre algumas ilhas, a que dá seu proprio nome. —
Faz o reconhecimento da ilha de Madagascar, que fôra desco-
berta por Ruy Pereira e Fernando Soares. — Descripção d'esta
ilha. — Tristão da Cunha declara a guerra aos Reis de Hoya, o
de Lamo prestando auxilio ao de Melinde. — O primeiro é morto

e sua cidade saqueada, e faz-se o segundo tributario de Portugal. — Brava é tambem saqueada. Circumstancias que promoveram este acontecimento. — Descreve-se a ilha de Socotorá, usos, costumes e religião de seus habitantes. — É occupada por Tristão da Cunha, depois de expulso o Rei de Cacheu que d'ella se apoderára. — O Vice-Rei e Tristão da Cunha atacam, tomam, e incendiam alguns vasos mouriscos no porto de Pananá alliado do Camorim. — O Vice-Rei volta para Cochim, e Tristão da Cunha parte com o comboio para Portugal.

El-Rei D. Manoel se por um lado empregava diligencias e dinheiro para que os negocios da India tivessem bom exito, por outro não esperdiçava quanto ao seu alcance estava para a boa fortuna na Africa, pois quer n'uma quer n'outra parte o interesse era reciproco. Em quanto pois se guerreavam os mouros de Fez e de Marrocos, mandava El-Rei repetidas esquadras ao Oceano, afim de dilatar as conquistas e descobertas, fazendo n'estas costas novos estabelecimentos para interesse e accrescimento do lustre das façanhas dos portuguezes.

D. Manoel já havia chegado até ao cabo de Guardafui; em quanto que da parte do mar Atlantico tudo permanecia tranquillo e socegado; e este principe disfructava pacificamente as suas possessões e o fructo do seu commercio. A piedade era caracteristica d'El-Rei D. Manoel, e por isso nenhum outro objecto tinha elle mais a peito do que a religião christã, pelo que não cessava de enviar missionarios para que ella se arreigasse profundamente entre estes povos. Não se deixou de colher bom fructo de taes mis-

sões, especialmente no Reino do Congo onde o piedoso Rei D. Affonso empregára identicos esforços com feliz resultado.

Por estes tempos El-Rei D. Manoel expediu tres vellas sob o commando de Antonio de Saldanha, que acoçadas pelos temporaes viram-se na necessidade de se separar. Diogo Fernandes Pereira, commandante de uma d'ellas descobriu a ilha de Socotorá ¹ até então desconhecida aos europeus; invernou ali e passou depois ás Indias. Rodrigues Lourenço Ravasco que commandava a terceira, fez viva guerra ao Rei da ilha de Zanzibar, não obstante ser aliado de Portugal; aprisionou-lhe muitos navios, metteno seu filho n'uma desavença, e obrigou este principe a fazer-se tributario, pagando annualmente cem miticaes de ouro, e trinta caneiros para o capitão que fosse buscar o tributo: impoz egualmente um tributo de quinhentos miticaes de ouro cada anno á cidade de Brava. ² Tendo reunido Antonio de Saldanha, intimidaram o Rei de Mombaca e o obrigaram a effectuar uma paz, posto que simulada, com o Rei de Melinde, e passaram depois ás Indias.

Como grassára então a idéa de que Çofala era o Ophir de Salomão, d'onde se transportára quasi todo o ouro, El-Rei D. Manoel não perdia de vista um ponto tão importante, em consequencia do que, pouco tempo depois da partida de D. Francisco de Almeida para as Indias, expediu para aquella ilha uma esquadra sob o commando de Pedro Anáia, o qual devia ser o governador d'ella. Esta esquadra era composta de seis vasos, tres dos maiores deviam empregar-se no

¹ Socotorá, ilha d'Africa, no mar das Indias á entrada do estreito de Bal-el-Mandel a umas 60 leguas ao nordeste do cabo de Guardafui. Tem 27 leguas de comprimento sobre 9 de largura. Abunda em fructos e gados, sendo as tamaras o principal alimento de seus habitantes. Suppõe-se ser a Dioscorida dos antigos geographos.

² Cidade de Africa na costa d'Ajan, hoje capital de um pequeno estado independente: 25 leguas ao Sul de Magodexo.

serviço das Indias logo que Anáia não precisasse mais d'elles. Os tres que restavam serviriam de guarda costas na baixa Ethiopia, commandados por Francisco Anáia, filho de Pedro Anáia.

Çofala abrange de baixo do mesmo nome uma cidade, uma ilha, e um reino, situado no paiz dos Cafres, muito além do Cabo de Boa Esperança, sahindo para o Equador, entre o Cabo das Correntes e Moçambique. A ilha de Çofala é formada pelos dois braços do rio Cuama que é um ramo do Zambese. Seus habitantes eram negros e encarpinhados, supersticiosos como todos os demais negros, mas menos simples, e grosseiros, e um tanto mais industriosos que elles. Não obstante eram pobres, no meio da abundancia, e esta sua pobreza se manifestava não somente nas suas habitações, e nas suas pessoas, mas tambem em tudo o mais que lhes pertencia. O paiz era realmente rico pelas minas de ouro que ahi abundavam, e ainda mais pelas avultadas particulas de ouro que se encontravam nos lagos, e nos rios que corriam por vastas campinas; e onde navegavam, segundo se affirma, alguns barcos tão bem construidos, que resistiam á inclemencia dos tempos, e datavam de eras tão remotas, que com quanto esta se manifestasse por certos caracteres n'elles gravados, todavia como eram quasi desconhecidos e denotavam grande antiguidade, por isso pareciam ser dos primeiros seculos.

Este reino fôra outr'ora dominado pelo soberano de Monomotapa, cujo imperio ainda hoje se estende por todas as vastas regiões da baixa Ethiopia Oriental. Mas estes povos eram incapazes de se aproveitarem das vantagens de suas terras, que pareciam destinadas para extranhos mais habeis. Os mouros haviam-se apoderado d'ella em ultimo lugar, e allí se estabeleceram desde logo pacificamente. Alguns dos generos que o commercio leva a toda a parte,

foram o engodo que os fez ser acolhidos com prazer. Affirma-se terem sido os mouros de Mogadoxo os primeiros que alli foram, os quaes tendo sido expulsos pelos Reis de Quilôa, estes se apossaram do paiz, e ahi estabeleceram Cheques ou governadores, em seu proprio nome. O que então se achava, quando os portuguezes alli aportaram, por nome Isuph, aproveitando-se das desordens que motivara a ultima revolução de Quilôa, constituiu-se soberano independente. Foi porém tarde, pois que não disfructou do titulo por muito tempo.

Tendo Pedro Anáia conseguido aportar a Çofala, depois de ter aplanado algumas difficuldades que lhe obstavam apresentar-se no palacio do Cheque, situado n'uma aldeia, mui affastada, tomou a deliberação de alli se dirigir com toda a sua gente ao som de tambores e de trombetas. O Cheque, que de bom grado teria dispensado semelhante visita, dissimulou, e recebeu-o agradavelmente. Estava recostado n'um sophá na parte mais retirada do palacio. A seu lado via-se collocado um molho de frechas. Tudo o mais, posto que elegante, era modesto; em toda a sua corte nada havia notavel senão a sua propria pessoa, e posto que fosse homem d'uns oitenta annos, mostrava ainda um ar que bem indicava a superioridade, e sustentava a reputação, que adquirira.

Pedro Anáia expoz-lhe o objecto de sua commissão, exaltou-lhe o poder d'El-Rei de Portugal, e as grandes vantagens que se lhe seguiriam de sua alliança, e concluiu por pedir a permissão de edificar uma fortaleza que podesse servir de emporio aos navios destinados para as Indias, de armazem seguro de deposito para as suas mercadorias, e mesmo de baluarte contra os inimigos d'elle Cheque, cuja amisade os portuguezes ambicionavam.

Isuph nenhuma necessidade tinha do commercio dos portuguezes e não ignorava que havia mais logar de os

temer do que de os estimar, mas foi esta mesma idéa a que o tornou facil em satisfazer todas as exigencias de Pedro Anáia.

A permissão de se construir uma fortaleza, em nome d'El-Rei de Portugal, irritou os mouros e principalmente Musaph genro do Cheque, que se tinha atrevido a fallar com altivez a seu sogro. Este ancião, experimentado nos perigos e nas guerras, era dotado de uma grande agudeza de espirito, e por isso sabia refrear os impetos da sua colera, e respondeu tranquillo a seu genro, fazendo-lhe reflectir os motivos da sua politica. «Já não é tempo, lhe «diz elle, de querermos oppor-nos ao que não podemos impedir. Nada resiste a estes novós hospedes. Bem sabeis «o que elles fizeram em Moçambique, Quilôa, Mombaça e «mesmo nas Indias. Confesso que são hospedes incommo- «dos e maus visinhos. Dou-lhe tempo para se fortificarem «e para se estabelecerem. Mas onde estão as forças que «temos para começar as hostilidades ou para nos defendermos, se elles quizerem opprimir-nos? Esperemos pois; «demos tempo ao tempo; esta gente não ha de sempre ficar aqui; deixemcs partir aquelles cujo destino os deve «conduzir a outra parte. O ar d'este paiz, pestifero a todo «o estrangeiro, como nós mesmos o experimentamos, «os destruirá. Quando fôr diminuto o seu numero, e elles «estiverem enfraquecidos pelo ar infecto d'estas regiões, «então nós os teremos á nossa discrição, e livrar-nos-emos de tão impertinentes hospedes.»

Pedro Anáia não perdeu tempo algum em levantar com a maior actividade a sua fortaleza, sendo coadjuvado neste trabalho pelos Cafres indigenas, que elle empregou mediante modicos salarios. Concluida a obra, expediu Barreto para as Indias com os trez navios de carga, e destinou seu filho com os outros trez para cruzarem n'aquella costa até Moçambique. Foi este tão infeliz, que depois de ter per-

dido dous de seus navios, teve summa difficuldade em se salvar em Quilôa, ficando assim tão reduzida a guarnição, ainda mais foi dizimada pelas doenças, que o ar contagioso d'estes paizes pantanosos produzia, o qual se tornára ainda peor por se haver revolido a terra na construcção da fortaleza, e os miasmas que ella exhalava eram summa-mente prejudiciaes. A guarnição ficou limitada a quarenta homens, muitos dos quaes estavam em tal fraqueza que com difficuldade se sustinham.

Os portuguezes attrahiam a si sós todo o commercio do ouro. Estabeleceram aqui os mesmos regulamentos, que n'outras partes, e os faziam observar com tal rigor que os mouros escandalizados, e apoiados na protecção de Musaph, obrigaram finalmente o Cheque a aproveitar-se da actual conjunctura para os exterminar.

A fim de melhor assegurar o golpe, e de multiplicar as suas forças, Isuph fez convidar o príncipe visinho tributario do soberano de Monomotápa, expondo-lhe as offensas que dos portuguezes haviam recebido, e exhortando-o a tomar parte na derrota, e nos despojos d'elles. Representou-lhe esta empreza, como cousa facillima, de uma parte, e como objecto vantajosissimo de outra. Não era necessario mais nada para excitar a avidez do Cafre, que immediatamente se poz em marcha com numeroso exercito.

Havia então junto ao Cheque um grande do paiz mui acreditado, Abexim de nascença, que sendo captivo pelos mouros, na idade de dez annos, havia por elles sido circumcidado, e instruido na sua religião. Era homem de merito, e que havia sabido ganhar a confiança do Cheque. Desde o momento em que vira Pedro Anáia na primeira audiencia que a este se concedera, logo o seguiu, e com elle travou estreita amisade, e para lhe dar um testemunho, fez-lhe presente de vinte portuguezes, que haviam cahido em suas mãos, pertencentes á tripulação de um dos vasos

de sua esquadra, que tendo-se amotinado contra o seu capitão, preferiram expor-se a todos os perigos n'um paiz desconhecido, e serem captivos, do que tornarem a embarcar.

Esta amisade de Abexim tinha crescido prodigiosamente com o tempo; no conselho havia sempre sustentado o partido dos portuguezes; como porém alli o seu voto não fosse o de maior pezo, veio avisar Pedro Anáia do que se havia resolvido para sua ruina, metteu-se elle proprio na fortaleza com cem homens de seu partido, e isto pouco antes do instante em que começára o ataque, tendo Pedro Anáia tido sobejo tempo para se preparar para elle.

Era o projecto dos inimigos, lançarem fogo á fortaleza, que era formada de madeira, e isto por meio de frechas inflammadas, e fochinas incendiadas. Effectivamente lhe lançaram grande numero das primeiras, e as segundas foram em tanta quantidade que igualavam quasi a altura da muralha. Pedro Anáia, que tomára as necessarias precauções contra o fogo, deixou aproximar os inimigos e então fez jogar sobre elles a artilheria tanto a proposito, que os Cafres que não estavam acostumados ao estrepito e ao effeito d'estas machinas de guerra, pozeram-se desde logo em debandada, e retiraram-se para um bosque de palmeiras proximo; mas o fogo de artilheria tendo lançado por terra muitas arvores, e as estilhas que destacavam d'estas, produzindo ainda maiores estragos; os Cafres indignados, de terem sido chamados para fazerem a guerra não contra homens, diziam elles, mas contra Deus, empregaram todo o seu furor contra os mouros, roubaram-lhes as suas aldeias, e retiraram-se para as suas terras.

Pouco satisfeito de que os inimigos não ficassem ainda por esta vez bem castigados, Pedro Anáia quiz escaramental-os por um golpe de vigor, e pol-os em estado de o não prejudicarem mais. Para esse fim levou comsigo quinze

portuguezes, e vinte homens do Abexim, seu leal amigo, e apresenta-se ao romper do dia, na aldeia em que residia o Cheque, penetra no palacio d'este, lançando por terra quantos se lhes oppunham á passagem, entra na camara do principe, a quem nem a sua velhice, nem a sua cegueira perturba; este põe-se em defeza, lança ao accaso suas frechas, uma das quaes fere Pedro Anáia, posto que muito ligeiramente no pescoço. A vingança d'esta ferida foi mui prompta. O Feitor Manoel Fernandes, homem forte, e bom soldado, aproximando-se do velho, lhe corta a cabeça, que foi exposta na ponta de uma lança sobre os muros da fortaleza, para que servisse de espectaculo de terror.

Esta morte, posto que de um lado tivesse accelerado a conclusão da paz, por outra parte lançou a discordia entre os mouros, ácerca da successão. Como cada um dos filhos do Cheque tivesse seu partido, Pedro Anáia fez pender a balança a favor de Solimão, que se mostrára sempre mais inclinado aos portuguezes, e que de bom grado se sujeitou á condição de se fazer tributario da corôa de Portugal. Pedro Anáia falleceu pouco tempo depois, tocado do contagio do ar pestilento do paiz. Tomou o governo da fortaleza Manoel Fernandes, na esperança de ser confirmado, em consideração a seus serviços; mas o Vice-Rei, a quem esta nomeação pertencia, e a cujo conhecimento tinha chegado a noticia da morte de Pedro Anáia, por via dos dous capitães de navio, que El-Rei D. Manoel havia expedido em busca de Francisco de Albuquerque, o fez render por Nuno Vaz Pereira, com ordem de passar a Quilôa, onde as desordens que alli se haviam suscitado requeriam a sua presença, e um remedio prompto.

Com effeito Vaz Pereira, achou em Quilôa as cousas em grande desconcerto. Mahomet Anconim, que por sua bondade alli mantinha o socego, depois de ter escapado ás ci-

ladas dos partidarios de Ibrahim, foi victima da sua propria generosidade. Pedro Ferreira, feitor e governador em Quilôa havia aprisionado um filho do Rei de Tirendiconde, e o tratava mais como escravo, do que como prisioneiro. Mahomet, que não era homem de humilde nascimento, e que queria adquirir para si proprio um protector, libertou este joven principe, e o mandou entregar a seu pae junctamente com alguns presentes. Este, fingindo-se mui sensivel a tal testemunho de grandeza d'alma, procurou attrahir Mahomet a uma conferencia, sob o pretexto de tratar com elle ácerca dos negocios da paz, e tanto que o teve em seu poder, o fez cruelmente assassinar durante o somno.

Morto Mahomet, e provavelmente o joven principe que elle designára por legitimo herdeiro do Reino, foi o throno disputado por Hocem filho de Mahomet, e por Micante sobrinho do usurpador Ibrahim. Estes dois competidores desuniram tanto os mouros como os mesmos portuguezes. A inclinação que Mahomet tivera aos estrangeiros não sendo no conceito dos principaes um motivo de merito para Hocem, pois que além d'isso, o tinham em desprezo por causa de seu baixo nascimento, quasi todos elles se declararam por Micante. Mas não era n'isto que existia a origem do maior mal. Havia El-Rei de Portugal, por mal informado, feito publicar uma ordem para que nehum pessoa podesse transportar para fóra d'esta cidade generos alguns dos que ordinariamente se levavam para Çofala, cujo commercio elle reservava só para os portuguezes. Semelhante ordem que era á risca observada, de ta sorte revoltou todos os animos que, em pouco tempo, a cidade ficou quasi inteiramente deserta, por se terem retirado todas as principaes familias d'ella para Mombaça, Melinde, e outras cidades proximas; Vaz Pereira porém antes mesmo de chegar a Quilôa, derrogou esta ordem, e fez cons-

tar em sua derrota esta derrogação. Tão salutar effeito produziu esta medida que elle chegou áquelle porto, seguido d'uns vinte navios carregados das familias fugitivas que alegremente voltavam para seus lares. D'esta sorte a cidade reassumiu sua primeira magnificencia. Vaz Pereira fez advogar a causa dos dois competidores na sua presença, e poz Hocem de posse do sceptro, depois do que partiu para Çofala.

Como uma victoria, obtida um pouco depois por Hocem lhe tivesse adquirido a estima do povo, se tornou por isso tão insolente, que tendo-se novamente as facções posto em movimento, o Vice-Rei mandou desapossal-o e substituil-o por Micante: este como se conduzisse ainda peor que o seu rival, e cada dia dêsse novos motivos de queixas pela brutalidade de seus costumes, foi da mesma fôrma desapossado; afinal se recorreu ao usurpador Ibrahim. Este a principio com difficuldade se confiou nos portuguezes, tendo porém vencida a sua desconfiança, reinou pacificamente, e viveu depois na melhor intelligencia com elles.

N'este estado de cousas havia Tristão da Cunha partido de Portugal para as Indias com ordem de pôr em pratica, mesmo durante a sua derrota, algumas medidas uteis na Costa d'Africa. El-Rei D. Manoel, que o estimava do coração, o tinha nomeado para residir nas Indias na qualidade de Vice-Rei, porém tendo cegado repentinamente foi nomeado para o substituir D. Francisco d'Almeida. Como se applicassem todos os soccorros que a medicina podia fornecer, Tristão da Cunha recuperou a vista, e El-Rei nomeou-o então general, commandante da esquadra que enviava ás Indias, e o fez partir com uma frota de dezeseis vellas, seis das quaes eram commandadas por Affonso de Albuquerque.

Tristão da Cunha, tendo navegado muito ao largo, fez a descoberta de algumas ilhas a que poz o proprio nome e

aportou depois felizmente a Moçambique. Como tivesse perdido muito tempo na derrota, por não ter seguido os conselhos de Affonso de Albuquerque, achou a estação já demasiado adiantada para passar ás Indias. Quiz indemnisar-se d'esta perda, indo reconhecer a ilha de Madagascar ou de São Lourenço, que Ruy Pereira havia reconhecido pela parte occidental, e que depois foi descoberta pela oriental por Fernando Soares, que alli tocou voltando das Indias.

Acha-se esta ilha situada na Zona Torrida e sob o Tropico de Capricornio, no mar da Ethiopia, correspondendo ao paiz dos Cafres, e tem perto de tresentas e cincoenta leguas de comprimento, sobre umas cent e trinta e seis de largura. Seus habitantes eram parte negros, e parte brancos, ou baços: habitavam as ultimas margens do mar e pareciam ser de colonias arabes. Os negros que eram os mais antigos do paiz, provavelmente descendiam dos Cafres aos quaes se assemelhavam tanto nos costumes como na religião. A ilha era assaz abundante em todos os generos necessarios á vida, e uteis ao commercio; mas Tristão da Cunha não encontrou as grandes riquezas com que o tinham lisongeado. Os povos não o receberam aqui bem, senão para o atraçoarem, o que elle não tardou em castigar; mas vendo que havia pouco que fazer voltou, perdeu alguns de seus vasos na restinga da ilha, que se estende muito ao largo, e esteve elle mesmo a ponto de perecer.

Tendo achado tudo aquillo em Quilôa, passou a Melinde. O Rei d'este paiz trazia então guerra com os Reis d'Hoya e de Lâmo por interesses particulares e antigas pretensões. Mas tendo persuadido a Tristão da Cunha, que a guerra fôra motivada pelo favor, e amizade que elle sempre prestára aos portuguezes, com isto obrigou este general, a tomar parte em sua contenda; consequentemente Hoya foi saqueada, e seu Rei morto. O de Lâmo, instrui-

do da desgraça de seu visinho, affastou de si o mesmo infortunio submittendo-se e fazendo-se tributario da corôa portugueza.

A cidade de Bravá, situada trinta leguas mais acima de Hoya, e que imitára o exemplo da primeira d'aquellas cidades, teve egual sorte. Era esta, grande, rica, populosa, circumdada de uma muralha, de um fosso, e de muitas torres defendidas por seis mil mouros bem armados, e que fizeram ver que eram corajosos. Ella havia sido feita tributaria de Portugal por alguns dos Chefes que se achavam em Quilôa, mas tinha-se revoltado.

Quando Tristão da Cunha alli se apresentou, enviaram os habitantes uma mensagem insolente, porém pouco depois mudaram de plano, e pediram a paz: o general desconfiando dos embaraços que se offereceram para se assignar o tractado, procurou saber a verdade dos embaixadores, e usando com elles de rigor, veio no conhecimento de que se tratava de o entreter com o unico fim de o perder, porque se aproximava a estação em que costumava reinar alli uma rajada de vento tão forte, que nenhum navio escapava de perecer n'aquella costa.

Tristão da Cunha vendo a traição, convocou o conselho e resolveu atacar a cidade no dia seguinte. Fez embarcar a sua gente nas lanchas, dispostas em duas linhas. Affonso d'Albuquerque commandava a primeira composta de cem combatentes, e Tristão da Cunha a segunda de uns seiscientos. Elles chegaram á terra ao romper do dia, e apesar de todas as precauções necessarias para que o inimigo se não apercesse d'esta marcha, foi descuberta, porque haviam dois mil homens postados sobre a margem para se opporem ao desembarque; todavia este fez-se com feliz resultado, posto que com algum derramamento de sangue. Os inimigos combateram com vigor, mas sendo repellidos dirigiram-se para a cidade, onde entraram, e

apenas tiveram tempo para fechar as portas. Os portuguezes se estenderam então ao longo das muralhas. Affonso de Albuquerque tendo percebido uma especie de abertura na muralha na parte onde esta era mais baixa, deu logo por aquelle ponto o assalto, e se apoderou da cidade. O combate pelas ruas foi longo e violento, mas Tristão da Cunha que ao mesmo tempo dirigia o seu ataque por outro ponto, tendo egualmente entrado por essa parte na cidade, os mouros passaram a occupar a praça maior e a mesquita. Alli se renovou o combate ainda com maior vigor. Affim depois de ter durado até ao meio dia, os mouros retiraram e saíram da cidade, deixando ali mil e quinhentos mortos.

Não consentiu Tristão da Cunha que se perseguisse o inimigo além da cidade, fez fechar as portas d'ella, e não querendo demorar-se mais, pelo receio da rajada de vento de que estava ameaçado, a entregou ao saque, dando ordem para que esta operação se fizesse com presteza, por que queria fazer lançar-lhe o fogo. Encontraram-se alli grandes riquezas de todas as especies, mas a cobiça do soldado, e do marinheiro foi descomedida a ponto, que alguns não podendo retirar-se a tempo, ficaram envolvidos nas chammas.

Magadaxo, outra cidade situada a dez leguas de Brava, tão rica e poderosa como ella, não quiz ceder-lhe em coragem, posto que tivesse a receiar o mesmo infortunio. Logo que a esquadra portugueza appareceu, se poz em defeza, Lionel Coutinho que o general mandára para a intimar, vendo a praia toda guarnecida da multidão do povo tanto de pé como de cavallo, não ousou arriscar-se, e sómente desembarcou um escravo, o qual foi incontinentemente despedaçado. Esta má estreia como o obrigasse a voltar para bordo, affim de fazer o seu relatorio ao general, Tristão da Cunha, reuniu immediatamente os seus capitães em

conselho, os quaes seguindo antes as leis da prudencia, do que os ímpetos da sua coragem, foram de opinião que se differisse o resultado d'este negocio para melhor occasião, e que se continuasse a derrota para Socotorá onde aportaram com feliz viagem.

Socotorá, que se julga ser a Deoscorida dos antigos geographos era uma ilha á entrada do mar Roxo no estreito de Meca, cuja entrada é formada do lado d'Africa pelo Cabo de Guarda, e pelo de Fartaque da parte da Arabia. A ilha fica precisamente entre estes dous cabos, quasi a igual distancia d'elles; tem vinte e sete leguas de comprimento sobre nove de largura. A temperatura é quente, porém saudavel por ser modificada por um vento de mar que de ordinario ahi gira. O terreno é elevado, montanhoso, arido, e esteril, á excepção de alguns valles proprios para sustentar gados. Encontra-se allí o vermelhão, e em ambas colhe-se grande quantidade de tamaras, que com os lacticinios formam o sustento d'aquelles insulares.

Eram estes originariamente arabes, e viviam em casas subterraneas, á maneira dos antigos Troglodytas. Andavam nus á excepção do que o pudor exigia que estivesse coberto, e tudo o mais tinha relação com a sua nudez. Timidos, preguiçosos, frouxos, pouco espirituosos, pareciam não ter nascido senão para serem escravos e miseraveis. A sua religião não era mais do que uma miscellanea monstruosa de judaismo, de mahometismo, e de christianismo, de que pode dizer-se que não tinham mais do que as apparencias exteriores; quão perfeita era a sua ignorancia! Ha tradição, de que S. Thomé indo ás Indias, ahi annunciára o christianismo que os Jacobitas alteraram depois. Como christãos sem serem baptisados, traziam ainda os nomes de Maria, e dos Apostolos; prestavam grande respeito á cruz que tinham collocada em differentes ogares, e que mesmo traziam ao pescoço. Resavam

as suas resas em hebraico, posto que não tivessem conhecimento algum d'esta lingua; eram monoganos; e observavam os jejuns e os dias sanctificados, e d'esta sorte tinham outros muitos vestigios de uma religião, cujas verdadeiras noções estavam inteiramente apagadas em seu espirito e em seu coração.

O Rei de Kacen no paiz dos Fartaquins, aproveitando-se da fraqueza d'estes pobres insulares, se tinha assenhoreado d'elles impondo-lhes durissimo jugo, e afim de que o não podessem sacudir havia feito levantar uma fortaleza na ilha de que nomeára governador seu filho Ibrahim, joven de uma grande resolução, e de esforçada coragem, da qual soube dar grandes provas.

El-Rei D. Manoel tendo em vista arruinar o commercio dos mouros pelo mar Roxo, pois que este lhe era assaz nocivo; e não havendo cousa que aquelle monarcha tomasse mais a peito do que assenhorear-se d'aquelle ponto por isso que anhellava apoderar-se do estreito, e além d'isso via que lhe prestava ás frotas um asylo seguro, fez partir Tristão da Cunha com instrucções para expulsar d'aquella ilha os Fartaquins, afim de se apoderar da fortaleza, e de edificar outra n'um local conveniente: para o que fez carregar nove navios dos da frota com os materiaes necessarios para uma fortaleza, a qual toda se achava construida em peças separadas nos arsenaes de Lisboa, de sorte que não havia mais do que ajustarem-se as diferentes peças para ficar levantada no sitio que se escolhesse.

Tristão da Cunha mandou intimar Ibrahim para que se rendesse; este deu uma resposta propria de um bravo, foi necessario virem ás mãos. Logo que o general tomou esta resolução, mandou reconhecer a costa, afim de ver o ponto em que seria mais proprio o fazer o desembarque; como então fazia preamar, não se achou sitio mais com-

modo do que em frente de um pequeno bosque de palmeiras, a pequena distancia do forte. O general devia commandar a primeira linha com os capitães de sua esquadra, cada um em sua lancha, e Affonso de Albuquerque a segunda linha com os capitães da sua.

No dia seguinte Tristão da Cunha poz-se em movimento e foi direito ao logar que na vespera se designára. Ibrahim, attento a tudo, saiu á testa de seus Fartaquins, para sustentar um intrincheiramento que fizera construir no bosque, durante a noite, e se oppoz ao desembarque. Affonso de Albuquerque penetrando a intenção do inimigo em logar de seguir o general, foi desembarcar no porto, mesmo defronte da fortaleza, onde o mar estava menos agitado, do que na vespera, e o desembarque mais facil. Ibrahim, que por esta manobra que o mesmo general não percebera, receiou ser tomado de flanco, ou cortado, repartiu a sua força, e de cem homens que tinha, mandou oitenta para o intrincheiramento, e correu com os restantes para o porto, afim de fazer frente a D. Affonso de Noronha, sobrinho de Affonso de Albuquerque, que já havia desembarcado, e occupava o caminho para a fortaleza.

Ibrahim foi morto, e os da cidadella vendo-se sem chefe, tocaram a retirada, seu unico recurso. Tristão da Cunha havia forçado o intrincheiramento, e posto em fuga os mouros que o guarneciam, muitos d'elles tornaram a entrar na fortaleza; outros se entranharam pelos bosques. Os portuguezes aproximaram-se das muralhas, esforçaram-se por penetrar na fortaleza; fizeram vir escadas para darem o assalto, e os petardos para lhe arrombar as portas. Os sitiados defendem-se do alto das muralhas, lançam materias inflammaveis, e pedras, e uma das quaes de tal sorte atordoou Affonso de Albuquerque que este permaneceu por algum tempo sem poder fallar; mas recobrando os sentidos, e tendo-se os portuguezes aproxima-

do das muralhas, e aberto as portas da fortaleza, praticou então como todos os demais, prodigios de valor. Tanto que os Fartaquins viram a fortaleza occupada pelos inimigos, retiraram-se para um reducto na parte mais elevada da mesma. Tristão da Cunha lhes fez propor a vida e a liberdade, se se rendessem. Aquelles bravos porém excitados pela vista de seus companheiros mortos, que se haviam batido como heroes, respondem: «Que os Fartaquins não costumavam capitular: Que o filho de seu Rei lhes dera o exemplo de morrer combatendo valorosamente, e que lhe não sobreviveriam; que estavam resolvidos a defenderem-se até á ultima pinga de seu sangue.» Effectivamente o reducto foi forçado e tomado, e todos os que o defendiam passados á espada, á excepção de um só. Era este um piloto mui habil, que ao depois prestou relevantes serviços a Affonso de Albuquerque.

Tristão da Cunha mandou então annunciar aos insulares: «Que não viera alli, senão para os libertar do jugo insupportavel que os Fartaquins lhes impozeram: Que El-Rei de Portugal vindo no conhecimento de que eram christãos, que gemiam sobre a tyrannia dos Musulmanos, nenhuma outra cousa tivera mais a peito, que a sua instrucção: que finalmente estavam livres, pois que as armas portuguezas haviam occupado a fortaleza, e que se lhes deixaria um virtuoso missionario, que de bom grado se encarregaria de sua instrucção.» Era este um religioso da Ordem de São Francisco, por nome o padre Antonio Loureiro, o qual não deixou de colher grandes fructos entre este pobre povo. A mesquita foi convertida em igreja, e consagrada sob o nome de Nossa Senhora da Victoria. Affonso de Noronha foi nomeado governador da fortaleza.

Eis qual era a situação dos negocios portuguezes em Africa, quando Tristão da Cunha d'alli partiu para as In-

dias, onde não permaneceu por muito tempo. A sua presença, como já indicamos, contribuiu para accelerar a paz de Cananor, e fazer levantar o sitio d'esta cidade. Dirigiu-se depois directamente a Cochim onde achou já prompta a sua carregação, resolveu pois regressar sem demora a Lisboa, mas antes de seguir viagem quiz presenciar uma bella empresa que o Vice-Rei dirigia pessoalmente, o qual ficou mui satisfeito em o ter por commandante em segundo, e de repartir com elle as honras d'aquella empresa.

O Vice-Rei tendo sido avisado de se acharem em Pananá, a quatorze leguas de Cochim, quinze ou dezeseis vasos moiriscos, que estavam quasi a ponto de carregarem e de partirem, resolveu incendial-os e de pôr a ferro e fogo esta cidade, que então se achava na alliança do Çamorim. A empresa era arriscada, Pananá estava situada na margem de um pequeno rio, que ahi fórma um ponto commodo, uma legua acima da embocadura do mesmo. A sua entrada era difficil por causa das arêas alli amontoadas. Os inimigos que esperavam ser atacados, não sómente haviam fortificado a praça, mas tão bem a entrada do rio, construindo de uma e outra parte um reducto guarnecido de grossa artilheria. Além d'isso haviam alli numerosas tropas sob o commando d'um Mouro, por nome Cutial que gosava da reputação de grande guerreiro, e os Mouros que constituíam a flor d'estas tropas, achavam-se tão irritados pelas perdas que os Portuguezes lhe acarretavam, que mais de setenta d'entre elles, pela maior parte Capitães de navios, haviam rapado a cabeça e a barba, como signal usado entre elles, de que se obrigavam por juramentos a vencer ou morrer.

A esquadra Portugueza, tendo apparecido na foz do rio em força de doze vellas, não deixou de surprehender os inimigos, posto que não abatesse em sua coragem. Estes

trabalharam, toda a noite, em fortificar os seus entrincheiramentos, e prepararem-se para o combate. Os generaes portuguezes convocaram o conselho. D. Francisco d'Almeida tendo apresentado uma planta exacta do lugar, a qual obtivera de seus espias, foi resolvido no dito conselho que no principio da maré, em quanto os navios de maior porte fechassem a barra, afim de que os inimigos não podessem entrar, Pedro Barreto, e Diogo Perez subissem cada um no seu batel, levando oitenta homens dos mais decididos das forças portuguezas: que o primeiro desembarcaria no lugar em que os vasos inimigos, proximos da margem, estavam amarrados uns aos outros; e que Diogo Perez tomasse terra junto ao reducto que defendia a foz do rio, e cuja defensa se reputava a mais mortifera: que D. Lourenço d'Almeida e Nuno da Cunha, filhos dos Generaes, conduzirão o corpo de batalha nas lanchas, pelas quaes se repartirão pela maior parte, os Capitães e mais officiaes das esquadras de seus respectivos paes. Nuno da Cunha devia sustentar Pedro Barreto, e D. Lourenço d'Almeida apoiaria Diogo Perez. Seguir-se-hião depois os Generaes, conduzindo uma terceira linha nas galeras.

Tudo isto foi pontualmente executado, conforme se projectára. Logo que começou o preamar, Pedro Barreto, e Diogo Perez se pozeram em movimento, e passaram por entre os dois reductos com os soldados deitados de bruços, sem que a artilheria inimiga que atirava demasiado alto, podesse attingi-los, nem prejudica-los. Mas tanto que principiou o desembarque, os Mouros sahiram de seus entrincheiramentos, saltam n'agua que lhes dava pela cintura, apoderam-se dos bateis, e causam tão grande embaraço aos soldados, que estes ficando demasiadamente apertados, a ponto de não poderem bater-se veem-se obrigados a saltar para o mar onde o combate foi obstinado. D. Lourenço, e Cunha chegarão cada um ao posto que se lhe desi-

gnara, e os soldados cobraram animo. O combate se tornou então ainda mais sanguinolento, pois que todos se batiam como desesperados. Diz-se que nesta acção D. Lourenço d'Almeida matou seis inimigos a golpes de pique, que manejava com bastante habilidade e vigor. Como fosse o joven de maior estatura e de melhor apparencia de todos os Portuguezes, um dos inimigos o tomou por um dos chefes, e se uniu com elle occultando-se debaixo do seu escudo, para lhe cortar as pernas. D. Lourenço d'Almeida que era agil, desviou o golpe, e voltando sobre o seu inimigo, lhe descarregou sobre a cabeça tal golpe que logo o matou, mas tendo sido por outro ferido no braço afrouxou um pouco seu ardor. Os generaes que não haviam podido chegar mais cedo, porque as galeras não tendo agua sufficiente, não tinham por isso podido entrar como os outros vasos, apparecendo agora e animando seus respectivos filhos, e a sua gente, Nuno da Cunha poz fogo aos vasos inimigos, e as tropas de Lourenço d'Almeida ganharam o reducto. Como os inimigos tivessem sido mortos pela maior parte ás cutiladas, os restantes tomaram a fuga. Os vasos inimigos foram todos consumidos pelas chammas, bem como a cidade com quasi todas as suas riquezas; pois que o Vice-Rei temendo que a cubiça dos soldados pelo saque viesse a ser-lhes funesta, deu as mais rigorosas ordens, afim de o evitar. Ganhados os reductos, toda a artilheria que os guarnecia foi conduzida para bordo da esquadra portugueza.

Os inimigos perderam trezentos homens mortos e feridos e os portuguezes desoito mortos e trinta feridos, entre os quaes se contaram dois filhos dos generaes. Esta acção encantou de tal modo o Vice-Rei que resolveu armar muitos cavalleiros sobre o campo da batalha, depois do que elle, e Tristão da Cunha, tendo ido a Cananor, acabaram de fazer a carregação nos navios de retorno. O Vice-Rei regressou para Cochim, e Tristão da Cunha seguiu viagem

para Portugal aonde deu a agradavel noticia d'estes acontecimentos.

Voltemos para a costa d'Arabia, onde a gloria do grande Affonso d'Albuquerque nos chama, sigamol-o em suas primeiras façanhas, cujo projecto por si só parece annunciar-nos, de antemão, as maravilhas que este novo conquistador obrou depois na India. Seus tropheos quasi que o igualaram aos heroes mais celebres da antiguidade.

CAPITULO X

ANNO DE 1503

SUMMARIO

Affonso d'Albuquerque projecta a conquista do reino d'Ormuz. — Descreve-se este reino, a sua capital e o caracter de seus habitantes. — Affonso d'Albuquerque dirige-se ao Cabo Rosalgate. — Cajalate lhe abre as portas. — Curiata e Mascate são occupadas pelas armas portuguezas. — Soor rende-se, Orphasam resiste, é saqueada e incendiada: entra no porto d'Ormuz, e faz significar ao Rei por meio de um emissario o objecto da sua vinda. — Resposta altiva de Coge Atar ministro do Rei. — Rompem-se as hostilidades, e combate-se de parte a parte com obstinação e denodo. — Os inimigos são completamente derrotados. Os navios protegidos pelos fortes são todos incendiados. — Coge Atar accita a lei que se lhe dictára. — A paz é concluida, e solemnemente publicada. — Affonso d'Albuquerque faz levantar uma fortaleza na parte mais dominante do porto. — Coge Atar por meio de seus espias conhece o diminuto numero

dos portuguezes e intenta destruil-os. — Os capitães portuguezes requerem formalmente a Affonso d'Albuquerque que abandone a empreza d'Ormuz; resposta que este lhes deu. — Chegada dos embaixadores do Sophi da Persia exigindo o tributo annual que o Rei d'Ormuz lhe pagava. — Affonso d'Albuquerque é consultado sôbre este objecto por Coge Atar, sua heroica resposta. — Maquinações de Coge Atar contra os portuguezes, descobre-se a traição, e rompem-se as hostilidades. — A cidade é atacada por oito dias consecutivos pela artilheria portugueza, e depois bloqueada. — Affonso d'Albuquerque faz incendiar as vellas inimigas que encontra. — Intenta interceptar a agua que abastecia a cidade; mallograda esta empreza é obrigado a levantar o bloqueio em consequencia da deserção d'alguns capitães da sua esquadra e logo em seguida sae do porto d'Ormuz, para a Ilha de Socotorá. — Duarte de Mello funda a fortaleza de Moçambique. — D. Lourenço d'Almeida descobre as Ilhas das Maldivas e termina um tractado de paz para Portugal na Ilha de Ceilão. — Diogo d'Azambuja entra á força d'armas na cidade de Azaafi (que nós chamamos Calim) na Mauritania Tingitana.

Affonso de Albuquerque pensava de noite e de dia em dilatar as fachas dos portuguezes. El-Rei tendo-o encarregado de cruzar da entrada no mar Roxo, elle soube conciliar o dever com a honra, recusando-se, pois mal lhe ia o labeo de cruzador; impaciente de se assignalar por algum feito grandioso, e de que o seu monarcha tirasse maior utilidade concebeu o projecto de tomar Ormuz, e prestes poz em execução o seu plano.

O reino d'Ormuz, assim chamado do nome da sua capital, começava no cabo de Rosalgate na Arabia Feliz, e extendia-se ao longe pela Cermania, onde abrangia uma vastissima extenção de paiz; porém o que o tornava consideravel, era a situação da cidade de Ormuz, collocada na ilha de Gerum, á entrada do golfo Persico a pouco mais de meia legua de distancia da terra firme d'uma parte, e a quatro leguas da outra. A ilha não tinha mais do que cinco ou seis leguas de circumferencia mas formava dous portos magnificos, separados entre si por uma estreita lingua de terra, e tão vantajosamente situados, que pareciam terem sido feitos, para servirem de emporio geral de todo o Oriente. Parece que a natureza, satisfeita de ter concedido a esta ilha uma tão aprazivel posição, fôra esteril em tudo o mais; a agua escaceava, e a verdura a custo vegetava, todavia estas faltas não eram sensiveis, porque a cidade vasta, bella, rica e sumptuosa, juntava á profusão das immensas riquezas que o commercio d'Asia, d'Africa, e mesmo da Europa lhe trazia, uma abundancia espantosa de tudo o que pôde servir de utilidade, e de commodidade á vida, como se todos os outros paizes não tivessem sido creados senão para supprirem a sua esterilidade.

Esta cidade, engrandecida pelo commercio, reunia no seu seio um grande numero de estrangeiros de todas as Nações, no emtanto os arabes e os persas dominavam alli com a religião de Mafoma, que tambem era a do soberano. Os habitantes, robustos e bem apessoados, uniam a coragem, que se resentia da sua origem bellicosa e de uma seita que á força de conquistas ganhára nomeada, ao amor das sciencias e das bellas artes, que são os fructos da paz e da tranquillidade.

Affonso d'Albuquerque tendo arranjado os negocios de Socotorá, e reprimido as facções dos Fartaquins, que ha-

viam ficado n'aquella ilha, partiu d'alli com seis navios, e uma fusta commandada por officiaes de bravura, e em que iam quatrocentos e setenta portuguezes. Com este pequeno corpo ganha o alto mar, tirando para o cabo de Rosalgate, onde principiam os estados d'Ormuz; apresenta-se diante de Cajalate que lhe abre as suas portas. Curiata mais orgulhosa, experimenta a sorte das armas: a confiança que ella deposita em suas proprias forças origina a sua ruina. Mascate, mais consideravel, submette-se pela prudencia de seu governador, porem entrando ali dous mil arabes a sublevam novamente. Os dous mil arabes foram batidos, e attrahiram sobre a cidade os males de que queriam livral-a. O governador ahi pereceu combatendo como um bravo.

As cidades de Soor, e Orphasam, ambas opulentas, e fortificadas com boas muralhas e cidadellas, não ousaram defender-se. Soor sujeitou-se ás condições que se lhe impozeram. Os habitantes porém de Orphasam possuiram-se de tão grande terror, que por mais que se esforçasse o seu governador, official de reputação, elles abandonaram a cidade fugindo para os bosques. Os portuguezes não encontraram nem resistencia, nem submissão, saquearam-na e queimaram-na, depois do que o victorioso Alfonso d'Albuquerque foi fundear á vista d'Ormuz, e mandou logo dizer ao Rei: «Que vinha alli não para trazer a guerra, mas «sim a paz. Que não haviam outros meios de obtel-a se- «não sujeitando-se a El-Rei de Portugal, e pagando-lhe o «tributo annual que os Reis d'Ormuz pagavam aos Sophis. «Que El-Rei de Portugal era um principe tão poderoso que «mais ditosos ficavam os que lhe obedeciam do que os que «região grandes imperios. Que logo que se sujeitassem a «ser seus vassallos tudo poderiam esperar da sua protec- «ção contra os inimigos assim como tudo tinham a temer «das suas armas victoriosas; se porém fossem tão cegos

«que recusassem as vantagens d'esta protecção que lhes offerecia, então não se responsabilisava pelo resultado.»

Achava-se no throno de Ormuz Ceifadim, segundo do nome, que o havia herdado de seus pais, seus fundadores, mas como a tenra idade d'este principe lhe não permitisse governar por si mesmo, achava-se ainda sob a tutela de um eunucho por nome Coge Atar, homem astuto e experiente, o qual havia sabido ganhar o ascendente sobre todos os seus competidores.

A proposição de Affonso d'Albuquerque era extraordinaria, e devia parecer bem nova, porém Coge-Atar temia a fama dos portuguezes, e receioso de que os descendentes do actual governo, se não aproveitassem d'aquella conjunctura, para effectuarem alguma mudança no estado, tomou desde logo o partido da dissimulação, procurando ganhar tempo, a fim de que podessem chegar á Cidade as tropas de terra e mar que não estavam longe. Coge-Atar enviou ao chefe portuguez um de seus officiaes, com cartas e presentes consideraveis. Affonso d'Albuquerque recebeu a carta, mas recusou os presentes, dizendo que os não podia receber em quanto não soubesse se devia tratar com amigos ou inimigos.

Coge-Atar não se julgou menos offendido por esta resposta, do que o fora pela primeira proposição, não obstante elle continuou a dissimular, até que tivesse obtido o fim que se proposera, mas logo que se viu com vinte mil homens de tropas, com a sua frota, junta a mais de sessenta navios de transporte, e mais de duzentas velas entre canoas, lanchas e outros pequenos vasos, que d'antes se achavam no porto; arremeçando então de si a mascara começou por fazer prender os Portuguezes que com demasiada confiança tinham ousado desembarcar, e mandou dizer a Affonso d'Albuquerque : «Que se admirava muito da petulancia de suas proposições e da injustiça de suas exi-

«gencias: Que os reis d'Ormuz longe de pagarem tributos
«aos estrangeiros que vinham a seus portos, costumavam,
«pelo contrario, exigil-os d'elles: Que se os portuguezes
«queriam commerciar como as outras nações, se lhes con-
«cederia a permissão e a liberdade com as mesmas con-
«dições; mas que se se propunham a violental-os, conhece-
«riam brevemente e á sua custa que mui enganados esta-
«vam, se suppunham estarem tratando com Cafres e com
«miseraveis negros.»

Esta resposta, e as disposições observadas no porto, de-
ram a conhecer a Affonso d'Albuquerque que era indispensavel o pelejar: e convocando o conselho, este decidiu se atacassem os vasos inimigos. Affonso d'Albuquerque occupou a barra, dispoz as suas velas com os convenientes intervallos, a fim de poderem manobrar com facilidade, e fazerem um uso proprio de suas baterias, em seguida fez jogar toda a sua artilheria. Os inimigos distribuidos por todos os seus pequenos vasos, dispostos em duas linhas commandadas pessoalmente por Coge-Atar fazendo-se por ordem d'este ao largo, para investirem a esquadra portugueza, não se atemorizam pelo continuado estampido e avançam affoutos, apezar do mortifero fogo da artilheria portugueza. O mesmo fumo que por algum tempo esconde todos os objectos á vista, lhe permite o aproximarem-se tão perto d'aquella que depois de terem despedido em muito boa ordem uma expressa nuvem de frechas, vierão á abordagemem. Os portuguezes, grande numero dos quaes haviam ficado feridos pela innumeravel multidão das frechas, tiveram grande difficuldade, em se defenderem da actividade d'este primeiro assalto, em que foi necessario combater braço a braço, a golpes de lanças, de machados e de sabres: a final as baterias inferiores que estavam ao lume d'agua, fizeram tal destroço n'aquelles pequenos vasos, que Coge-Atar, vendo-os despedaçar-se ou pela maior parte

afundar-se, tomou o partido de se retirar cujo mau exemplo em pouco tempo foi seguido por todos os seus subordinados.

Affonso d'Albuquerque vendo-se livre da importunidade d'estas embarcações correu logo a atacar os navios de grande lote entre os quaes havia dois de oitocentas toneladas com quinhentos a seiscentos homens de tripulação, um dos quaes, por nome Principe, pertencia ao Rei de Cambaia, o outro, denominado Meris era de Melique-As, Senhor de Diu, de quem ainda muito nos occuparemos. Affonso d'Albuquerque accommetteu a ambos successivamente, e depois d'um combate assaz porfiado, os metten a pique. Os demais Capitães, imitando o exemplo de seu Chefe atacaram diversos navios. De pressa o mar ficou coberto de destroços. Foi tal a desordem entre os inimigos, que se combatiam uns aos outros julgando-se mutuamente adversarios. Finalmente os inimigos abandonaram os seus navios, e se lançaram ao mar para se salvarem a nado, e como fossem perseguidos pelos portuguezes que se achavam nas lanchas a mortandade cresceu a um ponto extraordinario.

Terminado o combate, que durára oito horas, o victorioso Affonso d'Albuquerque aproveitando-se de sua vantagem, fez lançar fogo a todos os navios que o inimigo abandonara, os quaes sendo por um vento da terra arrojados para longe do porto, foram servir d'um novo espectáculo de horror sobre as costas da Caramania e da Arabia, onde se consumiram ou naufragaram. Affonso d'Albuquerque mandou igualmente pôr fogo a cento e oitenta vasos de toda a especie, que se achavam ainda nos estaleiros, promptos para se lançarem á agua e que foram presa das chammas. Ao passar a esquadra por baixo de uma especie de fortim ou pequeno palacio em que se achava o Rei, e d'onde sem embargo da consternação em que todos

estavam, se despediam nuvens de frechas, Affonso d'Albuquerque ficou ferido, bem como muitos officiaes, e soldados.

A animosidade dos portuguezes era inconcebivel; alguns d'elles desembarcando tinham posto fogo a um arrabalde, em que havia uma mesquita que foi presa das chamas, e deixando-se dominar do seu ardor impetuoso, iam entrar na cidade de involta com os fugitivos; porém Affonso d'Albuquerque attendendo a seu pequeno numero, e ao cansasso, fez tocar a retirar, satisfeito do resultado de uma tão bella victoria.

A presumpção de Coge Atar, tornou-se n'um descoroçamento extremo: entregue pois ás suas crueis inquietações e tendo muito a receiar tanto do interior como do exterior do reino, elle mostrou uma excessiva impaciencia de concluir a paz, consequentemente fez arvorar em um dos torreões do palacio real, uma bandeira branca, e mandou parlamentarios ao vencedor.

Dirigiram-se a elle com as maneiras mais submissas, demorando-se em relatar as desgraças que a cidade, e seus habitantes haviam supportado, fructo da sua inutil resistencia, e concluíram entregando quasi á discrição o principe, e o seu reino.

Affonso d'Albuquerque aproveitou-se do terror geral, e concluiu, ou antes dictou um tratado, em que Ceifadim, rei de Ormuz, se reconhecia tributario d'El-Rei de Portugal, pagava as despezas d'aquella guerra, e concedia n'esta cidade terreno para se construir uma fortaleza para cuja construcção forneceria os materiaes e os trabalhadores que fossem necessarios, destinando-se na cidade os quartéis proprios para os portuguezes, até que ficasse concluída a fortaleza. Que pela sua parte El-Rei de Portugal tomava o rei d'Ormuz sob sua protecção, e se obrigava a defendel-o contra todos os seus inimigos. Fizeram-se

d'este tratado duas copias gravadas em laminas de ouro; uma em lingua persa, e outra em arabe. A bandeira portugueza foi arvorada no mais elevado dos torreões do palacio do rei. Este principe, e Affonso d'Albuquerque se avisaram, e conferenciaram, e finalmente foi publicada a paz com todas as demonstrações de alegria, que a afflicção em em que então se achava a cidade permittia.

O terreno para a nova cidadella foi marcado no extremo da lingua de terra que está entre as duas barras, e não podia ficar mais bem collocada, pois que dominava ambas as barras, e o palacio do rei. Não se perdeu tempo na sua construcção, todos ahi trabalhavam desde o proprio general até ao ultimo grumete de navio, cada um se occupava no genero de trabalho que se lhe designára. Os trabalhadores estavam divididos por esquadras, que se rendiam umas ás outras a determinadas horas; de sorte que não se interrompia o trabalho nem de dia nem de noute. Apesar de todas as precauções Coge Atar veio no conhecimento do pequeno numero de portuguezes, e envergonhou-se das concessões feitas a Affonso d'Albuquerque, resolvendo retractar-se do que promettêra; todavia era tal o terror que os portuguezes continuavam a inspirar, que julgou dever empregar a astucia com preferencia á força. Alliciou para fugirem carpinteiros e fundidores de artilheria, que efficazmente reclamou Affonso d'Albuquerque, mas em vão. Outros foram encantados pela generosidade do ministro, e em pouco tempo fez nascer a discordia entre aquelles mesmos que subjugavam seu paiz. Os officiaes, e soldados fatigavam-se de um trabalho, que não offerencia um resultado conforme aos seus desejos. Pretendiam continuar os cruzeiros, e a severidade do chefe assaz os descontentava; porém elles não conheciam bem a firmeza que tinha o seu character. Declararam-lhe em um requerimento, que era essencial ao serviço de El-Rei aban-

donar Ormuz, para cruzar em o golfo Arabico, ou regressar ás Indias junto do Vice-Rei. Affonso d'Albuquerque leu esta representação com ar alegre, e para lhe testemunhar a sua indignação a deu logo a um pedreiro que estava assentando o limiar de uma das portas da fortaleza, mandando que a pozesse debaixo do dito limiar, dizendo por irrisão: — *Este é o despacho!* — por cujo facto se ficou aquella porta chamando — *Porta do Requerimento.*

Permittiu o accaso que ao mesmo tempo viessem a Ormuz os embaixadores do Sophi da Persia. Coge Atar mandou então dizer a Affonso d'Albuquerque, que na terra firme, em um porto que se chamava Bandez Angou, onde costumavam vir as caravanas da Persia, eram chegados dous embaixadores, que vinham pedir o tributo que os reis de Ormuz ha muitos annos pagavam aos da Persia, e como Ormuz estava debaixo da protecção de El-Rei de Portugal, e lhe pagava tributo, desejava saber o que devia fazer n'estas circumstancias.

Replicou Affonso d'Albuquerque que de muito boa vontade daria a resposta, e que Coge Atar lhe enviasse pessoa de auctoridade para lh'a enviar por ella.

Vindo dous emmissarios de Coge Atar ante Affonso de Albuquerque, este lhes mandou prestar juramento conforme o uso da religião do seu paiz, e dando-lhes uns poucos de pelouros, varias lanças, e molhos de settas, lhes disse: «Que pelo juramento que haviam prestado os obrigava a appresentar aquelles objectos aos embaixadores de «Sophi, a quem diriam, que os reis e principes tributarios «de El-Rei de Portugal, quando d'outros eram requeridos «por algum tributo n'aquella moeda é que pagavam. Asses- «gurai aos mesmos, acrescentou, de que logo que se ache «concluida a fortaleza d'Ormuz entrarei no golfo persico, «afim de submeter á corôa portugueza todas as praças «dependentes do Sophi. Abstende-vos pois de lhe pagar

«outro tributo que não seja o que eu lhe envio, se não
«quizerdes ser demittidos do vosso cargo, e mui severa-
«mente punidos.»

Esta altivez impoz aos ormuzienses; porém augmentou cada vez mais o numero dos portuguezes descontentes. Comtudo Coge Atar, sempre activo e prudente, havia feito construir peças de artilheria por aquelles que fizera desertar. Por ordem sua, tinham entrado tropas na cidade; e nas casas proximas á fortaleza se haviam tomado muitas medidas hostis; porém Affonso d'Albuquerque foi advertido a tempo, e tomou as cautelas necessarias.

Todos os portuguezes que se achavam dispersos na cidade, occupados na construcção da fortaleza, receberam ordem de reembargar em segredo, o obedeceram. Coge Atar vendo-se descoberto faz tocar a rebate, põe suas tropas em movimento; lança fogo a um navio que Affonso d'Albuquerque havia feito entrar no estaleiro para se concertar, e voa ao porto, d'onde se arrojaram contra a armada, posto que inutilmente, toda a sorte de projectis.

Affonso d'Albuquerque tendo-se queixado d'esta infracção e não recebendo satisfação alguma, ataca com a artilheria a cidade pelo espaço de oito dias consecutivos, e incendeia os navios que Coge Atar se persuadia ter posto a coberto porém observando que assim pouco adiantava, concebeu o designio de render pela fome os habitantes da cidade, pondo-lhe um rigoroso bloqueio. Como a ilha não produzisse, como temos mencionado, mais do que alguns vegetais que com difficuldade alli se davam, e os habitantes não tivessem outra agua potavel que a da chuva, que conservavam em algumas cisternas, o negocio não era difficil. Affonso d'Albuquerque cerca o melhor que pôde com a sua esquadra a ilha, e sendo informado depois, de que havia n'um logar por nome Torombac, a uma legua da cidade, alguns poços de agua potavel, guardados por um

destacamento de duzentos homens e vinte e cinco cavallos destaca de noute para aquelle sitio Jorge Barreto de Castro com oitenta homens. Castro comette o ataque, um pouco antes de amanhecer, desbarata o destacamento inimigo, e fez intupir os poços com os cadaveres dos homens e dos cavallos.

Aquelle ponto era importante, e Affonso d'Albuquerque, que o pretendia conservar, mandou para esse fim, vinte homens commandados por um bravo castelhano por nome Lourenço da Silva, com instrucções de fazer postar um canhão n'uma eminencia, aonde se não podia ir senão por uma vereda muito estreita; esta ordem não se pude executar por terem para alli concorrido os inimigos em força. N'estas circumstancias tendo Affonso d'Albuquerque chegado por mar, com perto de cento e cincoenta homens escolhidos, empregou todos os seus esforços para collocar o canhão no posto que determinára; porém os inimigos, tendo-se reforçado, pelas tropas commandadas pelo Rei, e Coge Atar começaram o ataque no qual ficaram feridos quasi todos os portuguezes, sendo este, como elle proprio depois affirmou, um dos maiores perigos que correria sua vida; não obstante conseguiu salvar-se nos bateis com quasi toda a sua gente, deixando a seus inimigos a gloria de o terem obrigado a fugir, e a seus capitães, que lhe haviam contestado esta empreza, o maligno prazer de o verem mortificado pelo mallogro d'ella.

Entretanto a ilha estava strictamente bloqueada, de sorte que soccorro algum podia passar, e a cidade reduzida a uma penuria quasi extrema, estava a ponto de sublevar-se. Todos os dias uma multidão de mulheres, e crianças, cercavam o palacio do rei e com supplicas pediam a paz, ou o pão. Na esquadra de Affonso d'Albuquerque sabia-se o critico estado a que a cidade se achava reduzida, e a necessidade em que ella se achava de recorrer

à sua clemencia, este momento estava proximo, quando Affonso d'Albuquerque viu ser-lhe arrebatada uma tão bella presa por tres de seus capitães, que antepoendo em seu coração o odio, e o ciume ao seu dever, vergonhosamente o abandonaram e se dirigiram ás Indias, aondê o foram criminar ao Vice-Rei. Um d'elles levou comsigo os viveres da esquadra, e Affonso d'Albuquerque se viu por tanto na mesma necessidade que os sitiados soffriam; comtudo, elle tentou, e fez novos esforços, mas depois de algumas brilhantes acções de armas, julgou dever retirar-se á Ilha de Socotorá.

Antes de entrarmos em outros detalhes mais minuciosos, retomando os successos de um pouco mais longe, concluiremos o presente capitulo dizendo que n'este mesmo anno Duarte de Mello fundou a fortaleza de Moçambique, e n'ella uma egreja e um hospital. D. Lourenço d'Almeida fez a celebre descoberta das Ilhas Maldivas, e em Ceylão celebrou um tratado de paz com o rei de Cale, que se tornou tributario d'el-rei de Portugal. Finalmente os portuguezes, commandados por Diogo d'Azambuja, entraram na cidade de *Azaafi* (que nós chamamos *Çafim*) na Mauritania Tingitana, da qual se assenhorearam completamente no anno de 1508.

CAPITULO XI

ANNOS DE 1508 A 1509

SUMMARIO

O Çamorim colligado com os Reis de Cambaia, d'Ormuz, d'Achem, e outros solicitam a intervenção do Soldão do Egypto, afim de expulsarem os portuguezes da India. — Artificios do Soldão para aterrar os christãos. — Queixa-se ao Papa Alexandre VI dos Reis de Castella e de Portugal. — O Papa persuade estes monarchas suavisem a colera do Califa. — El-Rei D. Manoel patentea a sua resolução de continuar a fazer a guerra aos musulmanos. — O Soldão envia uma armada ás Indias, sob o commando de um de seus Emires. — Este, chegando á India, accomette D. Lourenço d'Almeida nas aguas de Chaul, sendo obrigado a retirar e a por-se na defensiva. — É inopinadamente atacado por D. Lourenço d'Almeida. — As forças de Melique fazem sua junção com as do Emir. — O combate torna-se geral, morre D. Lourenço d'Almeida e declara-se a victoria a favor do inimigo. — Affonso d'Albuquerque dirige-se a Cananor,

onde apresenta a Carta Regia que o nomeára successor de D. Francisco d'Almeida no governo das Indias. — Este se subtrahê a entregar-lh'o. — Volta Affonso d'Albuquerque a Ormuz, sabe que o seu proceder em quanto áquella Ilha fôra desaprovado pelo Vice-Rei, e não obstante prosegue em suas presas. — Sahe o Vice-Rei com numerosa armada de Cananor, para atacar o Emir nas aguas de Diu. — N'esta derrota afim de castigar o Çabaio, hostilisa a cidade de Dabul, que é incendiada depois de passada toda a sua população á espada. — Dirige-se depois a Diu a atacar o Emir. — Trava-se o combate, os portuguezes praticam gentilezas de valor e a victoria se declara a seu favor com grande perda dos adversarios. — Solicita Melique-As a paz. — O Vice-Rei volta para Cochim, e de caminho exige o tributo de varios principes. — Affonso d'Albuquerque continua no desagrado do Vice-Rei, que o manda encerrar na cidadella de Cananor. — D. Fernando Coutinho com uma numerosa armada chega ás Indias. — Dá a liberdade a Affonso de Albuquerque e leva-o para Cochim: toma posse do Governo das Indias e D. Francisco d'Almeida parte para Portugal com alguns descontentes d'Affonso d'Albuquerque. — É morto na sua derrota o Vice-Rei conjunctamente com alguns capitães, na Aguada de Saldanha juncto ao Cabo de Boa Esperança pelos Cafres indigenas.

Apenas os mouros viram a prosperidade e boa fortuna que iam alcançando os portuguezes no Indostão, logo pensaram que estes estrangeiros não vinham alli com outras vistas que não fossem arruinal-os, e ainda mais se convenceram da realidade d'este pensamento, quando os viram engrossar suas esquadras, guardarem os mares, darem a lei a diversos reis indios, construirer por toda a parte

cidadellas, exigirem que se não fizesse carregação alguma dos generos da India, sem que elles primeiramente tivessem concluido a sua, prohibirem a navegação d'aquelles mares, a não ser com sua permissão, e finalmente praticarem todos estes actos sem reбуço, o que tudo fazia acreditar ser sua intenção o anniquilarem absolutamente o seu commercio no mar Roxo e no golfo persico.

Os mouros pois, não se julgando assaz fortes para poderem livrar-se de um inimigo, que desde seus primeiros passos, dera a conhecer o ascendente que havia adquirido, determinaram recorrer a um poder superior, cujos interesses, juntos aos seus, podessem constituir um motivo capaz de o obrigar a operar grandes esforços. Com taes vistas elles persuadiram o Çamorim a que mandasse uma embaixada ao Soldão do Egypto, que sendo a parte mais prejudicada, tomaria o negocio a peito, e se acharia em estado de applicar ao mal commum um poderoso remedio. Escutou o Çamorim a proposição que se lhe fizera, e a esse fim mandou por emissario ao Cairo um santão (especie de monge mahometano) por nome Maimane, homem prudente, e entre os seus sectarios em reputação de grande santidade. Tendo-se posto a caminho tomou ainda durante este, cartas de recommendação dos reis de Cambaia, d'Ormuz, d'Adem, e de outros principes musulmanos, que reconheciam o Califa, ou Soldão do Egypto, como chefe de sua religião, e que possuindo os melhores portos d'aquellas costas, eram lesados pela interrupção do commercio, e tinham todos elles queixas que fazer-lhe contra os portuguezes.

Estava então sobre o throno Campsão, que pode considerar-se como o ultimo dos Mamelucos, que se estabeleceram no Egypto no tempo das Cruzadas. Os estados d'este principe eram vastos, e comprehendiam, alem do Egypto, e d'uma parte d'Africa Septentrional, toda a Syria até ao

Euphrates, e uma parte da Arabia. O transporte das mercadorias das Indias, e d'outras partes da Asia para a Europa, não se podia fazer senão pelas terras de sua dominação, por meio de frotas ou caravanas. Em todas as cidades em que ellas tocavam lhe pagavam pelo menos cinco por cento de direitos de entrada e saída, e nos portos do Mediterraneo elle percebia o dobro da parte dos Venesianos, dos Genovezes, e dos Catalães, que eram os unicos que faziam o commercio do Levante. Os principaes rendimentos d'este principe consistindo por tanto no poducto das alfandegas, deviam necessariamente desfalcar-se pela interrupção d'este commercio; e como os mouros estabelecidos nas Indias tivessem seus correspondentes em todos os portos do Egypto e da Syria, as bancarrotas que se tornavam mui frequentes, haviam exasperado os espiritos contra os auctores de similhante calamidade.

N'este estado de cousas Maimane tendo chegado ao Egypto achou ahi já todos os meios para poder ser attendido. O Soldão, que era um principe pacifico e moderado, quiz primeiro que tudo tentar os meios de doçura, e por consequencia fez destramente correr em seus estados o boato de que elle se propunha destruir em Jerusalem os logares santos, e apagar mesmo os vestigios dos sanctuarios e monumentos consagrados pela presença de Jesus-Christo, prohibir todo o commercio com os estrangeiros christãos, e expulsar todos os que estavam estabelecidos nas terras de seus dominios, ou constrangel-os a fazerem-se mahometanos. O guardião do convento de S. Francisco do Monte Sinai por nome Mór tendo ouvido esta noticia acreditou-a, e se transportou logo ao Cairo todo assustado; era justamente o que pretendia o Califa, o qual depois de ter affectado as maiores difficuldades, consentiu por fim em suspender os effeitos de sua justa vingança, caso que se lhe desse uma satisfação; e como este religioso promet-

tesse obter tudo, por sua mediação junto do Papa, e mesmo d'El-Rei de Portugal, o Califa approvou que elle viesse a Roma, e o encarregou de uma carta para Sua Santidade.

Esta carta foi aberta e lida em pleno Consistorio. Começava ella pelos magnificos titulos que o Califa se attribuia, e pelos que dava ao Papa, que quasi não eram menos honrosos, e que merecem ser mencionados, taes eram: «O grande Rei, Senhor dos Senhores, Rei dos Reis, Espada do Mundo, Herdeiro dos Reinos, Rei da Arabia, de «Gemia, da Persia, e da Turquia, Sombra do Altissimo, e «sua imagem sobre a terra, Distribuidor dos Imperios, «Açoute dos rebeldes e hereges, Summo Sacerdote dos «Templos que estão sob o seu poder, Esplendôr da fé, «Pai da victoria, Canaçoão Algauri (era este o nome de «Campsão) cujo reinado Deus perpetue, e cujo throno es- «tabeleça acima do Signo de Geminis. Ao Papa Romano, «excellentissimo e espirital, grande na antiga fé dos «christãos fieis de Jesus, &c.» O Califa expunha mui extensamente os justos motivos das queixas que tinha de fazer aos Reis Catholicos Fernando e Isabel, e a El-Rei de Portugal, os quaes se manifestavam os mais crueis inimigos de uma religião, de que elle era o Chefe, e que elles perseguiam a fogo e a sangue até ás extremidades da terra, sem que elle lhes tivesse jamais dado o mais leve motivo para semelhante proceder. Que a sua honra, e o seu zelo por esta religião o obrigavam a vingal-a com todas as suas forças, por isso o advertia que se pela influencia que elle Papa exercia sobre todos os principes sectarios da Lei de Jesus os não obrigasse a mudar de vida, elle se veria na necessidade de usar de represalias, destruiria os logares Santos, expulsaria todos os christãos de seus estados, ou os obrigaria a abraçar a lei de Mafoma.»

O Papa Alexandre VI, que então occupava a cadeira de S. Pedro, e o Sacro Collegio, assustados de uma ameaça, que elles receiavam ver realisada, enviaram logo o mesmo religioso para Hespanha com a copia da carta que este trouxera do Cairo. Ignora-se o que responderam os Reis Catholicos; pelo que respeita a El-Rei D. Manoel, este teve summo prazer de ver o Califa recorrer a queixas, do que concluiu mui justamente, serem ellas um testemunho evidente de fraqueza, e n'este sentido escreveu ao Papa. «Que se tranquilisasse Sua Santidade pois lhe assegurava que o Califa não ousaria executar cousa alguma do quanto parecia projectar contra os Logares Santos, por se não privar de um de seus mais consideraveis rendimentos. Que era claro que o zelo de religião nenhuma parte tinha nos motivos de sua embaixada; pois que havia deferido por mais de vinte annos suas queixas, pelo que os Reis Catholicos Fernando e Isabel praticaram contra os mouros de Granada: que elle unicamente tinha a queixar-se dos prejuizos que lhe causava a interrupção de seu commercio, assim longe de affrouxar no que já estava feito, elle confirmava cada vez mais na resolução de fazer uma viva guerra a esses inimigos da religião christã, pois era justo que depois de terem trazido a desolação á Europa, cujos terriveis effeitos a Hespanha sentira por alguns seculos, se lhes levasse tambem ás suas terras a mesma guerra.»

El-Rei D. Manoel redobrou desde logo os seus esforços, enviando mais forças para a India. O religioso de S. Francisco, depois de ter por duas vezes ido a Roma, voltou para o Egypto, onde não pôde dar mais do que uma má conta de sua negociação. O Califa, vendo que era necessario recorrer a meios mais efficazes, decidiu-se a fazer passar ao mar das Indias uma armada, em que fez uma despeza immensa, porque como no Egypto e nas margens do mar

Roxo não havia matas de madeiras de construcção, foi preciso mandal-as vir da Asia menor. A frota egypcia que transportava as madeiras para Alexandria, composta de vinte e cinco vellas foi encontrada pelo Balio de Portugal André do Amaral, chanceler-mór da Ordem de São João de Jerusalem, que havia saído de Rhodes com uma esquadra de seis caravelas e quatro galeras da mencionada Ordem, e bateu o inimigo, apresando-lhe seis vasos, mettendo-lhe a pique cinco, e dispersando o resto, os quaes foram aportar a Alexandria e Damietta. O Califa mandou transportar as madeiras para o Cairo em camelos, construiu-se uma frota de quatro náos, um galeão, duas galeras, e tres galeotas, e nomeou para a commandar um de seus Emires por nome Hocem (ou segundo outros Mirocem) homem de merito, e que possuia a sua confiança. Nesta esquadra embarcaram mil e quinhentos Mamelucos, todos christãos renegados, Hocem atravessou o mar Roxo, costeou a Arabia, e foi fundear em Diu, no reino de Cambaia.

Melique-As Senhor de Diu o acolheu com a maior alegria pelo olhar já como o Libertador da India. Melique-As, sarmata de origem nascido de paes christãos era um homem de fortuna, havia sido capturado pelos turcos que o tinham educado na religião mahometana, e pela continuação do tempo o venderam como escravo ao Rei de Cambaia. Ganhou Melique-As affeição do principe pela habilidade que possuia de atirar bem ao arco, e de tal sorte soube insinuar-se no seu animo que obteve a sua confiança. Alcançando o governo de Diu e de algumas outras praças no continente, tão habilmente manejou o espirito dos mouros asiaticos e europeus que fez de sua cidade um dos mais celebres emporios das Indias, e se poz quasi ao nivel dos Reis do Indostão tanto pelo seu credito, como por suas riquezas.

Hocem, e Melique-As tendo unido suas forças, resolveram ir demandar os portuguezes. D. Lourenço d'Almeida estava em Chaul, onde esperava vinte navios de Cochim que elle devia escoltar. Era então Chaul uma cidade de grande commercio, situada na margem de um grande rio, duas leguas mais acima da sua foz, e a cincoenta da cidade de Diu, pertencia a Nizamoluc, um dos tyrannos que tendo-se sublevado contra o Rei de Decan, se haviam erigido em pequenos soberanos nos districtos de seus respectivos governos. Era este principe muí curioso de attrahir os estrangeiros a seus dominios e pela estima que lhe haviam merecido os portuguezes, elle lhes abrira seus portos.

D. Lourenço d'Almeida, que se persuadia não ter inimigo a temer, vivia alli em grande confiança, e passava o tempo em festas, correrias, e outros exercicios militares e de prazer, quando correu o boato de ter chegado uma armada de Rumes a soldo do Califa, e que esta se achava já em Diu. Chamavam então na India Rumes aos turcos europeus, que se haviam estabelecido sobre os destroços do imperio dos gregos, que affectaram de chamar a sua capital a nova Roma, do mesmo modo que se appellidavam Francos indistinctamente todos os latinos desde o tempo das ompresas dos francezes na Terra Santa, então das Cruzadas, cuja fama correra até ás extremidades da Asia.

Esta primeira noticia, que a principio não fôra mais do que um boato surdo e duvidoso, foi bem depressa confirmada a D. Lourenço d'Almeida por Lourenço Brito, governador da cidadella de Cananor, a quem fôra participado por Timoja e pelo mesmo Vice-Rei, o qual a esse fim, fez partir para Chaul Pedro Cão com ordens para D. Lourenço d'Almeida ir combater esta armada, antes que ella podesse chegar a Calicut. D. Lourenço d'Almeida parecia-lhe inconcebivel que o Califa tivesse podido fazer passar

uma esquadra do Mediterraneo para o Mar Roxo; sendo que o ultimo não comportava navios de grande porte, pelos muitos baixos que n'elle existem, e muito menos acreditava que tivesse esta esquadra rodeado a Africa. Não obstante, D. Lourenço d'Almeida ordenou aos navios de Cochim, que activassem a sua carregação.

Entretanto a esquadra do Emir appareceu. D. Lourenço de Almeida e seus capitães nem ainda ao divisal-a se persuadiram que fosse a esquadra egypcia, antes acreditavam ser Affonso d'Albuquerque, que todos os dias era esperado: mas logo que ella começou a dobrar certo cabo, foi reconhecida por suas flamulas e pavilhões vermelhos e brancos semeados de meias luas escurecidas. Estava toda empavesada com bandeirolas de seda, como para uma divertida festa. Foi então que tudo se preparou seriamente, e houve ainda sufficiente tempo para se porem em estado de bem a receber. Os oito ou nove navios da esquadra de D. Lourenço de Almeida convenientemente intervallados uns dos outros, tinham todos a popa voltada para a terra. D. Lourenço d'Almeida os deixou ficar n'esta disposição, contentando-se em fazer avançar a capitania mais para o largo, e de collocar na sua frente um pouco mais longe no meio do rio, Pedro Barreto, não ficando entre os dois mais que o espaço sufficiente, por onde podesse passar a frota inimiga.

O Emir sobre as informações fieis que tivera da situação da frota portugueza se collocou na vanguarda para atacar o navio de D. Lourenço d'Almeida; o resto da sua esquadra o seguia. Aproximado ao inimigo deu uma terrivel descarga de artilheria, materias combustiveis, e de frechas; mas os portuguezes lhe corresponderam tão vigorosamente, que elle se abrigou junto á cidade, esperando que Melique-As, que se achava na embocadura do porto, viesse auxiliá-lo.

O numero dos feridos era consideravel em ambas as esquadras; tanto o combate, ainda que de pouca duração, tinha sido vigoroso. A noite foi empregada em cural-os; e de manhã ao romper o dia, D. Lourenço d'Almeida se dirigiu aos inimigos. Batido por este e por Pedro Barreto, um dos seus capitães Hocem se aproximou de terra, e como o seu navio era de borda muito alta, a guarnição fazia fogo a coberto, e de cima para baixo sobre o de D. Lourenço d'Almeida, que foi ferido por duas frechas. Tornou-se indispensavel afastar-se de um inimigo tão vantajosamente postado; mas os seus capitães metteram a pique muitas galeras inimigas, e se serviram com tanta superioridade da sua artilheria, que obrigaram um grande numero de mouros a deixar os seus navios lançando-se a nado para se salvarem em terra. N'este momento a victoria estava decidida a favor dos portuguezes, o valor inconsiderado de Francisco de Nhaya lh'a fez perder. Elle saltou em seu batel, e perseguiu com a lança os mouros que fugiam. D'aqui resultou que os outros não os imitaram, e que a maior parte d'aquelles mesmos que haviam abandonado os navios, voltaram com firme resolução de combater como desesperados. Por outro lado D. Lourenço d'Almeida não deu ouvidos aos capitães que lhe aconselhavam mandasse incendiar os navios inimigos, mas sim os poupou na esperança de os apresentar a seu pae.

Foi então que appareceu a esquadra de Melique-As, com mais de quarenta embarcações de remos, e bem provida de artilheria. Elle tinha querido deixar soffrer a Hocem os primeiros esforços dos contrarios, e não se apresentar senão em o momento decisivo.

A vista d'esta numerosa esquadra sobresaltou os portuguezes; e para augmentar a sua critica situação, a cidade que até alli se conservara neutra, se declarou a favor dos inimigos.

Tendo a noite suspendido o ardor dos combatentes, D. Lourenço d'Almeida chamou seu capitães a conselho, foram todos elles de opinião, que attendendo a seu pequeno numero e á multidão dos inimigos, á quantidade de feridos que tinham, e ao cansasso e fadiga dos outros, era de absoluta necessidade o retirarem-se. Foi a opinião mais geral do conselho, que tudo isto tivesse logar logo no principio da noute. D. Lourenço d'Almeida porém e alguns outros de seus capitães não querendo que tal retirada tivesse visos de uma fuga, obstinaram-se em não partir, senão um pouco antes de amanhecer. Os navios mercantes passaram sem novidade; seguiram-se-lhes os de guerra, porém D. Lourenço d'Almeida, que devia formar a rectaguarda, tendo-se obstinado em querer levantar o ferro da capitania que estava junta da do Emir, em lugar de picar a amarra, os inimigos lhe perceberam o designio, e a sua lancha que levantava a ancora foi metida a pique. Então o piloto da capitania picou a sua amarra; já era muito tarde. O medo se apoderou d'elle, e o desejo que tinha de se afastar o mais possivel do inimigo, lhe fez perder o rumo da náó, e ir direito á costa e encalhar. Melique-As que a perseguia de perto com as suas fustas, lhe fez um rombo á flor d'agua por baixo do leme, foram então inuteis os esforços de Pelagio de Sousa para o rebocar.

N'esta extremidade a gente de D. Lourenço d'Almeida só pensando na sua conservação instava para que se retirasse no batel, pois ainda era tempo; mas elle regeitou esta proposição como ultrajante, e declarou mesmo que atravessaria com a lança quem lhe dêsse uma unica palavra a semelhante respeito. No entanto o seu navio ia soçobrando, e tinha setenta homens já fóra de combate; dividiu em tres corpos os trinta que lhe restavam, resolvido a fazer por toda a parte face aos inimigos, que raivosamente combatiam aquella embarcação.

O ataque e a defeza eram egualmente terriveis, quando uma balla partiu uma perna a D. Lourenço de Almeida, e o arrojou por terra. O joven heroe mandou que o levantassem, e o sentassem em um banco junto ao mastro grande. Só pensava em animar a sua gente, quando uma segunda bala veio varar-lhe o peito. O seu corpo foi escondido para não desanimar os soldados, que ainda sustentaram quatro consecutivas abordagens. Á quinta os mouros conseguiram tomar pé sobre a embarcação, a qual já se afundia, e aonde todos os homens que se achavam entre pontes, Christãos ou Musulmanos, morreram afogados. Melique-As teve em fim piedade de uns inimigos tão valentes, e fez cessar a carnagem.

N'esta horrorosa acção distinguem-se mais, entre tantos rasgos de valor, dois portuguezes: o primeiro era um moço pagem de D. Lourenço d'Almeida, o qual ferido em um olho por uma frecha, jámais abandonou o corpo de seu amo, e morreu sobre um montão de inimigos que sacrificára. Um marinheiro portuguez natural do Porto por nome André Fernandes, ferido e privado da mão esquerda, se defendeu em uma gávea por largo espaço de tempo, até que Melique-As admirado de tão excessiva coragem, debaixo de juramento, lhe offereceu a vida que accitou. O Vice-Rei não se esqueceu depois de o premiar, como era do seu dever.

Os vencedores foram muito mais maltratados que os vencidos; perderam seiscentos homens, e sómente cento e quarenta os portuguezes; porém a morte de D. Lourenço de Almeida foi reputada como um acontecimento decisivo. Entre aquelles que os mouros prantearam mais, foi o Santão Maimane; elle invocava Mafoma, e lhe pedia a victoria para os seus, quando foi atravessado de uma bala.

Hocem queria ir em seguimento dos vencidos; Melique-As não consentiu, e tratando os prisioneiros com a maior

atenção, deu todas as providencias a favor d'aquelles que tinham ficado feridos. Tinha tenção de fazer enterrar D. Lourenço d'Almeida, mas nunca se pôde achar. Melique-As escreveu ao Vice-Rei, e intentou consolal-o pela consideração da glória que seu filho expirando havia adquirido.

O desventurado pai, entregue aos mais pungentes cuidados, tinha até alli esperado que seu filho ficasse em o numero dos prisioneiros; quando soube o seu fatal destino, conservou-se pelo espaço de trez dias na mais profunda tristeza, mas resignou-se, na deliberação de tomar uma justa e necessaria vingança. Os mouros no entanto, odiando os portuguezes, trasbordavam d'alegria. Toda a India resoava com a fama de sua victoria, e não se fallava de outra cousa senão do Emir e de Melique-As. Seus nomes eram celebrados em canticos, que se compunham em seu louvor: todos os Reis e Principes do Indostão lhes enviavam Embaixadores para os cumprimentarem. Os povos exaltavam seus triumphos por meio de festas e de divertimentos; olhavam-nos como deuses tutelares, e acreditavam que estava chegado o momento de se libertarem dos portuguezes.

O Vice-Rei fez immediatamente reunir as embarcações que se achavam em diversos pontos, e resolveu ir pessoalmente combater os inimigos da nação portugueza. Felizmente permittiu o accaso que n'esta occasião chegassem as frotas dos dous annos antecedentes.

Foi em taes circumstancias que Affonso d'Albuquerque fundeou em Cochim com a sua esquadra. O Vice-Rei o recebeu com polidez, mas recusou entregar-lhe o governo da India, dizendo differia essa entrega para quando voltasse da expedição contra o Emir. Affonso d'Albuquerque se lhe offereceu para o acompanhar na qualidade de voluntario, e debaixo das suas ordens; elle lhe agradeceu friamente, e não condescendeu a este pedido.

D. Francisco d'Almeida sahi finalmente de Cochim com 19 vasos de guerra, levando 1:300 portuguezes e 400 Malabares. Depois de ter na derrota incendiado alguns navios de Calecut, logo que chegou á altura de Dabul, resolvido a castigar o Sabaio, a quem esta cidade pertencia, o qual mostrára em todas as occasiões sua parcialidade contra os portuguezes, e havia ultimamente manifestado a maior alegria pela victoria do Emir; dirigiu-se de repente sobre a cidade, e veiu fundear em seu porto. Dabul situada junto de uma aprasivel e fertil montanha, sobre um rio largo e navegavel, a duas leguas de sua embocadura, era uma cidade vasta, bem construida, commercial e populosa. O Sabaio a havia cercado de uma boa muralha e de um profundo fosso, e lhe tinha addicionado em diferentes pontos outras obras de fortificação, guarnecidas de boas baterias. Havia n'ella um governador, homem de reputação, com uma guarnição de seis mil homens, entre os quaes se contavam uns quinhentos Rumes turcos ou christãos renegados.

D. Francisco d'Almeida effeituou o desembarque; o governador veiu sair-lhe ao encontro fóra da cidade com toda a sua guarnição, e se bateu corajosamente, morrendo como um bravo. O combate foi terrivel; a final os inimigos foram completamente derrotados, e os portuguezes levaram a cidade de assalto. Alli se commetteram excessos de vingança, nem sexo nem idade foram exceptuados, e a esposa querida do governador não pôde comprar a vida offerecendo o sacrificio de todos os seus thesouros. A lembrança se prolongou na India por largo espaço de tempo, e deu logar a esta maldição proverbial: *A cólera dos Europeus se estenda sobre vós como foi sobre Dabul*. Para fazer acabar o saque e reunir os soldados, o Vice-Rei não viu outro partido mais do que incendiar a cidade.

Depois d'esta empresa e da destruição dos logares visi-

nhos, o Vice-Rei foi procurar a esquadra de Hocem e de Melique-As.

No dia 3 de Fevereiro de 1509 teve logar a grande batalha naval. Dado o signal começou o renhidô combate. Nuno Vaz Pereira commandava a vanguarda das forças portuguezas, e o Vice-Rei estava de observação com metade da esquadra. As descargas de artilheria eram feitas com muita rapidez, e Hocem recebeu Nuno com desmedido valor. Tinha-o collocado entre dois fogos, quando Nuno fez atirar ao navio que auxiliava o de Hocem, e o varou de parte a parte à flor da agua. Os portuguezes conseguiram saltar em o navio inimigo: ao mesmo tempo Nuno tendo desatado o capacete para melhor respirar, foi por uma frecha ferido na garganta, e tres dias depois expirou. A sua ferida não causou consequencia alguma infeliz no valor da guarnição, e Francisco de Tavora saltou com a maior parte da gente em o navio de Hocem.

Combatia-se com o mesmo ardor em toda a parte. Os navios portuguezes estavam atracados aos dos inimigos, excepto o de Jorge de Mello e o do Vice-Rei; comtudo, estes dois guerreiros não deixavam por isso de combater com valor. Mello perseguia em distancia duas embarcações de Cambaya, e D. Francisco d'Almeida metteu um navio a pique. Ainda que os portuguezes tinham alcançado vantagem, a sua victoria comtudo não estava decidida, pois que de terra Melique-As fornecia ao seu alliado tropas frescas, e matava ou feria aquelles que se lançavam a nado para escapar do combate.

Apesar de todas as precauções que se haviam tomado para ter em segurança a vida do Vice-Rei, elle comtudo se viu em perigos imminentes. A cidade lhe desfechava a sua artilheria, enquanto muitos navios de Calecut, e de Melique-As o circulavam. Por longo tempo se configurou o seu navio abrazado, não cessando de fazer fogo de todas

as baterias. D. Francisco d'Almeida corria de um extremo ao outro animando a equipagem, e dando-lhe o exemplo da maior intrepidez.

A victoria começou enfim a declarar-se pelos portuguezes, logo que foi tomada a embarcação de Hocem. Elle conseguiu ganhar terra com a maior parte da sua gente, e se dirigiu á côrte de Cambaya, porque receiava, não se sabe o motivo, que Melique-As o entregasse ao Vice-Rei. Os navios de Calecut, e os de Melique-As fugiram. Ruy Soares que os perseguia, fez uma acção corajosa, da qual foi testemunha toda a esquadra portugueza. Lançou duas ancoras sobre dois navios inimigos e os rebocou assim para a não do Vice-Rei. Aquella de Melique-As resistiu por longo tempo, achando-se por toda a parte coberta de couros azeitados, não pôde ser tomada de abordagem; mas a caravella de Garcia de Sousa a metheu a pique, tendo-a varado á flor d'agua.

Assim acabou esta sanguinolenta e porfiada batalha, aonde os musulmanos perderam quatro mil homens. De mil e quinhentos mamelucos de Hocem vinte e dois somente conservaram a existencia; os outros combateram até serem feitos em pedaços. Sete navios foram tomados pelos portuguezes, os quaes tiveram pequeno numero de mortos, e trezentos homens feridos.

No dia immediato á acção Melique-As pediu e obteve que se acabasse a guerra, entregando os prisioneiros de que se achava senhor, cedendo algumas galeras, e prometendo não facilitar mais asylo aos navios do Califa; porém foi debalde que os portuguezes instaram para que lhes fossem entregues os soldados de Hocem que alli ficaram. Melique-As allegou sempre que não trahiria a sua palavra, e esta lealdade prova que Hocem suspeitando-o tinha pensado mal.

D. Francisco d'Almeida victorioso voltou a Cochim,
TOMO II

e n'esta viagem confirmou as pazes que tinhamos com o Rei de *Chaul*, de quem recebeu as pareas, dando-lhe carta de vassalagem: avistou-se com o Rei de Onor, augmentou o tributo, que já pagava a Portugal: fez vassallo de Portugal o Rei de *Baticala*, e lhe impoz tambem tributo.

Os felizes acontecimentos do Vice-Rei não suavizaram seu animo respectivamente a Affonso d'Albuquerque, pelo contrario tudo parecia tendente a exasperalo mais, e não poucas scenas desagradaveis se passaram entre estes dois chefes: as cousas chegaram ao ponto que o Vice-Rei deixando-se levar dos perniciosos conselhos de seus aduladores, lhe deu a voz de preso, e o mandou assim para Capanor. Havia já trez mezes que Affonso d'Albuquerque se achava n'esta situação, quando D. Fernando Coutinho, marechal de Portugal, chegou a Capanor com uma esquadra de quinze vellas e trez mil homens de peleja.

Acontecimento algum poderia ser mais agradavel a Affonso d'Albuquerque. O marechal era seu parente e amigo, e levava novas ordens d'El-Rei em seu favor. É facil de conjecturar a indignação do marechal, quando soube da propria bocca de Affonso d'Albuquerque a exposição circumstanciada d'estes acontecimentos; elle fez com que immediatamente fosse reconhecido Governador Geral da India, pois que levava para isso ordem d'El-Rei; em seguida o tomou a seu bordo, e o conduziu a Cochim.

O Vice-Rei recebeu o marechal com demonstrações da maior estima, e não oppoz então difficuldade alguma em obedecer ás ordens da cõrte; pela sua parte, o marechal fez quanto lhe foi possivel por congraçar estes dois grandes homens, aos quaes sómente eram exprobraveis suas dissensões. Affonso d'Albuquerque pare-

ceu esquecer o passado proceder de seus subalternos para com elle; mas mostrou-se difficil em reconciliar-se com o Vice-Rei, o qual não deixou de o conhecer; porque desde o momento em que lhe fez entrega do governo, retirou-se para bordo da sua náó, e não tornou a desembarcar.

A maior parte dos officiaes que se haviam declarado contra Affonso d'Albuquerque seguiram o Vice-Rei para Portugal.

A esquadra de D. Francisco d'Almeida seguiu sua derrota com feliz viagem, e no 1.º de março de 1540 lançou ferro na Bahia da Aguada de Saldanha, proxima do Cabo da Boa Esperança.

Tendo alguns soldados ido a terra para tratarem com os Cafres a compra de gado e outras provisões, infelizmente por esta occasião promoveram-se rixas, sendo os portuguezes pela pequenez do numero obrigados a fugir para bordo, perseguidos pelos Cafres com paus, pedras e frechas.

D. Francisco d'Almeida mandava já levantar ferro para continuar sua derrota; porém instado pelos officiaes consentiu em desembarcar a tropa para castigar os Cafres. Travou-se o combate, os portuguezes tendo que marchar debaixo de um sol abrasador sobre areas, bem depressa se viram fatigados ao ultimo ponto; pelo contrario os inimigos moviam-se com a maior agilidade, e sendo continuamente reforçados envolveram os portuguezes. Finalmente o vencedor de Hocem e de Melique-As, o Vice-Rei, que tinha por tantas vezes feito respeitar a nação portugueza na India, foi victima d'esta empreza; uma lança de arremesso sem ferro lhe atravessou a garganta. Perdeu-se n'esta infeliz acção o estandarte real, e ficaram sobre aquelles areas o Vice-Rei, 14 officiaes e 50 soldados mortos ás mãos dos Cafres os mais selvagens d'aquella costa,

e sòmente armados de pedras, paus e frechas, de maneira que esta mal projectada acção foi mais fatal, que muitas outras em que se tratava de conquistar reinos nas Indias, sustentando o credito adquirido pelos portuguezes.

FIM DO VOLUME II

432 1/2 f. de R.